



ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA

HOWARD W. HUNTER





ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA
HOWARD W. HUNTER

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

Livros da Série *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja*

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith (código 36481 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young (35554 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: John Taylor (35969 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Wilford Woodruff (36315 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Lorenzo Snow (36787 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith (35744 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Heber J. Grant (35970 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: George Albert Smith (36786 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: David O. McKay (36492 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Fielding Smith (36907 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee (35892 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball (36500 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Ezra Taft Benson (08860 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Howard W. Hunter (08861 059)

Para obter exemplares desses livros, procure o centro de distribuição local ou visite o site store.LDS.org. Os livros também estão disponíveis no site LDS.org e no aplicativo Gospel Library para dispositivos móveis.

Comentários e sugestões sobre este livro serão muito bem-vindos. Queira enviá-los para:

Curriculum Development

50 East North Temple Street

Salt Lake City, UT 84150-0024 USA

E-mail: cur-development@LDSchurch.org

Forneça seu nome, endereço, sua ala e estaca. Não se esqueça de mencionar o título do manual. Faça seus comentários sobre os pontos fortes do livro e dê sugestões sobre os aspectos a serem melhorados.

© 2015 Intellectual Reserve, Inc.

Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil

Aprovação do inglês: 3/11

Aprovação da tradução: 3/11

Tradução de *Teachings of Presidents of the Church: Howard W. Hunter*

Portuguese

08861 059

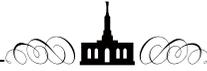


Sumário

Introdução	v
Resumo Histórico.	ix
A Vida e o Ministério de Howard W. Hunter	1
1 Jesus Cristo — Nosso Único Caminho para a Esperança e a Alegria.	39
2 “A Minha Paz Vos Dou”	49
3 A Adversidade — Parte do Plano de Deus para o Nosso Progresso Eterno.	61
4 A Ajuda do Poder do Alto	75
5 Joseph Smith, o Profeta da Restauração	89
6 A Expição e a Ressurreição de Jesus Cristo	101
7 Revelação Contínua por Meio de Profetas Vivos.	113
8 Levar o Evangelho ao Mundo Inteiro.	123
9 A Lei do Dízimo.	133
10 As Escrituras — O Mais Proveitoso de Todos os Estudos . .	143
11 A Verdadeira Grandeza	155
12 Voltem e Banqueteiem-se à Mesa do Senhor	167
13 O Templo — O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja	175
14 Acelerar o Trabalho de História da Família e do Templo . .	187
15 O Sacramento da Ceia do Senhor.	197
16 O Casamento — Uma Parceria Eterna	207
17 Fortalecer e Proteger a Família.	221
18 Cremos em Ser Honestos.	233
19 Nosso Compromisso com Deus.	245
20 Percorrer o Caminho da Caridade Trilhado pelo Senhor . .	257
21 Fé e Testemunho	269
22 Ensinar o Evangelho	281
23 “Não Prestavam Menos Serviços”.	295
24 Seguir o Exemplo de Jesus Cristo.	309
Lista de Auxílios Visuais.	319
Índice.	321



Howard W. Hunter



Introdução

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos criaram a série *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja* a fim de ajudá-lo a aproximar-se do Pai Celestial e aprofundar seu conhecimento do evangelho restaurado de Jesus Cristo. À medida que a Igreja acrescentar volumes a esta série, você poderá montar uma coleção de livros de referência do evangelho para seu lar. Os livros desta série foram feitos para ser usados no estudo pessoal e nas aulas de domingo. Eles também podem ajudá-lo a preparar outras aulas ou discursos e a responder a perguntas sobre a doutrina da Igreja.

Este livro apresenta os ensinamentos do Presidente Howard W. Hunter, que serviu como Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias de 5 de junho de 1994 a 3 de março de 1995.

Estudo Pessoal

Ao estudar os ensinamentos do Presidente Howard W. Hunter, busque fervorosamente a inspiração do Espírito Santo. As perguntas ao final de cada capítulo vão ajudá-lo a ponderar, entender e aplicar os ensinamentos do Presidente Hunter. As ideias a seguir também podem ser úteis:

- Escreva os pensamentos e sentimentos que receber do Espírito Santo ao estudar.
- Sublinhe as passagens que deseja lembrar. Considere a possibilidade de memorizar essas passagens ou anotá-las em sua escritura, ao lado dos versículos a elas relacionados.
- Leia um capítulo ou uma passagem mais de uma vez para que possa entendê-lo melhor.
- Faça a si mesmo perguntas como estas: De que maneira os ensinamentos do Presidente Hunter aumentam minha compreensão sobre os princípios do evangelho? O que o Senhor quer que eu aprenda com esses ensinamentos?

- Pergunte-se a si mesmo de que maneira os ensinamentos contidos neste livro podem ajudá-lo a vencer suas dificuldades e preocupações pessoais.
- Fale do que você aprendeu aos membros de sua família e a seus amigos.

Como Ensinar Usando Este Livro

As diretrizes a seguir ajudarão você a ensinar usando este livro, quer esteja em casa ou na Igreja.

Prepare-se para Ensinar

Busque a orientação do Espírito Santo ao preparar-se para ensinar. Estude fervorosamente o capítulo para ter confiança em seu entendimento dos ensinamentos do Presidente Hunter. Você ensinará com mais sinceridade e força se as palavras dele tiverem influenciado sua vida pessoal (ver D&C 11:21).

Alguns capítulos contêm mais material do que você será capaz de abordar durante o período de aula. Selecione em espírito de oração os ensinamentos que você sente que serão mais úteis.

Incentive os alunos a estudar o capítulo com antecedência a fim de que possam estar mais bem preparados para participar dos debates e edificarem-se uns aos outros.

Ao preparar-se para ensinar, dê especial atenção às “Sugestões para Estudo e Ensino” no final de cada capítulo. Sob esse título, você encontrará perguntas, escrituras relacionadas e um auxílio de estudo ou um auxílio didático. As perguntas e escrituras relacionam-se com o material contido no capítulo. Os auxílios de estudo e de ensino aplicam-se mais amplamente no aprendizado e no ensino do evangelho.

Apresente o Capítulo

Ao apresentar o capítulo, e durante toda a lição, tente criar um ambiente em que o Espírito Santo possa tocar o coração e a mente de seus alunos. Você pode usar uma ou mais das ideias a seguir:

- Leia ou releia a seção intitulada “Da Vida de Howard W. Hunter” no início do capítulo e, depois, abra um debate.

- Coloque em debate uma ilustração ou escritura desse capítulo.
- Cantem juntos um hino relacionado ao tema.
- Relate uma breve experiência pessoal sobre o tema.

Incentive o Debate sobre os Ensinamentos do Presidente Hunter

Ao ensinar usando este livro, convide as pessoas a expressar o que pensam, fazer perguntas e ensinar umas às outras. As pessoas aprendem melhor quando participam ativamente, e com isso ficam mais preparadas para aprender e para receber revelações pessoais.

Permita que um bom debate prossiga, em vez de tentar abordar todos os ensinamentos. Dirija o debate para que mantenham o foco nos ensinamentos do Presidente Hunter.

As perguntas ao final de cada capítulo são um valioso recurso para incentivar o debate. Você também pode elaborar suas próprias perguntas, especificamente para seus alunos. Seguem-se algumas ideias sobre como incentivar um debate:

- Peça aos alunos que falem sobre o que aprenderam ao estudar o capítulo individualmente. Pode ser útil entrar em contato com alguns alunos durante a semana e pedir-lhes que venham preparados para falar sobre o que aprenderam.
- Designe algumas perguntas do final do capítulo para alguns alunos ou pequenos grupos. Peça aos alunos que procurem ensinamentos no capítulo que se relacionem com essas perguntas. Peça-lhes que exponham seus pensamentos e suas ideias.
- Leiam juntos alguns ensinamentos do Presidente Hunter contidos nesse capítulo. Peça aos alunos que citem exemplos das escrituras e de sua própria experiência que ilustrem esses ensinamentos.
- Peça aos alunos que escolham uma seção do capítulo e a leiam em silêncio. Convide-os para se reunir em grupos de duas ou três pessoas que escolheram a mesma seção para conversar sobre o que aprenderam.

Incentive a Prática e o Ensino

Os ensinamentos do Presidente Hunter serão mais significativos quando os alunos colocarem-nos em prática em sua vida e os

transmitirem a outras pessoas. Você pode usar uma ou mais das ideias a seguir:

- Pergunte aos alunos como podem colocar em prática os ensinamentos do Presidente Hunter nas próprias responsabilidades no lar e na Igreja. Por exemplo, ajude-os a ponderar e discutir formas de colocar em prática esses ensinamentos como marido ou mulher, pais, filhos ou filhas, mestres familiares e professoras visitantes.
- Convide os participantes a compartilhar as experiências práticas daquilo que aprenderam.
- Incentive os alunos a conversar com familiares e amigos sobre alguns dos ensinamentos do Presidente Hunter.

Conclua o Debate

Faça um breve resumo da lição ou peça a um ou dois alunos que o façam. Preste testemunho dos ensinamentos discutidos. Se desejar, você também pode convidar outras pessoas a prestar testemunho.

Informações sobre a Fonte dos Materiais

Os ensinamentos contidos neste livro são citações diretas de discursos, artigos, livros e diários do Presidente Howard W. Hunter. Nos trechos extraídos de fontes publicadas, foram mantidas a pontuação, a ortografia, o uso de maiúsculas e a paragrafação da fonte original, excetuando-se alterações editoriais ou tipográficas que tenham sido necessárias para facilitar o entendimento. Uma vez que as citações mantêm a fidelidade às fontes publicadas, o leitor poderá notar pequenas inconsistências de estilo no texto. Por exemplo, os pronomes que se referem à Trindade começam com letra minúscula em algumas citações e com maiúscula em outras.

Além disso, o Presidente Hunter frequentemente usava termos como *homens*, *homem* ou *humanidade* para referir-se a pessoas de ambos os sexos, homem e mulher. Ele usava frequentemente os pronomes *ele*, *dele* e *o* para referir-se a ambos os sexos. Essas convenções eram comuns em sua época, e ele tipicamente se referia tanto às mulheres como aos homens quando as usava.



Resumo Histórico

A cronologia a seguir apresenta um breve quadro histórico dos ensinamentos do Presidente Howard W. Hunter apresentados neste livro.

14 de novembro de 1907	Nasce, filho de John William (Will) Hunter e Nellie Marie Rasmussen em Boise, Idaho.
4 de abril de 1920	Batizado e confirmado em Boise.
Maio de 1923	Recebe o Prêmio Eagle Scout, o segundo Eagle Scout em Boise.
Janeiro e fevereiro de 1927	Com seu grupo, o Hunter's Croonaders, apresenta-se durante um cruzeiro de dois meses pela Ásia.
Março de 1928	Muda-se para o sul da Califórnia.
Abril de 1928	Começa a trabalhar em um banco na Califórnia.
10 de junho de 1931	Casa-se com Clara May (Claire) Jeffs no Templo de Salt Lake.
Janeiro de 1932	Perde o emprego devido ao fechamento do banco durante a Depressão; começa a trabalhar em uma série de empregos temporários.
Janeiro de 1934	Começa a trabalhar na divisão de títulos do Distrito de Controle de Inundação do Condado de Los Angeles.
20 de março de 1934	Nasce o filho Howard William (Billy) Hunter Jr.
11 de outubro de 1934	Morre o filho Howard William (Billy) Hunter Jr.

- Setembro de 1935 Entra para a Faculdade de Direito da Universidade Southwestern de Los Angeles (atualmente Faculdade de Direito de Southwestern).
- 4 de maio de 1936 Nasce o filho John Jacob Hunter.
- 29 de junho de 1938 Nasce o filho Richard Allen Hunter.
- 8 de junho de 1939 Forma-se em Direito como terceiro aluno da classe.
- Abril de 1940 Começa a prática do Direito particular em período parcial e, depois, período integral até 1945; continua com a prática do Direito até receber o chamado de apóstolo em 1959.
- Setembro de 1940 a novembro de 1946 Serve como bispo da Ala El Sereno, na Califórnia.
- Fevereiro de 1950 a novembro de 1959 Serve como presidente na Estaca Pasadena, na Califórnia.
- 14 de novembro de 1953 Selado aos pais ao fazer 46 anos de idade no Templo de Mesa Arizona.
- 9 de outubro de 1959 Chamado pelo Presidente David O. McKay para ser membro do Quórum dos Doze Apóstolos.
- 15 de outubro de 1959 Ordenado apóstolo e designado membro do Quórum dos Doze Apóstolos pelo Presidente David O. McKay.
- 1964 a 1972 Serve como presidente da Sociedade Genealógica da Igreja.
- 1965 a 1976 Serve como presidente do Centro Cultural Polinésio em Laie, Havaí.
- 1970 a 1972 Serve como Historiador da Igreja.
- 1974 a 1979 Ajuda a supervisionar o planejamento, o levantamento de fundos e a construção do Jardim Memorial Orson Hyde, em Jerusalém.

Novembro de 1975	Dirige a organização de 15 estacas em um só final de semana a partir do que fora 5 estacas na Cidade do México.
1979 a 1989	Supervisiona o planejamento e a construção do Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young (BYU).
24 de outubro de 1979	Conduz os serviços dedicatórios do Jardim Memorial Orson Hyde em Jerusalém.
9 de outubro de 1983	Claire Hunter morre depois de uma enfermidade que durou mais de dez anos.
10 de novembro de 1985	Designado Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos devido à saúde debilitada do Presidente Marion G. Romney.
2 de junho de 1988	Designado Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos depois da morte do Presidente Marion G. Romney.
16 de maio de 1989	Dedica o Centro de Estudos para o Oriente Médio, em Jerusalém.
12 de abril de 1990	Casa-se com Inis Bernice Egan Stanton no Templo de Salt Lake.
5 de junho de 1994	Designado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
1 de outubro de 1994	Apoiado Presidente da Igreja durante a conferência geral.
9 de outubro de 1994	Dedica o Templo de Orlando Flórida.
11 de dezembro de 1994	Preside a criação da estaca de número 2.000 (Estaca Cidade do México México Contreras).
8 de janeiro de 1995	Dedica o Templo de Bountiful Utah.
3 de março de 1995	Falece em Salt Lake City, Utah, aos 87 anos.





A Vida e o Ministério de Howard W. Hunter

No dia 6 de junho de 1994, o dia seguinte à designação de Howard W. Hunter como Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ele fez dois convites. Falando com um tom de doce incentivo, ele disse:

“Gostaria de convidar todos os membros da Igreja a seguirem com mais atenção o exemplo da vida de Jesus Cristo, especialmente no que tange ao amor, à esperança e à compaixão que Ele demonstrou. Oro para que nos tratemos uns aos outros com mais bondade, paciência, cortesia e perdão”.¹

O foco dos ensinamentos do Presidente Hunter durante décadas foi o incentivo às pessoas para seguirem o exemplo do Salvador. “Lembrem-se disto que vou dizer”, disse ele alguns anos antes. “Se nossa vida e nossa fé estiverem centralizadas em Jesus Cristo e Seu evangelho restaurado, nada poderá dar errado permanentemente. Por outro lado, se nossa vida não estiver centralizada no Salvador e nos Seus ensinamentos, nenhum outro sucesso poderá ser garantido permanentemente.”²

O segundo convite que o Presidente Hunter fez foi aos membros da Igreja para que desfrutassem mais plenamente das bênçãos do templo:

“Também exorto os membros da Igreja a fazerem do templo do Senhor o grande símbolo de sua condição de membro e o local supremo de seus convênios mais sagrados. Meu desejo mais profundo é que todos os membros da Igreja se tornem dignos de entrar no templo. Espero que todo membro adulto seja digno de ter uma recomendação válida para o templo e a carregue consigo mesmo que a distância não lhe permita um uso imediato ou assíduo.

Sejamos um povo que frequenta e ama o templo. Procuremos diligentemente ir ao templo do Senhor com a maior assiduidade que nossos meios, nossas circunstâncias pessoais e nosso tempo



Howard W. Hunter ainda criança

o permitirem. Que façamos isso não apenas em favor de nossos parentes falecidos, mas também pelas bênçãos pessoais advindas da adoração no templo, pela santidade e a segurança que encontramos por trás daquelas paredes santas e consagradas. O templo é um local de beleza, um local de revelação e um local de paz. O templo é a casa do Senhor. É sagrado para Ele. Deve ser sagrado para nós”.³

O Presidente Hunter continuou enfatizando esses dois convites por todo o seu período de serviço como Presidente da Igreja. Embora seu tempo como Presidente tenha durado somente nove meses, esses convites inspiraram os membros da Igreja no mundo inteiro a serem mais semelhantes a Cristo e a buscarem as bênçãos do templo com maior fervor.

Primórdios

Em meados de 1800, os antepassados de Howard W. Hunter de quatro países diferentes tornaram-se membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Do lado materno, esses antepassados vieram da Dinamarca e da Noruega. Depois de emigrarem de sua terra natal, eles fizeram parte dos primeiros colonizadores de Mount Pleasant, Utah. Uma descendente desses pioneiros vigorosos, Nellie Rasmussen, viria a ser a mãe de um profeta.

Do lado paterno, Howard teve antepassados com raízes profundas na Escócia e na Nova Inglaterra. Aqueles que se filiaram à Igreja fizeram grandes sacrifícios, mas a maioria descontinuou a filiação depois de alguns anos. O nascimento de John William (Will) Hunter, em 1879, marcou o início da terceira geração da linhagem Hunter que não estava ligada à Igreja. Mesmo assim, Will Hunter veio a ser o pai de um profeta.

Will Hunter tinha 8 anos de idade quando sua família se mudou para Boise, Idaho. Aos 16 anos, Will conheceu Nellie Rasmussen quando ela veio a Boise ficar uns dias com a tia e o tio. Will logo começou a cortejar Nellie e, depois de dois anos, pediu-a em casamento. Nellie hesitou por algum tempo, mas Will foi persistente, e ela acabou aceitando o pedido. Casaram-se em Mount Pleasant, Utah, e o casal voltou a Boise, onde estabeleceram seu lar. O primeiro filho, Howard William Hunter, nasceu em Boise, em 14 de novembro de 1907. A única outra criança da família, a filha, a quem deram o nome de Dorothy, nasceu em 1909.

Edificar um Alicerce para a Vida

Na época do nascimento de Howard, só havia um pequeno ramo da Igreja em Boise. A mãe de Howard foi um membro ativo no ramo e criou os filhos no evangelho. Howard comentou sobre a mãe: “Ela sempre foi fiel. (...) Serviu como presidente das organizações da Primária e das Moças. Lembro-me de ir à Igreja com a mamãe, às vezes antes do horário das reuniões, e de ficar depois delas a fim de terminar suas atribuições”.⁴ Embora o pai de Howard não fosse membro da Igreja, não se opunha à participação da família e, de vez em quando, vinha com eles à reunião sacramental.

Além de conduzir seus filhos na atividade na Igreja, Nellie Hunter ajudou-os a edificar um forte alicerce religioso em casa. “Foi a mamãe quem teve a iniciativa de ensinar-nos o evangelho”, recorda Howard. “Foi em seu colo que aprendemos a orar. (...) Foi no colo de minha mãe que recebi um testemunho, ainda menino.”⁵

O Ramo Boise tornou-se ala em 1913, alguns dias antes do sexto aniversário de Howard. Dois anos depois, quando Howard fez 8 anos, estava ansioso por ser batizado. “Fiquei muito empolgado diante dessa possibilidade”, recorda ele. Seu pai, entretanto, não lhe deu permissão. Howard comenta: “Papai (...) achava que eu devia esperar até saber o que queria da vida. Eu queria ser batizado, mas o tempo passava, e eu não recebia essa bênção”.⁶

Como Howard não tinha sido batizado, não pôde ser ordenado diácono quando completou 12 anos. “Naquele tempo, todos os meus amigos tinham sido ordenados diáconos”, disse ele. “Por eu não ser membro oficial da Igreja, não podia fazer muitas das coisas que eles faziam.”⁷ Howard sentia-se especificamente desanimado por não poder distribuir o sacramento: “Nas reuniões sacramentais, eu me sentava com os outros rapazes. Quando chegava a hora de distribuir o sacramento, eu me afundava no meu lugar. Sentia-me tão diminuído!”⁸

Howard tentou novamente convencer o pai, dessa vez com a ajuda da irmã de 10 anos, Dorothy: “[Nosso esforço conjunto] foi gradualmente persuadindo o papai para que nos deixasse ser batizados. Também oramos muito para que ele dissesse sim. Ficamos super felizes quando ele finalmente deu seu consentimento”.⁹ Quase cinco meses depois de Howard completar 12 anos, ele e Dorothy foram batizados

em uma piscina pública. Logo em seguida, Howard foi ordenado diácono e distribuiu o sacramento pela primeira vez. “Tive medo, mas fiquei muito entusiasmado com o privilégio”, relembra.¹⁰ Entre outros deveres, Howard tinha de acionar o fole do órgão e acender o fogo para aquecer a capela nas manhãs frias de domingo. “Um novo mundo se descortinava diante de mim ao aprender as responsabilidades de membro da Igreja e por ser portador do sacerdócio”, disse.¹¹

Na adolescência, Howard fez parte da tropa escoteira de sua ala e se esforçou arduamente para receber o prêmio mais almejado pelos jovens: o Eagle Scout (correspondente ao Escoteiros da Pátria, no Brasil). Bem perto de atingir essa meta, acabou-se envolvendo em uma competição amistosa. “Éramos dois na disputa final para ganhar em primeiro lugar o Eagle Scout em Boise”, contou.¹² O outro rapaz completou os requisitos primeiro, e Howard parecia satisfeito por ficar em segundo lugar na competição.¹³

Howard aprendeu a ser trabalhador muito cedo na vida. Ajudava as viúvas e outros vizinhos, vendia jornais e trabalhava na fazenda de um tio. Ao crescer, seus empregos incluíam carregador de tacos em jogos de golfe, entregador de telegramas, balconista em uma farmácia, entregador de jornais, atendente em um hotel, em uma loja de departamentos e em uma loja de arte.

Dorothy Hunter disse que o irmão tinha uma “grande ambição” e uma “mente brilhante”.¹⁴ Complementando esses atributos, possuía ainda as qualidades da compaixão e da generosidade. Ao se lembrar de seu jeito carinhoso de cuidar das pessoas, Dorothy disse: “Howard sempre quis fazer o bem e ser bom. Era um irmão maravilhoso e me protegia. Era bom para nossa mãe e nosso pai”.¹⁵

A compaixão de Howard se estendia aos animais. “Qualquer gato perdido encontraria abrigo em nossa casa, mesmo contra as objeções da família”.¹⁶ Certa vez, uns meninos da vizinhança estavam atormentando um gatinho mantendo-o preso em uma vala de irrigação perto da casa dos Hunter. Quando o animalzinho conseguia se arrastar para a beira da vala, os garotos o empurravam de novo para baixo. Logo Howard chegou e resgatou o bichinho. “O pobrezinho estava quase morto”, lembra Dorothy, “e Howard o trouxe para casa”.¹⁷

“Não vai sobreviver”, alertou a mãe.

“Mãe, temos de tentar”, Howard insistiu.¹⁸

Dorothy disse que “eles o embrulharam em um cobertor e o colocaram perto do fogão aquecido e cuidaram dele”; e graças ao carinho recebido, o gatinho se recuperou e viveu naquele lar por muitos anos.

Howard foi ordenado mestre em 1923, pouco antes da criação da Ala Boise Dois. Por precisarem de mais um local para se reunirem e preverem o crescimento iminente, os líderes da Igreja propuseram construir um tabernáculo da estaca. Foi pedido aos santos em Boise que contribuíssem com 20 mil dólares para a construção do edifício.¹⁹ Em uma reunião em que os líderes solicitaram doações, o jovem Howard W. Hunter foi o primeiro a erguer a mão e se comprometer. A quantia prometida foi 25 dólares — um valor muito grande em 1923, especialmente para um rapaz de 15 anos. “Trabalhei e economizei até poder pagar minha contribuição inteiramente”, disse ele depois.²⁰ O tabernáculo ficou pronto em 1925, e o próprio Presidente Heber J. Grant veio dedicá-lo em dezembro.²¹

Desde muito cedo, Howard demonstrara certa aptidão para a música e, na adolescência, aprendeu a tocar vários instrumentos. Aos 16 anos, já possuía sua própria banda musical, a que chamou de Hunter’s Crooners. O grupo tocava sempre em bailes, recepções e outros eventos na área de Boise.

Aos 19 anos, assinou um contrato para se apresentarem em um navio de cruzeiro que ia para a Ásia. Nos primeiros dois meses de 1927, os cinco componentes do grupo de Howard tocaram em jantares e bailes enquanto o navio cruzava o Pacífico e parava em várias cidades do Japão, da China e das Filipinas. O cruzeiro foi uma experiência iluminadora para Howard, permitindo-lhe aprender mais sobre outros povos e outras culturas. Embora tenha gastado a maior parte do dinheiro em passeios e presentes, pensava: “Esse tipo de educação valeu tudo aquilo que gastamos”.²²

Momento de Grandes Decisões

Howard voltou do cruzeiro e recebeu a alegre notícia de que seu pai tinha sido batizado enquanto estivera ausente. No domingo seguinte, Howard e seu pai participaram da reunião do sacerdócio juntos, pela primeira vez. Um bispo cuidadoso tinha incentivado Will Hunter a ser batizado, e Howard disse que “foi graças a um mestre [familiar] que o pai passou a se interessar mais pela Igreja”.²³



Howard W. Hunter, ao centro, com os Hunter's Croonaders, 1927

Depois do cruzeiro, Howard ficou em dúvida quanto ao futuro. Manteve-se ocupado com atividades musicais e outros empregos, inclusive um negócio próprio, mas nada que representasse uma carreira promissora. Quando seu negócio não deu certo, em março de 1928, decidiu visitar um amigo no sul da Califórnia. Seu plano inicial era ficar ali só uma semana ou duas, mas acabou decidindo ficar mais tempo e procurar o que ele descrevia como “emprego com oportunidade”.²⁴ Na Califórnia, ele encontraria não só uma carreira, mas também sua futura esposa, extensas oportunidades de servir na Igreja e um lar por mais de três décadas.

Seus primeiros empregos na Califórnia incluíam o de vendedor de sapatos e trabalhador de uma instalação de condicionamento de frutas em engradados. Nesse local, às vezes, ele carregava vagões de trem com 40 ou 45 toneladas de laranjas por dia. “Eu não sabia que havia tanta laranja no mundo”, brincava. Certo dia ele enfrentou um “problema terrível”, pois precisava selecionar limões de acordo com a cor, e ele não conseguia diferenciar as nuances de tom entre o amarelo e o verde por ser daltônico. “Achei que ia ter um ataque de nervos antes do fim do dia”, lembra.²⁵

Depois de trabalhar na instalação por duas semanas, Howard candidatou-se para trabalhar em um banco em Los Angeles, que o

contratou de imediato e onde foi promovido rapidamente. Ainda continuou com a atividade musical, tocando em diversos grupos à noite. Em setembro de 1928, cerca de seis meses depois de Howard mudar-se para a Califórnia, a família se reuniu novamente quando os pais e a irmã também se mudaram para lá.

Na adolescência, Howard ia à Igreja, mas não estudava o evangelho em profundidade. Já na Califórnia, tornou-se muito mais atento ao estudo do evangelho. “Meu primeiro despertar para o evangelho ocorreu em uma aula da Escola Dominical, na Ala Adams, cujo professor era Peter A. Clayton”, recorda. “Ele possuía um amplo conhecimento e a habilidade para inspirar os jovens. Eu estudava as lições, lia as designações que ele nos dava e fazia comentários sobre os assuntos propostos. (...) Acho que esse período da minha vida foi o momento em que a verdade do evangelho começou a germinar em mim. Sempre tive um testemunho do evangelho, mas, de repente, comecei a entendê-lo.”²⁶ Para Howard, sua experiência naquele curso da Escola Dominical deu início ao amor pelo estudo do evangelho que durou a vida inteira.

Howard adorava estar com os outros jovens adultos na região de Los Angeles. Frequentavam a Igreja juntos e, às vezes, iam a duas ou três alas no mesmo domingo e participavam de inúmeras atividades. Uma dessas atividades teve um significado marcante para Howard. Alguns meses depois de chegar à Califórnia, ele e alguns amigos foram a um baile da Igreja e, depois, foram passear na praia. Naquela noite, Howard conheceu Clara May (Claire) Jeffs, que acompanhava um de seus amigos. Howard e Claire logo sentiram uma atração mútua que floresceu até se tornar amor.

Encontraram-se algumas vezes em 1928 e passaram a namorar firme no ano seguinte. “Seus cabelos eram louro-claros e ela era uma garota linda”, Howard recorda. “Acho que o que mais me impressionou nela foi a intensidade de seu testemunho.”²⁷ Em uma tarde de primavera, quase três anos depois do primeiro encontro, Howard levou Claire a um mirante com linda vista para o mar. Ali Howard pediu Claire em casamento, e ela aceitou. Howard recorda:

“Observamos juntos como as ondas se erguiam no Pacífico e se arremessavam contra as rochas, iluminadas pelo clarão de uma lua cheia. Fizemos alguns planos e, então, coloquei um anel de

brilhantes em seu dedo. Tomamos muitas decisões naquela noite e algumas fortes resoluções quanto à nossa vida juntos”.²⁸

Tais resoluções influenciaram Howard a tomar, quatro dias antes do casamento, uma decisão que mudaria sua vida. Depois da apresentação do grupo naquela noite, guardou seus instrumentos e nunca mais tocou profissionalmente. Tocar em bailes e festas “até que era empolgante”, disse ele, “e ganhei bastante dinheiro”; mas concluiu que parte desse estilo de vida não era compatível com o que ele sonhava para sua família. “A decisão deixou um vazio, pois era algo que eu gostava de fazer, [mas] nunca me arrependi por tê-la tomado”, declarou anos depois.²⁹ Seu filho observou: “Penso sempre na disciplina extraordinária (eu a chamo de brio) que foi necessária para abandonar algo que ele amava tanto por valorizar mais outra coisa”.³⁰

Desafios e Bênçãos nos Primeiros Anos do Casamento

Howard e Claire casaram-se no Templo de Salt Lake, em 10 de junho de 1931, e voltaram ao sul da Califórnia para começar sua vida juntos. A situação econômica dos Estados Unidos estava se deteriorando devido à Grande Depressão; em janeiro de 1932, o banco onde Howard trabalhava fechou. Nos dois anos que se seguiram, trabalhou em uma variedade de empregos para suprir as necessidades da família. Ele e Claire estavam determinados a ser independentes o quanto antes, mas depois de um ano eles aceitaram o convite de morar com os pais de Claire por algum tempo.

Em 20 de março de 1934, nasceu o primeiro filho de Howard e Claire, a quem deram o nome de Howard William Hunter Jr. e chamavam de Billy. Naquele verão, eles notaram que Billy parecia letárgico. Os médicos diagnosticaram anemia no menino, e Howard doou sangue duas vezes para transfusões de sangue, mas as condições de Billy não melhoraram. Outros exames mostraram um grave problema intestinal, e os médicos recomendaram uma cirurgia. Howard recorda: “Na hora da cirurgia, fui levado à sala sobre uma mesa ao lado dele, e doei sangue durante a operação. Após o procedimento, os médicos não estavam muito animados”. Três dias depois, com apenas sete meses de vida, o pequeno Billy faleceu, tendo os pais a seu lado, na cama. “Ao deixarmos o hospital aquela noite,

estávamos traspassados pela dor e atordoados”, Howard escreveu.³² “Foi um choque terrível para nós.”³³

Dois meses antes de Billy nascer, Howard tinha sido contratado pelo Los Angeles County Flood Control District [Distrito de Controle de Enchentes do Condado de Los Angeles]. Seu trabalho o levou a conhecer documentos jurídicos e a procedimentos em tribunais; ele decidiu então seguir a carreira de advogado. O cumprimento dessa meta exigiu anos de trabalho árduo e resoluto. Por não ter a graduação mínima requerida, Howard teve de fazer vários cursos antes de ser aceito na faculdade de Direito. Fez os cursos à noite porque precisava continuar trabalhando. Mesmo depois de entrar para a faculdade, continuou a trabalhar por período integral. “Não foi fácil trabalhar o dia todo e estudar à noite; além disso, tinha de reservar um tempo para estudar”, ele escreveu.³⁴ “Não era raro atravessar as noites estudando.”³⁵ Howard manteve esse ritmo rigoroso por cinco anos; por fim, formou-se em 1939, em terceiro lugar na sua classe.

Enquanto Howard estava na faculdade de Direito, seus outros dois filhos nasceram: John em 1936 e Richard em 1938. Graças ao emprego de Howard no Distrito de Controle de Enchentes, a família conseguiu comprar uma casa modesta.

Bispo da Ala El Sereno

Em 1940, cerca de um ano após a formatura em Direito, Howard foi chamado para servir como bispo da recém-criada Ala El Sereno, na Califórnia. Surpreendido pelo chamado, ele disse: “Sempre pensei na figura do bispo como um homem mais velho e perguntei como poderia ser o pai da ala tendo somente 32 anos de idade”. A presidência da estaca respondeu, garantindo-lhe que ele poderia “estar à altura do chamado”. Embora Howard se sentisse um tanto inadequado, prometeu: “Darei o melhor de mim”.³⁶ Ele cumpriu a promessa com grande compromisso, inspiração e compaixão durante seus mais de seis anos de serviço como bispo.

Mais uma vez, Howard ficou sobrecarregado, mas sentiu que seus serviços lhe renderam muitas bênçãos. “Senti-me oprimido pelas imensas responsabilidades”, comentou. “Foi um trabalho glorioso e uma grande bênção.”³⁷

Uma necessidade imediata para a ala recém-formada era ter um local para se reunir. O bispado desocupou algumas salas em um edifício local e os membros da ala começaram a levantar fundos para a própria capela. A construção dos edifícios da Igreja, porém, foi logo suspensa por causa da Segunda Grande Guerra, mas os membros continuaram a levantar fundos tendo em vista o futuro. Em um dos projetos para levantar fundos, conhecido como “projeto cebola”, os membros foram a uma fábrica de pickles cortar cebolas. O cheiro de cebola é impregnante, o que levava o Bispo Hunter a brincar: “Era fácil identificar, na reunião sacramental, aqueles que tinham participado da atividade de cortar cebolas”.³⁸

Outras atividades para levantar fundos incluíam cortar repolhos em uma fábrica de chucrute e vender a produção excedente de cereais matinais. “Esse tempo em que trabalhamos juntos foi muito feliz; pessoas de todas as classes e profissões apoiaram o bispado nesse empenho de levantar fundos para a construção da capela”, recordou o Bispo Hunter. “Nossa ala era como uma família grande e feliz.”³⁹ Depois de muita paciência e sacrifício, a meta de uma capela própria da ala foi finalmente atingida em 1950, quase quatro anos depois de Howard ter sido desobrigado de seu serviço como bispo.

O trabalho de bispo durante a Segunda Grande Guerra apresentou desafios incomuns. Muitos membros homens da ala estavam no serviço militar, deixando famílias sem o marido e pai no lar. A pouca disponibilidade de homens logo trouxe dificuldades para ocupar os chamados da Igreja. Consequentemente, durante parte de seu período como bispo, Howard também serviu como chefe escoteiro. “Tínhamos um grupo de excelentes rapazes e não podíamos negligenciá-los”, disse. “Assumi os rapazes por quase dois anos e eles tiveram um grande progresso.”⁴⁰

Howard foi desobrigado como bispo em 10 de novembro de 1946. “Sempre serei grato por esse privilégio e o aprendizado daqueles anos”, comentou. Embora a experiência tenha sido “difícil sob vários aspectos”, ele e Claire eram gratos pelos valores que essa experiência agregou à família deles.⁴¹ Ao expressar gratidão pelo serviço do Bispo Hunter, um membro da ala escreveu: “Ele conseguiu unir os membros de nossa pequena ala em um esforço unificado e ensinou-nos a alcançar metas aparentemente fora do alcance. Trabalhávamos juntos como ala, orávamos juntos, brincávamos juntos e adorávamos juntos”.⁴²

Embora Howard tenha sido desobrigado em 1946, sua ligação especial com os membros da Ala El Sereno continuou. Seu filho Richard disse que, “até o fim da vida, ele esteve em contato com eles e sabia onde estavam e quais eram suas circunstâncias. Sempre que viajava a algum lugar onde [morava] um dos membros da ala antiga, costumava entrar em contato com ele. Seu amor pelos membros da ala continuou por toda a vida”.⁴³

A Criação da Família e a Estruturação da Carreira Profissional

Howard e Claire Hunter eram pais amorosos que ensinaram aos filhos valores, responsabilidade e a importância do evangelho. Muito antes de a Igreja instituir as noites de segunda-feira para a noite familiar, os Hunter já reservavam essa noite como um tempo para ensinar o evangelho, contar histórias, brincar com as crianças e passear juntos. Quando a família viajava, às vezes iam juntos ao templo, para que John e Richard realizassem batismos pelos mortos. Howard e seus filhos gostavam de montar modelos de trenzinhos, acampar juntos e fazer outras atividades ao ar livre.

Howard trabalhava por tempo integral e ainda frequentava a faculdade de Direito quando nasceram os filhos John e Richard, e foi chamado para ser bispo quando os meninos eram muito pequenos — quatro e dois anos — e, assim, a criação adequada de uma família exigia uma medida extra de dedicação de Claire, que a deu com alegria. “Meu maior desejo e ambição (...) era ser uma boa esposa, uma boa dona de casa e ser verdadeiramente uma boa mãe”, disse ela. “Trabalhamos muito arduamente para manter nossos filhos dentro da Igreja; eles e eu passamos momentos maravilhosos juntos.”⁴⁴ Howard sempre elogiou Claire por sua influência e pelos sacrifícios dela na criação dos filhos.

Durante o período de crescimento dos meninos e do serviço em chamados de liderança na Igreja, Howard também edificou uma próspera carreira jurídica. Trabalhando principalmente com empresas e clientes corporativos, tornou-se um advogado altamente respeitado no sul da Califórnia. Foi eleito para servir na junta de diretores de mais de duas dezenas de empresas.



Howard e Claire Hunter com os filhos, John e Richard

Em sua profissão, Howard era conhecido por sua integridade, seu pensamento preciso, sua comunicação clara e seu senso de imparcialidade. Era também conhecido como “advogado do povo” — alguém que “sempre tinha tempo e interesse suficiente para ajudar as pessoas a resolver seus problemas”.⁴⁵ Certo advogado disse que Howard “se preocupava muito mais em ver que as pessoas recebessem a ajuda necessária do que em ser pago por isso”.⁴⁶

Presidente da Estaca Pasadena Califórnia

Em fevereiro de 1950, o Élder Stephen L. Richards e o Élder Harold B. Lee, do Quórum dos Doze, viajaram até a Califórnia para dividir a sempre crescente Estaca Pasadena. Entrevistaram vários irmãos na estaca, inclusive Howard. Depois de refletirem fervorosamente sobre quem o Senhor gostaria que servisse como presidente da estaca, já por volta da meia-noite, mandaram chamar Howard e fizeram-lhe o chamado. O Élder Richards e o Élder Lee disseram-lhe para ter uma boa noite de sono e o chamaram bem cedo na manhã seguinte, pedindo-lhe que trouxesse as indicações dos seus conselheiros. “Fui para casa naquela noite, mas não consegui dormir”, disse Howard. “O chamado era avassalador. Claire e eu conversamos por um longo tempo.”⁴⁷

Depois do apoio do Presidente Hunter e dos conselheiros, eles começaram a avaliar as necessidades da estaca. Uma das maiores prioridades para a nova presidência da estaca era ajudar os membros a



Líderes na Presidência da Estaca Pasadena, 1950. Da esquerda para a direita: Daken K. Broadhead, primeiro conselheiro na presidência da estaca; Howard W. Hunter, presidente; A. Kay Berry, segundo conselheiro; e Emron "Jack" Jones, secretário.

edificar sua força espiritual. Uma das preocupações era que as famílias estavam fragmentadas, em parte porque se envolviam em demasiadas atividades. Depois de orar e conversar, os líderes sentiram-se inspirados a enfatizar a noite familiar e reservar as noites de segunda-feira para a família. Todos os edifícios da Igreja na estaca ficavam fechados às segundas-feiras à noite, e “nenhuma outra atividade era realizada que conflitasse com essa noite sagrada”, explicou o Presidente Hunter.⁴⁸

Desde o início de seu serviço, o Presidente Hunter e outros presidentes de estaca no sul da Califórnia reuniam-se com o Élder Stephen L. Richards para discutir um programa de Seminário para os jovens com idade para o Ensino Médio. O Presidente Hunter relembra: “[O Élder Richards] explicou-nos que eles gostariam de fazer um teste com aulas do Seminário ministradas bem cedo pela manhã em uma área onde a lei não liberava tempo [na escola] para a educação religiosa”.⁴⁹ O Presidente Hunter foi indicado para ser o presidente de um comitê que estudaria a possibilidade de colocar a ideia em prática. Depois de concluir o estudo, o comitê recomendou a realização do Seminário matinal para os alunos de três escolas de Ensino Médio. Richard, filho do Presidente Hunter, fez parte do grupo de jovens desse Seminário matinal piloto. Ele se lembra: “Nós, jovens, ficamos pasmos e perguntávamos quem tinha tido essa ideia maluca de dar

aulas às 6 horas da manhã; mas, no final, essa se tornou nossa parte favorita do dia, em que podíamos estar juntos como amigos da Igreja e aprender”.⁵⁰ Logo, esse programa se estendeu a outros alunos e foi o precursor do programa do Seminário diário para os jovens da Igreja.

Durante a conferência geral de outubro de 1951, a Primeira Presidência reuniu-se com os presidentes de estaca do sul da Califórnia para anunciar seu desejo de construir um templo em Los Angeles. A perspectiva de terem um templo nas proximidades trouxe aos membros grande alegria — e exigiu um grande sacrifício, já que lhes foi solicitado que contribuíssem com 1 milhão de dólares para a construção. Quando o Presidente Hunter voltou para a Califórnia, reuniu os líderes das alas e das estacas e disse: “Deem às pessoas a oportunidade de receber grandes bênçãos, contribuindo generosamente para o templo”.⁵¹ Em seis meses, os membros na região sul da Califórnia tinham conseguido levantar 1,6 milhão de dólares para a construção do templo, que foi dedicado em 1956.

Além de contribuírem com os fundos para a construção do templo e de outros edifícios da Igreja, os membros também ofereceram trabalho voluntário. Durante a construção das capelas, o Presidente Hunter passou muitas horas trabalhando com uma pá, um martelo ou um pincel. Além de oferecerem trabalho voluntário nas construções, os membros também trabalharam em projetos de bem-estar que incluíam granjas, pomares de cítricos e fábricas de conservas. Por oito anos, o Presidente Hunter foi responsável por coordenar o trabalho de 12 estacas nesses projetos e sempre ajudou pessoalmente nos trabalhos. “Jamais pediu a outra pessoa que fizesse algo ou assumisse uma responsabilidade que ele mesmo não assumiria”, comentou um amigo.⁵² Anos depois, já como membro do Quórum dos Doze, o Élder Hunter disse:

“Nunca participei de um projeto de bem-estar monótono. Já subi em árvores e colhi limões, descasquei frutas, cuidei de caldeiras, carreguei caixas, descarreguei caminhões, fiz limpeza na fábrica de conservas e mil e uma outras coisas; mas o que mais recordo é o riso, o canto e a camaradagem entre os que estavam engajados a serviço do Senhor”.⁵³

Em novembro de 1953, o Presidente e a irmã Hunter, com outros membros da Estaca Pasadena, viajaram ao Templo de Mesa Arizona

para realizar ordenanças vicárias. O Presidente Hunter completaria 46 anos no dia 14 de novembro e, antes do início da sessão daquele dia, o presidente do templo pediu a ele que falasse à congregação reunida na capela. Tempos depois, ele escreveu sobre essa experiência:

“Enquanto eu falava aos presentes (...), meu pai e minha mãe entraram na capela vestidos de branco. Eu não fazia ideia de que meu pai estivesse preparado para receber as bênçãos do templo embora soubesse que minha mãe estava ansiosa por isso havia algum tempo. A emoção me dominou de tal maneira que não consegui continuar falando. O Presidente Pierce [o presidente do templo] veio até o meu lado e explicou o motivo da interrupção. Quando meu pai e minha mãe vieram ao templo naquela manhã, pediram ao presidente que não me contasse que eles estavam ali, pois queriam que isso fosse uma surpresa de aniversário. Jamais me esqueci desse aniversário, pois naquele dia eles receberam a própria investidura e eu tive o privilégio de testemunhar seu selamento, após o que fui selado a eles”.⁵⁴

Cerca de três anos depois, os laços eternos da família do Presidente Hunter ficaram completos quando Dorothy foi selada aos pais no recém-dedicado Templo de Los Angeles Califórnia.

Como presidente de estaca, Howard liderou com amor. Certa irmã que servia em um chamado da estaca disse: “Cada um se sentia valorizado, querido, necessário. (...) Ele fazia as pessoas se sentirem responsáveis quando recebiam um chamado, mas, se alguém precisasse de sua opinião ou seu conselho, ele sempre estava lá. Sabíamos ter seu total apoio e interesse”.⁵⁵ Um de seus conselheiros observou: “Ele elogiava as pessoas por suas realizações e ajudava-as a alcançar suas mais altas expectativas”.⁵⁶ Uma irmã, membro da estaca, que declarou ter sido o Presidente Hunter o professor que mais a influenciou, esclareceu: “Esse homem amava as pessoas ao colocá-las em alta prioridade, ao ouvi-las, entendê-las e ao compartilhar com elas suas experiências pessoais”.⁵⁷

No segundo semestre de 1959, Howard W. Hunter havia presidido a Estaca Pasadena por mais de nove anos, prestando um serviço que abençoou a vida de milhares de santos dos últimos dias no sul da Califórnia. Seu ministério estava prestes a se expandir para abençoar a vida dos membros da Igreja no mundo todo.



O Quórum dos Doze Apóstolos, 1965. Sentados, da esquerda para a direita: Ezra Taft Benson, Mark E. Petersen (no braço da poltrona), Joseph Fielding Smith (presidente do quórum) e LeGrand Richards. Em pé, da esquerda para a direita: Gordon B. Hinckley, Delbert L. Stapley, Thomas S. Monson, Spencer W. Kimball, Harold B. Lee, Marion G. Romney, Richard L. Evans e Howard W. Hunter.

Quórum dos Doze

“Prestarás testemunho de meu nome, (...) e enviarás minha palavra aos confins da Terra” (D&C 112:4).

Em 9 de outubro de 1959, entre as sessões da conferência geral em Salt Lake City, Howard soube que o Presidente David O. McKay queria falar com ele. Foi, então, imediatamente até o Edifício Administrativo da Igreja, onde o Presidente McKay o recebeu calorosamente e disse: “Presidente Hunter, (...) o Senhor falou. Você está sendo chamado para ser uma de Suas testemunhas especiais, e amanhã você será apoiado membro do Conselho dos Doze”.⁵⁸ Quanto a essa experiência, Howard escreveu:

“Não há palavras para expressar o sentimento que tomou conta de mim. Meus olhos se encheram de lágrimas e não conseguia falar. Nunca havia me sentido tão completamente humilde quanto naquele momento, na presença desse homem grandioso, manso, bondoso — o profeta do Senhor. Ele me falou sobre a imensa alegria que isso traria a minha vida e a maravilhosa convivência que passaria

a ter com as autoridades gerais e que minha vida e meu tempo, a partir dali, seriam devotados como servo do Senhor e que eu passaria a pertencer à Igreja e ao mundo. (...) Pôs os braços em meus ombros e me assegurou que o Senhor me amaria e que eu teria toda confiança e apoio da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze. (...) Eu [lhe] disse que entregaria alegremente meu tempo, minha vida e tudo o que tinha para esse serviço”.⁵⁹

Assim que Howard saiu da sala do Presidente McKay, voltou para o quarto do hotel e ligou para Claire, que estava em Provo visitando o filho John, a nora e o bebê. Howard mal conseguia falar. Quando finalmente contou a Claire sobre seu chamado, ambos foram tomados pela emoção.

No dia seguinte, na sessão da manhã de sábado da conferência geral, Howard William Hunter foi apoiado membro do Quórum dos Doze Apóstolos. “Senti (...) o peso do mundo sobre meus ombros”, comentou na ocasião. “À medida que a conferência prosseguia, senti muito desconforto, e me perguntava se em algum momento me convenceria de minha adequação àquele lugar.”⁶⁰

O Presidente McKay chamou o Élder Hunter para fazer um discurso na sessão da tarde de domingo da conferência. Depois de fazer um breve comentário sobre sua vida e prestar seu testemunho, disse:

“Não me desculpo pelas lágrimas que choro nesta ocasião, pois sei que estou diante de amigos, meus irmãos e irmãs da Igreja, cujo coração bate da mesma forma que o meu hoje, entusiasmado pelo evangelho e pelo serviço ao próximo.

Presidente McKay, (...) aceito, sem reservas, o chamado que me foi feito, e estou pronto a devotar minha vida e tudo o que tenho a esse serviço. A irmã Hunter se junta a mim nesse compromisso”.⁶¹

O Élder Hunter foi ordenado apóstolo em 15 de outubro de 1959. Aos 51 anos, era o membro mais jovem dos Doze, cuja média etária na ocasião se aproximava dos 66 anos.

Nos 18 meses seguintes, o Élder Hunter viajou várias vezes entre a Califórnia e Utah até completar os trabalhos necessários em sua prática jurídica e preparar-se para a mudança. Um de seus clientes disse que “a Igreja deve ter feito uma oferta muito atraente” para

convencê-lo a abandonar a carreira tão bem-sucedida de advogado. Quanto a isso, o Élder Hunter escreveu em seu diário:

“A maioria das pessoas não entende por que os membros de nossa religião atendem aos chamados para servir ou ao compromisso de doação total. (...) Desfrutei na plenitude a prática do Direito, mas esse chamado que me foi feito ofusca qualquer realização profissional ou ganho financeiro”.⁶²

O ministério apostólico do Élder Hunter se estendeu por mais de 35 anos, durante os quais ele viajou a quase todos os países do mundo a fim de cumprir seu encargo de testemunha especial de Jesus Cristo (ver D&C 107:23).

A Sociedade Genealógica de Utah

“Apresentemos em seu templo santo (...) um livro contendo os registros de nossos mortos, que seja digno de toda aceitação” (D&C 128:24).

Em 1964, a Primeira Presidência indicou o Élder Hunter para ser o presidente da Sociedade Genealógica da Igreja, que na época era conhecida como Sociedade Genealógica de Utah. Essa organização foi a precursora do Departamento de História da Família da Igreja. Seu propósito era coletar, preservar e compartilhar informações genealógicas pelo mundo inteiro. O Élder Hunter presidiu a sociedade por oito anos e, nesse período, supervisionou as mudanças que viriam a ter efeito duradouro no aceleração, na qualidade e na expansão do trabalho de história da família.

Até 1969, a organização havia reunido “mais de 670.000 rolos de microfilme, o que representava o equivalente a três milhões de volumes de 300 páginas cada um”. Também havia coletado “6 milhões de registros completos de grupos familiares, um índice de arquivo de fichas de 36 milhões de pessoas e uma coleção de livros de mais de 90 mil volumes”.⁶³ Por semana, cerca de mil rolos de microfilme eram acrescentados, provenientes de todas as partes do mundo. O trabalho de processar esses registros e disponibilizá-los — tanto para pesquisas como para o trabalho no templo — era uma tarefa enorme. Sob a liderança do Élder Hunter, a Sociedade Genealógica passou a usar as mais recentes tecnologias da informática para auxiliar o trabalho. Certo escritor observou que a sociedade se tornara “famosa

mundialmente entre as organizações profissionais por suas atividades progressistas na manutenção de registros”.⁶⁴

O Élder Hunter foi desobrigado como presidente da Sociedade Genealógica em 1972. Para resumir os efeitos de seu trabalho, o Élder Richard G. Scott disse: “Ele dedicou uma parte significativa de sua vida a esse trabalho e lançou o alicerce e a direção dos quais a Igreja ainda está colhendo os benefícios”.⁶⁵

O Centro Cultural Polinésio

“Escutai, ó povos distantes e vós, que estais nas ilhas do mar, escutai juntamente” (D&C 1:1).

Em 1965, a Primeira Presidência indicou o Élder Hunter para ser o presidente e diretor da junta do Centro Cultural Polinésio em Laie, Havaí. Na época, o centro estivera aberto por apenas 15 meses e enfrentava muitas dificuldades. A frequência de turistas era baixa e as pessoas tinham pontos de vista diferentes sobre os objetivos e os programas do centro. Uma semana depois de o Élder Hunter ser indicado, ele foi a Laie e deu início a um estudo criterioso dos pontos fortes e das necessidades do centro.

Sob a liderança do Élder Hunter, o Centro Cultural Polinésio tornou-se uma das atrações turísticas mais populares no Havaí, atraindo quase um milhão de visitantes em 1971. O Élder Hunter também supervisionou uma grande expansão do centro e de seus programas. Também foi importante, nas palavras do Élder Hunter, que o centro tenha oferecido empregos que permitiram a “milhares de estudantes do Pacífico Sul [serem] assistidos no tocante a sua educação, já que a maioria desses jovens não teria a possibilidade de sair das ilhas para fazer um curso superior [de outra forma]”.⁶⁶

Depois de presidir o Centro Cultural Polinésio por 12 anos, o Élder Hunter foi desobrigado em 1976. Seu serviço como presidente ajudou a cumprir as palavras do Presidente David O. McKay, que disse, em 1955, que o pequeno vilarejo de Laie tinha potencial de tornar-se “um agente missionário, influenciando não milhares nem dezenas de milhares, mas, sim, milhões de pessoas, que buscariam conhecer essa cidade e saber seu significado”.⁶⁷



Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young

Historiador da Igreja

“É dever do secretário do Senhor, a quem ele designou, conservar uma história e um registro geral da igreja de todas as coisas que ocorrem em Sião” (D&C 85:1).

Com o falecimento do Presidente David O. McKay, em janeiro de 1970, Joseph Fielding Smith foi designado o novo presidente da Igreja. Joseph Fielding Smith servira como Historiador da Igreja nos últimos 49 anos e, quando se tornou Presidente da Igreja, o Élder Hunter foi chamado para sucedê-lo nessa atribuição. “O Presidente Smith fora o Historiador da Igreja por tantos anos que era difícil, para mim, imaginar-me ocupando esse cargo”, comentou.⁶⁸

O Élder Hunter cuidou dessa nova responsabilidade com o zelo de costume. “A atribuição feita pelo Senhor por meio de revelação é extremamente desafiadora — tanto para cumprir a tarefa de coletar e escrever como disponibilizar o material para uso dos membros da Igreja”, disse ele.⁶⁹ O periódico *Church News* afirmou que o Historiador da Igreja era “responsável pela manutenção de todos os registros da Igreja, inclusive atas, registros do templo, ordenanças, bênçãos patriarcais e (...) uma compilação atualizada da história da Igreja”.⁷⁰

Em 1972, os membros dos Doze tinham sido aliviados de alguns pesados deveres administrativos e, assim, podiam dedicar mais tempo para seu ministério apostólico. Como parte dessa mudança, o Élder Hunter foi desobrigado como Historiador da Igreja, mas continuou com o papel de consultor no Departamento de História da Igreja. “Isso me deixará em uma posição de direção, mas distante da função operacional”, escreveu.⁷¹ Ele continuou no papel de consultor até 1978.

Serviço na Terra Santa

Howard W. Hunter desenvolveu um amor especial pela Terra Santa quando viajou para lá com sua família em 1958 e 1960. Enquanto serviu como apóstolo, voltou mais de 20 vezes ao local. “Seu desejo de estar onde o Salvador andou e ensinou parecia insaciável”, disse o Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze Apóstolos.⁷²

Muito ciente dos conflitos na região, o Élder Hunter levava uma mensagem de amor e de paz. “Tanto judeus como árabes são filhos de nosso Pai”, dizia. “Ambos são filhos da promessa; e, como Igreja, não tomamos partido. Temos amor e interesse por ambos. O propósito do evangelho de Jesus Cristo é gerar amor, união e irmandade da mais alta ordem.”⁷³

Entre 1972 e 1989, o Élder Hunter cumpriu atribuições essenciais para dois projetos especiais em Jerusalém: o Jardim Memorial Orson Hyde e o Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young. No começo da história da Igreja, em 1841, o Élder Orson Hyde, do Quórum dos Doze, ofereceu uma oração dedicatória no Monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém. Em 1972, a Primeira Presidência pediu ao Élder Hunter que passasse a procurar possíveis locais para a construção de um memorial a Orson Hyde em Jerusalém. Em 1975, a cidade de Jerusalém abriu caminho para o que acabou se tornando o Jardim Memorial Orson Hyde, construído no Monte das Oliveiras.

Nos poucos anos que se seguiram, o Élder Hunter viajou a Jerusalém muitas vezes para negociar os contratos para o memorial e supervisionar seu planejamento e sua construção. O projeto ficou pronto em 1979 e foi dedicado naquele ano pelo Presidente Spencer W. Kimball. Depois de dirigir os serviços dedicatórios, o Élder Hunter expressou



O Presidente Hunter no Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young, antes da cerimônia de dedicação

sua crença de que o memorial “exerceria uma grande influência para o bem por transmitir uma imagem favorável da Igreja”.⁷⁴

Mesmo antes do término do Jardim Memorial Orson Hyde, o Élder Hunter estivera procurando um local onde a Igreja pudesse construir um centro de estudos da BYU para estudantes de fora dos EUA. O centro também abrigaria um local de reunião para os membros do Ramo Jerusalém. A supervisão desse projeto viria a ser uma das atribuições mais complexas e sensíveis do ministério do Élder Hunter.

Os líderes da Igreja escolheram o local, mas a obtenção da licença para o arrendamento da terra e a aprovação do planejamento exigiu quase cinco anos do que o Élder Hunter descreveu como “trabalho interminável”.⁷⁵ Depois de extensos debates e negociações, o governo israelita permitiu que a construção do centro tivesse seguimento.

Em maio de 1988, a construção estava quase concluída e o contrato de arrendamento pronto para ser assinado. Na ocasião, Howard W. Hunter servia como Presidente Interino do Quórum dos Doze. Tinha sido submetido a uma delicada cirurgia da coluna no ano anterior e não conseguia andar, mas, mesmo assim, voou até Jerusalém para assinar o contrato. Enquanto esteve lá, os alunos da BYU e os membros do

Ramo Jerusalém fizeram uma pequena recepção para expressar sua gratidão. Um relato do ramo fala dessa cena pungente no início da recepção: “Ainda convalescendo da cirurgia da coluna, o Presidente Hunter chegou pela entrada principal em uma cadeira de rodas, conduzido pelo Presidente [Jeffrey R.] Holland, [da Universidade Brigham Young], enquanto o coro os recebia cantando ‘The Holy City’ [A Cidade Santa]”.⁷⁶ Lágrimas corriam pelo rosto do Presidente Hunter.

Em maio de 1989, o Presidente Hunter voltou a Jerusalém para dedicar o centro de estudos. Essa cerimônia dedicatória foi o ponto culminante de uma década de esforços extraordinários — dele e de outros — para tornar realidade o sonho do Centro de Jerusalém. “O Presidente Howard W. Hunter (...) esteve continuamente envolvido, foi o atalaia na torre, supervisionando esse projeto desde a época em que era nada além de um sonho”, disse o Élder Jeffrey R. Holland.⁷⁷ Na oração dedicatória, o Presidente Hunter disse:

“Este edifício (...) foi construído para receber aqueles que Te amam, que buscam aprender de Ti e seguir os passos de Teu Filho, nosso Salvador e Redentor. É belo sob todos os aspectos, exemplificando a beleza daquilo que representa. Ó Pai, nós Te agradecemos pelo privilégio de edificar esta casa a Ti, para o benefício e o aprendizado de Teus filhos e filhas”.⁷⁸

A Expansão da Igreja

“São deve crescer em beleza e em santidade; suas fronteiras devem ser expandidas; suas estacas devem ser fortalecidas” (D&C 82:14).

Quando Howard W. Hunter foi chamado apóstolo em 1959, havia aproximadamente 1,6 milhão de membros da Igreja. Nas décadas seguintes, ele desempenhou um papel essencial no crescimento sem precedentes da Igreja no mundo. Por centenas de finais de semana, ele viajou para as estacas a fim de fortalecer os membros e chamar novos líderes. Ele também se reuniu com líderes governamentais de muitos países, ajudando a abrir as portas para o trabalho missionário.

Em 1975, o número de membros da Igreja havia crescido para cerca de 3,4 milhões, e crescia rapidamente em especial na América Latina. Mais tarde naquele ano, o Élder Hunter e o Élder J. Thomas Fyans, Assistente dos Doze, foram designados para dividir cinco



Howard e Claire Hunter

estacas na Cidade do México. Depois de reunir-se com os líderes na área e examinar as informações dos presidentes de estaca, o Élder Hunter dirigiu a organização de 15 estacas a partir daquelas 5 estacas — tudo em um só final de semana.⁷⁹ Com seu típico entendimento, ele escreveu: “Duvido que já tenha havido uma organização em massa como esta na Igreja; estávamos exaustos quando fomos para casa”.⁸⁰

Claire, Companheira Dedicada

“Minha mulher tem sido uma companheira doce e amorosa”, disse o Élder Hunter quando foi chamado para o Quórum dos Doze em 1959.⁸¹ Por muitos anos, Claire sempre acompanhava o Élder Hunter em suas viagens como apóstolo. O Presidente Thomas S. Monson relembra uma ocasião em que ele observou Claire demonstrando seu amor pelas crianças de Tonga: “Ela pegava essas criancinhas no colo e sentava uma em cada joelho enquanto conversava com elas (...) e depois explicava às professoras da Primária como elas eram abençoadas e privilegiadas por terem a oportunidade de ensinar criancinhas tão preciosas. Ela sabia o valor que tem uma alma humana”.⁸²

Em uma entrevista realizada em 1974, o Élder Hunter disse a respeito de Claire: “Em todo o nosso tempo de casados, (...) ela

sempre esteve ao meu lado, com amor, consideração e incentivo. (...) [Claire] tem sido um apoio maravilhoso”.⁸³

Na época dessa entrevista, Claire já começara a manifestar problemas graves de saúde. No início, sentia fortes dores de cabeça e ocasionais perdas de memória e desorientação. Depois, sofreu vários pequenos derrames que dificultaram a fala e o uso das mãos. Quando ela começou a precisar de cuidados constantes, o Élder Hunter estava decidido a fazer tudo o que pudesse [para cuidar dela] e, ao mesmo tempo, cumprir suas responsabilidades como membro do Quórum dos Doze. Ele contratou alguém para ficar com Claire durante o dia, mas ele mesmo cuidava dela à noite. O próprio Élder Hunter enfrentou alguns problemas de saúde durante esse período, inclusive um ataque cardíaco, em 1980.

Claire sofreu uma hemorragia cerebral em 1981 e outra em 1982. A segunda deixou-a tão incapacitada que os médicos insistiram que ela fosse colocada em um centro de saúde para receber a atenção médica devida. Ela permaneceu no centro de saúde durante os últimos 18 meses de vida. Nesse período, o Presidente Hunter visitou-a pelo menos uma vez por dia, exceto durante as viagens por atribuições da Igreja. Embora Claire não o reconhecesse na maioria das visitas, ele continuou a expressar-lhe seu amor e assegurar-se de que ela estava sendo bem tratada. Um dos netos disse: “Ele sempre tinha pressa para ir vê-la, para estar ao lado dela, para cuidar dela”.⁸⁴ Recordando o carinho do pai pela mãe, Richard Hunter escreveu:

“Minha mãe recebeu o melhor cuidado possível nos anos de declínio [de sua saúde] porque papai tomou conta dela. Todos na família assistiam com grande admiração e respeito quando ele assumia o papel de cuidador. (...) Lembro-me do peso que ele sentiu quando o médico o alertou para o fato de que poderia ser a pior coisa para ela se ficasse em casa e não fosse levada para um local onde pudesse receber cuidados profissionais. Se ela permanecesse em casa, ele provavelmente morreria tentando cuidar dela, devido à própria limitação física e ela acabaria ficando sozinha, sem ninguém para cuidar dela. A devoção dele para com ela é uma das coisas que sempre será lembrada com carinho por nossa família”.⁸⁵

Claire faleceu em 9 de outubro de 1983. Após observar o carinho do Élder Hunter durante o sofrimento de Claire em mais de 10 anos

de enfermidade, o Élder James E. Faust disse: “[A] ternura que se evidenciava em sua comunicação era comovente, tocante. Nunca tinha visto um exemplo assim de devoção de um marido por sua mulher”.⁸⁶

Presidente do Quórum dos Doze

O Presidente Spencer W. Kimball faleceu em novembro de 1985, e Ezra Taft Benson o sucedeu como Presidente da Igreja. Marion G. Romney tornou-se Presidente do Quórum dos Doze por ser o membro mais antigo do quórum. Devido à saúde debilitada do Presidente Romney, o Élder Hunter, o segundo mais antigo, foi designado Presidente Interino dos Doze. Tornou-se Presidente dos Doze em junho de 1988, cerca de duas semanas depois da morte do Presidente Romney.

O Presidente Hunter serviu como Presidente Interino e Presidente do Quórum dos Doze por oito anos e meio. Nesse período, o ministério dos Doze no mundo continuou a se expandir à medida que a Igreja crescia de 5,9 milhões para 8,7 milhões, com alas e ramos em 149 nações e territórios. “É um momento empolgante na história da Igreja”, disse o Presidente Hunter em 1988. “Hoje, só caminhar não é suficiente. Precisamos correr, empenhar-nos ao máximo para acompanhar e fazer avançar a obra.”⁸⁷ Ao cumprir a responsabilidade de prestar testemunho de Jesus Cristo e edificar a Igreja no mundo, o Presidente Hunter liderou pelo exemplo. Viajou pelos Estados Unidos de ponta a ponta, além de visitar mais de 25 outros países durante seu serviço como Presidente dos Doze.

O Presidente Hunter prosseguiu com firmeza apesar dos muitos problemas de saúde. Em 1986, submeteu-se a uma cirurgia de coração aberto e, em 1987, a uma cirurgia da coluna. Embora a coluna tenha-se curado, ficou impossibilitado de andar devido a um nervo danificado e outras complicações. Em outubro daquele ano, estava em uma cadeira de rodas quando discursou na conferência geral. “Desculpem-me por permanecer sentado ao fazer meu discurso”, começou dizendo. “Não é por minha opção que lhes falo em uma cadeira de rodas. Vi que todos estão desfrutando da conferência confortavelmente sentados; então, decidi seguir o exemplo de vocês.”⁸⁸

Firmemente decidido a recuperar o uso das pernas, o Presidente Hunter deu início a um extenuante programa de fisioterapia. Na



Howard e Inis Hunter

conferência geral seguinte, em abril de 1988, caminhou lentamente até o púlpito com a ajuda de um andador. Em dezembro, usou um andador para ir à reunião semanal da Primeira Presidência e dos Doze, no templo, a primeira vez, em mais de um ano, em que não usou uma cadeira de rodas. “Quando entrei na sala do conselho, as autoridades gerais se levantaram e aplaudiram”, recorda. “Foi a primeira vez que ouvi aplausos dentro do templo. (...) A maioria dos médicos me disse que eu não poderia mais me levantar ou andar, mas eles não levaram em conta o poder da oração.”⁸⁹

Em abril de 1990, no encerramento de uma reunião do Quórum dos Doze, o Presidente Hunter perguntou: “Algum de vocês tem algo a dizer que não esteja na agenda?” Como ninguém se manifestou, ele anunciou: “Bem, então, (...) se ninguém tem mais nada a dizer, pensei em avisar vocês que vou-me casar esta tarde”. Um dos membros dos Doze disse que o anúncio foi tão surpreendente que “todos ficaram em dúvida quanto a se tinham ouvido direito”. O Presidente Hunter explicou às autoridades gerais: “Inis Stanton é uma velha conhecida da Califórnia. Eu a tenho visitado há algum tempo e decidi me casar”.⁹⁰ Inis era membro da Ala El Sereno quando o Presidente Hunter foi bispo. Seus caminhos se cruzaram novamente quando Inis mudou-se para Utah e trabalhou como recepcionista no Edifício Administrativo

da Igreja. Eles se casaram no Templo de Salt Lake em 12 de abril de 1990, e o Presidente Gordon B. Hinckley realizou a cerimônia.

Tinham-se passado sete anos desde o falecimento de Claire. Inis foi uma grande fonte de consolo e forças para o Presidente Hunter enquanto ele serviu como Presidente do Quórum dos Doze e como Presidente da Igreja. Ela o acompanhava na maioria das viagens para reunir-se com os santos no mundo todo.

Em 7 de fevereiro de 1993, o Presidente Hunter foi à Universidade Brigham Young para discursar em um serão ao qual compareceram 17 mil pessoas. Ele mal começara a discursar, quando um homem galgou rapidamente o local do púlpito, levando uma valise em uma das mãos e um objeto negro na outra. “Pare agora mesmo!” gritou o homem. Ele ameaçou detonar o que dizia ser uma bomba, a menos que o Presidente Hunter lesse a declaração que trouxera. O Presidente Hunter se recusou a fazê-lo e permaneceu resolutamente ao púlpito durante todo o tempo em que o homem o ameaçava. À medida que a comoção se espalhava pelo edifício, a audiência começou a cantar “Graças Damos, Ó Deus, por um Profeta”. Depois de alguns minutos de suspense, dois seguranças imobilizaram o homem e o Presidente Hunter foi retirado do púlpito para sua proteção. Quando a ordem foi restabelecida, ele continuou o discurso depois de um breve descanso. “A vida nos apresenta inúmeros desafios”, recomeçou, logo acrescentando: “como acabamos de ver aqui”.⁹¹

Nos 20 anos anteriores, o Presidente Hunter vivenciou inúmeras provações, inclusive o declínio da saúde de Claire e seu falecimento e múltiplas hospitalizações devido aos próprios problemas de saúde, além das dores lancinantes e da limitação física. Seus ensinamentos durante esses anos sempre se centralizavam na adversidade e em prestar testemunho do Salvador Jesus Cristo como a fonte da paz e da ajuda nos momentos difíceis. Em um dos discursos, ele ensinou:

“Os profetas e os apóstolos da Igreja enfrentaram (...) dificuldades pessoais. Reconheço ter enfrentado algumas, e vocês sem dúvida enfrentarão outras hoje e no futuro. Quando essas experiências nos humilham, e nos refinam, e nos ensinam, e nos abençoam, elas podem ser instrumentos eficazes nas mãos de Deus para tornar-nos pessoas melhores, tornar-nos mais gratos, mais cheios de amor e mais atenciosos com as outras pessoas em seus momentos de dificuldade”.⁹²



O Presidente Hunter com seus conselheiros na Primeira Presidência: O Presidente Gordon B. Hinckley (à esquerda) e o Presidente Thomas S. Monson (à direita)

Tais ensinamentos foram como um abraço amoroso a todos os que estavam sofrendo. As palavras inspiradas do Presidente Howard W. Hunter incentivaram muitos irmãos a se voltarem para o Salvador, assim como ocorreu com ele.

Presidente da Igreja

“O Presidente Hunter é um dos homens mais amorosos e cristãos que já conhecemos. Sua profundidade espiritual é tão grande que se tornou imensurável. Por ter vivido sob a influência orientadora do Senhor Jesus Cristo, como Sua testemunha especial por tantos anos, a espiritualidade do Presidente Hunter aguçou-se de maneira notável. É o manancial de todo o seu ser” (James E. Faust).⁹³

Em 30 de maio de 1994, depois de uma extensa enfermidade, o Presidente Ezra Taft Benson faleceu. Seis dias depois, o Quórum dos

Doze Apóstolos reuniu-se no Templo de Salt Lake para reorganizar a Primeira Presidência. Por ser o apóstolo mais antigo, Howard W. Hunter foi designado Presidente da Igreja. Ele chamou Gordon B. Hinckley e Thomas S. Monson, que serviam como conselheiros do Presidente Benson, para serem seus conselheiros.

Durante uma entrevista coletiva no dia seguinte, o Presidente Hunter fez seu primeiro pronunciamento como Presidente da Igreja. “Nosso coração se enterneceu muito com a morte de nosso amigo e irmão Ezra Taft Benson”, declarou. “Senti sua perda de maneira especialmente pessoal, tendo em vista a nova responsabilidade que me coube desde seu falecimento. Chorei muito e procurei o Pai Celestial em sincera oração, desejando estar à altura deste grande e santo chamado.

Nestes últimos meses, dias e horas, tenho sido fortalecido pelo meu firme testemunho de que esta obra é de Deus, e não dos homens; que Jesus Cristo é o Cabeça vivo e autorizado desta Igreja; que Ele a dirige tanto por palavras como por ações. Ofereço minha vida, minhas forças e toda a minha alma para servi-Lo.”⁹⁴

Depois de expressar seu amor, o Presidente Hunter fez dois convites aos membros da Igreja. O primeiro, para que seguissem mais diligentemente o exemplo de Jesus Cristo; e o segundo, para que participassem mais plenamente das bênçãos do templo (ver páginas 1–3). Ele também convidou aqueles que estavam magoados, que lutavam com algum problema ou que estavam temerosos que “voltassem e [os] deixassem ficar a seu lado e consolá-los”.⁹⁵

A despeito da saúde fragilizada, o Presidente Hunter estava determinado a fazer tudo o que pudesse para reunir-se com os santos e fortalecê-los. Duas semanas depois de tornar-se Presidente, proferiu seu primeiro grande discurso ao dirigir-se aos novos presidentes de missão e, depois, a mais de 2.200 missionários. Mais tarde, naquele mesmo mês, visitou Carthage e Nauvoo, Illinois, para celebrar o sesquicentenário do martírio de Joseph e Hyrum Smith. “Aonde quer que fôssemos, formava-se uma multidão em torno dele”, disse o Presidente Gordon B. Hinckley. “Eram milhares de apertos de mão, com um sorriso especial às crianças que o rodeavam para olhá-lo nos olhos e segurar sua mão.”⁹⁶

Em 1º de outubro de 1994, na sessão da manhã de sábado da conferência geral, os membros da Igreja apoiaram formalmente Howard W. Hunter como Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e como profeta, vidente e revelador. Em seu discurso de abertura, o Presidente Hunter repetiu os convites aos membros da Igreja, de seguirem o exemplo do Salvador e de “fazerem do templo do Senhor o grande símbolo de sua condição de membro”.⁹⁷ Ele enfatizou novamente a importância dos templos na semana seguinte, ao viajar para a Flórida para dedicar o Templo de Orlando Flórida. “O plano do evangelho, revelado pelo Senhor, não se completa sem um templo”, ensinou, “pois é em seu interior que são administradas as ordenanças necessárias para Seu plano de vida e de salvação”.⁹⁸

Em novembro, o Presidente Hunter foi o orador em uma transmissão via satélite em comemoração ao 100º aniversário da Sociedade Genealógica, evento que teve um significado muito especial para ele, já que presidiu a organização de 1964 a 1972. “Olho para trás para admirar a tapeçaria formada pelo Senhor no desenvolvimento do trabalho do templo e de história da família”, disse ele. Depois declarou: “Tenho uma mensagem extremamente importante [a transmitir]: Precisamos acelerar esse trabalho”.⁹⁹

O Presidente Hunter continuou a trabalhar vigorosamente até o final do ano. No Devocional de Natal da Primeira Presidência, ele prestou testemunho do Salvador e enfatizou novamente a importância de seguirmos Seu exemplo:

“O Salvador dedicou Sua vida para abençoar outras pessoas. (...) Jamais [Ele] dava esperando retribuição. Ao doar, fazia-o liberal e amorosamente e Suas dádivas eram de valor inestimável. Deu visão ao cego, ouvido ao surdo, pernas sãs ao coxo, pureza ao impuro, saúde ao enfermo e fôlego ao morto. Suas dádivas eram oportunidade ao desalentado, liberdade ao oprimido, perdão ao penitente, esperança ao desesperado e luz nas trevas. Ele nos deu Seu amor, Seu serviço, Sua vida. E o mais importante, Ele nos deu — a todos os mortais — ressurreição, salvação e vida eterna.

Devemos procurar, com empenho, dar como Ele dava. Dar a si próprio é uma dádiva sagrada. Damos [a nós mesmos] como lembrança de tudo o que o Salvador deu”.¹⁰⁰

Como parte de seu discurso, ele também adaptou uma mensagem anteriormente publicada em uma revista do mesmo ano em que foi chamado como apóstolo:

“Neste Natal, amenizem uma briga. Procurem um amigo esquecido. Ponham de lado a suspeita, substituindo-a pela confiança. Escrevam uma carta. Deem uma resposta branda. Incentivem os jovens. Manifestem sua lealdade em palavras e atos. Cumpram uma promessa. Abandonem um rancor. Perdoem um inimigo. Desculpem-se. Tentem entender. Avaliem suas exigências em relação aos outros. Pensem antes na outra pessoa. Sejam bondosos. Sejam gentis. Riam um pouco mais. Expressem sua gratidão. Deem boas-vindas a um estranho. Alegrem o coração de uma criança. Sintam satisfação pela beleza e pelas maravilhas da Terra. Expressem seu amor e, depois, tornem a expressá-lo”.¹⁰¹

Na semana seguinte, o Presidente Hunter viajou à Cidade do México para organizar a estaca de número 2.000 da Igreja. Dezenove anos antes, na Cidade do México, ele havia dirigido a organização de 15 estacas a partir de 5, em um só final de semana. O Presidente Gordon B. Hinckley descreveu a criação da estaca de número 2.000 como “um marco significativo na história da Igreja”.¹⁰²

Certa noite, em um desses meses, o filho do Presidente Hunter, Richard, estava no Edifício Memorial Joseph Smith e viu que uma das recepcionistas usava cadeira de rodas. “Percebi que aquilo era novidade para ela”, disse. “Fui conversar com ela e disse-lhe que meu pai usava uma cadeira de rodas como a dela. Ela me disse que o profeta de sua Igreja também usava uma cadeira de rodas como a dela. Disse que, se ele conseguia, ela provavelmente também conseguiria. Isso lhe deu esperança. Acho que o papai era amado por muitas pessoas. Talvez uma das razões seja que eles conseguiam vê-lo sofrer assim como eles sofriam, e o fato de ele ter sobrepujado seu fardo de sofrimento deu-lhes esperança.”¹⁰³

Para começar o ano de 1995, o Presidente Hunter dedicou o Templo de Bountiful Utah. Ele presidiu mais de seis sessões dedicatórias antes de ficar tão extenuado que teve de ser levado para o hospital. Depois de ter alta, alguns dias depois, a Igreja fez um comunicado ao público dizendo que ele tinha câncer de próstata e que a doença se espalhara para os ossos. O Presidente Hunter não

fez nenhuma outra aparição pública nas últimas seis semanas de vida embora tenha continuado a reunir-se com seus conselheiros e dirigido os assuntos da Igreja em sua residência. “Sou grato por ele ter tido a oportunidade de dedicar [aquele templo]”, disse o Presidente Gordon B. Hinckley, “especialmente em vista do apelo que ele fez anteriormente aos membros da Igreja para que [fizessem] do templo do Senhor o grande símbolo de sua condição de membro”.¹⁰⁴

O Presidente Howard W. Hunter faleceu em 3 de março de 1995, aos 87 anos de idade. Suas últimas palavras, pronunciadas com uma voz “muito calma e doce” aos que estavam ao redor do seu leito, foram, simplesmente: “Thank you” [Obrigado].¹⁰⁵ Embora tenha sido Presidente da Igreja por apenas nove meses, sua influência foi enorme. “Os membros da Igreja no mundo inteiro sentiam-se ligados a ele, de um modo muito especial, como seu profeta, vidente e revelador”, disse o Élder James E. Faust. “Viam nele a personificação dos atributos do próprio Salvador. Responderam de maneira admirável às mensagens proféticas que ele lhes deixou, de tornar sua vida mais cristã e de fazer do templo o centro de sua adoração.”¹⁰⁶

Durante o funeral do Presidente Hunter, o Presidente Gordon B. Hinckley disse em sua homenagem:

“Uma árvore majestosa caiu, deixando o vazio em seu lugar. Uma força grandiosa e mansa partiu de nosso meio.

Muito já se disse sobre seu sofrimento. Creio que durou mais e foi mais agudo e profundo do que qualquer de nós imagina. Ele desenvolveu grande tolerância à dor e não se queixava. É um milagre que tenha vivido tanto. Seu sofrimento consola e diminui a dor de muitos outros que sofrem. Eles sabem que o Presidente Hunter entendia o peso de seus fardos. A esses ele influenciou com um tipo particular de amor.

Muito já se disse sobre sua bondade, sua solidariedade, sua cortesia para com os outros. Tudo é verdade. Ele se entregou completamente ao padrão do Senhor, a quem amava. Era um homem manso e compassivo. Mas sua voz também se erguia para manifestar opiniões fortes e sábias. (...)

O irmão Hunter era bondoso e gentil. Mas também era vigoroso e persuasivo em suas afirmações. (...) Ele era advogado. Sabia como apresentar um assunto. Expunha as diversas premissas de modo

muito organizado. Ele partia dessas premissas para as conclusões. Quando ele falava, todos nós ouvíamos. Suas sugestões quase sempre eram implementadas. Mas quando porventura não eram aceitas, era flexível e cessava suas argumentações. (...)

Por 36 anos vestindo o manto do santo apóstolado, sua voz vigorosa de líder proclamou os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo e levou adiante a obra da Igreja. Ele viajou por toda a Terra como um ministro verdadeiro e capaz a serviço do Mestre. (...)

Howard W. Hunter, profeta, vidente e revelador, tinha um testemunho seguro e certo da viva realidade de Deus, nosso Pai Eterno. Expressou com grande convicção seu testemunho da divindade do Senhor Jesus Cristo, o Redentor da humanidade. Com amor, falava do Profeta Joseph Smith e de todos os que o sucederam na linha de sucessão, até o tempo do próprio Presidente Hunter. (...)

Que Deus abençoe sua memória para o nosso grande benefício”.¹⁰⁷

Notas

1. Jay M. Todd, “President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church” [Presidente Howard W. Hunter, Décimo Quarto Presidente da Igreja], *Ensign*, julho de 1994, p. 4.
2. Howard W. Hunter, “Fear Not, Little Flock” [Não Temais, Pequeno Rebanho], discurso proferido na Universidade Brigham Young, 14 de março de 1989, p. 2; speeches.byu.edu.
3. Todd, “President Howard W. Hunter”, p. 5.
4. J M. Heslop, “He Found Pleasure in Work” [Ele Sentia Prazer em Trabalhar], *Church News*, 16 de novembro de 1974, p. 4.
5. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, pp. 4, 12.
6. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, p. 4.
7. Kellene Ricks, “De um Amigo para Outro: De uma entrevista com Howard W. Hunter, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos”, *O Amigo*, abril de 1990, p. 12.
8. Gerry Avant, “Elder Hunter—Packed Away Musician’s Career for Marriage” [Élder Hunter — Deixa a Carreira Musical para Casar-se], *Church News*, 19 de maio de 1985, p. 4.
9. Ricks, “Friend to Friend”, p. 6.
10. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, p. 4.
11. Ricks, “Friend to Friend”, p. 6.
12. Avant, “Elder Hunter”, p. 4.
13. Ver “Eagle Scout Qualifies” [O Eagle Scout Qualifica], *Idaho Statesman*, 12 de maio de 1923; citado em Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 41.
14. Don L. Searle, “Presidente Howard W. Hunter: Presidente em Exercício do Quórum dos Doze Apóstolos”, *A Liahona*, abril de 1987, p. 19.
15. James E. Faust, “O Caminho da Águia”, *A Liahona*, setembro de 1994, p. 2.
16. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 22.
17. James E. Faust, “O Caminho da Águia”, p. 2.
18. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 22.
19. Relato histórico da Estaca Boise de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1924, p. 6, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
20. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 41.
21. O Tabernáculo de Boise foi demolido em 1992 pelo Distrito Escolar de Boise, que o havia comprado da Igreja havia vários anos, ver “Preservationists Protest Demolition Work on Tabernacle in Boise” [Conservadoristas Protestam

- contra o Trabalho de Demolição do Tabernáculo em Boise], *Deseret News*, 9 de setembro de 1992, p. B3.
22. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 55.
23. Heslop, “He Found Pleasure in Work” [Ele Tinha Prazer em Trabalhar], p. 4; ver também Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 57.
24. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 64.
25. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 65.
26. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 71.
27. Gerry Avant, “She Made Home a Happy Place” [Ela Fez do Lar um Lugar Feliz], *Church News*, 16 de novembro de 1974, p. 5.
28. Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 79–80.
29. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 81.
30. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter. Este livro inclui algumas citações do filho do Presidente Hunter, Richard, porque ele estava disponível para contribuir com informações e ideias enquanto o livro estava sendo preparado. O outro filho do Presidente Hunter, John, havia falecido em 2007.
31. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 87.
32. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 88.
33. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, p. 4.
34. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 91.
35. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 90.
36. Ver Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 94.
37. Heslop, “He Found Pleasure in Work”, p. 4.
38. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 97.
39. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 98.
40. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 98.
41. Ver Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 100–101.
42. Charles C. Pulsipher, “My Most Influential Teacher” [O Professor Que Mais Me Influenciou], *Church News*, 10 de janeiro de 1981, p. 2.
43. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter.
44. Doyle L. Green, “Howard William Hunter: Apostle from California” [Howard William Hunter: Apóstolo da Califórnia], *Improvement Era*, janeiro de 1960, p. 37.
45. Cree-L Kofford, em Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 120.
46. John S. Welch, em Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 119.
47. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 123.
48. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 125.
49. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 131.
50. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter.
51. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 127.
52. Charles C. Pulsipher, “My Most Influential Teacher”, p. 2.
53. Howard W. Hunter, “Welfare and the Relief Society” [O Bem-Estar e a Sociedade de Socorro], *Relief Society Magazine*, abril de 1962, p. 238.
54. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 135. Em relação a seu avô, Richard A. Hunter escreveu: “Eu sempre o conheci como um membro fiel da Igreja. Sempre estava praticando uma boa ação. Podia ser chamado de ‘Sr. Mórmon’. Muitos vizinhos e membros da ala contam histórias das coisas bondosas e caridosas que ele fez. Era amado por toda a comunidade da Igreja” (manuscrito não publicado).
55. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 137.
56. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 139.
57. Betty C. McEwan, “My Most Influential Teacher” [O Professor Que Mais Me Influenciou], *Church News*, 21 de junho de 1980, p. 2.
58. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 144.
59. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 144.
60. Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 145–146.
61. Conference Report, outubro de 1959, p. 121.
62. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 151.
63. Douglas D. Palmer, “The World Conference on Records” [Registros da Conferência Mundial], *Improvement Era*, julho de 1969, p. 7.
64. Jay M. Todd, “Elder Howard W. Hunter, Church Historian” [Élder Howard W. Hunter, Historiador da Igreja], *Improvement Era*, abril de 1970, p. 27.
65. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 194.
66. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 208.
67. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 205.
68. Todd, “Elder Howard W. Hunter, Church Historian”, p. 27.
69. Todd, “Elder Howard W. Hunter, Church Historian”, p. 27.
70. “New Church Historian Called” [Novo Historiador da Igreja É Chamado], *Church News*, 14 de fevereiro de 1970, p. 3.

71. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 197.
72. James E. Faust, "Howard W. Hunter: Man of God" [Howard W. Hunter: Homem de Deus], *Ensign*, abril de 1995, p. 27.
73. Howard W. Hunter, "All Are Alike unto God" [Todos Somos Iguais Diante de Deus], *Ensign*, junho de 1979, p. 74; ver também "Paz na Terra Santa", *A Liahona*, dezembro de 1997, p. 22.
74. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 215.
75. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 218.
76. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 222; abreviações explicadas.
77. Gerry Avant, "He Wanted to Visit the Holy Land 'Just One More Time'" [Ele Queria Visitar a Terra Santa "Só Mais Uma Vez"], *Church News*, 11 de março de 1995, p. 9.
78. Francis M. Gibbons, *Howard W. Hunter: Man of Thought and Independence, Prophet of God* [Howard W. Hunter: Homem de Inteligência e Independência, Profeta de Deus], 2011, p. 119.
79. Ver "Growth in Mexican Cities Explodes into 16 Stakes" [O Crescimento nas Cidades Mexicanas Explode em 16 Estacas], *Church News*, 22 de novembro de 1975, p. 3.
80. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 202.
81. Conference Report, outubro de 1959, p. 121.
82. Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 168–169.
83. Avant, "She Made Home a Happy Place", p. 5.
84. Searle, "President Howard W. Hunter", p. 25.
85. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter.
86. James E. Faust, "President Howard W. Hunter: The Lord's 'Good and Faithful Servant'" [Presidente Howard W. Hunter: O "Servo Bom e Fiel" do Senhor], *Ensign*, abril de 1995, p. 15.
87. Dell Van Orden, "Exciting Time in Church History" [Uma Época Empolgante na História da Igreja], *Church News*, 25 de junho de 1988, p. 6.
88. Howard W. Hunter, "Portas Que Se Abrem — Portas Que Se Fecham", *A Liahona*, janeiro de 1988, p. 57.
89. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 284.
90. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 291.
91. Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 305–306.
92. Howard W. Hunter, "An Anchor to the Souls of Men" [Uma Âncora para a Alma dos Homens], *Ensign*, outubro de 1993, p. 71.
93. James E. Faust, "The Way of an Eagle", p. 13.
94. Todd, "President Howard W. Hunter", p. 4.
95. Todd, "President Howard W. Hunter", p. 5; ver também Howard W. Hunter, "Grandísimas e Preciosas Promessas", *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
96. Gordon B. Hinckley, "A Prophet Polished and Refined" [Um Profeta Educado e Refinado], *Ensign*, abril de 1995, p. 34.
97. Howard W. Hunter, "Grandísimas e Preciosas Promessas", *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
98. Gerry Avant, "Temple Is Dedicated in Sunshine State" [Um Templo É Dedicado no Estado do Raio de Sol], *Church News*, 15 de outubro de 1994, p. 3.
99. Howard W. Hunter, "We Have a Work to Do", *Ensign*, março de 1995, p. 64.
100. Howard W. Hunter, "The Gifts of Christmas" [As Dádivas do Natal], *Ensign*, dezembro de 2002, pp. 18–19; ver também "Ensinaram-se e Ministraram-se mutuamente", *A Liahona*, julho de 1986, p. 71.
101. Howard W. Hunter, "The Gifts of Christmas", pp. 18–19; adaptado de "What We Think Christmas Is" [O Que Achamos Que É o Natal], *McCall's*, dezembro de 1959, pp. 82–83.
102. Gordon B. Hinckley, "A Prophet Polished and Refined", p. 34.
103. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter.
104. Gordon B. Hinckley, "A Prophet Polished and Refined", p. 34.
105. Dell Van Orden, "14th President of the Church Dies at Age 87; He Touched Millions of Lives across the World" [Décimo Quarto Presidente da Igreja Morre aos 87 Anos; Ele Tocou Milhões de Vidas no Mundo Inteiro], *Church News*, 11 de março de 1995, p. 3.
106. James E. Faust, "Howard W. Hunter: Man of God" [Howard W. Hunter: Homem de Deus], p. 26.
107. Gordon B. Hinckley, "A Prophet Polished and Refined", pp. 33–35.



“Com que frequência pensamos no Salvador? Com que profundidade, com quanta gratidão e devoção refletimos sobre Sua existência? O quanto achamos que nossa vida é centrada Nele?”



Jesus Cristo — Nosso Único Caminho para a Esperança e a Alegria

“Se nossa vida e nossa fé estiverem centralizadas em Jesus Cristo e em Seu evangelho restaurado, nada poderá dar errado permanentemente.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Um dos temas mais preeminentes nos ensinamentos do Presidente Howard W. Hunter é que a paz, a cura e a felicidade verdadeiras só nos advêm quando nos esforçamos por conhecer e seguir Jesus Cristo. O Presidente Hunter nos ensinou: “O caminho de Cristo é não só o caminho *certo*, mas, essencialmente, o *único* caminho para a esperança e a alegria”.¹

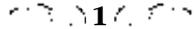
O Presidente Hunter também testificou corajosamente sobre a divina missão do Salvador. “Como apóstolo ordenado e testemunha especial de Cristo, presto-lhes solene testemunho de que Jesus Cristo é, de fato, o Filho de Deus”, declarou. “Ele é o Messias de quem testificaram os profetas do Velho Testamento. Ele é a Esperança de Israel, por cuja vinda os filhos de Abraão, Isaque e Jacó oraram durante os longos séculos de adoração prescrita. (...)”

É pelo poder do Espírito Santo que presto meu testemunho. Sei da realidade de Cristo como se O tivesse visto com meus próprios olhos e escutado Sua voz com meus próprios ouvidos. Sei também que o Espírito Santo confirmará a veracidade do meu testemunho no coração de todos aqueles que o ouvirem com fé.”²

Por se sentir atraído aos lugares onde Jesus ministrou, o Presidente Hunter viajou à Terra Santa mais de 20 vezes. O Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze, dizia que “Jerusalém era como um ímã para ele. (...) Seu desejo de estar onde o Salvador andou e ensinou

parecia insaciável. Ele adorava ver todos os lugares e ouvir todos os sons. Gostava especialmente da Galileia. Mas, acima de tudo, amava um lugar em especial. Dizia *sempre*: ‘Vamos até o Jardim do Sepulcro mais uma vez, em nome dos bons tempos’. Ele se sentava ali e meditava, como se atravessasse o véu que o separava do Salvador”.³

Ensinamentos de Howard W. Hunter



Precisamos conhecer Cristo melhor do que já O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais frequência.

Os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias cantam com reverência:

*Só por em Ti, Jesus, pensar,
Sinto-me encher de amor;
Oh, quanto anseio contemplar
Teu rosto, bom Senhor! (...)*

Com que frequência pensamos no Salvador? Com que profundidade, com quanta gratidão e devoção refletimos sobre Sua existência? O quanto achamos que nossa vida é centrada Nele?

Quanto de um dia normal, de uma semana de trabalho ou de um rápido mês devotamos a pensar só em Jesus? Talvez, para alguns de nós, não o bastante.

Certamente, a vida seria mais pacífica, casamentos e famílias seriam mais estáveis, comunidades e nações seriam mais seguras, bondosas e construtivas se mais do evangelho de Jesus Cristo pudesse “[encher-nos] de amor”.

A menos que prestemos mais atenção aos sentimentos de nosso coração, pergunto a mim mesmo que esperança temos de fazer jus àquela alegria maior, àquele prêmio mais doce, de “contemplar [o] rosto [do] bom Senhor”.

Em cada dia de nossa vida e em cada estação do ano (...), Jesus nos pergunta, como o fez após Sua triunfal entrada em Jerusalém, há muitos anos: “Que pensais vós do Cristo? De quem é Filho?” (Mateus 22:42.)



“Que sejamos seguidores de Cristo mais devotados e disciplinados. Que O entesouremos em nosso pensamento e pronunciemos Seu nome com amor.”

Declaramos que Ele é o Filho de Deus, e essa realidade deveria comover nossa alma mais frequentemente.⁴

Precisamos conhecer Cristo melhor do que já O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais frequência; precisamos servir a Ele com mais determinação. Só então beberemos da água que leva à vida eterna e comeremos do pão da vida.⁵



Jesus é a única fonte verdadeira de esperança e de alegria duradoura.

*Ó esperança do porvir,
Promessa imortal;
Ao pecador hás de ouvir
E perdoar seu mal!*

Que bela estrofe musical, e que mensagem de esperança fundamentada no evangelho de Cristo! Algum de nós, em qualquer situação, não precisa de esperança e não busca uma alegria maior? Essas são as necessidades e os anseios universais da alma humana, e são as promessas de Cristo a Seus seguidores. A esperança é oferecida a todos os “corações contritos”, e a alegria, a todos os “humildes”.

A contrição é cara — custa-nos o orgulho e a insensibilidade; mas, especialmente, custa-nos nossos pecados. Pois, como o pai do rei Lamôni sabia, há 20 séculos, esse é o preço da verdadeira esperança. “Ó Deus”, clamou ele, “se tu és Deus, faze-mo saber; e abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te, para que eu possa ser levantado dentre os mortos e salvo no último dia” (Alma 22:18). Quando também estivermos dispostos a abandonar todos os pecados para conhecê-Lo e segui-Lo, também sentiremos a alegria da vida eterna.

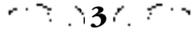
E os humildes? Em um mundo de pessoas demasiadamente preocupadas em vencer por meio da intimidação e que procuram ser o número um, não são muitos os que entram na fila para comprar livros que exortem à humildade. Os humildes, porém, herdarão a Terra, uma conquista coletiva muito impressionante — e feita *sem* intimidação! Mais cedo ou mais tarde, e oramos para que seja mais cedo do que *mais tarde*, todos reconhecerão que o caminho de Cristo é não só o caminho *certo*, mas, essencialmente, o *único* caminho para a esperança e a alegria. Todo joelho dobrará e toda a língua confessará que a mansidão é melhor que a brutalidade, que a gentileza é maior que a coação, que a voz suave afasta a ira. No final, e antes disso sempre que possível, devemos ser mais como Ele. (...)

*Seja meu prêmio junto a Ti,
Jesus, meu benfeitor;
Eternamente escolhi
Contigo estar, Senhor!*

Essa é minha oração pessoal e meu desejo para o mundo inteiro. (...) Testifiquemos que Jesus é a única fonte verdadeira de alegria duradoura, que a única paz permanente está Nele. Desejo que Ele seja “nossa glória agora”, a glória que aguardamos individualmente e o único prêmio que homens e nações podem permanentemente amar. Ele é nosso prêmio no tempo e na eternidade. Qualquer outro prêmio será, no final, improdutivo. Qualquer outra grandeza definhará com o tempo e se dissolverá com os elementos. No final (...), não teremos regozijo verdadeiro a não ser em Cristo.

(...) Que sejamos seguidores de Cristo mais devotados e disciplinados. Que O entesouremos em nosso pensamento e pronunciemos Seu nome com amor. Ajoelhemo-nos diante Dele com humildade

e compaixão. Abençoemos e sirvamos a outros para que possam fazer o mesmo.⁶



A maior necessidade de todo o mundo é uma fé sincera e ativa no Salvador e em Seus ensinamentos.

Há pessoas que dizem ser antiquado acreditar na Bíblia. Será antiquado acreditar em Deus, em Jesus Cristo, o Filho do Deus Vivo? Será antiquado acreditar em Seu Sacrifício Expiatório e na ressurreição? Se for, declaro que sou antiquado e que a Igreja é antiquada. Com grande simplicidade, o Mestre ensinou os princípios da vida eterna e lições que trazem felicidade a todos os que têm fé para crer. Não parece razoável achar necessário modernizar esses ensinamentos do Mestre. Sua mensagem compreendia princípios que são eternos.⁷

Nesta época, como em todas as eras anteriores, e em todas as épocas futuras, a maior necessidade do mundo é uma fé sincera e ativa nos ensinamentos básicos de Jesus de Nazaré, o Filho vivo do Deus vivo. Porque muitos rejeitam esses ensinamentos, a razão é ainda maior para que os que sinceramente creem no evangelho de Jesus Cristo proclamem a verdade e mostrem, pelo exemplo, o poder e a paz de uma vida reta e sem turbulências. (...)

Como devemos agir quando somos ofendidos, mal compreendidos, tratados injusta ou indelicadamente, ou quando [outros] pecam contra nós? O que devemos fazer se somos magoados ou feridos por aqueles a quem amamos, ou preteridos em uma promoção, ou falsamente acusados, ou temos nossos motivos injustamente atacados?

Revidamos? Enviamos um batalhão ainda maior? Voltamo-nos para a lei do olho por olho, dente por dente, ou (...) compreendemos que isso, no final, nos deixará a todos cegos e sem dentes? (...)

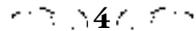
Na majestade de Sua vida e no exemplo de Seus ensinamentos, Cristo deu-nos muitos conselhos, sempre acompanhados de promessas seguras. Ensinou com tal grandeza e autoridade que enchia de esperança os instruídos e os ignorantes, os ricos e os pobres, os sãos e os doentes.⁸

Esforce-se para ter um testemunho pessoal de Jesus Cristo e da Expição. Estudar a vida de Cristo e ter um testemunho de Sua



O Salvador pode acalmar as tempestades de nossa vida.

realidade é algo que todos nós devemos buscar. À medida que entendermos Sua missão e a Expição que Ele realizou, o nosso desejo de viver como Ele aumentará.⁹



Ao exercitarmos nossa fé no Salvador, Ele acalmará as águas revoltas de nossa vida.

Todos nós já enfrentamos temporais repentinos na vida. Alguns deles (...) podem ser violentos, assustadores e potencialmente destrutivos. Como pessoas, como família, como comunidade, como nação, até mesmo como Igreja, temos visto surgir borrascas súbitas que nos fizeram indagar: “Mestre, não se te dá que pereçamos?” (Marcos 4:38.) E, seja como for, sempre ouvimos, na bonança após a tempestade: “Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?” (Marcos 4:40.)

Nenhum de nós gosta de pensar que *não* tem fé, mas suponho que a mansa reprimenda do Senhor é quase sempre merecida. O grande Jeová, no qual professamos confiar e cujo nome assumimos, é aquele que falou: “Haja uma expansão no meio das águas, e haja

separação entre águas e águas” (Gênesis 1:6). É também aquele que ordenou: “Ajuntem-se as águas debaixo dos céus em um lugar; e apareça a porção seca” (Gênesis 1:9). Além disso, foi quem separou as águas do Mar Vermelho, permitindo que os israelitas passassem sem se molhar (ver Êxodo 14:21–22). Sem dúvida, não é de surpreender que Ele tivesse domínio sobre uns poucos elementos agindo sobre o Mar da Galileia. E nossa fé deve assegurar-nos de que Ele pode acalmar as águas revoltas de nossa vida. (...)

Todos sofremos adversidades na vida. Penso que devemos contar com isso. Parte dela será potencialmente violenta, danosa e destrutiva. Parte dela poderá chegar a pôr à prova a nossa fé no Deus de amor que tem poder para nos dar alívio.

Diante dessas ansiedades, penso que o Pai Celeste nos diria: “Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?” E obviamente tem de ser uma fé para a jornada inteira, a experiência completa, a plenitude de nossa vida, não simplesmente aqui e ali e nos momentos tempestuosos. (...)

Jesus disse: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33).¹⁰



Ao centrarmos nossa vida no Salvador, não teremos de sofrer e nossas aflições se transformarão em alegria.

Conheço sua vida agitada o suficiente para saber que, às vezes, vocês ficam frustrados. Talvez até se preocupem um pouco, de tempos em tempos. Sei de tudo isso. (...)

Minha mensagem a vocês hoje é “não temais, pequeno rebanho”, cujo propósito é incentivá-los a alegrar-se com as grandes bênçãos da vida. Ela deverá convidá-los a sentir como é emocionante viver pelo evangelho e sentir o amor do Pai Celestial. A vida é maravilhosa, mesmo durante as provações, e existe felicidade, alegria e paz em pontos esparsos ao longo dessa jornada, além de infinitas porções dessas dádivas no final.

É claro que há muitas coisas com que nos devemos preocupar — algumas delas muito sérias; mas é por isso que falamos no evangelho em termos de fé, esperança e caridade. Por sermos santos dos últimos dias, temos “vida em abundância” e tentamos enfatizar

nossas bênçãos e oportunidades enquanto minimizamos nossas decepções e aflições. “Buscai diligentemente, orai sempre e sede crentes”, dizem as escrituras, “e todas as coisas contribuirão para o vosso bem” (D&C 90:24). Quero lembrá-los dessa promessa. (...)

Lembrem-se também disto: Se nossa vida e nossa fé estiverem centralizadas em Jesus Cristo e em Seu evangelho restaurado, nada poderá dar errado permanentemente. Por outro lado, se nossa vida não estiver centralizada no Salvador e em Seus ensinamentos, nenhum outro sucesso poderá ser garantido permanentemente. (...)

Todos nós temos problemas de saúde de vez em quando, ao passo que outros os têm constantemente. Doenças e enfermidades fazem parte do fardo da mortalidade. Tenham fé e sejam positivos. O poder do sacerdócio é real, e há muitas coisas boas na vida, mesmo que tenhamos problemas físicos. É uma alegria saber que não haverá defeitos ou doenças na ressurreição.

Algumas preocupações podem surgir sob a forma de tentações. Outras, como decisões difíceis quanto à educação, à profissão, às finanças ou ao casamento. Seja qual for o seu fardo, você encontrará as forças necessárias em Cristo. Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, literalmente o princípio e o fim. Ele está conosco desde o princípio até o fim e, dessa forma, é muito mais que um espectador em nossa vida. (...)

Se o cativo contra o qual você luta é o próprio pecado, a mensagem também vale. Cristo conhece muito bem o peso de seus pecados, pois Ele os carregou antes. Se o seu fardo não é o pecado nem a tentação, mas a doença, a pobreza ou a rejeição, não importa. Ele sabe. (...)

Seu sofrimento foi muito maior que nossos pecados. Aquele a quem Isaías chamou de “homem de dores” (Isaías 53:3; Mosias 14:3) conhece perfeitamente cada prova que enfrentamos porque Ele deliberadamente tomou sobre Si o peso total de todos os nossos problemas e todas as nossas dores. (...)

Irmãos e irmãs, vocês têm e terão preocupações e desafios de todos os tipos, mas abracem a vida com alegria e cheios de fé. Estudem as escrituras regularmente. Orem com fervor. Obedeçam à voz do Espírito e dos profetas. Façam tudo o que puderem para

ajudar o próximo. Sentirão grande alegria se fizerem isso. E, em um dia glorioso, todas as suas aflições se transformarão em alegria.

Assim como Joseph Smith escreveu aos santos, durante sua permanência na Cadeia de Liberty:

“Façamos alegremente todas as coisas que estiverem a nosso alcance; e depois aguardemos, com extrema segurança, para ver a salvação de Deus e a revelação de seu braço” (D&C 123:17; grifo do autor).

[Nas palavras do Senhor ao Profeta Joseph Smith:]

“Não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a Terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre minha rocha, eles não poderão prevalecer. (...)

Buscai-me em cada pensamento; não duvideis, não temais.

Vede as feridas que me perfuraram o lado e também as marcas dos cravos em minhas mãos e pés; sede fiéis, guardai meus mandamentos e herdareis o reino do céu” (D&C 6:34–37).¹¹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Pense em como você responderia à pergunta do Presidente Hunter na seção 1. O que podemos fazer para que Jesus Cristo esteja mais no centro de nossa vida? O que podemos fazer para que Ele esteja mais no centro de nosso lar? De que maneira podemos conhecer Cristo melhor do que já O conhecemos?
- O que “nos custa” receber a esperança, a alegria e a paz que Cristo oferece? (Ver seção 2.) Em que circunstâncias vocês já sentiram a esperança, a paz e a alegria advindas do Salvador?
- Por que você acha que “a maior necessidade do mundo é uma fé sincera e ativa nos ensinamentos básicos de Jesus de Nazaré”? (Ver seção 3.) Como podemos demonstrar fé nos ensinamentos de Cristo quando nos sentimos “ofendidos, mal compreendidos, tratados injusta ou indelicadamente, ou quando outros pecam contra nós”?

- O que podemos aprender com os ensinamentos do Presidente Hunter sobre o medo e a fé? (Ver seção 4.) De que maneira a fé pode ajudar-nos a vencer o medo? Pense nas ocasiões em que o Salvador acalmou as tormentas de sua vida por você ter exercido fé Nele.
- De que maneira o conselho do Presidente Hunter na seção 5 ajuda-nos a “abraçar a vida com alegria” mesmo na dor, na decepção e na doença? Como podemos desenvolver uma perspectiva eterna? De que maneira o Salvador já ajudou você a ter uma vida mais abundante?

Escrituras Relacionadas

Mateus 11:28–30; João 14:6; 2 Néfi 31:19–21; Alma 5:14–16; 7:10–14; 23:6; Helamã 3:35; 5:9–12; D&C 50:40–46; 93:1

Auxílio de Estudo

“Ao estudar, preste muita atenção às ideias que lhe vierem à mente e aos sentimentos que tiver no coração” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 19). Você pode registrar as ideias que tiver mesmo que pareçam não ter relação com as palavras que estiver lendo. Elas podem ser efetivamente o que o Senhor quer lhe revelar.

Notas

1. “Só por em Ti, Jesus, Pensar”, *A Liahona*, julho de 1993, p. 65.
2. “O Testemunho de um Apóstolo”, *A Liahona*, agosto de 1984, p. 22.
3. James E. Faust, “Howard W. Hunter: Man of God” [Howard W. Hunter: Homem de Deus], *Ensign*, abril de 1995, p. 27.
4. “Só por em Ti, Jesus, Pensar”, p. 65.
5. “Que Classe de Homens Deveréis Ser?”, *A Liahona*, julho de 1994, p. 71; ver também “Ele Nos Convida a Segui-Lo”, *A Liahona*, outubro de 1994, p. 3.
6. “Só por em Ti, Jesus, Pensar”, p. 65.
7. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 318.
8. “O Farol do Ancoradouro da Paz”, *A Liahona*, janeiro de 1993, p. 19.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 30.
10. “Mestre, o Mar Se Revolta”, *A Liahona*, janeiro de 1985, p. 33.
11. “Fear Not, Little Flock” [Não Temais, Pequeno Rebanho], discurso proferido na Universidade Brigham Young, 14 de março de 1989, pp. 1–2, 4–5; speeches.byu.edu.



“A Minha Paz Vos Dou”

“A paz só nos advirá depois de uma rendição incondicional — rendição Àquele Príncipe da Paz, que tem poder para conferir a paz.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Um dos companheiros do Presidente Howard W. Hunter no Quórum dos Doze descreveu-o como um homem de “extraordinária paciência que resulta de uma grande paz interior”.¹ O Presidente Hunter falava frequentemente sobre paz interior, ensinando que só poderemos recebê-la se nos voltarmos para Deus, confiando e exercendo fé Nele e esforçando-nos por fazer a Sua vontade. Esse tipo de paz ajudou a sustê-lo durante muitas provações.

No final de 1975, um médico recomendou uma cirurgia do cérebro para Claire, esposa do Presidente Hunter. O Presidente Hunter se debateu na incerteza quanto a se a cirurgia seria o melhor para Claire, pois isso mutilaria seu corpo frágil e poderia não melhorar sua condição. Ele foi ao templo, aconselhou-se com os familiares e logo sentiu que a cirurgia representava a melhor esperança de algum alívio a Claire. Ao descrever seus sentimentos no dia da cirurgia, ele escreveu:

“Eu a acompanhei até as portas da sala de cirurgia, beijei-a e ela foi levada para dentro. Conforme o tempo passava, eu esperava e ponderava. (...) De repente, a tensa ansiedade se transformou em um sentimento de paz. Eu soube que a decisão tomada estava certa e que minhas orações tinham sido atendidas”.²

Em 1989, o Presidente Hunter passou por outra circunstância em que sentiu paz em meio à tribulação. Ele estava em Jerusalém para dedicar o Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young. Vários grupos protestaram pela presença da Igreja em Jerusalém, e houve até ameaças violentas. Um dos oradores na



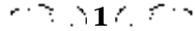
Devemos “manter os olhos fitos no Senhor” e nunca “desviar os olhos do Mestre, em quem devemos crer”.

cerimônia de dedicação foi o Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze, que mais tarde relatou o incidente:

“Enquanto eu fazia meu discurso, houve certa agitação nos fundos do auditório. Homens uniformizados entraram no recinto. Eles enviaram um bilhete ao Presidente Hunter. Voltei-me para ele e pedi-lhe instruções. Ele disse: ‘Há uma ameaça de bomba. Você está com medo?’ Eu disse: ‘Não’. Ele replicou: ‘Nem eu; termine o discurso’”.³ A cerimônia de dedicação continuou sem incidentes. Não havia bomba nenhuma.

Em uma situação como essa, o Presidente Hunter confiou na promessa de paz feita pelo Salvador quando disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

Ensinamentos de Howard W. Hunter



O Salvador é a fonte da verdadeira paz

Ao prever o nascimento de Cristo mais de 700 anos antes de acontecer, o Profeta Isaías usou títulos para expressar grande admiração. (...) Um desses títulos é particularmente interessante para o mundo atual: “Príncipe da Paz” (Isaías 9:6). “Do aumento deste principado e da paz não haverá fim”, declarou Isaías (versículo 7). Que esperança emocionante para um mundo desgastado pelas guerras e oprimido pelos pecados!⁴

A paz há tanto ansiada pelo mundo é um tempo de hostilidades suspensas, mas os homens não imaginam que a paz é um estado de existência que só advém ao homem segundo os termos e as condições estabelecidos por Deus, e de nenhuma outra maneira.

Lemos, no Livro de Isaías, as seguintes palavras em um salmo: “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti” (Isaías 26:3). Essa paz perfeita mencionada por Isaías só pode advir a alguém mediante a crença em Deus. Isso está além do entendimento de um mundo descrente.

Na última vez em que Jesus partilhou da ceia com os Doze, Ele lavou-lhes os pés, partiu o pão para eles e passou-lhes a taça; e

então, depois de Judas ter-se ausentado, o Mestre falou-lhes um pouco mais. Entre outras coisas, falou-lhes de Sua morte iminente e do legado que deixaria a cada um. Ele não havia acumulado bens, propriedades ou riquezas. O registro não menciona nenhuma possessão a não ser a roupa que usava; e, no dia seguinte, após a crucificação, ela seria dividida entre os soldados, que lançariam sortes por Seu manto. Seu legado foi entregue a Seus discípulos com estas palavras simples, mas profundas: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

Ele usou a forma judaica de saudação e bênção: “A minha paz vos dou”. Essa saudação e esse legado não eram para ser entendidos por eles no sentido costumeiro, pois Ele disse: “Não vo-la dou como o mundo a dá”. Não com desejos vazios, não com educada cerimônia, como as pessoas do mundo usam as palavras costumeiramente; mas, como autor e Príncipe da Paz, Ele a deu a eles. Conferiu-lhes a paz e disse: “Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”. Dali a poucas horas, eles seriam sujeitados à aflição, mas, tendo Sua paz, poderiam superar o medo e permanecer fiéis.

Sua última declaração a eles antes da oração final naquela noite memorável foi esta: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33).⁵

27

Desenvolveremos paz à medida que vivermos os princípios do evangelho.

Há apenas um condutor no Universo, apenas uma luz verdadeira e segura, um único farol infalível para o mundo. Essa luz é Jesus Cristo, a luz e a vida do mundo, a luz que um profeta do Livro de Mórmon descreveu como “uma luz sem fim, que nunca poderá ser obscurecida” (Mosias 16:9).

Ao buscarmos o porto da segurança e da paz, quer sejamos homens ou mulheres, famílias, comunidades ou nações, Cristo é o único farol no qual podemos confiar. Ele próprio disse a respeito de Sua missão: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida” (João 14:6). (...)

Examinem, por exemplo, esta instrução de Cristo a Seus discípulos: “Amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mateus 5:44).

Pensem no efeito que essa admoestação teria em nossos bairros, nas comunidades em que vivemos e nas nações que formam nossa grande família terrena. Compreendo que essa doutrina representa um grande desafio, mas certamente será um desafio muito mais aceitável do que as terríveis tarefas a nós impostas pela guerra, pela pobreza e pela dor que o mundo continua a enfrentar.⁶

Quando tentamos ajudar aqueles que nos ofendem, quando oramos por aqueles que são injustos conosco, nossa vida pode ser bela. Podemos sentir paz quando chegarmos à união com o Espírito e uns com os outros, ao servirmos ao Senhor e cumprirmos Seus mandamentos.⁷

O mundo em que vivemos, onde quer que estejamos, necessita do evangelho de Jesus Cristo. Ele é o único caminho pelo qual o mundo pode ter paz. (...) Precisamos de mais paz no mundo, resultante de mais paz na família, na vizinhança e na comunidade. Para obtermos e cultivarmos tal paz, precisamos “amar [nossos semelhantes], até nossos inimigos bem como nossos amigos” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 415). (...) Precisamos estender uma mão amiga. Precisamos ser mais bondosos, mais gentis; precisamos perdoar mais e nos zangar menos.⁸

Deus atua principalmente pela persuasão, paciência e longanimidade, e não pela coerção e forte confronto. Ele sempre age com infalível respeito à liberdade e independência que possuímos.⁹

Não há promessa de paz aos que rejeitam Deus, aos que não cumprem Seus mandamentos ou aos que transgridem Suas leis. O Profeta Isaías falou da decadência e da corrupção de líderes e depois continuou sua admoestação dizendo: “Mas os ímpios são como o mar bravo, porque não se pode aquietar, e as suas águas lançam de si lama e lodo. Não há paz para os ímpios, diz o meu Deus” (Isaías 57:20–21). (...)

Ter indiferença pelo Salvador ou falhar ao cumprir os mandamentos de Deus gera insegurança, tormento e discórdia. Essas coisas

são o oposto da paz. “A paz só nos advirá depois de uma rendição incondicional — rendição Àquele Príncipe da Paz, que tem poder para conferir a paz.”¹⁰

Os problemas do mundo, sempre estampados em manchetes chamativas, deveriam nos fazer procurar a paz que é gerada no viver dos princípios simples do evangelho de Cristo. As minorias encolerizadas não desestabilizarão nossa paz interior se amarmos nossos semelhantes e tivermos fé no Sacrifício Expiatório do Salvador e em Sua reconfortante garantia da vida eterna. Como encontrar uma fé assim em um mundo tumultuado? O Senhor nos disse: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á” (Lucas 11:9–10).¹¹

Aparentemente, todos nós devemos aceitar duas verdades eternas se quisermos encontrar paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro. Primeira: Que Jesus é o Cristo, sim, o Filho eterno de nosso Pai Celestial, que veio à Terra com o claro propósito de redimir a humanidade do pecado e da morte, e que Ele vive para nos levar de volta à presença do Pai. Segunda: Que Joseph Smith foi Seu Profeta, levantado nestes últimos dias para restaurar a verdade que foi perdida pela humanidade devido à sua transgressão. Se todos os homens aceitassem e vivessem essas duas verdades básicas, a paz seria trazida ao mundo.¹²

Se vocês, por si mesmos, resistissem (...) às tentações e tomassem a resolução de esforçar-se diariamente por viver a Lei da Semeadura e da Colheita, tendo pensamentos e atos puros e morais, realizando negócios justos e honestos, tendo integridade e consciência nos estudos, jejuando, orando e adorando, vocês receberiam por colheita a liberdade, a paz interior e a prosperidade.¹³

Uma vida repleta de serviço abnegado também será repleta de paz que ultrapassa o entendimento. (...) Uma paz que só pode existir por meio de viver os princípios do evangelho. Esses princípios constituem o programa do Príncipe da Paz.¹⁴

Muitas coisas no mundo são criadas para destruir (...) a paz pessoal por milhares de tipos de pecados e tentações. Oramos para que a vida dos santos seja vivida em harmonia com o exemplo perfeito que temos diante de nós, sim, Jesus de Nazaré.



“Uma vida repleta de serviço abnegado também será repleta de paz que ultrapassa o entendimento.”

Oramos para que os esforços de Satanás sejam frustrados, para que a vida pessoal seja pacífica e calma, para que as famílias estejam unidas e atentas a cada um dos membros, para que as alas e estacas, os ramos e distritos que formam o grande corpo da Igreja atendam a cada necessidade, amenizem cada dor, curem cada ferida até que o mundo inteiro possa, como disse Néfi em sua oração, “prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens. (...)”

Meus amados irmãos”, continuou Néfi, “eis que este é o caminho; e não há qualquer outro caminho” (2 Néfi 31:20–21).¹⁵

3

**O Salvador pode ajudar-nos a ter paz,
independentemente do tormento ao nosso redor.**

Jesus não foi poupado do sofrimento, da dor, da angústia e das bofetadas de Satanás. Não há palavras para descrever o fardo imensurável que levou, como também não temos suficiente discernimento para entender o que o Profeta Isaías quis dizer ao referir-se a Ele como “homem de dores” (Isaías 53:3). Seu barco sofreu embates durante quase toda a vida e, ao menos sob o ponto de vista mortal, naufragou fatalmente na encosta rochosa do Calvário. Somos instruídos a não ver a vida com olhos mortais; por meio da visão espiritual, sabemos que, naquela cruz, algo muito diferente aconteceu.

Havia paz nos lábios e no coração do Salvador, por mais que a tempestade rugisse furiosa. Isso também pode ocorrer conosco — em nosso próprio coração, em nosso lar, entre as nações do mundo e até nas bofetadas de Satanás que a Igreja sofre de vez em quando. Não devemos esperar passar pela vida individual ou coletivamente sem enfrentar oposição.¹⁶

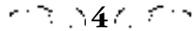
Pode-se viver em locais belos e aprazíveis, mas, se houver dissensão interna e discórdia, viver em um estado de tormento. Por outro lado, pode-se estar em meio à mais completa destruição e ao derramamento de sangue da guerra e ainda desfrutar da serenidade de uma paz indizível. Se olharmos para o homem e para a maneira do mundo, veremos tormento e confusão. Mas, se tão somente nos voltarmos para Deus, encontraremos paz para a alma inquieta. Isso se fez claro nas palavras do Salvador: “No mundo tereis aflições” (João 16:33); e no legado que Ele deixou aos Doze e a toda humanidade, disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá” (João 14:27).

Podemos desfrutar dessa paz agora mesmo, neste mundo de conflito, bastando somente aceitar Sua grande dádiva subsequente a Seu convite: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas” (Mateus 11:28–29).

Essa paz nos protege dos tormentos do mundo. O conhecimento de que Deus vive, de que somos Seus filhos e de que Ele nos ama tranquiliza o coração atormentado. A resposta para a busca repousa na fé em Deus e em Seu Filho, Jesus Cristo. Isso é o que nos trará paz agora e por toda a eternidade.¹⁷

Neste mundo de confusão e de progresso agitado e material, precisamos voltar-nos para a simplicidade de Cristo. (...) Precisamos estudar os fundamentos simples das verdades ensinadas pelo Mestre e eliminar o que for controverso. Nossa fé em Deus deve ser real e não especulativa. O evangelho restaurado de Jesus Cristo pode tornar-se uma influência dinâmica e motivadora, e a verdadeira aceitação nos propiciará uma experiência religiosa significativa. Uma das grandes características da religião mórmon é essa tradução da crença em ponderação e conduta diária, que substitui o tormento e a confusão por paz e tranquilidade.¹⁸



Ao manter os olhos fitos em Jesus, podemos triunfar sobre os elementos que tirariam nossa paz.

Gostaria de recordar uma das grandes histórias de triunfo de Cristo sobre algo que parece testar-nos, provar-nos e encher de medo o nosso coração. Quando os discípulos de Cristo partiram em uma das frequentes jornadas pelo Mar da Galileia, a noite estava escura, e os elementos, revoltos e adversos. As ondas se encapelavam, o vento soprava impetuoso e aqueles homens mortais, frágeis, estavam assustados. Infelizmente, não havia ninguém com eles no barco para acalmá-los e salvá-los, pois Jesus tinha ficado a sós na praia.

Como de costume, Ele velava por eles. Amava-os e Se preocupava com eles. No momento de maior desespero, viram na escuridão a imagem de um manto flutuante, caminhando em sua direção, sobre as águas do mar. Gritaram de pavor diante da aparição, pensando tratar-se de um fantasma que caminhava sobre as ondas. E, em meio à tempestade e à escuridão — como nos acontece tão frequentemente em meio às trevas da vida, quando o oceano parece tão imenso e nossos

pequenos barcos, tão frágeis —, chegou-lhes a voz confortadora da paz com estas simples palavras: “Sou eu, não temais”. Pedro exclamou: “Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas”. E a resposta de Cristo foi a mesma que Ele dá a todos nós: “Vem”.

Pedro saltou por sobre a amurada do barco, em direção às águas turbulentas e, enquanto manteve os olhos fitos no Senhor, o vento pode ter-lhe soprado violentamente os cabelos e as águas lhe enso-pado as vestes, mas tudo estava bem. Foi somente quando, vacilando na fé, desviou os olhos do Mestre para contemplar a fúria das vagas e o abismo sombrio sob si, começou a afundar. Novamente, como acontece a muitos de nós, gritou: “Senhor, salva-me”. E Jesus não o desamparou. Estendeu-lhe a mão e agarrou o discípulo que se afogava, passando-lhe uma gentil reprimenda: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”

Então, seguros a bordo da pequena embarcação, presenciaram o vento acalmar-se e o arrebentar das ondas tornar-se apenas em pequenas rendas espumantes. Logo alcançaram a enseada, seu porto seguro, onde todos esperariam estar um dia. A tripulação, tanto quanto os discípulos, estava tomada de grande espanto. Alguns se dirigiram a Ele, dizendo o que agora repito: “És verdadeiramente o Filho de Deus” (Adaptado de Farrar, *The Life of Christ [A Vida de Cristo]*, pp. 310–313; ver Mateus 14:22–33).

Tenho a firme convicção de que, se individualmente, em família, se como comunidades e nações, assim como Pedro, fixássemos os olhos em Jesus, também poderíamos caminhar triunfantes sobre “as ondas crescentes da descrença” e “permanecer destemidos em meio aos ventos da incerteza”. Se, porém, desviarmos o olhar Daquele em quem devemos crer — como é tão fácil fazer e como o mundo está tentado a fazer —, se fixarmos o olhar no poder e na fúria dos elementos terríveis e destruidores que nos cercam, em vez de o fixarmos Naquele que nos pode ajudar e salvar, então inevitavelmente afundaremos em um mar de conflitos, tristezas e desespero.

Em momentos como esses, em que sentimos que as vagas ameaçam afogar-nos e nos quais o abismo das águas está prestes a engolir o barco de nossa fé, atirado de um para outro lado, oro para que ouçamos sempre, em meio à tempestade e à escuridão, as doces palavras do Salvador do Mundo: “Tende bom ânimo, sou eu, não temais” (Mateus 14:27).¹⁹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- O Presidente Hunter nos ensina que Jesus Cristo é a fonte da verdadeira paz (ver seção 1). Que experiências o ajudaram a conhecer melhor essa verdade? De que maneira podemos receber a paz que Jesus oferece?
- De que maneira o ato de amar os outros pode trazer-nos paz? (Ver seção 2.) De que maneira o ato de viver o evangelho ajuda-nos a ter paz? Por que a “rendição incondicional” ao Salvador é necessária para que tenhamos paz?
- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 3. De que maneira você já experimentou o cumprimento da promessa do Salvador de lhe “dar repouso” de seus fardos ao voltar-se para Ele?
- Reflita sobre o relato do Presidente Hunter a respeito do episódio em que Pedro anda sobre as águas (ver seção 4). O que se pode aprender com esse relato sobre ter paz mesmo em tempos difíceis? Como o Salvador ajudou você a “ter bom ânimo” e “não temer” durante os momentos de dificuldade?

Escrituras Relacionadas

Salmos 46:10; 85:8; Isaías 32:17; Marcos 4:36–40; Romanos 8:6; Gálatas 5:22–23; Filipenses 4:9; Mosias 4:3; D&C 19:23; 59:23; 88:125

Auxílio Didático

Convide os membros da classe a escolher uma das seções deste capítulo que eles gostariam de discutir e a formar grupos com quem escolheu a mesma seção. Incentive cada grupo a discutir a respectiva pergunta que se encontra no final do capítulo.

Notas

1. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 185.
2. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 266.
3. Boyd K. Packer, “President Howard W. Hunter—He Endured to the End” [Presidente Howard W. Hunter: Ele Perseverou Até o Fim], *Ensign*, abril de 1995, p. 29.
4. “The Gifts of Christmas” [Os Presentes de Natal], *Ensign*, dezembro de 2002, p. 16.
5. Conference Report, outubro de 1966, pp. 15–16.
6. “O Farol do Ancoradouro da Paz”, *A Liahona*, janeiro de 1993, p. 19.
7. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 40.
8. “Um Caminho Melhor”, *A Liahona*, julho de 1992, p. 65.
9. “O Fio de Ouro da Escolha”, *A Liahona*, janeiro de 1990, p. 18.
10. Conference Report, outubro de 1966, p. 16.
11. Conference Report, outubro de 1969, p. 113.
12. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 172–173.
13. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 73–74.
14. “The Gifts of Christmas”, p. 19.
15. Conference Report, abril de 1976, p. 157.
16. “Mestre, o Mar Se Revolta”, *A Liahona*, janeiro de 1985, p. 33.
17. Conference Report, outubro de 1966, pp. 16–17.
18. Conference Report, outubro de 1970, pp. 131–132.
19. “O Farol do Ancoradouro da Paz”, p. 19.



A Adversidade — Parte do Plano de Deus para o Nosso Progresso Eterno

“Quando [as dificuldades da mortalidade] nos humilham, refinam, ensinam e abençoam, elas podem ser instrumentos eficazes nas mãos de Deus para tornar-nos pessoas melhores.”

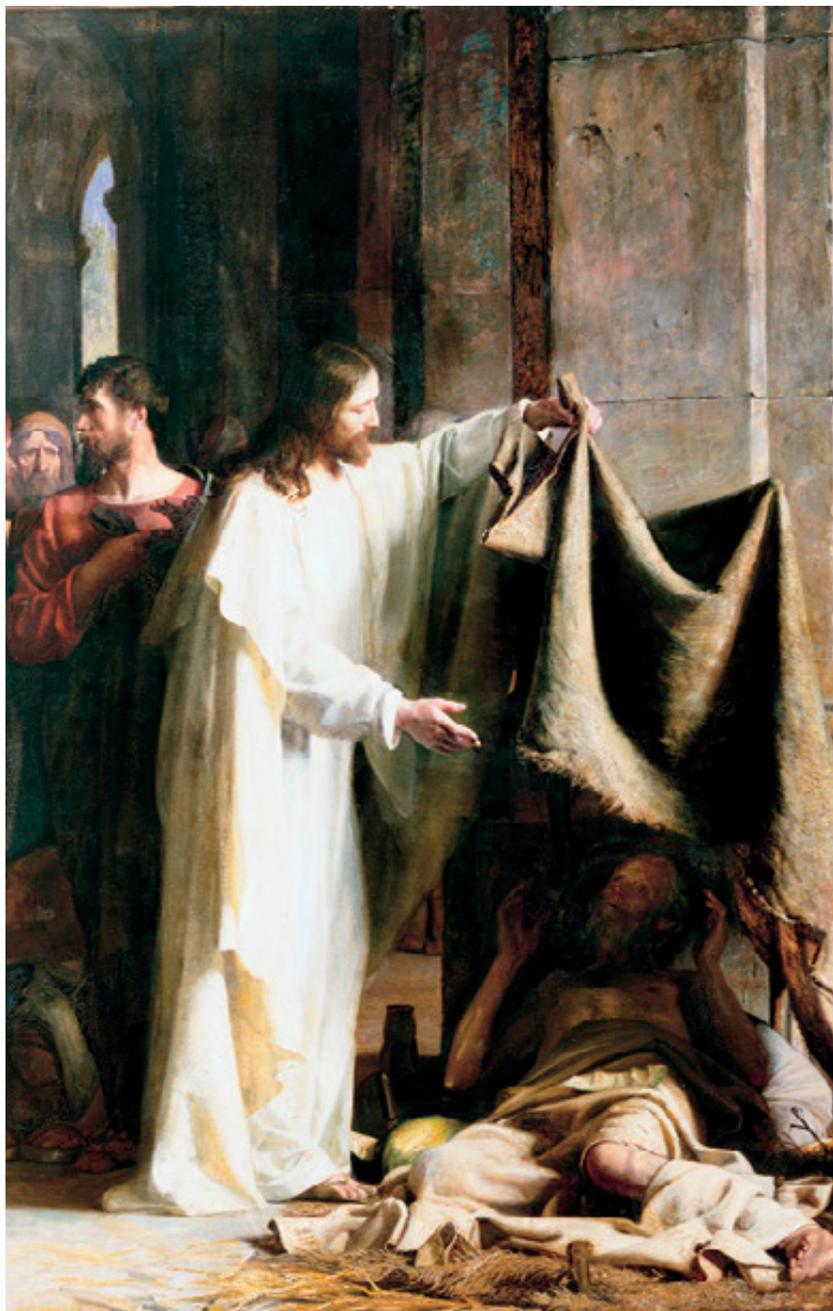
Da Vida de Howard W. Hunter

Na conferência geral de abril de 1980, o Élder Howard W. Hunter, então membro do Quórum dos Doze Apóstolos, falou sobre como assistiu, em meio a uma multidão, às regatas em Samoa. “A multidão mostrava-se inquieta”, disse ele, “e a maioria dos olhos fitava o horizonte em busca do primeiro sinal dos [barcos]. Repentinamente, elevou-se o vozerio quando o povo vislumbrou os primeiros barcos à distância. Cada barco tinha uma equipe de 50 vigorosos remadores que, manejando os remos com harmonia e ritmo perfeitos, fazia a embarcação vencer as ondas e águas revoltas — um quadro magnífico.

Logo, barcos e homens eram perfeitamente visíveis em disparada para a linha de chegada. Impelido pela força daqueles homens vigorosos, o peso do barco com 50 homens vencia uma poderosa força contrária: a resistência da água.

Os aplausos e o alarido da multidão elevaram-se em um crescendo quando o primeiro barco cruzou a linha de chegada”.

Concluída a regata, o Élder Hunter foi até o local onde os barcos atracaram e conversou com um dos remadores, que explicou que a proa dos barcos “é construída de modo a cortar e dividir a água para diminuir a resistência que retarda seu deslocamento. Explicou ainda que a pressão do remo contra a resistência da água é que

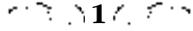


Em nossas provações, o Salvador faz a cada um de nós o mesmo convite que Ele fez ao enfermo no tanque de Betesda: “Queres ficar são?” (João 5:6.)

gera a força que impele o barco para frente. A resistência cria tanto a oposição como o movimento para frente”.¹

O Élder Hunter usou a analogia da regata em Samoa para apresentar um discurso sobre os propósitos da adversidade. Durante seu ministério como apóstolo, ele falou muitas vezes sobre a adversidade, oferecendo conselho, esperança e incentivo. Falou de sua experiência pessoal, tendo lutado contra doenças graves e outras provações. Testificou com firme convicção que, em momentos de dificuldade, “Jesus Cristo tem o poder de aliviar nossa carga e tornar nosso fardo mais leve”.²

Ensinamentos de Howard W. Hunter



A adversidade faz parte do plano de Deus para nossa felicidade eterna.

Tenho observado que a vida — qualquer vida — está repleta de altos e baixos. De fato, encontramos muitas alegrias e muitos pesares no mundo, muitas mudanças de planos e novos rumos, numerosas bênçãos que nem sempre parecem nem sentimos serem bênçãos, e muita coisa que nos torna mais humildes e aumenta nossa paciência e nossa fé. Todos temos passado por experiências assim de tempos em tempos, e suponho que continuaremos a passar. (...)

Certa ocasião, o Presidente Spencer W. Kimball, que tinha bastante conhecimento quanto a dores, decepções e condições fora de seu controle, escreveu:

“Sendo humanos, gostaríamos de eliminar de nossa vida a dor física e a angústia mental, assegurando-nos contínuo bem-estar e conforto; mas, se fechássemos as portas ao pesar e ao sofrimento, estaríamos possivelmente excluindo também nossos maiores amigos e benfeitores. O sofrimento pode santificar as pessoas ao aprenderem a ter paciência, resignação e autodomínio” (*Faith Precedes the Miracle [A Fé Precede o Milagre]*, 1972, p. 98).

Nessa declaração, o Presidente Kimball refere-se a fechar as portas para certas experiências da vida. (...) Na vida, costumamos ver portas fechando-se e, às vezes, isso nos causa genuína dor e pesar. Eu porém, creio *realmente* que, para cada porta que se fecha, abre-se

outra (e talvez mais de uma), com esperança e bênçãos em outras áreas de nossa vida que talvez não descobriríamos de outra maneira.

(...) Há alguns anos, [o Presidente Marion G. Romney] disse que todos os homens e todas as mulheres, inclusive os mais fiéis e leais, sofreriam adversidade e aflição na vida porque, nas palavras de Joseph Smith: “Os homens terão que sofrer para poderem subir ao monte Sião e ser exaltados acima dos céus” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 240; ver Conference Report, outubro de 1969, p. 57).

Dizia então o Presidente Romney:

“Isso não quer dizer que ansiamos por sofrer. Evitamos o sofrimento sempre que podemos. Entretanto, todos nós sabemos agora, e sabíamos, quando escolhemos vir para a mortalidade, que aqui seríamos provados com a devida porção de adversidade e aflição. (...)”

[Ademais], o plano do Pai destinado a provar [e refinar] Seus filhos não isentou nem mesmo o próprio Salvador. O padecimento que Se dispôs a sofrer, e de fato sofreu, equivale ao sofrimento somado de todos os homens [e mulheres de toda parte. Tremendo e sangrando, e desejando recusar a amarga taça, Ele disse:] ‘Eu bebi e terminei meus preparativos para os filhos dos homens’ (D&C 19:18–19)” (Conference Report, outubro de 1969, p. 57).

Todos nós precisamos terminar nossos “preparativos para os filhos dos homens” (D&C 19:19). As preparações de Cristo foram bastante diversas das nossas, mas todos temos preparações a fazer, portas para abrir. Essas importantes preparações exigem, muitas vezes, certa dose de dor, algumas mudanças inesperadas na senda da vida e certa submissão, “assim como uma criança se submete a seu pai” (Mosias 3:19). Terminar as preparações divinas e abrir portas celestiais poderá levar-nos — na verdade, sem dúvida nos levará — até as últimas horas de nossa vida mortal.³

Vimos para a vida mortal para sofrer resistência. Ela faz parte do plano de Deus para nosso progresso eterno. Sem tentação, doença, dor e pesar, não haveria bondade, virtude, apreço pelo bem-estar ou alegria. (...) É preciso lembrar que a mesma resistência ou oposição que impede nosso progresso também nos proporciona oportunidades de vencê-la.⁴

 20

Nossas tribulações mortais existem para nosso crescimento e nossa experiência.

Quando [as dificuldades da mortalidade] nos humilham, refinam, ensinam e abençoam, elas podem ser instrumentos eficazes nas mãos de Deus para tornar-nos pessoas melhores, para tornar-nos mais gratos, mais cheios de amor e para termos mais consideração por outras pessoas durante as dificuldades que elas enfrentam.

Sim, todos nós enfrentamos dificuldades, individual e coletivamente; porém, até nos períodos mais rigorosos, tanto no passado como no presente, esses problemas e essas profecias sempre tiveram como propósito abençoar os justos e ajudar os que são menos justos a trilhar o caminho do arrependimento. Porque Deus nos amou de tal maneira que “deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).⁵

Leí, o grande patriarca do Livro de Mórmon, encorajou seu filho Jacó, que nascera no deserto em uma época de dificuldades e oposição. A vida de Jacó não era o que ele esperava que fosse e não seguia o que poderia ter sido o curso ideal da experiência. Tinha sofrido aflições e reveses; mas Leí prometeu-lhe que essas aflições se reverteriam em seu benefício (ver 2 Néfi 2:2).

Depois, Leí acrescentou estas palavras que se tornaram clássicas:

“Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Se assim não fosse, (...) não haveria retidão nem iniquidade nem santidade nem miséria nem bem nem mal” (2 Néfi 2:11).

Essa explicação para certas dores e decepções da vida tem-me confortado grandemente no decorrer dos anos. E conforta-me mais ainda saber que homens e mulheres dos mais nobres, inclusive o Filho de Deus, tiveram de enfrentar essa oposição a fim de entender melhor o contraste entre retidão e iniquidade, santidade e miséria, bem e mal. Devido ao confinamento na escura e úmida Cadeia de Liberty, o Profeta Joseph Smith aprendeu que, se somos chamados a passar por tribulações, isso é para nosso crescimento e nossa experiência e, no final, reverterá para nosso bem (ver D&C 122:5–8).

Fechando-se uma porta, outra se abre, mesmo para um profeta na prisão. Nem sempre temos sabedoria ou experiência suficiente



Enquanto Joseph Smith estava na Cadeia de Liberty, o Senhor revelou-lhe que a adversidade pode nos servir de experiência e ser para o nosso bem.

para discernir adequadamente todas as possíveis entradas e saídas. A mansão preparada por Deus para cada um de Seus amados filhos poderá ter só algumas passagens e corrimões, tapetes e cortinas especiais pelos quais Ele quer que passemos em nosso caminho para possuí-la. (...)

Em vários momentos de nossa vida, provavelmente repetidas vezes na vida, somos obrigados a reconhecer que Deus sabe o que nós não sabemos e vê o que nós não vemos. “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor” (Isaías 55:8).

Se vocês experimentarem problemas em casa com filhos rebeldes, se sofrerem reveses financeiros e tensão emocional que ameçam seu lar e sua felicidade, se tiverem de enfrentar a perda da vida ou da saúde, que a paz seja com sua alma. Nós não seremos tentados além de nossa capacidade de resistir (ver I Coríntios 10:13; Alma 13:28; 34:39). Nossas provações e decepções são o caminho reto e apertado que conduz ao Senhor.⁶

 3

Temos muitos motivos para ser otimistas e confiantes mesmo durante as tribulações.

Sempre houve e sempre haverá dificuldades na vida mortal. Mas, sabendo o que sabemos e vivendo como se espera que vivamos, não há realmente espaço nem desculpa para o pessimismo e o desespero.

No decorrer desta vida, presenciei duas guerras mundiais, além da guerra da Coreia, do Vietnã e outras. Atravessei o período da Depressão e consegui frequentar a faculdade de Direito enquanto começava uma jovem família ao mesmo tempo. Vi mercados de ações e a economia mundial enlouquecerem; vi alguns déspotas e tiranos enlouquecerem, tudo isso gerando, no processo, ondas de turbulência no mundo inteiro.

Espero que não acreditem que todos os problemas do mundo se concentraram em sua década, ou que as coisas nunca estiveram tão ruins como estão agora para você, pessoalmente, ou que nunca vão melhorar. Garanto-lhes que as coisas já estiveram piores e que elas sempre *vão* melhorar. Sempre melhoram, especialmente quando vivemos e amamos o evangelho de Jesus Cristo e o colocamos à prova para abençoar nossa vida. (...)

Ao contrário do que alguns possam pensar, vocês têm muitas razões neste mundo para ser felizes, ser otimistas e ser confiantes. Desde o início dos tempos, cada geração teve seu quinhão de problemas a vencer e a resolver.⁷

 4

Quando nos achegamos ao Salvador, Ele alivia nossa carga e torna nosso fardo mais leve.

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:28–30). (...)

Essa oferta maravilhosa de ajuda, feita pelo próprio Filho de Deus, não era restrita aos galileus daquela época. Esse chamado para carregar Seu jugo suave e aceitar seu fardo leve não se limita às gerações passadas. Foi e é um apelo universal a todas as pessoas, a todas as cidades e nações, a todos os homens, a todas as mulheres e crianças de toda parte.

E, nos momentos de extrema necessidade, não podemos deixar de reconhecer essa infalível resposta aos cuidados e às preocupações do nosso mundo. Essa é a promessa de paz e proteção pessoal. Esse é o poder de redimir os pecados em todos os tempos. Nós também devemos acreditar que Cristo tem o poder de aliviar nossa carga e tornar nosso fardo mais leve. Nós também temos de vir a Ele, e Nele receber descanso para nossos labores.

Naturalmente, algumas obrigações acompanham essas promessas. “Tomai sobre vós o meu jugo”, suplica Ele. Nos tempos bíblicos, o jugo era um recurso de grande valor para os que trabalhavam no campo. Ele permitia que a força de um segundo animal se unisse ao esforço de outro, repartindo e diminuindo o trabalho pesado do arado ou da carroça. Um fardo que era grande demais, ou talvez impossível de ser carregado por um só, podia ser equitativa e confortavelmente suportado por dois animais unidos no mesmo jugo. O jugo de Cristo exige um esforço grande e honesto, mas, para os que realmente são convertidos, esse jugo é suave e a carga se torna leve.

Por que levar os fardos da vida sozinhos, pergunta Cristo, ou por que carregá-los com o apoio material que logo falhará? Para aqueles que estão sobrecarregados, o jugo de Cristo, o poder e a paz de estarmos ao lado de Deus, é que oferecerá o apoio, o equilíbrio e a força para enfrentar os desafios e as tarefas aqui no campo árido e difícil da mortalidade.

Obviamente, os fardos variam de pessoa para pessoa, mas todos nós os temos. (...) Naturalmente, algumas tristezas são causadas pelos pecados de um mundo que não segue o conselho do [nosso] Pai Celestial. Seja qual for a razão, nenhum de nós parece estar completamente livre dos desafios da vida. Cristo disse a absolutamente todos: Uma vez que todos têm de carregar algum fardo e tomar sobre si algum jugo, por que não deixar que seja o Meu? Minha promessa a vocês é que Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve (ver Mateus 11:28–30).⁸



“Os discípulos de Cristo de todas as gerações recebem o convite, na verdade, o mandamento, de ter um perfeito esplendor de esperança.”



Os santos dos últimos dias não precisam temer as tribulações dos últimos dias.

As escrituras (...) indicam que haverá períodos de tempo em que o mundo inteiro enfrentará a mesma dificuldade. Sabemos que, em nossa dispensação, a iniquidade, infelizmente, estará em evidência e trará consigo as inevitáveis dificuldades, dores e punições. Deus abreviará essa iniquidade em Seu devido tempo, mas nossa tarefa é viver plena e fielmente e não nos preocuparmos demais com as aflições ou com o fim do mundo. A tarefa é termos o evangelho em nossa vida e sermos uma luz no mundo, uma cidade edificada sobre o monte, que reflita a beleza do evangelho de Jesus Cristo e a alegria e a felicidade que sempre advêm àqueles de qualquer época que cumprem os mandamentos.

Nesta última dispensação, haverá grande aflição (ver Mateus 24:21). Sabemos que haverá guerras e rumores de guerras (ver D&C 45:26) e que toda a Terra estará em comoção (ver D&C 45:26).

Todas as dispensações vivenciaram seus tempos trabalhosos, mas nos dias atuais sobrevirá o perigo real (ver II Timóteo 3:1). Homens maus surgirão (ver II Timóteo 3:13), mas [nos dias atuais] homens maus têm surgido muito frequentemente. Haverá calamidades e a iniquidade será abundante (ver D&C 45:27).

O resultado natural de algumas dessas profecias será inevitavelmente o temor, um tipo de temor que não se limita à última geração. É o temor sentido por aqueles de qualquer geração que não entendem o que nós entendemos.

Mas quero reforçar que os santos dos últimos dias não precisam experimentar esses sentimentos; eles não vêm de Deus. O grande Jeová dos céus disse à antiga Israel:

“Esforçai-vos, e animai-vos; não temais, nem vos espanteis diante deles; porque o Senhor [vosso] Deus é o que vai [convosco]; não [vos] deixará nem [vos] desampará. (...)”

O Senhor, pois, é aquele que vai adiante de [vós]; ele será [convosco], não [vos] deixará, nem [vos] desampará; não [temais], nem [vos espanteis]” (Deuteronômio 31:6, 8).

E o Senhor disse a vocês, nossa maravilhosa geração na moderna Israel:

“Portanto não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a Terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre minha rocha, eles não poderão prevalecer. (...)”

Buscai-me em cada pensamento; não duvideis, não temais” (D&C 6:34, 36).

Vocês verão esse conselho permear inteiramente nossas escrituras modernas. Ouçam esta maravilhosa reafirmação: “Não temais, filhinhos, porque sois meus e eu venci o mundo; e fazeis parte daqueles que meu Pai me deu” (D&C 50:41). “Em verdade vos digo, meus amigos: Não temais; que se console vosso coração; sim, regozijai-vos sempre e em tudo dai graças” (D&C 98:1).

Tendo em vista um conselho tão maravilhoso como esse, creio ser nossa obrigação regozijar-nos um pouco mais e desesperar-nos um pouco menos, dar graças pelo que temos e pela magnitude das bênçãos de Deus sobre nós, e falar um pouco menos sobre o que

não temos ou sobre a ansiedade que provavelmente acompanha os tempos trabalhosos desta ou de qualquer outra geração.

Um tempo de grande esperança e expectativa

Para os santos dos últimos dias, este é um tempo de grande esperança e grande expectativa — uma das épocas mais grandiosas da Restauração e, portanto, uma das mais importantes de qualquer dispensação, já que esta é a maior de todas as dispensações. Devemos ter fé e esperança, duas das grandes virtudes básicas de qualquer discipulado de Cristo. Devemos exercer contínua confiança em Deus, já que esse é o primeiro princípio de nossa crença. Devemos acreditar que Deus tem todo o poder, que Ele nos ama e que Sua obra não será interrompida ou frustrada, nem em nossa vida individual, nem no mundo como um todo. (...)

Prometo-lhes, em nome do Senhor, de Quem sou servo, que Deus sempre vai proteger Seu povo e cuidar dele. Teremos dificuldades como tiveram todas as gerações e pessoas. Mas, com o evangelho de Jesus Cristo, vocês têm toda esperança, promessa e segurança. O Senhor tem poder sobre Seus santos e sempre vai preparar lugares de paz, defesa e segurança para Seu povo. Se tivermos fé em Deus, podemos esperar um mundo melhor, tanto para nós pessoalmente como para toda a humanidade. O Profeta Éter ensinou no passado (tendo ele mesmo vivenciado dificuldades): “Portanto todos os que creem em Deus podem, com segurança, esperar por um mundo melhor, sim, até mesmo um lugar à mão direita de Deus, esperança essa que vem pela fé e é uma âncora para a alma dos homens, tornando-os seguros e constantes, sempre abundantes em boas obras, sendo levados a glorificar a Deus” (Éter 12:4).

Os discípulos de Cristo de todas as gerações receberam o convite, na verdade, o mandamento, de ter um perfeito esplendor de esperança (ver 2 Néfi 31:20).

Dissipar o temor

(...) Se nossa fé e esperança estiverem ancoradas em Cristo e em Seus ensinamentos, mandamentos e Suas promessas, poderemos, por fim, confiar em algo verdadeiramente notável, genuinamente miraculoso, que tem poder para abrir o Mar Vermelho e conduzir a moderna Israel a um lar onde, “libertos do pesar e dor, vamos todos

cantar” (*Hinos*, nº 20). O temor que as pessoas sentem nos momentos difíceis é a principal arma do arsenal que Satanás lança mão para tornar a humanidade infeliz. Aquele que teme perde forças para o combate da vida na luta contra o mal. Por isso, o poder do maligno sempre tenta gerar temor no coração humano. Em todas as épocas de todas as eras, a humanidade enfrentou o temor.

É nosso dever, como filhos de Deus e descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, esforçar-nos por eliminar o temor dentre as pessoas. Um povo tímido e temeroso não consegue realizar bem sua obra e também não consegue realizar bem a obra de Deus. Os santos dos últimos dias têm uma missão divinamente designada a cumprir que não pode simplesmente se deixar vencer pelo temor e pela ansiedade.

Certo apóstolo do Senhor desta dispensação disse o seguinte: “A chave para vencer o temor foi-nos dada pelo Profeta Joseph Smith. ‘Se estiverdes preparados, não temereis’ (D&C 38:30). Essa mensagem divina precisa ser repetida hoje em todas as estacas e alas” (Élder John A. Widtsoe, Conference Report, abril de 1942, p. 33).

Estamos preparados para nos render aos mandamentos de Deus? Estamos preparados para a vitória sobre nossos apetites pessoais? Estamos preparados para obedecer a uma lei justa? Se pudermos responder honestamente sim a essas perguntas, podemos seguramente mandar embora o temor de nossa vida. Obviamente, o grau do temor em nosso coração será bem mensurado pelo grau de nossa preparação para viver dignamente — viver da maneira que deve caracterizar todo santo dos últimos dias de qualquer época.

*O privilégio, a honra e a responsabilidade
de viver nos últimos dias*

Gostaria de encerrar com uma das mais tocantes declarações que já li do Profeta Joseph Smith, que vivenciou tremendas dificuldades em sua vida e que, com certeza, pagou o preço máximo por sua vitória. Mas ele *foi* vitorioso e foi um homem feliz, robusto e otimista. Aqueles que o conheceram sentiam sua força e coragem mesmo nos momentos mais tenebrosos. Não perdeu o ânimo nem permaneceu muito tempo sem esperança.

Ele disse a respeito de nosso tempo — seu e meu — que este é um tema “sobre o qual profetas, sacerdotes e reis falaram [no passado]

com especial deleite; [todas essas antigas testemunhas de Deus] aguardaram com grande e alegre expectativa o dia em que vivemos; e inflamados com esse alegre anseio celeste, cantaram, escreveram e profetizaram a respeito de nossos dias; (...) somos o povo abençoado que Deus escolheu para trazer à luz a glória dos últimos dias” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, p. 194).

Que privilégio! Que honra! Que responsabilidade! E que alegria! Temos todas as razões do tempo e da eternidade para regozijar-nos e dar graças pela qualidade de nossa vida e pelas promessas que recebemos.⁹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Como o fato de saber que a adversidade faz parte do plano de Deus para nosso progresso eterno pode ajudar-nos? (Ver seção 1.) Por que você acha que a adversidade é uma parte necessária da mortalidade?
- Leia novamente os ensinamentos do Presidente Hunter na seção 2 sobre alguns dos propósitos da adversidade. De que maneira você viu que a adversidade pode servir para o nosso bem? Como podemos enxergar a adversidade sob a perspectiva eterna do Senhor?
- De acordo com o que o Presidente Hunter nos ensina, por que temos razões para ser felizes e otimistas mesmo durante as dificuldades? (Ver seção 3.) Como podemos desenvolver mais o otimismo nesses momentos? Quais são algumas das bênçãos que continuamos a receber mesmo durante as maiores adversidades?
- De que maneira aceitamos o convite do Salvador de deixá-Lo aliviar nossa carga e tornar nosso fardo mais leve? (Ver seção 4.) O que significa tomar o Seu jugo sobre nós? Como o Salvador ajudou você nos momentos de adversidade?
- O Presidente Hunter nos ensina que o sentimento de temor diante das tribulações dos últimos dias não provém de Deus (ver seção 5). De que maneira o fato de viver sob o temor nos prejudica? De que maneira podemos viver com esperança e fé, e não com temor?

Escrituras Relacionadas

João 14:27; 16:33; Hebreus 4:14–16; 5:8–9; 1 Néfi 1:20; Alma 36:3; D&C 58:2–4; 101:4–5; 121:7–8; 122:7–9

Auxílio de Estudo

“Muitos acham que o melhor horário para estudar é pela manhã, depois de uma noite de repouso. (...) Outros preferem estudar nas horas calmas depois que as tarefas e preocupações do dia terminaram. (...) Talvez seja mais importante reservar um período de tempo regular do que estipular um horário para o estudo” (Howard W. Hunter, “Ler as Escrituras”, *A Liahona*, março de 1980, p. 93).

Notas

1. “Deus Deseja um Povo Que Venceu Suas Provações”, *A Liahona*, outubro de 1980, p. 39.
2. “Vinde a Mim”, *A Liahona*, janeiro de 1991, p. 18.
3. “Portas Que Se Abrem — Portas Que Se Fecham”, *A Liahona*, janeiro de 1988, p. 57.
4. “Deus Deseja um Povo Que Venceu Suas Provações”, p. 39.
5. “An Anchor to the Souls of Men” [Uma Âncora para a Alma dos Homens], *Ensign*, outubro de 1993, p. 70.
6. “Portas Que Se Abrem — Portas Que Se Fecham”, p. 57.
7. “An Anchor to the Souls of Men”, p. 70.
8. “Vinde a Mim”, p. 18.
9. “An Anchor to the Souls of Men”, p. 70.



A Ajuda do Poder do Alto

“Talvez não exista na vida nenhuma promessa mais confortante que a promessa de ajuda divina e orientação espiritual nas horas de necessidade.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Howard W. Hunter aprendeu a orar quando ainda era menino. “Minha mãe me ensinou a orar e a agradecer ao Pai Celestial por todas as coisas que eu amava”, disse ele. “Sempre agradei a Ele pela beleza que há na Terra e pelos momentos maravilhosos que tive na fazenda, perto do rio e com o escotismo. Também aprendi a pedir-Lhe as coisas de que eu precisava ou que eu desejava. (...) Sabia que Deus me amava e me ouvia.”¹

Em toda a sua vida, o Presidente Hunter sempre recorria à oração como fonte de ajuda divina e ensinava outros a fazerem o mesmo. Por exemplo, quando serviu como bispo, um homem em sua ala fez-lhe comentários amargos a respeito de outro. O conselho dado pelo Presidente Hunter refletiu seu testemunho de que recebemos ajuda quando oramos:

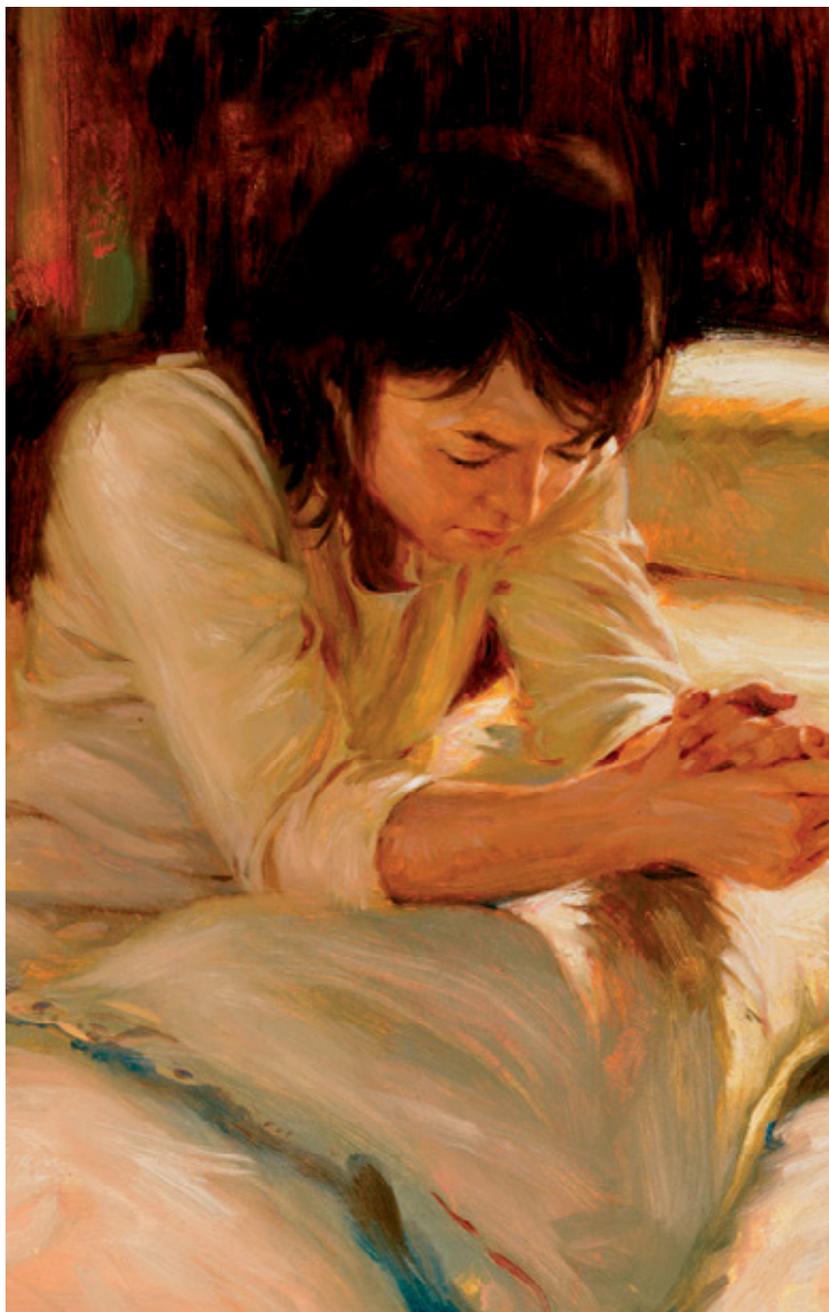
“Eu disse a ele: ‘Meu irmão, se você for para casa e orar por ele todas as manhãs e todas as noites, daqui a duas semanas conversaremos novamente neste mesmo horário e, depois, decidiremos o que deve ser feito’”.

Depois de seguir esse conselho, o homem voltou e disse humildemente a respeito do outro: “Ele precisa de ajuda”.

“Está disposto a ajudá-lo?” perguntou o Presidente Hunter.

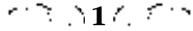
“Sim, é claro”, disse ele.

“Todo o veneno desapareceu e todo o amargor se dissipou”, disse tempos depois o Presidente Hunter. “Isso é o que acontece quando oramos uns pelos outros.”²



“O Senhor prometeu que, se formos humildes nos (...) momentos de necessidade e orarmos a Ele pedindo ajuda, seremos ‘fortalecidos e abençoados do alto’” (D&C 1:28).

Ensinamentos de Howard W. Hunter



Nosso Pai Celestial promete dar-nos ajuda e orientação nos momentos de necessidade.

Todos nós, em algum momento da vida, defrontamo-nos com situações em que precisamos da ajuda celestial de um modo especial e urgente. Há ocasiões em nossa vida em que ficamos sobrecarregados pelas circunstâncias ou confusos devido aos conselhos de outras pessoas; nessas horas, sentimos profunda necessidade de orientação espiritual, grande necessidade de encontrar o caminho certo e fazer a coisa certa. No prefácio da escritura pertencente à dispensação moderna, o Senhor promete que, se formos humildes nos momentos de necessidade e orarmos a Ele pedindo ajuda, “[seremos] fortalecidos e abençoados do alto, e [receberemos] conhecimento de tempos em tempos” (D&C 1:28). Para dispormos desse auxílio, basta que O busquemos, confiemos Nele e sigamos aquilo que, no Livro de Mórmon, o rei Benjamim chama de “[influxos] do Espírito Santo” (Mosias 3:19).

Talvez não exista na vida nenhuma promessa mais confortante que a promessa de ajuda divina e orientação espiritual nas horas de necessidade. É um dom concedido liberalmente pelos céus, um dom do qual necessitamos desde a mais tenra idade até os derradeiros dias de nossa vida. (...)

Encontramos ajuda do alto no evangelho de Jesus Cristo. “Tende bom ânimo”, disse o Senhor, “porque eu vos guiarei” (D&C 78:18). “Dar-te-ei do meu Espírito, o qual iluminará tua mente e encher-te-á a alma de alegria” (D&C 11:13).

Presto testemunho da divindade de Jesus Cristo. Deus vive de fato e nos concede Seu Espírito. Quer no confronto com os problemas da vida, quer na execução de nossas tarefas diárias, que reivindicemos esse dom de Deus, nosso Pai, e tenhamos alegria espiritual.³



Assim como Joseph Smith, podemos abrir as escrituras e orar para receber instruções celestiais.

O jovem Profeta Joseph Smith (...) procurou conhecer o pensamento e a vontade do Senhor em uma época de confusão e

preocupação em sua vida. (...) A região de Palmyra, Nova York, tornara-se palco de “uma agitação anormal sobre questões religiosas” durante os anos da meninice de Joseph. Na verdade, pareceu-lhe que todo o distrito fora afetado por ela, com “grandes multidões” filiando-se aos diferentes partidos religiosos e criando “agitação e divisão entre o povo” (Joseph Smith—História 1:5).

Para o rapaz que mal completara 14 anos, a busca da verdade tornava-se ainda mais difícil e confusa, pois, na ocasião, os membros da família Smith divergiam quanto às preferências religiosas.

Uma vez descritos o cenário e a situação familiar, convido-os a considerar os sentimentos e pensamentos especialmente notáveis de um rapaz tão jovem como ele era. Ele escreveu:

“Durante esses dias de grande alvoroço, minha mente foi levada a sérias reflexões e grande inquietação; mas embora meus sentimentos fossem profundos e muitas vezes pungentes, ainda assim me conservei afastado de todos esses grupos (...); mas tão grandes eram a confusão e a contenda entre as diferentes denominações, que para alguém jovem como eu, tão inexperiente em relação aos homens e às coisas, era impossível chegar a qualquer conclusão definitiva acerca de quem estava certo e de quem estava errado.

Minha mente, às vezes, alvoroçava-se bastante, tão grandes e incessantes eram o clamor e o tumulto. (...)

Em meio a essa guerra de palavras e divergência de opiniões, muitas vezes disse a mim mesmo: Que deve ser feito? Quem, dentre todos esses grupos está certo, ou estão todos igualmente errados? Se algum deles é correto, qual é, e como poderei sabê-lo?

Em meio à inquietação extrema causada pelas controvérsias desses grupos de religiosos, li um dia na Epístola de Tiago, primeiro capítulo, versículo cinco, o seguinte: *E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.*

Jamais uma passagem de escritura penetrou com mais poder no coração de um homem do que essa, naquele momento, no meu. Pareceu entrar com grande força em cada fibra de meu coração. Refleti repetidamente sobre ela, tendo consciência de que se alguém necessitava da sabedoria de Deus, era eu, pois eu não sabia como



Podemos seguir o exemplo de Joseph Smith, buscando a sabedoria de Deus.

agir e, a menos que conseguisse obter mais sabedoria do que a que tinha então, nunca saberia” (Joseph Smith—História 1:8–12).

O que aconteceu em seguida alterou, evidentemente, o curso da história da humanidade. Decidido a “pedir a Deus”, o jovem Joseph retirou-se para um bosque perto de sua casa. Ali, em resposta a sua fervorosa oração, Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, apareceram a Joseph e o aconselharam. Essa grandiosa manifestação, da qual humildemente testifico, esclareceu muitas outras questões para nossa dispensação do que apenas a qual igreja Joseph deveria filiar-se.

Mas meu propósito (...) não é descrever os primeiros momentos da Restauração embora seja uma das mais sagradas histórias das escrituras. Em vez disso, quero simplesmente enfatizar o impressionante grau de sensibilidade espiritual demonstrado por esse rapaz tão jovem e tão pouco instruído.

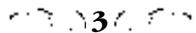
Quantos de nós, aos 14 anos, conseguiríamos manter a cabeça e o juízo calmos e equilibrados apesar de tantas forças tentando puxar-nos para lá e para cá, principalmente em um assunto tão importante como a salvação eterna? Quantos de nós resistiríamos aos conflitos emocionais a que estaríamos sujeitos se víssemos nossos pais divergirem quanto às convicções religiosas? Quantos de nós, quer aos 14, quer aos 50 anos, buscaríamos encontrar no âmago de nossa alma

e nas escrituras sagradas as respostas para o que o Apóstolo Paulo chama de “as profundezas de Deus”? (I Coríntios 2:10.)

É extraordinário (...) que esse rapaz tenha recorrido profundamente às escrituras e depois à oração pessoal — provavelmente as duas maiores fontes de discernimento e influxo espiritual disponíveis universalmente para toda a humanidade. As opiniões divergentes certamente o perturbavam, mas ele estava determinado a fazer a coisa certa e encontrar o caminho certo. Acreditava, assim como vocês e eu devemos acreditar, que seria instruído e abençoado pelo alto, como realmente o foi.

Mas poderíamos alegar que Joseph Smith era um espírito especial e, assim, seu caso, um caso especial. E quanto a nós, que somos mais velhos — pelo menos mais velhos que 14 — e não fomos destinados a inaugurar uma dispensação do evangelho? Nós também temos de tomar decisões, discernir a confusão e atravessar uma guerra de palavras em uma infinidade de questões que afetam nossa vida. O mundo está repleto dessas decisões difíceis e, muitas vezes, nesse confronto, nossa idade e nossas imperfeições são determinantes.

Talvez sintamos que começa a faltar perspicácia ao nosso discernimento espiritual. Nos dias especialmente difíceis, talvez achemos que Deus Se esqueceu de nós e nos abandonou em nossa confusão e inquietação. Tais sentimentos, porém, não se justificam, nem para os mais velhos dentre nós, nem para os mais jovens e menos experientes. O Pai conhece e ama cada um de nós. Somos, todos e cada um de nós, Seus filhos e Suas filhas; e qualquer que seja a lição que a vida nos trouxer, a promessa ainda é válida: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).⁴



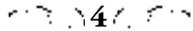
A oração é um dos meios pelos quais recebemos conhecimento e orientação espiritual.

O conhecimento e a sabedoria sobre a Terra e tudo o que é temporal são discernidos por nós pelos sentidos físicos de maneira terrena, temporal. Tateamos, enxergamos, ouvimos, sentimos o sabor, cheiramos e aprendemos. O conhecimento espiritual, contudo, vem-nos de uma forma espiritual, de uma fonte espiritual. Como nos ensina Paulo:

“Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Coríntios 2:14).

Descobrimos e sabemos que a única maneira de adquirir conhecimento espiritual é dirigir-nos ao Pai Celeste por meio do Espírito Santo em nome de Jesus Cristo. Quando o fazemos, se estivermos preparados espiritualmente, vemos coisas que nossos olhos antes não viam e ouvimos coisas que talvez ainda não tenhamos ouvido — “as [coisas] que Deus preparou”, citando as palavras de Paulo (I Coríntios 2:9). Discernimos tais coisas pelo Espírito.

Creemos e testificamos ao mundo que a comunicação com nosso Pai Celestial e o recebimento de instruções do Senhor são coisas acessíveis ainda hoje. Testificamos que Deus fala ao homem como o fazia nos tempos do Salvador e nos tempos do Velho Testamento.⁵



Podemos orar a qualquer momento, não só na tribulação.

Os tempos modernos parecem sugerir que a devoção e a reverência pelas coisas sagradas são irracionais ou indesejáveis, ou ambos. Ainda assim, mesmo homens céticos “modernos” precisam orar. Certos desafios como, por exemplo, momentos de perigo, grandes responsabilidades, ansiedade profunda, pesares esmagadores farão subir à tona nossos impulsos inatos. Se tão somente o permitirmos, esses desafios nos tornarão humildes, brandos e nos conduzirão à oração respeitosa.

Se a oração for somente um clamor esporádico em uma época de crise, então ela será totalmente egoísta, e pensaremos em Deus como um prestador de serviços técnicos ou uma empresa de manutenção que vai nos ajudar somente nas emergências. Devemos nos lembrar do Altíssimo dia e noite — sempre —, não só nos momentos em que outros tipos de ajuda falham e precisamos desesperadamente de ajuda. Afirmando que, se há algum elemento na vida humana a respeito do qual existem registros de sucessos milagrosos e de valor inestimável para a alma humana, esse elemento é a comunicação fervorosa, reverente e devota com nosso Pai Celestial.

“Dá ouvidos às minhas palavras, ó Senhor, atende à minha meditação”, cantam os Salmos.



A oração é a voz da alma a Deus, o Pai.

“Atende à voz do meu clamor, Rei meu e Deus meu, pois a ti orarei.

Pela manhã ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã apresentarei a ti a minha oração, e vigiarei” (Salmos 5:1–3).

Talvez o que o mundo necessita mais seja realmente “vigiar”, como diz o salmista — vigiar em nossas alegrias e aflições, na abundância e na época de necessidade. Precisamos vigiar continuamente e reconhecer em Deus o doador de todas as coisas boas e a fonte de nossa salvação. (...)

Existem grandes áreas em nossa sociedade das quais desapareceu o espírito de oração e de reverência. Em muitos círculos, há homens e mulheres ativos, interessantes e geniais, mas falta-lhes o mais importante elemento para a vida completa: eles não têm os olhos fixos na glória de Deus; não oferecem votos de retidão (ver D&C 59:11). Sua conversa é brilhante, mas não sagrada. Suas palavras são espirituosas, mas não sábias. Seja no escritório, no vestuário ou no laboratório, chegaram a um nível tão baixo na escala da dignidade

que exibem seus poderes limitados, que acham necessário blasfemar com relação aos poderes ilimitados que vêm do alto.

Infelizmente, às vezes encontramos essa irreverência até mesmo na Igreja. Ocasionalmente, conversamos alto demais, entramos e saímos da capela com desrespeito durante o que deveria ser um tempo de oração e adoração purificadora. A reverência é o ambiente do céu. A oração é a voz da alma a Deus, o Pai. Fariamos bem em tornar-nos mais como nosso Pai, mantendo os olhos fitos Nele, sempre nos lembrando Dele e interessando-nos grandemente por Seu mundo e Sua obra.⁶



**Desenvolvemos nossa capacidade de receber
conhecimento espiritual ao reservarmos
tempo para meditar, ponderar e orar.**

Não é fácil desenvolver a espiritualidade e colocar-nos em sintonia com as mais elevadas influências da divindade. Isso leva tempo e, frequentemente, envolve grande esforço. Não acontece por acaso; mas isso só ocorre depois de dedicação deliberada, oração fervorosa a Deus e obediência a Seus mandamentos. (...)

O Profeta Joseph Smith deu-nos provavelmente a declaração mais clara a respeito da necessidade de nos tornarmos espirituais, bem como a respeito do tempo e da paciência que devemos reconhecer como parte do processo. Ele disse: “Cremos que Deus criou o homem mentalmente capaz de aprender e com uma capacidade que pode ser ampliada em proporção à atenção e ao cuidado dedicados à luz transmitida do céu ao intelecto; e que, quanto mais o homem se aproxima da perfeição, mais claros se tornam os seus pensamentos e maior é a sua alegria, até conseguir superar todas as coisas ruins da vida e perder toda a vontade de pecar; e, como os antigos, até sua fé chegar ao ponto em que seja envolto pelo poder e glória de seu Criador e arrebatado para morar com Ele. Contudo, acreditamos que esse é um estado que ninguém jamais alcançou de repente” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 220).⁷

Precisamos de tempo para preparar nossa mente para as coisas espirituais. O desenvolvimento da capacidade espiritual não acontece quando a autoridade é conferida a alguém. É preciso que haja

desejo, esforço e preparação pessoal. Isso requer, é claro, (...) jejum, oração, estudo das escrituras, experiências, meditação e sentir fome e sede de justiça.

Acho que seria útil examinar as admoestações a seguir, feitas pelo Deus Todo-Poderoso:

“Se pedires, receberás revelação sobre revelação, conhecimento sobre conhecimento, para que conheças os mistérios e as coisas pacíficas—aquilo que traz alegria, que traz vida eterna” (D&C 42:61).

“Pedi ao Pai, em meu nome, com fé, acreditando que receberéis, e tereis o Espírito Santo, que manifesta todas as coisas que são convenientes aos filhos dos homens” (D&C 18:18).

“Que as verdades solenes da eternidade repousem em vossa mente” (D&C 43:34).

“Entesourai sempre em vossa mente as palavras de vida e na hora precisa vos será dada a porção que será concedida a cada homem” (D&C 84:85).

“Buscai diligentemente, orai sempre e sede crentes; e todas as coisas contribuirão para o vosso bem, se andardes retamente e vos lembrardes do convênio que fizestes uns com os outros” (D&C 90:24).

“Deus vos dará conhecimento, por seu Santo Espírito, sim, pelo indescritível dom do Espírito Santo” (D&C 121:26).

O Senhor certamente cumprirá essas promessas se nos prepararmos.

Reservem um tempo para ponderar e orar sobre questões espirituais.⁸



**Deus nos ajudará a progredir espiritualmente
um passo de cada vez.**

Quando nos esforçamos por desenvolver nossa espiritualidade, parte da dificuldade está no sentimento de inadequação diante do muito que há para ser feito. A perfeição ainda está muito além do alcance de qualquer um de nós, mas podemos usar da melhor maneira possível nossos pontos fortes, começar de onde estamos

e buscar a felicidade que só nos advém ao buscarmos as coisas de Deus. Devemos nos lembrar do conselho do Senhor:

“Portanto não vos canseis de fazer o bem, porque estais lançando o alicerce de uma grande obra. E de pequenas coisas provém aquilo que é grande.

Eis que o Senhor requer o coração e uma mente solícita; e os que são solícitos e obedientes comerão do bem da terra de Sião nestes últimos dias” (D&C 64:33–34).

Sempre me senti motivado por saber que o Senhor prometeu que “os que são solícitos e obedientes comerão do bem da terra de Sião nestes últimos dias”. Todos nós podemos ser solícitos e obedientes. Se o Senhor tivesse dito que só os perfeitos comeriam do bem da terra de Sião nestes últimos dias, suponho que muitos de nós se desmotivariam e desistiriam de tentar. (...)

O lugar de começar é onde cada um está. A hora de começar é agora. Só precisamos dar um passo após outro para cobrir todo o percurso. Deus, que “planejou nossa felicidade”, nos guiará sempre, desde a mais tenra infância; e nos aproximaremos da perfeição nesse processo.

Nenhum de nós já alcançou a perfeição ou o apogeu do crescimento espiritual que é possível na mortalidade. Cada pessoa pode e deve progredir espiritualmente. O evangelho de Jesus Cristo é o plano divinamente traçado para esse crescimento espiritual eterno. É mais que um código de ética. É mais que uma ordem social ideal. É mais que um pensamento positivo sobre determinação e autodesenvolvimento. O evangelho é o poder salvador do Senhor Jesus Cristo com Seu sacerdócio, com nutrição espiritual e com o Espírito Santo. Com fé no Senhor Jesus Cristo e obediência a Seu evangelho, melhorando um passo por vez à medida que prosseguimos, suplicando por forças, melhorando nossa atitude e nossa ambição, conseguiremos fazer parte do rebanho do Bom Pastor. Isso exigirá disciplina, empenho, esforço e forças. Mas o Apóstolo Paulo disse: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13).

Uma revelação dos últimos dias faz a seguinte promessa: “Põe tua confiança naquele Espírito que leva a fazer o bem—sim, a agir

justamente, a andar em humildade, a julgar com retidão; e esse é o meu Espírito.

Em verdade, em verdade eu te digo: Dar-te-ei do meu Espírito, o qual iluminará tua mente e encher-te-á a alma de alegria;

E então saberás, ou seja, por este meio saberás todas as coisas, relativas à retidão, que desejares de mim, com fé, acreditando em mim que receberás” (D&C 11:12–14).⁹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Depois de ler a seção 1, reflita sobre as ocasiões em que você precisou de ajuda celestial. De que maneira a promessa de ajuda celestial em momentos de necessidade abençoou sua vida?
- Na seção 2, o que aprendemos com o exemplo de Joseph Smith que pode nos ajudar quando nos sentirmos confusos? De que maneira podemos desenvolver maior sensibilidade espiritual, como a de Joseph?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter ensinou sobre como receber conhecimento espiritual (ver seção 3). Como podemos aumentar nosso desejo e nossa capacidade de receber conhecimento espiritual? De que maneira o conhecimento espiritual já ajudou você?
- Quais são os riscos de ver Deus “como um prestador de serviços técnicos ou uma empresa de manutenção” que nos ajuda só em casos de emergência? (Ver seção 4.) Como a oração já foi uma bênção para você?
- Na seção 5, o Presidente Hunter nos ensina como desenvolver a espiritualidade. Por que esse esforço é necessário para desenvolver força espiritual? O que podemos aprender com as escrituras que o Presidente Hunter cita nessa seção?
- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 6 a respeito do crescimento espiritual. De que maneira o crescimento espiritual tem sido um processo passo a passo para você? Como os ensinamentos do Presidente Hunter nessa

seção podem ser úteis para você se acha que não está crescendo espiritualmente?

Escrituras Relacionadas

Salmos 25:5; Provérbios 3:6; 2 Néfi 32:8–9; Alma 5:46; 34:17–27; 37:36–37; D&C 8:2–3; 88:63; 112:10; Joseph Smith—História 1:13–17

Auxílio Didático

Convide os alunos a ler novamente o capítulo e procurar sentenças ou parágrafos importantes para eles. Peça-lhes que compartilhem uns com os outros os parágrafos que encontraram e expliquem por que são significativos.

Notas

1. Kellene Ricks, “De um Amigo para Outro: De uma entrevista com Howard W. Hunter, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos”, *O Amigo*, abril de 1990, p. 12.
2. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 39–40.
3. “Abençoados pelo Alto”, *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 62.
4. “Abençoados pelo Alto”, p. 62.
5. “Tempo de Conferência”, *A Liahona*, fevereiro de 1982, p. 20.
6. “Santificado Seja o Teu Nome”, *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 71.
7. “Desenvolver a Espiritualidade”, *A Liahona*, outubro de 1979, p. 38.
8. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 36–37.
9. “Desenvolver a Espiritualidade”, p. 38.



“Joseph Smith não foi só um grande homem, mas também um servo inspirado do Senhor, um Profeta de Deus.”



Joseph Smith, o Profeta da Restauração

“Presto solene testemunho do Profeta Joseph Smith como servo ungido do Senhor nestes últimos dias.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Nancy Nowell, uma das tataravós paternas de Howard W. Hunter, mudou-se para Lapeer, Michigan, em meados de 1830. Em 1842, um missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chegou a Lapeer, vindo de Nauvoo, Illinois. Nancy ouviu a mensagem, orou a respeito e recebeu um testemunho de que ele lhe ensinara a verdade. Foi, então, a Nauvoo para saber mais a respeito da Igreja e registrou em seu diário a experiência:

“Fui ouvir o pregador mórmon [Joseph Smith] com grandes reservas, esperando não ser enganada. O tema foi a Segunda Vinda de Cristo. Recebi o testemunho de que falava a verdade e de que Joseph Smith era um Profeta verdadeiro, chamado e ordenado por Deus a fim de realizar uma grande obra, pois revelara a verdade como fora ensinada por Jesus Cristo. Pedi para ser batizada”.¹

Assim como sua tataravó Nancy Nowell, Howard W. Hunter tinha um firme testemunho da missão profética de Joseph Smith. Três semanas depois de tornar-se Presidente da Igreja, ele viajou para Nauvoo para as celebrações do 150º aniversário do martírio de Joseph e Hyrum Smith. Na reunião realizada no local do Templo de Nauvoo, o Presidente Hunter disse:

“A responsabilidade pelo trabalho que o Profeta Joseph iniciou enche-me com uma firme determinação de fazer tudo ao meu alcance no tempo que me foi reservado. Sem dúvida, Joseph foi fiel e leal a seu tempo e sua época! (...) Presto solene testemunho do Profeta Joseph Smith como servo ungido do Senhor nestes últimos

dias. A seu testemunho sobre a divindade e realidade de Jesus Cristo acrescento o meu”.²

Mais tarde, nesse mesmo dia, em uma reunião realizada na Cadeia de Carthage, o Presidente Hunter prestou o seguinte testemunho: “Joseph Smith, que deu a vida neste local, foi o instrumento de que o Senhor lançou mão para restaurar a plenitude de Seu evangelho e a autoridade de Seu sacerdócio”.³

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Deus, o Pai, e Jesus Cristo apareceram a Joseph Smith para iniciar a Restauração.

O evangelho foi pregado muitas vezes ao mundo por meio de profetas e, em cada uma delas, perdeu-se devido à desobediência. No ano de 1820, o silêncio foi interrompido, e o Senhor novamente apareceu a um profeta. Esse profeta, Joseph Smith, podia testificar com base em seu conhecimento absolutamente seguro de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, um Ser Ressurreto, separado e distinto do Pai. Ele não testificou do que acreditava ou do que ele ou outros pensavam ou conjecturavam, mas do que sabia. Ele adquiriu esse conhecimento porque Deus, o Pai, e o Filho apareceram-lhe em pessoa e conversaram com ele.⁴

Deus (...) Se revelou [a Joseph Smith] como um ser pessoal. Além disso, o Pai e o Filho demonstraram a verdade inegável de que Eles são dois personagens separados e distintos. Na verdade, a relação entre o Pai e o Filho foi confirmada pela apresentação divina ao jovem Profeta: “Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!” (Joseph Smith—História 1:17).⁵

Quando os homens souberam que o jovem Joseph Smith afirmava que Deus Se lhe manifestara, zombaram e se afastaram dele, assim como na era cristã homens sábios e capazes de Atenas se afastaram de um homem extraordinário que lhes ministrava. Acontece que Paulo, nessa primeira vez, foi o único homem, naquela grande cidade erudita, a saber que uma pessoa pode passar pelos portais da morte e viver novamente. Foi o único homem, em Atenas, que podia claramente mostrar a diferença entre os rituais idólatras e a sincera adoração ao único Deus vivo e verdadeiro (ver Atos 17:19–20, 22–23).⁶

Aqueles que rejeitaram o Salvador quando Ele veio à Terra com a declaração de que era o Filho de Deus disseram a respeito dele: “Não é este o filho do carpinteiro?” (Mateus 13:55.) Quando Joseph anunciou que tivera uma visão e vira o Pai e o Filho, a pergunta que veio à mente e aos lábios dos vizinhos, ministros e cidadãos foi: “Não é esse o filho do fazendeiro?” Cristo foi perseguido até a morte, mas o tempo veio em Sua defesa. Assim como ao filho do carpinteiro, também aconteceu ao filho do fazendeiro.⁷

Joseph Smith não foi só um grande homem, mas também um servo inspirado do Senhor, um Profeta de Deus. Sua grandeza consistia de uma única coisa: a veracidade da declaração que fez, de que viu o Pai e o Filho, e de que agiu de acordo com a realidade daquela revelação divina. (...)

Presto testemunho (...) de que o Pai e o Filho realmente apareceram ao Profeta Joseph Smith para dar início à grande obra dos últimos dias.

Testifico-lhes que o jovem Profeta que, de muitas maneiras, continua sendo o milagre central (...) desta Igreja, é um exemplo vivo de como, nas mãos de Deus e sob a direção do Salvador, as coisas fracas e simples deverão abater as grandes e fortes.⁸



Jesus Cristo restaurou Sua Igreja por meio do Profeta Joseph Smith.

No dia 6 de abril de 1830, (...) um grupo de homens e mulheres, agindo em obediência a um mandamento de Deus, reuniu-se na casa do Sr. Peter Whitmer para organizar A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...) Nenhum deles afirmava possuir cultura especial ou liderança significativa. Eram pessoas honradas e cidadãos respeitáveis, mas praticamente desconhecidos fora do local onde moravam. (...)

Esses homens humildes e comuns se reuniram porque um deles, Joseph Smith Jr., um rapaz muito jovem, fez um pronunciamento extraordinário. Ele declarou a eles e a todos os que quisessem ouvir que recebera profundas e repetidas comunicações celestiais, inclusive uma visão de Deus, o Pai, e de Seu Amado Filho, Jesus Cristo. Como resultado dessas revelações, Joseph Smith havia publicado o Livro de Mórmon, um registro sobre a interação de Cristo com os

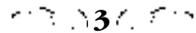
antigos habitantes do continente americano. Além disso, o Senhor havia ordenado a esse rapaz, que na ocasião tinha apenas 24 anos de idade, que restaurasse a Igreja que existira na época do Novo Testamento e que, restaurada em sua pureza, deveria ser de novo designada pelo nome de sua principal pedra de esquina e Seu Cabeça eterno, o próprio Senhor Jesus Cristo.

Assim, de uma forma humilde, porém marcante, teve início a primeira cena desse grandioso drama da Igreja, o qual, por fim, afetaria não só aquela geração, mas também toda a família humana. (...) Um começo bem humilde, de fato, mas a proclamação de que Deus havia falado, de que a Igreja de Jesus Cristo fora novamente organizada e Suas doutrinas confirmadas por revelação divina foi a mais extraordinária declaração feita ao mundo desde os dias do próprio Salvador, quando Ele caminhou pela Judeia e nas colinas da Galileia.⁹

Parte da revelação divina [recebida por Joseph Smith] era composta de instruções para restabelecer a Igreja verdadeira e viva, restaurada nestes tempos modernos, conforme existia nos dias do ministério mortal do próprio Salvador. O Profeta Joseph Smith disse que a Igreja de Jesus Cristo foi “organizada de acordo com os mandamentos e revelações que Dele recebêramos pessoalmente nestes últimos dias e de acordo com a ordem da Igreja, como se encontra no Novo Testamento” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 145). (...)

Os que se batizaram na Igreja no dia 6 de abril de 1830 acreditavam na existência de um Deus pessoal; acreditavam que a realidade da existência Dele e da existência de Seu Filho, Jesus Cristo, constituía o eterno alicerce sobre o qual esta Igreja está estabelecida.¹⁰

Por meio de [Joseph Smith] e eventos subsequentes, o sacerdócio e o evangelho em sua plenitude foram novamente restaurados na Terra, para nunca mais ser removidos (ver D&C 65:2). A Igreja de Cristo, o reino de Deus na Terra, fora restabelecida e destinada, de acordo com as escrituras, a rolar até encher toda a Terra (ver Daniel 2:35).¹¹



Joseph Smith era Profeta, vidente e revelador.

A vinda do Profeta Joseph ao mundo foi o cumprimento de uma profecia feita muitos séculos antes por José, que fora vendido ao Egito:

“O Senhor meu Deus levantará um vidente, que será um vidente escolhido para o fruto de meus lombos. (...) E seu nome será igual ao meu e será chamado pelo nome de seu pai” (2 Néfi 3:6, 15).

Joseph Smith Jr. recebeu o mesmo nome de José da antiguidade, que foi levado cativo ao Egito, e também o mesmo nome de seu pai, Joseph Smith Sênior, cumprindo, dessa maneira, a profecia. É conhecido como o Profeta Joseph Smith e é chamado “Joseph, o Vidente”. Ele também é chamado de “Profeta, vidente e revelador”.

Os termos “Profeta”, “Vidente” e “Revelador” são com frequência usados indistintamente e muitos os consideram sinônimos. Entretanto, não significam a mesma coisa; os três termos têm significados separados e distintos.

O [Élder] John A. Widtsoe define o profeta como um professor, alguém que expõe a verdade. Ele ensina a verdade conforme revelada pelo Senhor ao homem e, sob inspiração, explica-a para que o povo a entenda. A palavra “profeta” é usada, em geral, para designar aquele que recebe revelações e orientações do Senhor. Muitos pensavam que um profeta era essencialmente quem previa eventos e acontecimentos futuros, mas essa é somente uma das muitas funções de um profeta. Ele é o porta-voz do Senhor.

O vidente é alguém que enxerga. Isso não significa que ele vê com olhos naturais, mas, sim, com olhos espirituais. O dom da vidência é uma investidura sobrenatural. Joseph era como Moisés, o antigo vidente, e Moisés viu Deus face a face, mas ele explica isso com estas palavras:

“Mas agora meus próprios olhos contemplaram Deus; não, porém, meus olhos naturais, mas, sim, meus olhos espirituais, porque meus olhos naturais não poderiam ter contemplado; pois eu teria fenecido e morrido em sua presença; mas sua glória estava sobre mim e eu contemplei sua face, pois fui transfigurado diante dele” (Moisés 1:11).

Não podemos supor que ver espiritualmente não seja ver literalmente. Essa visão não é fantasia nem imaginação. O objeto é efetivamente contemplado, mas não com os olhos naturais. Cada um de nós possui olhos espirituais, que são a contrapartida dos olhos naturais. Fomos criados primeiro espiritualmente e, depois, nosso corpo foi criado para vestir nosso espírito. Aprendemos que,



A vida do Profeta Joseph Smith foi “conduzida pela revelação”.

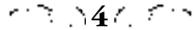
em nosso primeiro estado, tínhamos vidência. Tínhamos essa visão devido a nossos olhos espirituais, pois ainda não tínhamos recebido um corpo com olhos naturais. Todo ser humano tem visão espiritual, mas nem sempre tem o privilégio de usá-la, a não ser quando vivificado pelo Espírito de Deus. (...)

Pelo poder do Espírito Santo, algumas pessoas, enviadas à Terra para esse fim conseguem ver e contemplar as coisas pertinentes a Deus. O vidente é aquele que vê e sabe coisas passadas e também coisas futuras; e por meio dele todas as coisas serão reveladas (ver Mosias 8:15–17). Em resumo, é alguém que vê, que caminha na luz do Senhor com olhos espirituais abertos e é vivificado pelo poder do Espírito Santo. Moisés, Samuel, Isaías, Ezequiel e muitos outros eram

videntes, pois eles tiveram o privilégio de ter uma visão mais próxima da glória e do poder divino do que quaisquer outros mortais.

A revelação traz à luz algo que era desconhecido ou que era sabido antes pelo homem, mas foi apagado de sua memória. A revelação sempre lida com a verdade e sempre vem com o selo da aprovação divina. A revelação pode ser recebida de várias maneiras, mas sempre pressupõe que o revelador tenha vivido e se comportado de modo a estar em sintonia ou harmonia com o espírito divino de revelação, o espírito da verdade, sendo assim capaz de receber mensagens divinas.

Em resumo, pode-se dizer que o profeta é o professor da verdade divina, vidente na mais completa acepção do termo. O sentido da visão espiritual [de Joseph Smith] foi vivificado a um grau extremamente elevado e espiritualizado pelo Espírito Santo. Graças a esse dom, ele contemplou o Pai e o Filho quando foi ao bosque para orar. Ao acompanharmos sua vida e suas realizações a partir desse momento, vemos que ele não tentou agir com base nos próprios poderes. Ele dependia inteiramente do Senhor e, portanto, recebeu Sua ajuda e Sua orientação. Sua vida foi conduzida pela revelação.¹²



Hoje, ao profeta, rendamos louvores.

Quando cantamos o hino sobre Joseph Smith, “Hoje, ao Profeta Louvemos” (*Hinos*, nº 14), lembramos inúmeras coisas louváveis a seu respeito.

Rendemos louvores a sua capacidade de se comunicar não só com Cristo Jesus, mas também com outros personagens celestiais. Muitos foram os que visitaram, conferiram chaves e orientaram esse “vidente escolhido” levantado nos últimos dias (2 Néfi 3:6–7). Quando o Patriarca Smith abençoou o jovem Joseph, em 1834, declarou que José do Egito viu esse vidente dos últimos dias. José da antiguidade chorou ao ver como a obra do Profeta Joseph abençoaria sua numerosa posteridade no futuro.

Rendemos louvores também a Joseph Smith por sua diligência e por sua capacidade de traduzir e de receber centenas de páginas de escrituras reveladas. Ele foi o canal [de comunicação] da revelação. Estima-se que, por ele, tenham passado mais páginas maravilhosas de escritura do que por qualquer outro ser humano na história.

Rendemos louvores a Joseph não só por sua capacidade de suportar, mas principalmente por “[suportar] bem” (D&C 121:8). Ainda em sua meninice, sofreu a dolorosa operação na perna — sem a qual ele não poderia ter realizado, tempos depois, a árdua marcha do Acampamento de Sião, de Ohio até o Missouri. Durante a marcha, Joseph “caminhou a maior parte do tempo e ficou igualmente com os pés cheios de bolhas, ensanguentados e doloridos” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, p. 302). Da mesma forma, rendemos louvores a ele e a Emma por sofrer a perda terrível de seis de seus filhos naturais e adotados, ainda em tenra infância. Os pais que já passaram pela experiência de perder um filho conhecem esse sentimento.

Rendemos louvores a Joseph pela capacidade de suportar a perseguição, inclusive os longos períodos de privação extrema na Cadeia de Liberty. Para muitos, tudo parecia estar perdido. Mas o Senhor do céu tranquilizou Joseph, enquanto prisioneiro, dizendo-lhe que “os confins da Terra [indagariam] a respeito de [seu] nome” (D&C 122:1). Vivemos, hoje, em uma época em que aumenta a indagação a respeito de Joseph Smith e do evangelho restaurado.

Desde o início, Joseph realizou seu desejo de “[ser julgado tão digno] quanto eles o foram”, assim como os santos de antigamente (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, p. 241). Hoje rendemos louvores a Joseph pela maneira como “entre profetas nomeado [foi]” (*Hinos*, nº 14).

Louvamos a Joseph por perseverar em amargas e repetidas traições e decepções. Assim, ele foi para Carthage, “como um cordeiro para o matadouro”, “calmo como uma manhã de verão” e com “a consciência limpa em relação (...) a todos os homens” (D&C 135:4). Ele não foi para Carthage com amargura. Ele não foi para Carthage com reclamações. Que capacidade maravilhosa de suportar bem!

Joseph sabia para que direção estava voltado. Era para o Salvador Jesus Cristo, a quem ele ouviu desde a primeira vez em que o Pai Celestial instruiu o jovem Joseph, dizendo: “Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O!” (Joseph Smith—História 1:17.)¹³

A vida e a missão do Profeta Joseph Smith ajudam-nos a voltar ao caminho que leva à vida eterna.

Sou grato a esse homem por seus ensinamentos, por suas revelações, por tudo quanto nos deixou, pois foi por meio dele que o evangelho foi restaurado sobre a Terra. Creio não haver história mais bonita em toda a história do que o doce e simples relato do rapaz que foi ao bosque perto de sua casa, ajoelhou-se para orar e recebeu a visita de seres celestiais.

Hoje estudamos sua vida e sua obra. Muitos já as esquadrinharam em busca do mistério por trás da palavra escrita, mas não existe mistério nenhum. (...) O que havia era uma fé simples, um rapaz fiel que viria a ser treinado nas coisas pertinentes a Deus. E, com o passar do tempo, esse rapaz sem formação acadêmica e sem estudos foi educado pelo Senhor a respeito das coisas que haveriam de vir.

Ora, nós recebemos inteligência e memória. Só precisamos treiná-las e cultivá-las da maneira que o Senhor instruiu Joseph, ter a mesma fé simples que ele teve e, como ele, estar dispostos a seguir instruções simples. Se fizermos isso e seguirmos o caminho que [o Senhor] deseja que sigamos e aprendermos as lições que Ele deseja que aprendamos, veremos que nossa vida se purificará de todas as coisas contrárias aos propósitos de Deus; e isso foi o que aconteceu com Joseph. Ele veio a se tornar um homem quase perfeito, pois havia purificado a alma e a mente e vivia próximo ao Senhor, podendo conversar com Ele e ouvi-Lo dizer as coisas que nos deixou em suas revelações. Por meio de seus olhos espirituais, ele conseguia ver o passado e o futuro, e nós temos provado a veracidade das coisas que ele viu. (...)

Sou grato por fazer parte desta Igreja, e meu testemunho de sua divindade articula-se com a simples história do rapaz ajoelhado sob as árvores, sendo visitado por seres celestiais — não um Deus, mas dois personagens separados e distintos, o Pai e o Filho, revelando à Terra novamente os membros da Trindade. Minha fé e meu testemunho articulam-se com essa simples história, pois, se ela não for verdadeira, o mormonismo acaba. Mas, se ela for verdadeira — e presto testemunho de que é —, esse é um dos eventos mais grandiosos de toda a história.

É minha oração, ao celebrarmos esse grande profeta e refletirmos sobre sua vida, que sejamos sinceramente gratos pelas coisas que foram trazidas a nossa vida graças a sua vidência e sua revelação para nós — um vidente escolhido, levantado pelo Senhor para nos guiar nestes últimos dias, a fim de que possamos direcionar nossos passos aos caminhos que nos levarão à exaltação e à vida eterna.¹⁴

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Reflita sobre o que o Presidente Hunter ensinou sobre a Primeira Visão de Joseph Smith (ver seção 1). De que maneira seu testemunho da Primeira Visão influenciou você? Por que é imprescindível ter um testemunho de que Joseph Smith foi um Profeta de Deus?
- Quais são suas impressões depois de examinar os ensinamentos do Presidente Hunter sobre a organização da Igreja? (Ver seção 2.) Quais bênçãos você e sua família receberam por meio da Igreja restaurada de Jesus Cristo?
- Por que é importante entender o significado dos títulos *profeta*, *vidente* e *revelador*? (Ver seção 3.) Como você foi abençoado pelos profetas, videntes e reveladores?
- Na seção 4, o Presidente Hunter descreve algumas das razões por que rendemos louvores a Joseph Smith. Como esse ensinamento aumentou seu apreço pelo Profeta Joseph? O que aprendemos com o exemplo de Joseph Smith?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter ensinou a respeito da fé, da educação espiritual e da obediência de Joseph Smith (ver seção 5). Como esses ensinamentos se aplicam a nós? Como podemos demonstrar gratidão pelas bênçãos que recebemos por intermédio de Joseph Smith?

Escrituras Relacionadas

Tradução de Joseph Smith, Gênesis 50:25–33; Daniel 2:44; Efésios 2:19–22; 4:11–14; D&C 1:17–32; 5:9–10; 122:1–2; 135; Joseph Smith—História

Auxílio de Estudo

“Ao sentir a alegria que provém da compreensão do evangelho, você terá o desejo de colocar em prática o que aprendeu. Faça um esforço para ter uma vida que esteja em harmonia com a sua compreensão. Isso vai fortalecer sua fé, seu conhecimento e seu testemunho” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 19).

Notas

1. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 7; ver também p. 6.
2. “The Temple of Nauvoo” [O Templo de Nauvoo], *Ensign*, setembro de 1994, pp. 63–64.
3. “Come to the God of All Truth” [Vinde ao Deus de Toda a Verdade], *Ensign*, setembro de 1994, p. 73.
4. Conference Report, outubro de 1963, pp. 100–101.
5. “Dia Seis de Abril de 1830”, *A Liahona*, julho de 1991, p. 71.
6. “Dia Seis de Abril de 1830”, p. 71.
7. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 228.
8. “Dia Seis de Abril de 1830”, p. 71.
9. “Dia Seis de Abril de 1830”, p. 71.
10. “Dia Seis de Abril de 1830”, p. 71.
11. Conference Report, outubro de 1963, p. 101.
12. “Joseph Smith the Seer”, *The Annual Joseph Smith Memorial Sermons*, 2 vols., 1966, vol. 2, pp. 193–194.
13. “The Temple of Nauvoo”, pp. 63–64.
14. “Joseph Smith the Seer”, vol. 2, pp. 197–198.



*O sepulcro vazio do Salvador “proclama ao mundo:
‘Não está aqui, mas ressuscitou’” (Lucas 24:6).*



A Expição e a Ressurreição de Jesus Cristo

*“Todos nós ressurgiremos da morte para ter
vida eterna, graças ao Sacrifício Expiatório
e à Ressurreição do Salvador.”*

Da Vida de Howard W. Hunter

Em 20 de março de 1934, Howard e Claire Hunter tiveram o primeiro filho, a quem deram o nome de Howard William Hunter Jr., a quem chamavam de Billy. Em meados daquele ano, observaram que Billy parecia um pouco apático. Os médicos diagnosticaram anemia no menino, e Howard doou sangue duas vezes para transfusões de sangue, mas as condições de Billy não melhoraram. Outros exames revelaram um grave problema intestinal que fazia Billy perder sangue. Os médicos fizeram uma cirurgia, com Howard deitado ao lado do filho para lhe dar sangue, mas os resultados não foram animadores. Três dias depois, em 11 de outubro de 1934, o pequeno Billy morreu pacificamente na cama, com os pais a seu lado. “Fomos tomados pela dor e nos sentimos entorpecidos ao sair do hospital para a noite escura”, escreveu Howard.¹

Durante a experiência da morte de Billy e da morte de outros entes queridos, o Presidente Hunter foi sustentado por seu testemunho da Expição e da Ressurreição do Salvador. “Acreditamos firmemente que [a Expição] é uma realidade”, testificou ele, “e nada é mais importante em todo o divino Plano de Salvação do que o Sacrifício Expiatório de Jesus Cristo. cremos que a salvação virá por causa da Expição. Se não fosse por ela, todo o plano da criação não teria propósito. (...) Sem Seu Sacrifício Expiatório, a morte temporal seria o fim de tudo, e não haveria ressurreição nem propósito em nossa vida espiritual. E não haveria esperança de vida eterna”.²

Durante as conferências gerais de abril, que se realizam sempre na época da Páscoa, o Presidente Hunter falava com frequência sobre a Ressurreição de Jesus Cristo. Na conferência geral de abril de 1983, ele disse:

“Nesta Páscoa, sinto fortemente a importância de meu comissionamento de testificar da realidade da Ressurreição do Salvador. Meus irmãos e irmãs, existe um Deus nos céus que nos ama e Se preocupa com vocês e comigo. Temos um Pai Celeste que nos mandou Seu Primogênito dentre os filhos espirituais, Seu Unigênito na carne, a fim de ser na Terra um exemplo para nós, de tomar sobre Si os pecados do mundo e, depois, de ser crucificado pelos pecados do mundo e ressuscitar. (...)”

É realmente uma maravilhosa mensagem — haverá vida após a morte; podemos voltar a viver com nosso Pai Celestial graças ao sacrifício que o Salvador fez por nós, mediante nosso arrependimento e nossa obediência aos mandamentos.

No glorioso amanhecer da Páscoa, quando os pensamentos do mundo cristão se voltam para a Ressurreição de Jesus, ao menos por alguns breves momentos, que expressemos ao Pai Celestial nosso apreço pelo grande Plano de Salvação que Ele providenciou para nós”.³

Ensinamentos de Howard W. Hunter

A Expição foi um ato supremo de amor de nosso Pai Celestial e de Seu Filho Amado, Jesus Cristo.

A Expição de Jesus Cristo foi uma designação preordenada por nosso Pai Celestial para redimir Seus filhos após seu estado decaído. Permitir que Seu Filho Unigênito fizesse um Sacrifício Expiatório foi um ato de amor de nosso Pai Celestial. E realizar a Expição foi um ato supremo de amor de Seu Filho Amado.

Já estive no Jardim do Getsêmani diversas vezes. Contemplei em minha mente o sofrimento, a agonia do Salvador — a agonia que senti quando o Pai permitiu que Ele, de uma forma que transcende nosso entendimento, tomasse sobre Si a dor e os pecados da humanidade. Minha alma se encheu de pesar ao pensar em Seu grande sacrifício pela humanidade.

Estive também ao pé do Gólgota, o Lugar da Caveira, e refleti sobre a humilhação da crucificação que levou à morte física de nosso Salvador, mas que também levou a efeito tanto Sua imortalidade como de toda a humanidade. E, novamente, meu coração se apertou.

Estive diante do jardim do sepulcro e imaginei aquele dia glorioso da ressurreição, em que o Salvador saiu da tumba vivo, ressuscitado, imortal. Nessa contemplação, meu coração se encheu de alegria.

Por meio dessas experiências, senti minha alma se derramar em ação de graças e apreço a nosso Pai Celestial pelo amor que tanto Ele como Seu Filho nos deram com o Sacrifício Expiatório. Na letra do hino de Charles Gabriel: “Assombro me causa o amor que me dá Jesus; confuso estou pela graça de sua luz. E tremo ao pensar que por mim, Sua vida deu; por mim, tão humilde, Seu sangue Jesus verteu. Que assombroso é, Oh! Ele me amou e assim me resgatou. Que assombroso é! Assombroso, sim!” (...)

Presto-lhes testemunho, meus irmãos e irmãs, de que nosso Pai Celestial enviou ao mundo Seu Filho Amado, Jesus Cristo, para cumprir os requisitos necessários para que o Plano de Salvação se realizasse. A Expição representa Seu grande amor por nós.⁴



O Salvador tomou sobre Si todos os nossos pecados, enfermidades, pesares e dores.

Ao se reunirem para celebrar a Páscoa judaica, Jesus e Seus apóstolos partilharam dos emblemas sacramentais que Ele instituiu naquela última ceia e então caminharam até o Monte das Oliveiras.

Sempre ensinando até o último momento, Ele continuou Seu discurso sobre o tema do cordeiro do sacrificio. Ele lhes disse que seria ferido e que eles seriam dispersados como ovelhas sem pastor (ver Mateus 26:31). “Mas, depois de eu ressuscitar”, disse-lhes, “irei adiante de vós para a Galileia” (Mateus 26:32).

Nas horas que se seguiram, suou gotas de sangue, foi açoitado pelos próprios líderes que afirmavam zelar por Sua lei e crucificado junto de ladrões. Foi o que o rei Benjamim, no Livro de Mórmon, profetizou: “E eis que sofrerá tentações e dores corporais, fome, sede e cansaço maiores do que o homem pode suportar sem morrer; eis

que sairá sangue de cada um de seus poros, tão grande será a sua angústia pelas iniquidades e abominações de seu povo. (...)

E eis que vem aos seus para que a salvação seja concedida aos filhos dos homens pela fé em seu nome; e mesmo depois de tudo isso, considerá-lo-ão um homem e dirão que está endemoninhado; e açoitá-lo-ão e crucificá-lo-ão” (Mosias 3:7, 9).

Temos uma dívida para com o Profeta Alma por ter-nos dado o conhecimento da total dimensão de Seu sofrimento: “E ele seguirá, sofrendo dores e aflições e tentações de toda espécie; e isto para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e as enfermidades de seu povo.

E tomará sobre si a morte, para soltar as ligaduras da morte que prendem o seu povo; e tomará sobre si as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, segundo a carne, para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades” (Alma 7:11–12).

Pensem nisso! Quando Seu corpo foi retirado da cruz e colocado apressadamente em um sepulcro emprestado, Ele, o Filho de Deus sem pecado, já havia tomado sobre Si não só os pecados e as tentações de cada alma humana que se arrependa, mas também todas as nossas enfermidades, todos os nossos pesares e todas as nossas dores de todos os tipos. Ele sofreu essas aflições como nós as sofremos, segundo a carne. Ele Se sujeitou a todas elas. E fez isso para aperfeiçoar Sua misericórdia e Seu poder de ajudar-nos a vencer todas as provações terrenas.⁵

Podemos, de fato, fazer escolhas erradas, escolhas más, escolhas dolorosas. Às vezes, é justamente isso que acontece; mas é então que se manifesta a missão e misericórdia de Jesus Cristo, em plena força e glória. (...) Ele ofertou-nos uma Expição mediadora para as escolhas erradas que fazemos. Ele é o nosso Advogado junto ao Pai e pagou antecipadamente pelas faltas e tolices que cometemos repetidamente no exercício de nossa liberdade. Devemos aceitar esse dom, arrepender-nos dos erros e seguir Seus mandamentos a fim de tirar pleno proveito dessa redenção. A oferta continua sempre presente; o caminho está sempre aberto. Sempre podemos, mesmo nas horas mais negras e nos mais desastrosos erros, voltar os olhos para o Filho de Deus e viver.⁶

Jesus Cristo levantou-Se da tumba e foi as primícias da Ressurreição.

Voltemos no tempo, àquelas cenas finais da Terra Santa. O final da vida mortal de nosso Senhor estava próximo. Ele havia curado os enfermos, revivido os mortos e explicado as escrituras, inclusive as profecias sobre Sua própria morte e Ressurreição. Ele disse aos discípulos:

“Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte.

E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará” (Mateus 20:18–19). (...)

Às primeiras horas do amanhecer do terceiro dia, Maria Madalena e “a outra Maria” haviam ido ao sepulcro onde seu corpo sem vida tinha sido colocado (Mateus 28:1; ver também Marcos 16:1; Lucas 24:10). Antes disso, o chefe dos sacerdotes e dos fariseus havia ido a Pilatos e o persuadido a colocar guardas na porta do sepulcro, “não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos” (Mateus 27:64). Mas dois anjos poderosos haviam removido a pedra da porta da tumba, e os que iriam guardá-la fugiram aterrorizados.

Quando as mulheres chegaram à tumba, encontraram-na aberta e vazia. Os anjos haviam esperado para contar-lhes as mais grandiosas boas-novas que o ouvido humano haveria de ouvir: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito” (Mateus 28:6).⁷

Nenhuma outra doutrina cristã é mais importante para toda a humanidade do que a da Ressurreição do Filho de Deus. Ele trouxe a ressurreição a todos os homens, a todas as mulheres e crianças que já nasceram ou que ainda nascerão neste mundo.

A despeito da grande importância que damos à ressurreição em nossa doutrina, talvez muitos de nós ainda não tenham uma total percepção de seu significado espiritual e sua grandeza eterna. Se tivéssemos, ficaríamos maravilhados com sua beleza, assim como ficou Jacó, o irmão de Néfi; e tremeríamos só de imaginar o que enfrentaríamos se não tivéssemos recebido esse dom divino. Jacó escreveu:



Jesus Cristo apareceu a Maria Madalena pouco depois de ter ressuscitado (ver João 20:1–18).

“Oh! A sabedoria de Deus, sua misericórdia e graça! Pois eis que se a carne não mais se levantasse, nossos espíritos estariam à mercê daquele anjo que caiu da presença do Eterno Deus e tornou-se o diabo, para não mais se levantar” (2 Néfi 9:8).

Certamente, a ressurreição é o centro de toda fé cristã; é o maior de todos os milagres realizados pelo Salvador do mundo. Sem ela, teríamos realmente sido deixados em desespero. Gostaria de usar as palavras de Paulo: “Se não há ressurreição de mortos, (...) logo é vã a nossa pregação, (...) e assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo. (...) Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (I Coríntios 15:13–15, 17).⁸

Sem a Ressurreição, o evangelho de Jesus Cristo torna-se uma ladainha de ditos sábios e milagres aparentemente inexplicáveis — mas ditos e milagres sem nenhum triunfo final. Não, o triunfo final está no milagre supremo; pela primeira vez na história da humanidade, alguém ressuscitou, pelo próprio poder, para a vida imortal. Ele *era* o Filho de Deus, o Filho de nosso Pai Celeste imortal, e esse triunfo sobre a morte física e espiritual é a boa-nova de que deve falar toda língua cristã.

A verdade eterna é que Jesus Cristo Se levantou do sepulcro e foi as primícias da Ressurreição (ver I Coríntios 15:23). As testemunhas dessa maravilhosa ocorrência não podem ser impugnadas.

Entre as testemunhas escolhidas estão os apóstolos do Senhor. Na verdade, o chamado ao santo apostolado é o de testificar ao mundo a divindade do Senhor Jesus Cristo. Joseph Smith disse: “Os princípios fundamentais de nossa religião são o testemunho dos apóstolos e profetas a respeito de Jesus Cristo, que Ele morreu, foi sepultado, ressuscitou no terceiro dia e ascendeu ao céu; todas as outras coisas de nossa religião são meros apêndices disso” (*History of the Church*, vol. 3, p. 30). (...)

Instruindo Seus apóstolos, Cristo os fez saber que “importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria” (Marcos 8:31). E assim aconteceu. Ele foi crucificado e sepultado. No terceiro dia, ressuscitou para a vida — o Salvador da humanidade e as primícias da Ressurreição. Graças ao Seu Sacrifício Expiatório, todos os homens serão salvos do sepulcro e voltarão a viver. Esse tem sido sempre o testemunho dos apóstolos, ao qual acrescento o meu.⁹

Jesus apareceu a muitos depois de Sua Ressurreição.

Nos dias seguintes à Ressurreição, o Senhor apareceu a muitos. Mostrou-lhes Suas cinco marcas especiais. Caminhou, conversou e comeu com eles, como que para provar-lhes sem dúvida alguma que um corpo ressuscitado é realmente um corpo físico tangível de carne e ossos. Mais tarde, ministrou aos nefitas, a quem ordenou: “Levantai-vos e aproximai-vos de mim, para que possais meter as mãos no meu lado e também apalpar as marcas dos cravos em minhas mãos e em meus pés, a fim de que saibais que eu sou o Deus de Israel e o Deus de toda a Terra e fui morto pelos pecados do mundo.

E (...) a multidão se adiantou e meteu as mãos no seu lado e apalpou as marcas dos cravos em suas mãos e seus pés; e isto fizeram, adiantando-se um por um, até que todos viram com os próprios olhos, apalparam com as mãos e souberam com toda a certeza, testemunhando que ele era aquele sobre quem os profetas escreveram que haveria de vir” (3 Néfi 11:14–15).

Cada homem e mulher em toda parte tem a responsabilidade e a alegria de “[buscar] esse Jesus sobre quem os profetas e apóstolos [têm testificado]” (Éter 12:41) e de obter um testemunho espiritual de Sua divindade. A todos os que humildemente buscam é concedido o direito e a bênção de ouvir a voz do Espírito Santo, prestando testemunho do Pai e do Filho ressuscitado.¹⁰

O testemunho daqueles que viram [Jesus] como pessoa viva depois de Sua morte jamais foi refutado. Ele apareceu pelo menos 10 ou 11 vezes: a Maria Madalena e às outras mulheres no jardim do sepulcro; aos dois discípulos na estrada de Emaús; a Pedro em Jerusalém; aos apóstolos quando Tomé estava ausente e novamente quando estava presente; aos apóstolos no Mar da Galileia; em uma montanha a mais de 500 irmãos ao mesmo tempo; a Tiago, irmão do Senhor; e aos apóstolos por ocasião de Sua ascensão.¹¹

Tendo sido chamado e ordenado para prestar testemunho do nome de Jesus Cristo para todo o mundo, testifico-lhes, nesta Páscoa, que Ele vive. Ele tem um corpo de carne e ossos, imortal e glorificado. Ele é o Filho Unigênito do Pai na carne. Ele é o Salvador, a

Luz e a Vida do mundo. Após Sua crucificação e morte, apareceu como ser ressuscitado a Maria, a Pedro, a Paulo e a muitos outros. Mostrou-Se aos nefitas. Mostrou-Se a Joseph Smith, o jovem Profeta, e a muitos outros em nossa dispensação.¹²



Todos nós ressuscitaremos e teremos vida eterna.

A Páscoa é a celebração do dom gracioso da imortalidade concedido a todos os homens, que restaura a vida e cura todas as feridas. Embora todos devam morrer, como parte do eterno plano de progresso e desenvolvimento, todos poderão encontrar conforto na afirmação do salmista: “O choro pode durar por uma noite, mas a alegria vem pela manhã” (Salmos 30:5).

É de Jó a pergunta que poderia ser considerada a mais importante de toda a história da humanidade: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14.) A resposta de Cristo continua ecoando até hoje, através dos tempos: “Porque eu vivo, e vós vivereis” (João 14:19).¹³

Ocorre, no momento da morte, a separação do espírito e do corpo. A ressurreição unirá novamente o espírito ao corpo, e o corpo se tornará um corpo espiritual, de carne e ossos, mas vivificado pelo espírito em vez de pelo sangue. Nosso corpo, portanto, depois da ressurreição, vivificado pelo espírito, tornar-se-á imortal e nunca mais morrerá. Esse é o significado da afirmação de Paulo de que, “se há corpo natural, há também corpo espiritual” e que “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (ver I Coríntios 15:44, 50). O corpo natural é de carne e sangue; mas, vivificado pelo espírito em vez de pelo sangue, poderá entrar — e entrará — no reino. (...)

Tenho a convicção de que Deus vive e que Jesus é o Cristo. Ao testemunho que Paulo prestou aos santos de Corinto em sua carta, naquela Páscoa há tantos anos, acrescento o meu de que todos nós ressurgiremos da morte para ter vida eterna, graças ao Sacrifício Expiatório e à Ressurreição do Salvador. Imagino-O de braços abertos para todos os que quiserem ouvir:

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá” (João 11:25–26).¹⁴

A Ressurreição de Cristo introduz a bênção da imortalidade e a possibilidade de vida eterna. Seu sepulcro vazio proclama ao mundo: “Não está aqui, mas ressuscitou” (Lucas 24:6). Essas palavras enceram toda esperança, certeza e fé necessárias para nos amparar em nossa vida, às vezes tão desafiadora e cheia de pesar.¹⁵

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- De que maneira a Expição demonstra o amor que o Pai Celestial e Jesus Cristo têm por nós? (Ver seção 1.) Como podemos demonstrar gratidão por esse dom de amor? (Ver D&C 42:29.)
- Leia novamente a seção 2 e identifique algumas das maneiras como a Expição nos abençoa. Como os ensinamentos do Presidente Hunter e o uso das escrituras aumentam seu entendimento sobre a Expição? Que experiências já fortaleceram seu testemunho sobre a Expição? De que maneira o poder da Expição fortalece você nos momentos de provação?
- Quais são suas impressões depois de examinar os ensinamentos do Presidente Hunter sobre a Ressurreição? (Ver seção 3.) Como podemos apreciar melhor o significado da Ressurreição?
- Leia novamente a seção 4, na qual o Presidente Hunter identifica muitas testemunhas da Ressurreição de Jesus Cristo. Por que o testemunho dessas testemunhas é importante?
- Reflita sobre o ensinamento do Presidente Hunter de que a Ressurreição encerra “toda esperança, certeza e fé necessárias para nos amparar em nossa vida, às vezes tão desafiadora e cheia de pesar” (seção 5). De que maneira a Ressurreição é uma fonte de esperança e consolo para você? De que maneira o testemunho da Ressurreição já melhorou sua vida?

Escrituras Relacionadas

João 10:17–18; 2 Néfi 2:6–9, 22–27; 9:19–25; 3 Néfi 27:13–16; D&C 18:10–16; 19:15–20; Moisés 6:59–60

Auxílio de Estudo

“Planeje atividades de estudo que edifiquem sua fé no Salvador” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 22). Por exemplo, ao estudar, você pode fazer perguntas a si mesmo, como: “De que maneira esses ensinamentos me ajudariam a aumentar meu entendimento sobre a Expição de Jesus Cristo? Como esses ensinamentos podem me ajudar a tornar-me mais semelhante ao Salvador?”

Notas

1. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 88; ver também pp. 86–87.
2. Conference Report, outubro de 1968, p. 139.
3. “Evidências da Ressurreição”, *A Liahona*, julho de 1983, p. 26.
4. “The Atonement of Jesus Christ” [A Expição de Jesus Cristo], discurso proferido durante o seminário para presidentes de missão de 24 de junho de 1988, pp. 2–3, 7, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City; ver também *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 8–9.
5. “Ele Ressuscitou”, *A Liahona*, julho de 1988, p. 15.
6. “O Fio de Ouro da Escolha”, *A Liahona*, janeiro de 1990, p. 18.
7. “Ele Ressuscitou”, p. 15.
8. “Ele Ressuscitou”, p. 15.
9. “Um Testemunho da Ressurreição”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 14.
10. “Ele Ressuscitou”, p. 15.
11. Conference Report, abril de 1963, p. 106.
12. “Ele Ressuscitou”, p. 15.
13. “Um Testemunho da Ressurreição”, p. 14.
14. Conference Report, abril de 1969, pp. 138–139.
15. “Um Testemunho da Ressurreição”, p. 14.



Como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Presidente Howard W. Hunter aconselhou os santos dos últimos dias a seguirem o Presidente da Igreja.



Revelação Contínua por Meio de Profetas Vivos

*“Somos guiados por um profeta vivo de Deus —
um profeta que recebe revelações do Senhor.”*

Da Vida de Howard W. Hunter

De depois de ser apoiado Presidente da Igreja, na conferência geral de outubro de 1994, Howard W. Hunter expressou seus sentimentos a respeito de suas responsabilidades sagradas:

“Amados irmãos, obrigado por seu voto de apoio. Dirijo-me a vocês com humildade, entristecido pelo recente falecimento de nosso amado profeta, o Presidente Ezra Taft Benson. Meu coração está cheio de pesar e preocupação devido à morte do meu querido amigo, especialmente por causa das novas responsabilidades que recaíram sobre mim.

Chorei muito e procurei o Pai Celestial em sincera oração, desejando estar à altura desse grande e santo chamado. Tenho orado para ser digno de executar essa tarefa, realizada por outros 13 homens nesta dispensação. Talvez somente eles, olhando-nos do outro lado do véu, possam entender completamente o peso da responsabilidade e a profunda dependência que sinto do Senhor ao aceitar esse chamado sagrado”.

O Presidente Hunter explicou que recebeu mais forças e mais confiança em sua convicção de que a Igreja é dirigida não só por homens, mas pelo próprio Jesus Cristo, que prepara e inspira aqueles a quem Ele chama na presidência:

“Nestes últimos meses, tenho sido fortalecido pelo meu firme testemunho de que esta obra é de Deus e não dos homens. Jesus Cristo é o Cabeça desta Igreja. Ele a dirige tanto por palavras como por ações. Sinto-me profundamente honrado por ser chamado por

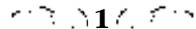
algum tempo para ser um instrumento nas mãos do Mestre e presidir esta Igreja. Contudo, sem o conhecimento de que Cristo é o Cabeça, não seria possível a mim ou a qualquer outro homem suportar o peso desse chamado.

Ao assumir essa responsabilidade, reconheço a mão miraculosa de Deus em minha vida. Diversas vezes Ele a poupou, restaurou minhas forças e tirou-me dos braços da morte, permitindo-me continuar meu ministério mortal por mais algum tempo. Houve ocasiões em que me perguntei por que minha vida fora poupada. Hoje, não faço mais essa pergunta; peço, apenas, a fé e as orações dos membros da Igreja para que trabalhemos juntos a fim de cumprirmos os propósitos de Deus para esta época de nossa vida. (...)

Faz 35 anos que fui apoiado membro do Quórum dos Doze. Esses anos foram uma rica preparação. (...) Meus passos são mais lentos agora, mas tenho a mente lúcida e o espírito jovem. (...)

Assim como meus irmãos antes de mim, recebo com esse chamado a certeza de que Deus guiará Seu profeta. Aceito humildemente o chamado de servir e declaro, como o salmista: 'O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele confiou o meu coração, e fui socorrido' (Salmos 28:7)".¹

Ensinamentos de Howard W. Hunter



Em cada dispensação, Deus levantou profetas como Seus porta-vozes.

Ao folhear as páginas do Velho Testamento, vemos os escritos de grandes homens do passado que são citados como profetas. Os livros do Novo Testamento contêm, entre outras coisas, registros, ensinamentos e histórias de homens de uma dispensação posterior, que também são denominados profetas. E ainda há o registro de profetas da parte ocidental do mundo, que elevaram a voz para proclamar a palavra do Senhor, protestando contra a iniquidade e ensinando os princípios do evangelho. Todos eles deixaram seu testemunho.

Profeta é aquele que foi chamado e levantado pelo Senhor a fim de levar adiante os propósitos de Deus entre Seus filhos. É aquele que recebeu o sacerdócio e fala com autoridade. Os profetas são

professores e defensores do evangelho. Eles prestam testemunho da divindade do Senhor Jesus Cristo. Os profetas previram acontecimentos futuros, mas essa não é a mais importante de suas responsabilidades embora possa servir de prova do seu poder profético.

Em cada dispensação do tempo, foi necessário que houvesse uma liderança justa, e Deus escolheu profetas para esse propósito muito antes de eles virem para esta existência mortal (ver Jeremias 1:5; Abraão 3:23).²

O estudo das revelações do Senhor contidas nos escritos sagrados confirma o fato de que é a revelação contínua que guia os profetas e a Igreja em qualquer época. Se não houvesse revelação contínua, Noé não se teria preparado para o Dilúvio que cobriu a Terra. Abraão não teria sido guiado de Harã a Hebrom, a terra prometida. A revelação contínua tirou os filhos de Israel do cativeiro e os conduziu à terra prometida. A revelação por meio dos profetas orientou os trabalhos missionários, dirigiu a reconstrução do Templo de Salomão e denunciou a infiltração de práticas pagãs entre os israelitas.

Antes de Sua ascensão, Cristo prometeu aos 11 apóstolos: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20). Depois da ascensão, Ele continuou dirigindo a Igreja por revelação até a morte dos apóstolos e a subsequente apostasia da Igreja de Jesus Cristo.³

Por toda a sua história, até o dia de hoje, a Igreja teve um profeta, vidente e revelador. Jesus Cristo está à cabeça da Igreja e dirige Seu profeta. (...) Seus conselheiros e os membros do Quórum dos Doze (...) são também profetas, videntes e reveladores. (...) Os membros da Igreja não precisam dar ouvidos a uma trombeta de somido incerto. Eles creem na voz de seus líderes, pois sabem que são guiados pelo Senhor.⁴



Deus orienta hoje Seus filhos por meio de um profeta vivo.

Um sinal distintivo dos últimos dias que precederão a Segunda Vinda do Senhor foi contemplado em visão pelo mesmo apóstolo que escreveu o livro de Apocalipse. Ele disse:

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo” (Apocalipse 14:6). (...)

Testificamos ao mundo inteiro que ministradores celestiais apareceram em nossos dias, trazendo autoridade dos céus e restaurando verdades perdidas por causa da corrupção de ensinamentos e práticas. Deus voltou a falar e continua provendo orientação para todos os Seus filhos por meio de um profeta vivo hoje. Declaramos que Ele, conforme prometeu, está sempre com Seus servos e dirige os negócios de Sua Igreja no mundo inteiro. Como nos tempos passados, a revelação dirige a obra missionária, a construção de templos, os chamados no sacerdócio e faz advertências contra os males da sociedade que podem prejudicar a salvação dos filhos de nosso Pai.

Em uma revelação a um oráculo moderno, Joseph Smith, o Senhor disse:

“Porque não faço acepção de pessoas e desejo que todos os homens saibam que o dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, em que a paz será tirada da Terra e o diabo terá poder sobre seu próprio domínio.

E também o Senhor terá poder sobre seus santos e reinará em seu meio” (D&C 1:35–36).

O Salvador reina no meio dos santos hoje por meio da revelação contínua. Presto-lhes testemunho de que Ele está com Seus servos neste dia, assim como estará até o fim da Terra.

Que nossa visão não seja tão limitada a ponto de dizer que só os antigos recebiam revelação. Deus é misericordioso e ama Seus filhos de todos os tempos, e a eles tem-Se revelado historicamente até o dia de hoje.⁵

O Senhor revelou Sua mente e vontade a Seus profetas ungidos. Existe uma corrente interminável de revelações fluindo constantemente dos mananciais celestes aos servos ungidos de Deus na Terra. Desde a morte do Profeta Joseph Smith, a voz do Senhor a Seus profetas continua como antes.⁶

3

Nesta época de fome espiritual, podemos encontrar abundância espiritual ao dar ouvidos à voz do profeta.

A fome era um dos flagelos comuns do tempo do Velho Testamento, e as pessoas entendiam as consequências devastadoras da quebra da safra e de pessoas famintas. Amós traz esse entendimento sob um foco agudo em sua predição de fome espiritual. Ele diz: “Não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor” (Amós 8:11). (...)

Os relatos atuais de confusão e frustração de pessoas e instituições religiosas, em sua tentativa de resolver suas dúvidas e seus conflitos religiosos, lembram-nos destas palavras de Amós: “Correrão por toda a parte, buscando a palavra do Senhor, mas não a acharão” (Amós 8:12).

Eles tentam encontrar a solução sem edificar sobre a pedra da revelação, como o Senhor disse que deveria ser (ver Mateus 16:17–18). (...)

A confusão e as frustrações que o mundo sofre não são comuns aos membros fiéis da Igreja. (...) Existe uma voz confiável para aqueles que têm fé e desejo de acreditar. Certamente, vivemos dias de fome, como descrito por Amós. (...) No entanto, em meio a essa visível fome espiritual, há muitos que encontraram abundância espiritual.

É (...) meu humilde testemunho de que o evangelho em sua plenitude foi restaurado nestes últimos dias e que há um profeta sobre a Terra hoje, que transmite a mente e vontade do Senhor àqueles que a desejam ouvir e têm fé para segui-la.⁷

4

Se seguirmos os ensinamentos dos profetas vivos, não perderemos o rumo.

O profeta mais importante para os povos de dispensações e épocas passadas era o que estava vivo, ensinando e revelando a vontade do Senhor para seu tempo. Em cada dispensação passada, profetas foram levantados pelo Senhor como Seus porta-vozes ao povo daquela época em especial, para os problemas específicos daquele tempo.

Nosso líder, nosso mestre hoje em dia é o profeta vivo atualmente. É dele que recebemos orientação para o mundo atual. De todos os cantos da Terra, nós, que o apoiamos como profeta do Senhor, expressamos nossa gratidão por tal fonte de orientação divina. (...)

À medida que recordamos os profetas do passado e do presente, damos-nos conta da grande bênção que recebemos por influência de um profeta vivo. A história nos ensina que, a menos que estejamos dispostos a dar ouvidos às admoestações e seguir os ensinamentos do profeta do Senhor, estaremos sujeitos aos julgamentos de Deus.⁸

Somente o Presidente da Igreja tem o direito de receber revelações para a Igreja como um todo ou dar interpretações oficiais das escrituras ou das doutrinas da Igreja:

“Ninguém será designado para receber mandamentos e revelações nesta Igreja, a não ser [o Presidente da Igreja] porque ele as recebe como Moisés” (D&C 28:2).⁹

Se seguirmos o alerta, o conselho e os ensinamentos dos líderes da Igreja em suas instruções para nós, não perderemos o rumo nas coisas que mais importam para nossa salvação e exaltação pessoais.¹⁰

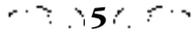
Sinto-me profundamente grato pelas revelações que estabeleceram o maravilhoso sistema pelo qual a Igreja é governada. Todo homem ordenado ao apostolado e designado como membro do Quórum dos Doze é apoiado como profeta, vidente e revelador. A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos, chamados e ordenados para portar as chaves do sacerdócio, têm a autoridade e a responsabilidade de governar a Igreja, administrar suas ordenanças, expor suas doutrinas e estabelecer e manter suas práticas.

Quando o presidente adoece ou não consegue desempenhar plenamente os deveres de seu ofício, seus dois conselheiros, que com ele formam o Quórum da Primeira Presidência, continuam o trabalho da Presidência. Quaisquer questões de maior peso, diretrizes, programas ou doutrinas são examinados fervorosamente em conselho pelos Conselheiros na Primeira Presidência e pelo Quórum dos Doze Apóstolos. Nenhuma decisão é tomada pela Primeira Presidência e pelo Quórum dos Doze Apóstolos sem total unanimidade entre todos os envolvidos.



“O tempo de conferência é uma ocasião de renovação espiritual em que se fortalece o conhecimento e o testemunho.”

Seguindo esse padrão inspirado, a Igreja irá avante sem interrupção. O governo da Igreja e o exercício dos dons proféticos estarão sempre investidos nas autoridades apostólicas que têm e exercem todas as chaves do sacerdócio.¹¹



Na conferência geral, recebemos conselhos inspirados de profetas, videntes e reveladores.

Ao ponderar as mensagens da conferência [geral], fiz-me esta pergunta: Como posso ajudar as outras pessoas a partilhar da bondade e das bênçãos do Pai Celestial? A resposta reside em seguir a orientação daqueles que apoiamos como profetas, videntes e reveladores, e de outras autoridades gerais. Que estudemos suas palavras, proferidas por inspiração, e recorramos a elas com frequência. O Senhor revelou Sua vontade aos santos nesta conferência.¹²

Recebemos muitos conselhos inspirados de profetas, videntes e reveladores, e de outras autoridades gerais durante a conferência geral. Nossos profetas atuais nos incentivam a tornar a leitura dos discursos da conferência geral uma parte importante e frequente de nosso estudo pessoal. Ao fazermos isso, a conferência geral se torna, de certo modo, um suplemento ou uma extensão de Doutrina e Convênios.¹³

O tempo de conferência é uma ocasião de renovação espiritual em que se fortalece o conhecimento e o testemunho de que Deus vive e abençoa os que são fiéis. É o tempo em que o conhecimento de que Jesus é o Cristo, o filho do Deus vivo, é profundamente incutido no coração dos que estão decididos a servi-Lo e a guardar Seus mandamentos. Na conferência, nossos líderes transmitem-nos orientação inspirada para conduzir nossa vida — um tempo em que as almas são avivadas e tomamos a resolução de ser melhores maridos e esposas, pais e mães, filhos e filhas mais obedientes, amigos e vizinhos mais bondosos. (...)

Nós, aqui reunidos hoje [na conferência geral], temos um conhecimento especial e único do evangelho do Salvador. O mais extraordinário para todos os que nos vêm a conhecer é nossa declaração ao mundo de que somos guiados por um profeta vivo de Deus — alguém que se comunica com o Senhor, é por Ele inspirado e Dele recebe revelação.¹⁴

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 1. Por que Deus nos deu profetas para cada dispensação? Quais são algumas das funções dos profetas? Como podemos ajudar nossos filhos a terem um testemunho dos profetas?
- De que maneira a existência de um profeta vivo nos abençoa atualmente? (Ver seção 2.) Por que é importante que exista uma “corrente interminável de revelações” fluindo de Deus para Seus profetas vivos?
- Quais são algumas provas de que vivemos em uma época de “fome espiritual”? (Ver seção 3.) Que bênçãos você já recebeu por dar ouvidos à voz do profeta vivo?

- O Presidente Hunter nos ensina que “somente o Presidente da Igreja tem o direito de receber revelações para a Igreja como um todo” (seção 4). Por que esse conhecimento é útil para você? Por que é útil saber que “não perderemos o rumo” se seguirmos o profeta?
- Reflita sobre o quanto a conferência geral é importante em sua vida (ver seção 5). Quais ensinamentos da conferência geral já abençoaram você? De que maneira você pode tornar a conferência geral uma influência mais efetiva em sua vida e em seu lar?

Escrituras Relacionadas

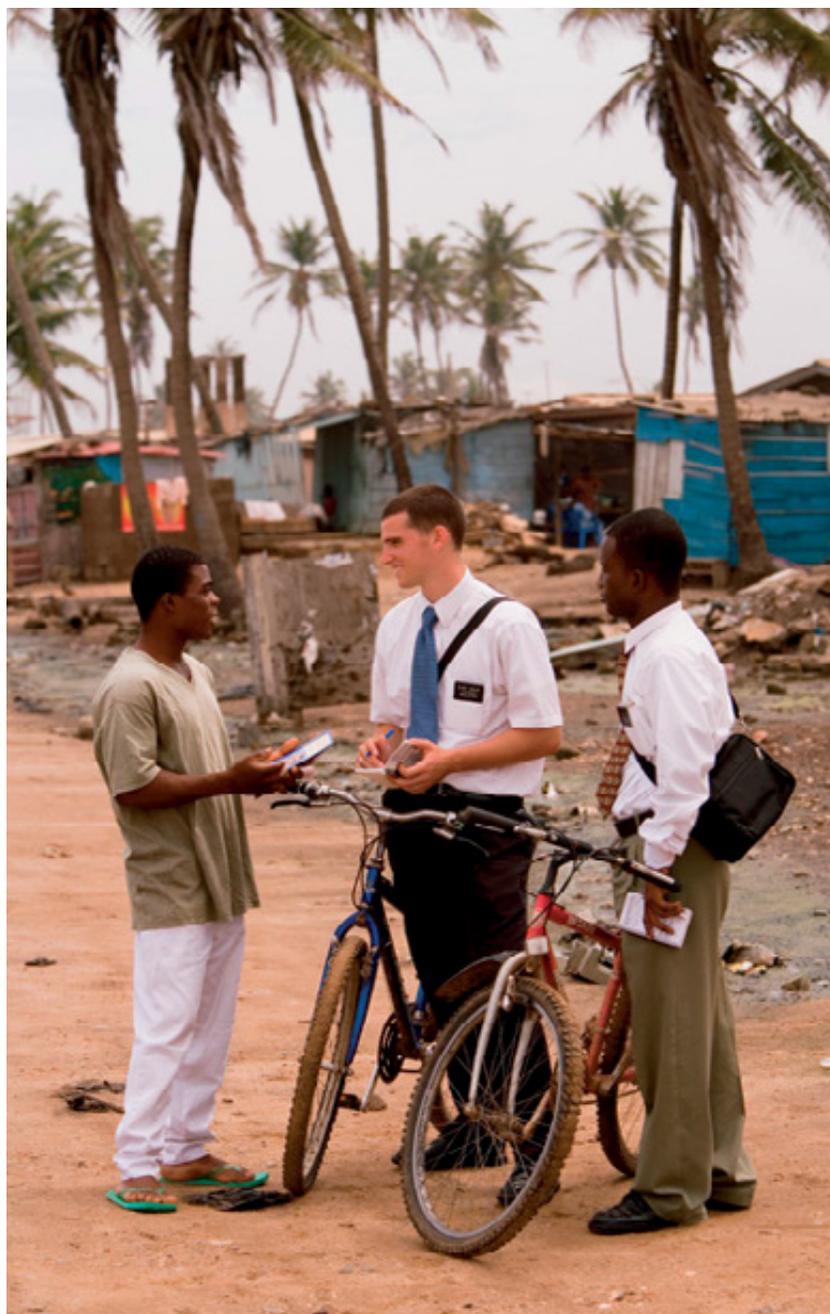
Amós 3:7; Mateus 10:41; Lucas 1:68–70; JST, II Pedro 1:20–21; Mosias 8:15–18; D&C 1:14–16, 37–38; 21:1, 4–6; 43:2–6; 107:91–92

Auxílio Didático

Como atividade de classe, faça no quadro uma lista das perguntas que as pessoas de outras crenças podem ter sobre o assunto deste capítulo. Convide os alunos para ler novamente o capítulo e identificar as respostas a essas perguntas e, depois, compartilhar o que encontraram.

Notas

1. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
2. Conference Report, outubro de 1963, p. 99.
3. “Ninguém Deverá Acrescentar ou Tirar Qualquer Coisa”, *A Liahona*, agosto de 1981, p. 106.
4. “Spiritual Famine” [Fome Espiritual], *Ensign*, janeiro de 1973, p. 65.
5. “Ninguém Deverá Acrescentar ou Tirar Qualquer Coisa”, p. 106.
6. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 196.
7. “Spiritual Famine”, pp. 64–65.
8. Conference Report, outubro de 1963, p. 101.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 225.
10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 223.
11. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, p. 8. O Presidente Hunter ensinou esses importantes princípios enquanto era Presidente da Igreja.
12. “Segui o Filho de Deus”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 97.
13. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 212.
14. “Tempo de Conferência”, *A Liahona*, fevereiro de 1982, p. 20.



*“O evangelho de Jesus Cristo (...) é uma fé global
com uma mensagem que inclui tudo.”*



Levar o Evangelho ao Mundo Inteiro

“Estamos engajados na tarefa de salvar almas, de convidar as pessoas a virem a Cristo.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Em 1979, o Élder Howard W. Hunter, então membro do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Acredito plenamente que, em um futuro bem próximo, veremos alguns dos maiores avanços na divulgação do evangelho a todas as nações que já aconteceram nesta ou em qualquer outra dispensação anterior. Tenho certeza de que poderemos olhar para trás em retrospectiva (...) e escrever, como Lucas fez: ‘E crescia a palavra de Deus’ (Atos 6:7)”.¹

À época em que o Élder Hunter disse essas palavras, restrições políticas proibiam a pregação do evangelho pelos missionários na maioria dos países da Europa Oriental e na [então] União Soviética. Nos dez anos seguintes, muitas dessas restrições começaram a ser retiradas. Em 1989 e 1990, o Muro de Berlim, que separou a Alemanha Ocidental da Alemanha Oriental por quase 30 anos, foi derrubado. O Presidente Hunter era o Presidente do Quórum dos Doze na ocasião, e expressou seus sentimentos sobre esse evento histórico e sobre outras mudanças que ocorriam no mundo:

“Muita atenção tem-se voltado ultimamente ao Muro de Berlim. Obviamente, estamos felizes por ver que ele veio abaixo, representando liberdades recém-descobertas. (...) Ao tentarmos entender o espírito de reconciliação que varre o globo e dar-lhe significado no contexto do evangelho, precisamos perguntar-nos: Não seria isso a mão do Senhor removendo barreiras políticas e abrindo brechas nos muros até agora intocáveis para a pregação do evangelho, tudo de acordo com um plano e um momento específico divino?”²

O Presidente Hunter sentia que essas mudanças colocavam uma responsabilidade importante sobre os ombros dos membros da Igreja. Quanto mais as nações abrirem-se para o trabalho missionário, dizia ele, mais missionários serão necessários para cumprir o encargo de levar o evangelho ao mundo inteiro.³

O enorme desejo do Presidente Hunter de alcançar todos os filhos de Deus, não importando a nacionalidade ou crença, evidenciou-se em seu trabalho no Oriente Médio. A Primeira Presidência deu-lhe uma designação importante em Jerusalém, que incluía supervisionar a construção do Jardim Memorial de Orson Hyde e o Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young. Embora o proselitismo não fosse permitido na região, o Presidente Hunter fez amizades duradouras entre as pessoas com quem trabalhou, tanto judeus como árabes. “O propósito do evangelho de Jesus Cristo é promover o amor, a união e a fraternidade o mais possível”, declarou.⁴

Em seu trabalho com os filhos de Deus ao redor do mundo, a mensagem do Presidente Hunter era sempre a mesma: “Somos seus irmãos — não consideramos inferior nenhuma nação ou nacionalidade. Convidamos todos (...) a examinar nossa mensagem e receber nossa amizade”.⁵

Ensinamentos de Howard W. Hunter

O evangelho restaurado destina-se a todas as pessoas, com base na convicção de que somos todos filhos do mesmo Deus.

O evangelho de Jesus Cristo, que ensinamos e cujas ordenanças realizamos, é uma fé global, com uma mensagem que inclui tudo. Não é limitada, nem parcial, nem sujeita à história ou à moda. Sua essência é universal e eternamente verdadeira. Sua mensagem se destina ao mundo e foi restaurada nestes últimos dias para atender às necessidades fundamentais de toda nação, tribo, língua e povo da Terra. Foi estabelecido novamente como era no princípio — para edificar a irmandade, preservar a verdade e salvar almas. (...)

Na mensagem do evangelho, a raça humana é uma só família, descendente de um único Deus. Todos os homens e todas as mulheres

não só têm uma linhagem física que reconduz a Adão e Eva, seus primeiros pais terrenos, mas também têm uma herança espiritual que reconduz a Deus, o Pai Eterno. Assim, todas as pessoas na Terra são literalmente irmãos e irmãs na família de Deus.

É no entendimento e na aceitação dessa paternidade universal de Deus que todos os seres humanos podem melhor apreciar a preocupação de Deus por eles e o vínculo que eles têm entre si. Essa é uma mensagem de vida e amor, que se choca frontalmente com as sufocantes tradições fundamentadas em raça, língua, situação econômica ou política, formação acadêmica ou experiência cultural, pois temos todos a mesma linhagem espiritual. Temos uma linhagem divina; toda pessoa é um filho espiritual de Deus.

Nessa visão do evangelho, não há lugar para uma concepção mesquinha, limitada ou prejudicial. O Profeta Joseph Smith disse: “O amor é uma das principais características de Deus e deve ser manifestado por todos aqueles que desejam ser filhos de Deus. Um homem cheio de amor de Deus não fica contente em abençoar apenas sua família, mas estende a mão para o mundo inteiro, ansioso por abençoar toda a humanidade” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007, p. 347*). (...)

O evangelho restaurado é uma mensagem do amor divino às pessoas de todo lugar, com base na convicção de que todos os seres humanos são filhos do mesmo Deus. Essa mensagem religiosa básica foi lindamente expressa na seguinte declaração da Primeira Presidência, em 15 de fevereiro de 1978:

“Com base em revelações antigas e modernas, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ensina e declara, com alegria, a doutrina cristã de que todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs, não só pelo relacionamento consanguíneo, devido a progenitores mortais comuns, mas também por serem literalmente filhos espirituais de um Pai Eterno” (Declaração da Primeira Presidência Referente ao Amor de Deus por Toda a Humanidade, 15 de fevereiro de 1978).

Os santos dos últimos dias têm uma abordagem positiva e abrangente no que diz respeito às pessoas que não pertencem a nossa fé. Cremos que elas são, literalmente, nossos irmãos e nossas irmãs, que somos filhos e filhas do mesmo Pai Celestial. Temos uma mesma genealogia que nos reconduz a Deus.⁶

A Igreja tem a missão de pregar o evangelho a todas as nações.

A Igreja, por ser o reino de Deus sobre a Terra, tem uma missão para todas as nações. “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mateus 28:19–20). Essas palavras ditas pelo Mestre não conhecem fronteiras nacionais; elas não se limitam a nenhuma raça ou cultura. Nenhuma nação é favorecida sobre outra. A admoestação é clara — “fazei discípulos de *todas* as nações”. (...)

Por sermos membros da Igreja do Senhor, é nosso dever elevar-nos acima de preconceitos pessoais. É nosso dever descobrir a verdade suprema de que, efetivamente, nosso Pai não faz acepção de pessoas. Às vezes, ofendemos indevidamente irmãos e irmãs de outras nações ao dedicar mais atenção a uma nacionalidade específica. (...)

Imaginem um pai com muitos filhos, cada um deles com temperamento, atitude e traço espiritual diferente do outro. Porventura amará um filho menos que outro? Talvez o filho com menor inclinação espiritual receba mais atenção, orações e súplicas do pai que os outros. Será que isso significa que ele ama menos os outros? Vocês acham que nosso Pai Celestial amaria uma nacionalidade, dentre todas de Sua progênie, mais do que outra? Como membros da Igreja, precisamos nos lembrar da pergunta desafiadora feita por Néfi: “Não sabeis que há mais de uma nação?” (2 Néfi 29:7.) (...)

A nossos irmãos e nossas irmãs de todas as nacionalidades: Prestamos solene testemunho e testificamos que Deus falou em nosso tempo e em nossa época; que mensageiros celestiais foram enviados; que Deus revelou Sua mente e vontade a um Profeta, Joseph Smith. (...)

Assim como nosso Pai ama todos os Seus filhos, devemos amar a todas as pessoas — de todas as raças, culturas e nacionalidades — e ensinar-lhes os princípios do evangelho a fim de que possam abraçá-lo e venham a conhecer a divindade do Salvador.⁷



“Estamos engajados na tarefa de salvar almas.”

Em nossos esforços humildes de estabelecer a fraternidade e de ensinar a verdade revelada, dizemos às pessoas do mundo algo que o Presidente George Albert Smith sugeriu tão amorosamente:

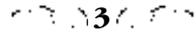
“Não vim para tirar-lhes a verdade e a virtude que vocês têm. Não vim para apontar defeitos ou criticá-los. (...) Mantenham tudo de bom que possuem, e deixem-nos trazer-lhes mais, para que sejam mais felizes e para que estejam preparados para entrar na presença de nosso Pai Celestial”.⁸

Estamos engajados na tarefa de salvar almas, de convidar as pessoas a virem a Cristo, de trazê-las às águas do batismo a fim de que continuem a progredir ao longo do caminho que leva à vida eterna. Este mundo precisa do evangelho de Jesus Cristo. O evangelho fornece o único meio pelo qual o mundo terá paz.⁹

Como membros da Igreja de Jesus Cristo, procuramos reunir toda a verdade. Procuramos expandir o círculo de amor e entendimento entre todos os povos da Terra. Assim, empenhamo-nos no estabelecimento da paz e da felicidade não só para cristãos, mas também para toda a humanidade. (...)

Esta que Joseph [Smith] foi um instrumento para estabelecer, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é hoje uma religião mundial, não só porque seus membros se encontram no mundo inteiro, mas principalmente por ter uma mensagem completa e abrangente, fundamentada na aceitação de toda a verdade, restaurada para atender às necessidades de toda a humanidade.

(...) Levamos essa mensagem de amor e esperança ao mundo inteiro. Venham ao Deus de toda verdade, que continua falando a Seus filhos por meio dos profetas. Ouçam a Sua mensagem, Dele que continua a enviar Seus servos para pregar o evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo. Venham e banqueteiem-se à mesa que lhes é oferecida por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Juntem-se a nós, que buscamos seguir o Bom Pastor, que a preparou.¹⁰



Aqueles que já vivenciaram as bênçãos da Expição de Jesus Cristo têm a obrigação de prestar testemunho Dele.

O que a Expição tem a ver com o trabalho missionário? Toda vez que sentimos as bênçãos da Expição em nossa vida não podemos deixar de preocupar-nos com o bem-estar [das outras pessoas].

Há inúmeros exemplos no Livro de Mórmon que ilustram esse princípio. Enquanto Leí comia do fruto da árvore, simbolizando participar da Expição, disse: “Comecei a desejar que dele também comesse minha família” (1 Néfi 8:12). Por ocasião da conversão de Enos e do perdão de seus pecados, devido à sua fé em Jesus Cristo, ele disse: “Comecei a desejar o bem-estar de meus irmãos, os nefitas” (Enos 1:9). Depois, orou pelos lamanitas, os inimigos implacáveis dos nefitas. E também há o exemplo dos quatro filhos de Mosias — Amon, Aarão, Ômner e Hímni — que receberam o perdão de seus pecados e trabalharam por vários anos entre os lamanitas para trazê-los a Cristo. Os registros relatam que eles não podiam suportar a ideia de que alguma alma humana se perdesse (ver Mosias 28:3).

O exemplo divino de alguém do convênio que deseja levar o evangelho a outras pessoas é mais bem ilustrado pelo exemplo de Alma, o filho. Gostaria de ler para vocês seu testemunho. (...)

“Desde aquela ocasião até agora tenho trabalhado sem cessar para conseguir trazer almas ao arrependimento; para fazer com

que elas experimentem a intensa alegria que eu experimentei; para que também nasçam de Deus e encham-se do Espírito Santo” (Alma 36:24; ver também Alma 36:12–23).

Um grande indicador de conversão pessoal é o desejo de compartilhar o evangelho com outras pessoas. Por essa razão, o Senhor deu a obrigação a todos os membros da Igreja de serem missionários.

Atentem para o convênio que faz a pessoa ao ser batizada na Igreja:

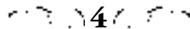
“Sendo que desejais entrar no rebanho de Deus e ser chamados seu povo; e sendo que estais dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves;

Sim, e estais dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que vos encontréis, mesmo até a morte; para que sejais redimidos por Deus e contados com os da primeira ressurreição, para que tenhais a vida eterna” (Mosias 18:8–9).

Devemos servir de testemunhas de Deus em todos os momentos [e] em todos os lugares, mesmo até a morte. Renovamos esse convênio durante o sacramento, quando fazemos o convênio de tomar sobre nós o nome de Cristo.

O serviço missionário é uma maneira importante de tomar sobre nós o Seu nome. O Salvador disse que, se desejarmos, de todo coração, tomar sobre nós o Seu nome, somos chamados para ir a todo o mundo e pregar Seu evangelho a toda criatura (ver D&C 18:28). (...)

Aqueles que partilharam da Expição estão sob a obrigação de prestar um fiel testemunho de nosso Senhor e Salvador. (...) O chamado de compartilhar o evangelho com outras pessoas representa nosso grande amor pelos filhos de nosso Pai Celestial, bem como pelo Salvador e pelo que fez por nós.¹¹



Com a ajuda do Senhor, podemos vencer todos os obstáculos para compartilhar o evangelho.

Com a queda do muro na Europa Oriental (...) e em muitas outras partes do mundo, aumentará na mesma proporção a necessidade de mais missionários para cumprir o mandamento divino de levar

o evangelho a toda a Terra. Será que estamos prontos para atender a essa contingência?

Para suprir as novas demandas dessa grande obra missionária dos últimos dias, talvez alguns de nós (em especial a geração anterior, cujos filhos já estão criados) devam avaliar honestamente nossas condições e determinar quais “muros” criados por nossa mente devem cair.

Por exemplo, o que me dizem do “muro do conforto”, que parece evitar que muitos casais e adultos solteiros partam para a missão? E quanto ao “muro financeiro” ou da dívida, que interfere com a capacidade de alguns membros? E o “muro dos netos”? E o “muro da saúde”? E o “muro da autoconfiança”? E o “muro da autorrealização”? E o “muro da transgressão”? Ou do medo, da dúvida ou da complacência? Vocês têm alguma dúvida de que, com a ajuda do Senhor, essas pessoas conseguiriam derrubar facilmente esses muros?

Somos pessoas privilegiadas por termos nascido nestes últimos dias, ao contrário dos que nasceram nas dispensações anteriores, e podermos ajudar a levar o evangelho a toda a Terra. Não há maior chamado nesta vida. Se nos contentarmos em usar esses muros erguidos por nós mesmos como justificativas para não servir, abriremos mão deliberadamente de bênçãos a que teríamos direito. Nas revelações modernas, o Senhor explica essa grande necessidade:

“Porque eis que o campo já está branco para a ceifa; e eis que aquele que lança a sua foice com vigor faz reserva, de modo que não perece, mas traz salvação a sua alma” (D&C 4:4).

O Senhor ainda nos explica, na mesma revelação, quais são as qualidades necessárias para sermos bons missionários. Conhecedor pleno de nossas fraquezas e nossas reservas, por permanecermos ocultos atrás do enorme portão do muro que criamos, Ele nos assegura que enviará Sua ajuda divina para sobrepujar todos os obstáculos, bastando para isso que façamos nossa parte, ao nos prometer simplesmente: “Pedi e recebereis; batei e ser-vos-á aberto” (D&C 4:7).

Que o Senhor nos abençoe para que os muros criados por nossa mente não nos impeçam de receber as bênçãos a que temos direito.¹²

Muitas vezes, durante Seu ministério mortal, o Senhor fez um chamado que era tanto um convite como um desafio. Disse Ele

a Pedro e André: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:19). (...)

Os profetas desta última dispensação ensinaram que todo jovem digno e capaz deve cumprir missão de tempo integral, o que saliento hoje como algo muito necessário. Existe também uma grande necessidade de que casais mais velhos sirvam no campo missionário. Jesus disse a Seus discípulos: “Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara” (Lucas 10:2).¹³

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Pondere os ensinamentos do Presidente Hunter sobre o fato de o evangelho destinar-se a todas as pessoas, com base na verdade de que somos todos filhos de Deus (ver seção 1). Ao compartilharmos o evangelho, de que maneira será útil lembrar que cada pessoa é literalmente nosso irmão ou nossa irmã?
- O que aprendemos com os ensinamentos do Presidente Hunter na seção 2 quanto aos sentimentos do Pai Celestial por Seus filhos? O que você poderia fazer para amar mais todas as pessoas e compartilhar o evangelho com elas?
- Como você responderia à pergunta do Presidente Hunter “O que a Expição tem a ver com o trabalho missionário?” (Ver seção 3.) Como você poderia aumentar seu desejo de compartilhar o evangelho com outras pessoas? Que bênçãos você já recebeu por ter compartilhado o evangelho com alguém — ou por alguém ter compartilhado o evangelho com você?
- Depois de estudar a seção 4, avalie quais são os “muros” que impedem você de receber as bênçãos do serviço missionário. Coloque em discussão algumas formas de vencer esses obstáculos.

Escrituras Relacionadas

Amós 9:9; 2 Néfi 2:6–8; Mosias 28:1–3; Alma 26:37; D&C 18:10–16; 58:64; 68:8; 88:81; 90:11; 123:12; Joseph Smith—Mateus 1:31

Auxílio Didático

“O Espírito Santo pode inspirar um ou mais de seus alunos a emitir opiniões que outras pessoas precisam ouvir. Siga prontamente os sussurros que o motivarem a pedir a participação de alguém. Você pode até ser inspirado a solicitar comentários de uma pessoa que não se tenha pronunciado” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 63).

Notas

1. “All Are Alike unto God” [Todos Somos Iguais Diante de Deus], *Ensign*, junho de 1979, p. 74.
2. “Walls of the Mind” [Muros da Mente], *Ensign*, setembro de 1990, pp. 9–10.
3. Ver “Walls of the Mind”, p. 10.
4. “All Are Alike unto God”, p. 74.
5. “All Are Alike unto God”, p. 74.
6. “O Evangelho — Uma Fé Global”, *A Liahona*, janeiro de 1992, p. 20.
7. “All Are Alike unto God”, p. 74.
8. “O Evangelho — Uma Fé Global”, p. 20; A declaração feita por George Albert Smith encontra-se em *Ensina-mentos dos Presidentes da Igreja: George Albert Smith*, 2011, p. 153.
9. “Segui o Filho de Deus”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 97.
10. “Come to the God of All Truth” [Vinde ao Deus de Toda a Verdade], *Ensign*, setembro de 1994, p. 73.
11. “The Atonement of Jesus Christ” [A Expição de Jesus Cristo], discurso proferido durante o seminário para presidentes de missão de 24 de junho de 1988, pp. 4–7, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City; ver também *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 248–249.
12. “Walls of the Mind”, p. 10.
13. “Segui o Filho de Deus”, p. 97.



A Lei do Dízimo

“Só recebemos um testemunho sobre a lei do dízimo ao vivê-la.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Pouco antes de Howard W. Hunter e Claire Jeffs se casarem, Howard foi entrevistado pelo bispo para receber uma recomendação para o templo. Ficou surpreso durante a entrevista, quando o bispo perguntou-lhe se poderia sustentar uma esposa e uma família com o seu salário. Howard recorda: “Quando eu lhe disse qual era o meu salário, ele justificou sua dúvida com relação a minha capacidade de sustentar mulher e filhos com base no dízimo que eu pagava”.

Até então, Howard não era dizimista integral, pois não tinha entendido ainda a importância de se pagar integralmente o dízimo. Sua explicação foi: “Meu pai não era membro da Igreja durante o período em que morei com minha família e, por isso, o dízimo nunca tinha sido discutido em casa, nem eu avaliara sua importância”.

Howard disse que, durante a entrevista, o bispo, “com seu jeito amoroso (...), ensinou-me a importância dessa lei e, quando lhe disse que daquele momento em diante eu pagaria integralmente meu dízimo, ele continuou a entrevista e aliviou minha ansiedade ao preencher e assinar o formulário da recomendação”.

Ao contar à Claire essa experiência, ela revelou a Howard que sempre fora dizimista integral. “Resolvemos que viveríamos essa lei por todo o nosso casamento, e o dízimo viria sempre em primeiro lugar”, disse ele.¹



“O pagamento do dízimo fortalece a fé, aumenta a espiritualidade e a capacidade espiritual e solidifica o testemunho.”

Ensinamentos de Howard W. Hunter

1.

A definição que o Senhor nos dá da lei do dízimo é simples.

A lei [do dízimo] foi simplesmente declarada como “a décima parte de toda a sua renda” (D&C 119:4). Renda significa lucros, remuneração, aumento. É o salário do empregado, o lucro na realização de um negócio, o aumento daquele que planta ou produz, ou a renda de uma pessoa, proveniente de qualquer fonte. O Senhor disse que é uma lei “permanente”, assim como foi no passado.²

Como todos os mandamentos e leis do Senhor, [a lei do dízimo] é simples se tivermos um pouco de fé. O Senhor disse, resumindo: “Basta mover o ponto decimal para um dígito à esquerda”. Essa é a lei do dízimo. Simples assim.³

2.

A lei do dízimo existe desde o princípio e continua em vigor ainda hoje.

A primeira menção distinta da palavra “dízimo” na Bíblia encontra-se no primeiro livro do Velho Testamento. Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, saiu ao encontro de Abraão (...) e abençoou-o, e Abraão “deu-lhe o dízimo de tudo” (Gênesis 14:20).

Alguns capítulos mais adiante, nesse mesmo livro, Jacó fez um voto em Betel, nestas palavras: “De tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo” (Gênesis 28:20–22).

A terceira menção é encontrada em conexão com a lei levítica. O Senhor falou por intermédio de Moisés:

“Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor; santas são ao Senhor” (Levítico 27:30).

Sob a lei levítica, os dízimos eram pagos aos levitas para seu sustento e, por sua vez, era cobrado deles o pagamento dos dízimos daquilo que tinham recebido, conforme as palavras do Senhor na instrução dada a Moisés:

“Também falarás aos levitas, e dir-lhes-ás: Quando receberdes os dízimos dos filhos de Israel, que eu deles vos tenho dado por vossa herança, deles oferecereis uma oferta alçada ao Senhor, os dízimos dos dízimos” (Números 18:26).

Isso indica claramente que a lei do dízimo fazia parte da lei levítica e era obedecida por todo o povo — até os próprios levitas tinham o mandamento de pagar o dízimo sobre os dízimos que recebiam.

Há quem defenda a ideia de que a lei do dízimo era somente uma instituição levítica, mas a história confirma o fato de que sempre foi e continua a ser uma lei universal. É um fundamento da lei mosaica. Existiu desde o princípio; encontra-se na antiga lei egípcia, na Babilônia, e pode ser rastreada por toda a história bíblica. Foi mencionada pelo Profeta Amós (ver Amós 4:4) e por Neemias, cujo encargo era reconstruir os muros de Jerusalém (ver Neemias 10:37–38; 12:44; 13:5, 12). Pouco tempo depois, Malaquias iniciou uma tarefa ainda maior, a de reconstruir a fé e a moral de uma nação. No esforço supremo de atacar a avareza daqueles que eram religiosos só na aparência, ele os açoita com a acusação de estarem cometendo um crime contra Deus.

“Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas.

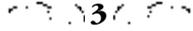
Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação.

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes” (Malaquias 3:8–10). (...)

As palavras de Malaquias encerram o Velho Testamento com uma reiteração da lei do dízimo, indicando que não houve revogação dessa lei que existe desde o princípio. A dispensação do Novo Testamento, portanto, teve início sob essa admoestação. (...)

Pouco tempo depois que o evangelho foi restaurado nesta dispensação, o Senhor revelou a lei a Seu povo por meio de um profeta moderno:

“E depois disso, os que assim tiverem pagado o dízimo pagarão a décima parte de toda a sua renda anual; e isto será uma lei permanente para eles, para meu santo sacerdócio, diz o Senhor” (D&C 119:4).⁴



Com o dízimo, fazemos uma doação e também pagamos uma obrigação.

O dízimo é a lei de Deus para Seus filhos ainda que o pagamento seja inteiramente voluntário. Quanto a isso, ela não difere da lei do Dia do Senhor ou de qualquer outra de Suas leis. Podemos, talvez, recusar-nos a obedecer a alguma ou a todas elas. Nossa obediência é voluntária; mas nossa desobediência não revoga nem anula a lei.

Se o dízimo é voluntário, seria ele uma doação ou o pagamento de uma obrigação? Há uma diferença substancial entre esses dois conceitos. A doação é uma transferência de dinheiro ou de propriedade sem qualquer tipo de compromisso. É feita de livre e espontânea vontade. Ninguém tem a obrigação de fazer uma doação. Se o dízimo fosse uma doação, poderíamos doar quanto quiséssemos, quando quiséssemos ou não fazer doação nenhuma. Isso colocaria nosso Pai Celestial na mesma categoria de um pedinte de rua, a quem atiraríamos uma moeda ao passar.

O Senhor instituiu a lei do dízimo e, uma vez que é uma lei Dele, temos a obrigação de observá-la se O amamos e desejamos cumprir Seus mandamentos e receber Suas bênçãos. Dessa forma, ela se torna uma dívida. Aquele que não paga seu dízimo porque está endividado deveria perguntar a si mesmo se também não está endividado com o Senhor. O Mestre disse: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:33).

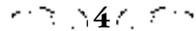
Não se pode caminhar em direções opostas ao mesmo tempo. Não se pode servir a Deus e a Mamom. Aquele que rejeita a lei do dízimo certamente não a colocou à prova. É claro que haverá um custo. Para se viver qualquer das leis do evangelho ou qualquer de seus princípios, é preciso trabalho, raciocínio e esforço. (...)

Com o dízimo, fazemos uma doação e também pagamos uma obrigação. Pagamos a obrigação que temos com o Senhor. A doação destina-se a nossos semelhantes para a edificação do reino de



“Não é um fardo pagar o dízimo, mas, sim, um grande privilégio.”

Deus. Se observarmos criteriosamente o proselitismo feito pelos missionários, o programa de ensino da Igreja, o grande sistema educacional e o programa de construção, que ergue locais de adoração, dar-nos-emos conta de que não é um fardo pagar o dízimo, mas, sim, um grande privilégio. As bênçãos do evangelho são levadas a muitas pessoas graças ao nosso dízimo.⁵



**Uma oferta ao Senhor deve custar
algo de valor a quem doa.**

Lemos em II Samuel 24:18–25 que Davi não fazia oferta ao Senhor do que não lhe custara nada. Sem dúvida, ele entendia que, se a doação não custasse nada ao doador, não seria adequado alçá-la ao Senhor.

Cristo disse que quem dá é mais abençoado do que quem recebe (ver Atos 20:35); mas, ainda assim, há quem só faça a doação se isso não lhe custar nada. Isso não está de acordo com os ensinamentos do Mestre, que disse: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo” (Mateus 16:24).

Existem pessoas que não vivem a lei do dízimo por causa do que lhes custa. Isso contrasta com o entendimento de Davi, que não fazia oferendas ao Senhor a menos que lhe custasse alguma coisa. Os grandiosos princípios morais relacionados à lei do dízimo passam despercebidos por aqueles que não o pagam e, portanto, falta-lhes o entendimento da lei e das razões de seu estabelecimento.⁶

Pagar o dízimo traz bênçãos.

O Senhor instituiu a lei [do dízimo]. Se seguirmos Sua lei, prosperamos; mas, se acharmos que nossa maneira é melhor que a do Senhor, fracassaremos. Ao viajar pela Igreja e ver os resultados do pagamento dos dízimos, cheguei à conclusão de que não é um fardo, mas, sim, uma grande bênção.⁷

Pague um dízimo honesto. Essa lei eterna, revelada pelo Senhor e praticada pelos fiéis desde os antigos profetas até o tempo presente, ensina-nos a colocar o Senhor em primeiro lugar em nossa vida. Não nos é requerido que sacrifiquemos nossa casa ou nossa vida, como acontecia aos primeiros santos. Nosso desafio atual é vencer nosso egoísmo. Pagamos o dízimo porque amamos o Senhor, e não por termos os meios para fazê-lo. Podemos esperar que o Senhor abra “as janelas do céu” (Malaquias 3:10) e derrame Suas bênçãos sobre os fiéis.⁸

Seguimos o princípio de devolver ao Senhor uma parte de todas as benesses que recebemos Dele, e a essa parte nós chamamos de dízimo. O dízimo é (...) inteiramente voluntário. Nós decidimos se pagamos o dízimo ou não. Aqueles que o fazem recebem bênçãos que os outros não conhecem.⁹

Mary Fielding Smith, mãe e pioneira indômita, era mulher e viúva do Patriarca Hyrum Smith, irmão do Profeta. (...) Uma primavera, ao abrirmos os buracos em que conservávamos batatas, ela mandou que os filhos pegassem uma parte das melhores batatas para levar ao escritório do dízimo.

Ela foi recebida nos degraus da entrada do escritório por um funcionário que [começou a protestar] quando os rapazes começaram a descarregar as batatas. “Viúva Smith”, disse ele, certamente levando em conta as provações e os sacrifícios dela, “é uma vergonha que

a senhora tenha de pagar o dízimo”. Ele (...) a censurou por pagar o dízimo, classificando-a de tudo, exceto sábia ou prudente. (...)

A pequena viúva assumiu uma atitude de altivez ao responder: “William, você devia se envergonhar! [Você] por acaso me negaria uma bênção? Se eu não pagar meu dízimo, sei que o Senhor reterá minhas bênçãos. Pago o dízimo não só por ser uma lei de Deus, mas porque espero uma bênção por fazê-lo. Ao cumprir essa e outras leis, espero prosperar e ser capaz de sustentar minha família” (Joseph Fielding Smith, *Life of Joseph F. Smith*, 1938, pp. 158–159).¹⁰

O princípio do dízimo deve ser mais do que o cumprimento matemático e mecânico da lei. O Senhor condenou os fariseus por doarem o dízimo de seus temperos mecanicamente, sem visar o aspecto espiritual da lei (ver Mateus 23:23). Se pagarmos o dízimo por amor ao Senhor, em total liberdade e fé, diminuiremos a distância que nos separa Dele, e nosso relacionamento com Ele será muito pessoal. Seremos libertados do cativeiro dos detalhes da lei e, tocados pelo Espírito, sentiremos perfeita união com Deus.

O pagamento do dízimo fortalece a fé, aumenta a espiritualidade e a capacidade espiritual e solidifica o testemunho. Gera a satisfação de saber que a vontade do Senhor está sendo cumprida. Traz as bênçãos decorrentes de compartilhar por meio dos objetivos para os quais o dízimo é usado. Não podemos nos dar ao luxo de nos privar de tais bênçãos. Não podemos nos dar ao luxo de não pagar o dízimo. Temos um vínculo muito definido com o futuro, assim como com o presente. O que doamos e a maneira como doamos, como cumprimos nossa obrigação diante do Senhor, têm significado eterno.

Só recebemos um testemunho sobre a lei do dízimo ao vivê-la.¹¹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Releia a definição da lei do dízimo na seção 1. O que é o dízimo? O que podemos aprender com o Presidente Hunter a respeito da simplicidade da lei do dízimo?
- Que novas ideias você teve com os ensinamentos do Presidente Hunter sobre a história do dízimo? (Ver seção 2.) Por que acha

que o Presidente Hunter queria que entendêssemos que a lei do dízimo “sempre foi uma lei universal”?

- De que maneira nós tanto “fazemos uma doação como também pagamos uma obrigação” com o dízimo? (Ver seção 3.) De que maneira o fato de pagarmos o dízimo demonstra amor pelo Senhor? Como passaremos a sentir que o pagamento do dízimo é um privilégio, não um fardo?
- Por que uma oferta ao Senhor deve custar algo de valor a quem doa? (Ver seção 4.) Como devemos sobrepujar quaisquer obstáculos ou relutância em pagar o dízimo?
- Leia novamente as muitas bênçãos que o Presidente Hunter disse que nos adviriam do pagamento do dízimo (ver seção 5). Como você já viu essas bênçãos em sua vida?

Escrituras Relacionadas

Alma 13:15; D&C 64:23; 104:14–18; 119; 120; Guia para Estudo das Escrituras, “Dízimo”

Auxílio de Estudo

Ao ler um capítulo pela primeira vez, você pode lê-lo rapidamente ou ater-se aos títulos para ter uma noção do conteúdo. Depois, leia o capítulo várias vezes, fazendo-o mais lentamente e estudando-o em profundidade. Você pode também ler cada seção, tendo em mente as perguntas de estudo. Ao fazer isso, seu aprendizado se aprofundará ainda mais.

Notas

- | | |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Eleanor Knowles, <i>Howard W. Hunter</i>, 1994, pp. 80–81. 2. <i>The Teachings of Howard W. Hunter</i>, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 105; ver também Conference Report, abril de 1964, p. 35. 3. <i>The Teachings of Howard W. Hunter</i>, p. 105. 4. Conference Report, abril de 1964, pp. 33–35. 5. Conference Report, abril de 1964, pp. 35–36. 6. <i>The Teachings of Howard W. Hunter</i>, p. 106; ver também Conference Report, abril de 1964, p. 33. | <ol style="list-style-type: none"> 7. <i>The Teachings of Howard W. Hunter</i>, p. 105. 8. <i>The Teachings of Howard W. Hunter</i>, p. 105. 9. “Dedication of Goteborg Chapel” [Dedicação da Capela de Goteborg], discurso proferido em Goteborg, Suécia, em 10 de setembro de 1967, p. 1, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City. 10. Howard W. Hunter, <i>That We Might Have Joy [Para Que Tenhamos Alegria]</i>, 1994, pp. 136–137. 11. Conference Report, abril de 1964, p. 36. |
|--|---|



“Esperamos que vocês estejam lendo e estudando as escrituras todos os dias, tanto individualmente como em família.”



As Escrituras — O Mais Proveitoso de Todos os Estudos

“Que cada um de nós (...) se aproxime mais ao Pai Celestial e Seu Filho Amado por meio do estudo assíduo das sagradas escrituras.”

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Howard W. Hunter tinha um amor enorme pelas escrituras e estudava-as com dedicação. Esse amor e esse estudo se refletiam em seus ensinamentos, sempre cheios das histórias e passagens das obras-padrão. Com frequência, ao ensinar um princípio do evangelho, principalmente na conferência geral, ele selecionava pelo menos um relato das escrituras, contava-o em detalhes e extraía dele a aplicação prática.

Por exemplo, quando ensinava sobre o comprometimento que devemos ter com Deus, costumava contar as histórias de Josué; de Sadraque, Mesaque e Abednego; e de outros do Velho Testamento que demonstraram ter esse comprometimento (ver capítulo 19). Ao ensinar sobre o serviço, usava exemplos do Livro de Mórmon para mostrar como algumas pessoas que recebiam pouco reconhecimento “não prestavam menos serviços” do que outras cujo serviço era mais visível (ver capítulo 23). Ao ensinar como ter paz interior em momentos de aflição, usava extensas passagens das escrituras, inclusive a história de Pedro andando sobre as águas (ver capítulo 2). Ao ensinar sobre o sacramento, o contexto preferido era a história dos filhos de Israel e a Páscoa judaica (ver capítulo 15).

O Presidente Hunter sabia o quanto as escrituras são importantes para ajudar uma pessoa a ter um testemunho de Jesus Cristo. Por isso, usava com frequência os relatos das escrituras para ensinar a respeito do ministério, da crucificação e da Ressurreição do Salvador. Ele declarou:

“Sou grato pelo conjunto de escrituras que nos permitem obter um maior conhecimento de Jesus Cristo pelo estudo fervoroso. Sou grato pelo fato de, além do Velho e do Novo Testamento, o Senhor ter acrescentado, por meio dos profetas de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, outras escrituras reveladas como testemunhas adicionais de Cristo — O Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e A Pérola de Grande Valor — que eu sei que são a palavra de Deus. Elas testificam que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo”.¹

Ensinamentos de Howard W. Hunter

O estudo das escrituras é o mais proveitoso dentre todos os tipos de estudo que podemos fazer.

O testemunho de que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Grande Jeová, o Salvador do Mundo e o Filho Unigênito do Deus vivo é o princípio central de toda a verdade. Essa é a mensagem das escrituras. Ao longo de cada um desses livros sagrados, há um apelo para que acreditemos e tenhamos fé em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo; e do primeiro até o último desses livros de escrituras, somos conclamados a fazer a vontade de Deus e cumprir Seus mandamentos.²

Quando seguimos o conselho de nossos líderes de ler e estudar as escrituras, recebemos benefícios e bênçãos de vários tipos. Esse é o mais proveitoso dentre todos os tipos de estudo a que podemos nos dedicar. (...)

As escrituras contêm o registro da autorrevelação de Deus e, por meio delas, Deus fala ao homem. Como seria possível usar melhor o nosso tempo do que lendo nas escrituras a literatura que nos ensina a conhecer Deus e a entender nosso relacionamento com Ele? O tempo é precioso para pessoas ocupadas, e nós somos roubados de seu valor quando perdemos horas lendo coisas frívolas e de pouco valor ou assistindo a elas.³

Esperamos que vocês estejam lendo e estudando as escrituras todos os dias, tanto individualmente como em família. Não devemos tratar com leviandade o mandamento do Senhor: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas

que de mim testificam” (João 5:39). O Espírito virá ao nosso lar e a nossa vida se lermos a palavra revelada.⁴

A Igreja precisa estar cheia de homens e mulheres que conheçam profundamente as escrituras, que consultem as referências, que marquem as passagens significativas, que preparem aulas e discursos usando os auxílios de estudo, que dominem os mapas e outros recursos contidos nas maravilhosas obras-padrão. Obviamente, [o que existe nelas] é mais do que poderíamos conhecer a fundo em um curto espaço de tempo. Não há dúvida de que o campo escriturístico “já está branco para a ceifa” (ver D&C 4:4). (...)

Nunca nesta dispensação, e certamente em nenhuma outra dispensação, as escrituras — a palavra eterna e esclarecedora de Deus — estiveram tão prontamente à mão e estruturadas de modo tão útil para o uso de todos os homens, mulheres e crianças que as estudam. A palavra de Deus escrita é a forma mais legível e acessível já oferecida aos membros leigos na história do mundo. Teremos certamente de prestar contas se não as estudarmos.⁵



O estudo das escrituras ajuda-nos a aprender a vontade de Deus e obedecer a ela.

Para que sejamos obedientes à lei do evangelho e aos ensinamentos de Jesus Cristo, devemos em primeiro lugar entender a lei e conhecer a vontade do Senhor. A melhor forma de fazer isso é examinar e estudar as escrituras e as palavras dos profetas. Ao fazer isso, familiarizamo-nos com tudo que Deus já revelou ao homem.

Entre [as] Regras de Fé, há uma que declara o seguinte: “Cremos em tudo o que Deus revelou, em tudo o que Ele revela agora e cremos que Ele ainda revelará muitas coisas grandiosas e importantes relativas ao Reino de Deus” (Regras de Fé 1:9).

A vontade de Deus é revelada nas escrituras e, por isso, temos o mandamento de lê-las para encontrar a verdade. O Senhor explicou a Oliver Cowdery o que fazer para conhecer essas verdades. Ele disse: “Eis que te dou um mandamento de que confies nas coisas que estão escritas; porque nelas estão escritas todas as coisas concernentes ao alicerce de minha igreja, meu evangelho e minha rocha” (D&C 18:3–4).

Paulo escreveu a seu bom amigo Timóteo, instando-o a estudar as escrituras, dizendo: “Desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus”. E acrescentou: “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (II Timóteo 3:15–16). (...)

Os líderes da Igreja enfatizam vigorosamente a importância do estudo das escrituras e das palavras dos profetas antigos e modernos. Os pais e as mães são incentivados a ler as escrituras de modo a poderem ensinar adequadamente os filhos. Os filhos leem as escrituras como resultado do exemplo dos pais. Estudamos as escrituras nas nossas noites familiares, e algumas famílias leem as escrituras juntas de manhã bem cedo. (...) Essa é a maneira de aprender a conhecer a vontade do Senhor para que a obedeçamos.⁶

Examinem a sequência dos passos apresentados nas escrituras, que começa com dar ouvidos diligentemente à palavra de Deus e continua com a promessa de que, se o fizermos, poderemos entrar na presença Dele:

“E agora vos dou o mandamento de que vos acauteleis, de que deis ouvidos diligentemente às palavras de vida eterna.

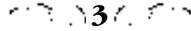
Porque vivereis de toda palavra que sai da boca de Deus.

Porque a palavra do Senhor é verdade; e tudo que é verdade é luz; e tudo que é luz é Espírito, sim, o Espírito de Jesus Cristo. (...)

E todo aquele que dá ouvidos à voz do Espírito vem a Deus, sim, o Pai” (D&C 84:43–45, 47).

Essa é uma jornada maravilhosa, iniciada pela palavra de Deus e que culminará na exaltação. “As palavras de Cristo vos dirão todas as coisas que deveis fazer” (2 Néfi 32:3).⁷

Recomendo a vocês as revelações de Deus como o padrão pelo qual devemos viver e pelo qual devemos mensurar cada decisão e cada ato. Portanto, quando tiverem preocupações e desafios, enfrentem-nos voltando-se para as escrituras e os profetas.⁸



Para entender as escrituras é preciso estudá-las de modo concentrado, assíduo e fervoroso.

Exortamos cada um de vocês a que avalie criteriosamente quanto tempo dedica atualmente à ponderação fervorosa das escrituras.

Em minha mordomia de servo do Senhor, eu os desafio a fazer o seguinte:

1. Ler, ponderar e orar sobre as escrituras diariamente, como membros individuais da Igreja.

2. Ler as escrituras em família assiduamente. Elogiamos aqueles que já estejam fazendo isso e exortamos os que ainda não começaram a que comecem a fazê-lo sem demora. (...)

Que cada um de nós prossiga com a firme resolução de ser mais fervoroso, de buscar viver mais plenamente pelo Espírito e de chegar-se mais a nosso Pai Celestial e a Seu Filho Amado por meio do estudo assíduo das sagradas escrituras.⁹

Os hábitos de leitura variam grandemente. Alguns leem depressa, outros devagar; alguns leem pequenas porções por vez, outros não param até chegar ao fim do livro. Entretanto, aqueles que se aprofundam na literatura escriturística descobrem que o ato de entender requer mais que uma leitura casual — requer estudo concentrado. É claro que quem estuda as escrituras diariamente consegue muito mais do que outro que lê por um longo tempo em um dia e depois fica um tempo longo sem ler. Não só devemos estudar diariamente como também reservar uma hora certa na qual possamos concentrar-nos sem interferências.

Não há nada mais proveitoso do que orar para que se abra nosso entendimento para as escrituras. Pela oração, sintonizamos nossa mente com a busca de respostas. Assim diz o Senhor: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Lucas 11:9). Essa é a confirmação de Cristo de que, se pedirmos, buscarmos e batermos, o Santo Espírito nos fará entender, desde que estejamos prontos e dispostos a receber.

Muitos acham que a melhor hora para estudar é pela manhã, com a mente descansada e despreocupada. Outros preferem estudar nas



O estudo das escrituras é o mais proveitoso dentre todos os tipos de estudo a que podemos nos dedicar.

horas calmas depois de terminado o trabalho e postas de lado as preocupações do dia, encerrando-o com a paz e a tranquilidade trazidas pela comunhão com as escrituras.

Talvez o mais importante seja reservar uma hora certa para o estudo. Seria ideal dispor-se de uma hora por dia; mas, se não for possível, meia hora, constantemente, dará resultados substanciais. Quinze minutos é pouco tempo; mas é surpreendente quanto esclarecimento e conhecimento se pode adquirir em um assunto tão significativo. O importante é não permitir que algo interfira em nosso estudo.

Uns preferem estudar a sós, mas pode ser proveitoso estudar a dois. A família é muito abençoada quando pais sábios reúnem os filhos para, após lerem juntos trechos das escrituras, discutirem livremente as belas histórias e pensamentos, de modo a facilitar o entendimento de todos. Muitas vezes os jovens e as criancinhas revelam uma surpreendente compreensão da literatura religiosa fundamental e grande apreço por ela.

Não devemos ler a esmo, mas, sim, ter um plano sistemático de estudo. Alguns leem determinado número de páginas ou capítulos por dia ou semana. Isso pode ser bastante justificável e muito agradável quando se está lendo por prazer, mas não constitui estudo real. É preferível ter determinado tempo, diariamente, para o estudo das escrituras, do que ter determinado número de capítulos para ler. Pode inclusive acontecer de o estudo de um versículo ocupar o tempo todo.¹⁰

149

**Uma contemplação do breve relato escriturístico
sobre Jairo aprofunda grandemente o
entendimento e o significado.**

A vida, os atos e os ensinamentos de Jesus podem ser lidos rapidamente. As histórias são quase sempre simples e são contadas de maneira singela. O Mestre ensinava com poucas palavras, mas cada uma era tão repleta de significado que, juntas, traziam uma imagem bem clara. Às vezes, contudo, pode-se passar horas meditando sobre os pensamentos profundos expressos em algumas palavras.

Um incidente da vida do Salvador é mencionado por Mateus, Marcos e Lucas. A maior parte da história é contada por Marcos em apenas dois versículos e algumas palavras do versículo seguinte. (...)

“E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o [isto é, quando ele viu Jesus], prostrou-se aos seus pés,

E [Jairo] rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está à morte; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva.

E [Jesus] foi com ele” (Marcos 5:22–24).

A leitura desse trecho leva uns trinta segundos. Ele é curto e simples. O quadro visual é claro, e até uma criança é capaz de repeti-lo. Mas, quando nos pomos a meditar, obtemos um profundo entendimento e significado. (...)

Jesus e Seus companheiros tinham acabado de atravessar o Mar da Galileia, e a multidão que O aguardava foi encontrá-lo na praia perto de Cafarnaum. “E eis que chegou um dos principais da sinagoga.” As maiores sinagogas daquele tempo eram presididas por um colegiado de anciãos, sob a direção de um chefe ou principal. Jairo era um homem de posição e prestígio, muito respeitado pelos judeus.

Mateus não cita o nome desse ancião, mas Marcos o identifica, acrescentando ao título “por nome Jairo”. Em nenhum outro lugar das escrituras esse homem ou seu nome aparece, exceto nessa ocasião, mas sua lembrança sobrevive na história devido a esse breve contato com Jesus. Muitas vidas que se tornaram memoráveis ter-se-iam perdido na obscuridade não fosse pelo toque da mão do Mestre, que operou nelas uma mudança importante de pensamento e ação, tornando-as vidas novas e melhores.

“E, vendo-o [isto é, quando Jairo viu Jesus], prostrou-se aos seus pés.”

Era muito incomum que tal homem de posição e prestígio, um principal da sinagoga, ajoelhasse-se aos pés de Jesus — aos pés de alguém considerado um mestre itinerante com o dom de curar. Muitos outros detentores de erudição e de prestígio viam Jesus — mas O ignoravam. Tinham a mente fechada. Hoje não é diferente: quantos há que não conseguem aceitá-Lo!

“E [Jairo] rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está à morte.” Isso é tipicamente o que acontece quando um homem se achega a Cristo: não tanto por si, mas por causa da necessidade desesperada de um ente querido. O tremor que percebemos na voz de Jairo quando diz “minha filha” enche nossa alma de empatia ao imaginarmos aquele homem tão importante ajoelhado perante o Salvador.

Em seguida, uma grande profissão de fé: “Rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva”. Essas não são meramente as palavras de fé de um pai dominado pela dor, mas também um lembrete de que tudo em que Jesus impuser as mãos vive. Se Jesus impuser as mãos sobre um matrimônio, ele vive. Se Lhe for permitido impor as mãos sobre uma família, ela vive.

Logo após, as palavras: “E [Jesus] foi com ele”. Não se pode supor que essa visita estivesse nos planos daquele dia. O Mestre acabara de chegar, e a multidão esperava ouvir Seus ensinamentos. (...) Os rogos de um pai O detiveram. Ele poderia ter ignorado o pedido, pois muitos já O aguardavam. Poderia ter dito a Jairo que visitaria sua filha no dia seguinte, mas “[Ele] foi com ele”. Se formos seguidores dos passos do Mestre, alguma vez estaremos muito ocupados para ignorar as necessidades de nossos semelhantes?

Não é necessário ler o resto da história. Chegando à casa do principal da sinagoga, Jesus tomou a menina pela mão e a reviveu. Da mesma forma, Ele há de levantar e elevar para uma vida nova e melhor todo aquele que Lhe permitir tomá-lo pela mão.¹¹



O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios nos aproximam mais de Cristo.

O Livro de Mórmon

Um dos recursos mais importantes de que o Senhor lançou mão para ajudar-nos a cumprir Sua obra divina é o Livro de Mórmon, cujo subtítulo é: “Outro Testamento de Jesus Cristo”. [O Presidente Ezra Taft Benson] admoestou-nos muito energicamente a não negligenciarmos a leitura e o cumprimento dos preceitos desse volume sagrado de escrituras. “Sua grande missão”, ensinou-nos, “é trazer os homens a Cristo [e também para o Pai]; e todas as outras coisas lhe são secundárias” (*A Liahona*, julho de 1986, p. 104). Esperamos que vocês, irmãos e irmãs, estejam nutrindo seu espírito pelo estudo constante do Livro de Mórmon e de outras escrituras e pelo uso delas em seu ministério.¹²

O Livro de Mórmon é a palavra de Deus. Convidamos vocês a lerem esse registro maravilhoso. É o volume mais notável que existe em nossos dias. Leiam-no com cuidado e em espírito de oração e, ao fazerem isso, Deus lhes dará um testemunho de sua veracidade conforme a promessa de Morôni (ver Morôni 10:4).¹³

Por meio da leitura e do estudo do Livro de Mórmon, e da busca fervorosa da confirmação de seu conteúdo, é que recebemos um testemunho de que Joseph Smith foi um profeta de Deus e de que A Igreja de Jesus Cristo foi restaurada sobre a Terra.¹⁴

A leitura do Livro de Mórmon exercerá uma forte influência em sua vida. Ela expandirá seu conhecimento da maneira como Deus Se relaciona com o homem e lhe dará um desejo maior de viver em harmonia com Seus ensinamentos do evangelho. Também lhe dará um testemunho vigoroso de Jesus.¹⁵

Doutrina e Convênios

Doutrina e Convênios é um livro sem igual. É o único livro sobre a face de toda a Terra com o prefácio escrito pelo próprio Criador.

Além disso, esse livro de escrituras contém mais citações diretas do Senhor do que qualquer outro livro de escrituras existente.

Não é tradução de um documento antigo: trata-se de uma escritura moderna. É um livro de revelações para os nossos dias, uma seleção peculiar, divinamente inspirada, de revelações transmitidas pelos profetas de Deus em nossos dias em resposta a questionamentos, preocupações e dificuldades que eles e outras pessoas enfrentam. O livro contém respostas divinas para problemas da vida real envolvendo pessoas reais. (...)

Já pensaram que, ao ler Doutrina e Convênios, vocês estão ouvindo a voz do Senhor por intermédio das escrituras? (Ver D&C 18:33–36.) (...) Essa voz de conhecimento virá geralmente a nossa mente como “ideias” e ao nosso coração como “sentimentos” (ver D&C 8:1–3). A promessa desse testemunho é (...) válida para todo homem, mulher ou criança que, com dignidade, busca fervorosamente obter esse testemunho. E por que não devemos, cada um de nós, tomar a firme determinação de ler, estudar, ponderar e orar a respeito dessas revelações sagradas?¹⁶

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Que experiências já ajudaram você a aprender que o estudo das escrituras “é o mais proveitoso de todos os estudos”? (Ver seção 1.) De que maneira podemos fortalecer nosso comprometimento de ser “homens e mulheres que conhecem profundamente as escrituras”?
- De que maneira o estudo das escrituras nos ajuda a ser mais obedientes? (Ver seção 2.) Em que circunstâncias você já viu que “as palavras de Cristo [lhe] dirão todas as coisas que [deve] fazer”? (2 Néfi 32:3.)
- Que aspectos do conselho do Presidente Hunter sobre a maneira de estudar as escrituras podem ajudar você? (Ver seção 3.) De que maneira o estudo fervoroso e assíduo das escrituras já abençoou você?
- Que novas ideias podemos ter a partir do relato do Presidente Hunter sobre a cura da filha de Jairo pelo Salvador? (Ver seção

4.) De que maneira uma ponderação como essa, de alguns versículos, enriquece o seu estudo das escrituras?

- De que maneira o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios já ajudaram você a se chegar mais ao Salvador? (Ver seção 5.) De que outras maneiras esses volumes sagrados influenciaram você? Você pode prestar testemunho dessas escrituras a familiares ou a outras pessoas.

Escrituras Relacionadas

Josué 1:8; Provérbios 30:5; 1 Néfi 15:23–24; 2 Néfi 3:12; Alma 31:5; 37:44; Helamã 3:29–30; D&C 98:11

Auxílio de Estudo

“Ler, estudar e ponderar não são a mesma coisa. Lemos o que está escrito, e podem ocorrer-nos ideias. Estudamos e descobrimos padrões e conexões nas escrituras. Mas quando ponderamos, propiciamos a revelação do Espírito. Ponderar, para mim, é a reflexão e a oração que faço depois de ler e estudar as escrituras cuidadosamente” (Henry B. Eyring, “Servir com o Espírito”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 59).

Notas

1. “Ler as Escrituras”, *A Liahona*, março de 1980, p. 93.
2. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 50.
3. “Ler as Escrituras”, p. 93.
4. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 53–54.
5. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 51.
6. “Obedience” [Obediência], discurso proferido na Conferência da Área Havaí, 18 de junho de 1978, pp. 3–5, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City; o último parágrafo também se encontra em *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 52.
7. “Investimentos Eternos”, discurso proferido aos professores de religião do SEI, 10 de fevereiro de 1989, p. 3; si. LDS.org.
8. “Fear Not, Little Flock” [Não Temais, Pequeno Rebanho], discurso proferido na Universidade Brigham Young, 14 de março de 1989, p. 2; speeches.byu.edu.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 51–52.
10. “Ler as Escrituras”, p. 93.
11. “Ler as Escrituras”, p. 93.
12. “The Mission of the Church” [A Missão da Igreja], discurso proferido no seminário dos representantes regionais, 30 de março de 1990, p. 2.
13. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 54.
14. “The Pillars of Our Faith” [Os Pilares de Nossa Fé], *Ensign*, setembro de 1994, p. 54.
15. “Evidências da Ressurreição”, *A Liahona*, julho de 1983, p. 26.
16. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 55–56.



Howard e Claire Hunter



A Verdadeira Grandeza

“A verdadeira grandeza está em dedicar constante esforço às pequenas coisas do dia a dia.”

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Howard W. Hunter ensinou que a verdadeira grandeza não acompanha o sucesso do mundo, mas, sim, “milhares de pequenos atos (...) em que servimos e nos sacrificamos, que constituem dar ou perder a vida pelo próximo e pelo Senhor”.¹ O Presidente Hunter vivia aquilo que pregava. Em vez de procurar os holofotes ou a aclamação de outros, a pessoa realiza atos diários de serviço e sacrifício que, geralmente, passam despercebidos.

Um exemplo do serviço relativamente despercebido prestado pelo Presidente Hunter foi o cuidado que dedicou à esposa, que lutou contra o declínio da saúde por mais de uma década. No início dos anos 1970, Claire Hunter começou a se queixar de dores de cabeça e perda de memória. Mais tarde, sofreu vários pequenos derrames, que a privaram da capacidade de falar e de usar as mãos. Quando ela passou a necessitar de cuidados constantes, o Presidente Hunter ajudou-a da melhor maneira possível, além de cumprir suas responsabilidades como apóstolo. Ele contratou alguém para ficar com Claire durante o dia, mas ele mesmo cuidava dela à noite.

Uma hemorragia cerebral em 1981 deixou Claire incapaz de andar ou falar. Não obstante, o Presidente Hunter ajudava a esposa a sair da cadeira de rodas e a abraçava com segurança para poderem dançar como costumavam fazer antes.

Depois de Claire sofrer uma segunda hemorragia cerebral, os médicos insistiram para que ela ficasse em uma casa de repouso, e ali ela permaneceu pelos últimos 18 meses de vida. Nesse período, o Presidente Hunter ia vê-la todos os dias, exceto quando viajava devido às atribuições na Igreja. Mas, ao regressar, ia diretamente do aeroporto até a casa de repouso para visitá-la. Na maioria das vezes, ela estava

dormindo ou não o reconhecia, mas ele continuava declarando-lhe seu amor e assegurando-se de que ela estivesse confortável.

O Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze, disse, tempos depois, que “o amor e os cuidados que o Presidente Hunter dedicou a sua esposa, Claire, por mais de dez anos enquanto ela estava enferma, foram a mais nobre devoção de um homem para uma mulher que muitos de nós já viram na vida”.²

Após a morte do Presidente Hunter, uma biografia publicada na revista *Ensign* citou seus ensinamentos sobre a verdadeira grandeza e fez um resumo de como orientaram sua vida:

“Embora uma modéstia sem limites o impedisse de sequer pensar em termos de comparação, o Presidente Hunter encontrou a própria definição de grandeza. Sua grandeza emergiu em períodos de sua vida longe dos holofotes, ao tomar algumas decisões: trabalhar arduamente, tentar novamente depois de errar e ajudar seus semelhantes. Esses atributos se refletiam em sua capacidade notável de ter sucesso em tudo quanto fazia, em áreas tão diversas como: música, Direito, comércio, relações internacionais, carpintaria e, acima de tudo, em ser um ‘servo bom e fiel’ do Senhor (Mateus 25:21). (...)”

Para esse que foi o décimo quarto Presidente da Igreja, o cumprimento dos propósitos do Senhor se deu tão altruísta e naturalmente quanto seu empenho enquanto aluno escolar, jovem pai, bispo dedicado e apóstolo incansável. A vinha do Senhor, maneira como Howard W. Hunter a via, requer cuidado contínuo, e tudo que seu Mestre exigiu dele foi ser um ‘servo bom e fiel’. E isso o Presidente Hunter cumpriu com verdadeira grandeza, prestando máxima atenção ao exemplo do Salvador, a quem serviu até o fim”.³

Ensinamentos de Howard W. Hunter

A definição de grandeza determinada pelo mundo é frequentemente equivocada e pode levar a comparações danosas.

Muitos santos dos últimos dias sentem-se felizes e aproveitam as oportunidades que a vida lhes oferece. Contudo, preocupo-me com os que se consideram infelizes por achar que não estão atingindo

seus ideais. Preocupo-me especialmente com aqueles que têm vivido retamente, mas acham que falharam por não terem alcançado o mesmo que outros no mundo ou na Igreja. Todos nós desejamos atingir certa medida de grandeza na vida. E por que não deveríamos? Como já foi observado por alguém, existe em cada um de nós um gigante que se debate com saudades do lar celestial (ver Hebreus 11:13–16; D&C 45:11–14).

O fato de saber quem somos e o que podemos tornar-nos garante-nos que, com Deus, nada é impossível. Desde o momento em que aprendemos que Jesus quer nos ver “brilhar como a luz”, até conhecermos mais plenamente os princípios básicos do evangelho, aprendemos que devemos nos esforçar para alcançar a perfeição. Assim, não é novidade falarmos sobre a importância da conquista. A dificuldade surge quando as expectativas irreais do mundo alteram a definição de grandeza.

O que é a verdadeira grandeza? O que torna uma pessoa grande?

Vivemos em um mundo que adora sua própria espécie de grandeza e produz sua própria espécie de herói. Uma pesquisa recente entre jovens de 18 a 24 anos de idade revelou que atualmente a juventude prefere “os valentões, os independentes e os que vencem apesar de todas as probabilidades negativas”, e busca claramente pautar a própria vida pelos excêntricos e os “excessivamente ricos”. Nos anos 1950, os heróis incluíam “Sir” Winston Churchill, Albert Schweitzer, o Presidente Harry Truman, a Rainha Elizabeth e Helen Keller, a palestrante cega e surda. Tais personagens ajudaram a moldar a história ou foram extraordinários por sua vida inspiradora. Nos dias de hoje, muitos dos dez maiores heróis do mundo são astros do cinema ou do mundo do entretenimento, o que sugere uma mudança nas atitudes (ver *U.S. News & World Report*, 22 de abril de 1985, pp. 44–48).

O fato é que os heróis do mundo não ficam muito tempo na memória do público; mas, apesar disso, nunca param de surgir heróis e pessoas que se superam. Quase diariamente, atletas quebram recordes, cientistas inventam novos dispositivos maravilhosos e médicos salvam vidas usando de muita criatividade. Vemos frequentemente surgir músicos, pintores e artistas que são verdadeiros virtuosos, e arquitetos e engenheiros cujo talento é único.



“A verdadeira grandeza [é formada por] milhares de pequenos atos e tarefas em que servimos e nos sacrificamos, que constituem dar ou perder a vida pelo próximo e pelo Senhor.”

As revistas, as listas dos preferidos do público e os comerciais na televisão nos bombardeiam com imagens de pessoas com físico e dentes perfeitos, usando roupas da última moda, fazendo o que as pessoas “de sucesso” fazem.

Por estarmos constantemente expostos à definição mundana de *grandeza*, é compreensível que façamos comparações entre o que somos e o que os outros são — ou parecem ser — e também entre o que possuímos e o que os outros possuem. Embora seja verdade que as comparações possam ser benéficas, por motivar-nos a fazer o bem e melhorar nossa vida, frequentemente permitimos que comparações injustas e inadequadas destruam nossa felicidade quando [essas comparações] nos fazem sentir inadequados, não realizados ou até fracassados. Às vezes, devido a esses sentimentos, somos enganosamente levados a focalizar nossa atenção apenas nas falhas, ignorando aspectos de nossa vida que podem conter elementos de verdadeira grandeza.⁴

 2

A verdadeira grandeza está em dedicar constante esforço às pequenas coisas do dia a dia.

Em 1905, o Presidente Joseph F. Smith fez uma declaração tocante sobre a verdadeira grandeza:

“As coisas que chamamos de extraordinárias, notáveis ou incomuns podem ser lembradas na história, mas não representam a vida real.

No fim das contas, fazer bem feito o quinhão que Deus ordenou que toda a humanidade fizesse é que corresponde à verdadeira grandeza. Ser um bom pai ou uma boa mãe é muito mais importante do que ser um general ou um político de sucesso” (*Juvenile Instructor*, 15 de dezembro de 1905, p. 752).

Essa declaração levanta a seguinte pergunta: Qual foi o quinhão que Deus ordenou à humanidade que fizesse? Obviamente, inclui o que deve ser feito para sermos bons pais e boas mães, bons filhos e boas filhas, bons alunos, bons companheiros de quarto e bons vizinhos.

(...) O ato de dedicar constante esforço às pequenas coisas do dia a dia conduz à verdadeira grandeza. Especificamente, [são] os milhares de pequenos atos e tarefas em que servimos e nos sacrificamos, que constituem dar ou perder a vida pelo próximo e pelo Senhor. Isso inclui adquirir o conhecimento de nosso Pai Celestial e do evangelho. Significa também trazer outras pessoas para a fé e participação em Seu reino. Essas coisas geralmente não chamam a atenção nem ganham o louvor do mundo.⁵

 3

O Profeta Joseph preocupava-se com as tarefas diárias de serviço e cuidado ao próximo.

Joseph Smith não costuma ser lembrado como general, prefeito, arquiteto, editor ou candidato à presidência. Lembramo-nos dele como o Profeta da Restauração, homem com o compromisso de amar a Deus e promover Sua obra. O Profeta Joseph vivia o cristianismo todos os dias. Preocupava-se com as pequenas coisas, a tarefa diária de servir e cuidar dos outros. Quando tinha 13 anos de idade, Lyman O. Littlefield acompanhou o Acampamento de Sião que subiu até o



“O Profeta Joseph vivia o cristianismo todos os dias. Ele se preocupava com detalhes, as tarefas diárias de serviço e cuidados ao próximo.”

Missouri. Mais tarde, contou um incidente, que trata de um pequeno, porém significativo ato de serviço na vida do Profeta:

“A jornada era extremamente difícil para todos, e o sofrimento físico, aliado ao conhecimento da perseguição sofrida por nossos irmãos, a quem íamos socorrer, fizeram-me um dia entrar em profunda depressão. Quando o acampamento estava pronto para partir, sentei-me cansado e mal-humorado à beira da estrada. O Profeta era o homem mais ocupado do acampamento; entretanto, quando me viu, afastou-se dos outros deveres que o pressionavam para levar uma palavra de consolo a um menino. Colocando a mão sobre minha cabeça, perguntou: ‘Não há lugar para você, meu filho?’

Se não houver, precisamos arranjar um'. Esse fato impressionou-me tanto que o passar dos anos e as tribulações posteriores não o apagaram de minha mente" (George Q. Cannon, *Life of Joseph Smith the Prophet*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1986, p. 344).

Em outra ocasião, quando o Governador Carlin, de Illinois, enviou o Xerife Thomas King, do Condado de Adams, junto com outras pessoas para prender o Profeta e entregá-lo aos emissários do Governador Boggs, do Missouri, o Xerife King adoeceu gravemente. O Profeta levou o xerife para sua casa, em Nauvoo, e cuidou dele como um irmão, durante quatro dias (Ibid., p. 372). Atos de serviço pequenos e gentis, mas significativos, eram comuns para o Profeta.

Ao escrever sobre a inauguração da loja [do Profeta Joseph Smith] em Nauvoo, o Élder George Q. Cannon registrou:

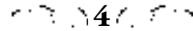
"O Profeta não hesitava em se ocupar ele mesmo dos negócios comerciais e industriais. O evangelho que ele pregava era tanto de salvação material como de exaltação espiritual; e ele desejava contribuir com sua quota de trabalho prático. E fazia isso sem pensar em lucros pessoais" (Ibid., p. 385).

Em uma carta, o Profeta escreveu:

"A loja [Red Brick, em Nauvoo] estava superlotada, e eu permaneci atrás do balcão o dia todo, distribuindo mercadorias sem parar, para atender àqueles que não podiam ter seu jantar de Natal e de Ano Novo por falta de um pouco de açúcar, melado, passas, etc; e também para me sentir gratificado, pois gosto de servir aos santos e de ser servo de todos, esperando ser exaltado no devido tempo do Senhor" (Ibid., p. 386).

A respeito dessa cena, George Q. Cannon comentou:

"Que cena presenciamos! O homem escolhido pelo Senhor para lançar o fundamento de Sua Igreja e ser Seu Profeta e Presidente sentia alegria e orgulho de atender aos irmãos e às irmãs como um servo. (...) Não houve um dia sequer na vida de Joseph em que ele não se tivesse sentido a serviço de Deus e recebido favor aos olhos de Jesus Cristo por mostrar bondade e atenção 'a um destes meus pequeninos irmãos'" (Ibid., p. 386).⁶



A verdadeira grandeza se manifesta na perseverança durante as provações da vida e no serviço prestado que quase sempre passa despercebido.

Ter êxito como secretário do quórum de élderes, como professora da Sociedade de Socorro, vizinho atencioso ou amigo disposto a ouvir tem muito a ver com o significado da verdadeira grandeza. Dar o máximo de si em face das lutas comuns do dia a dia — mesmo de possíveis falhas — e continuar perseverando apesar das dificuldades cotidianas, a fim de contribuir para o progresso e a felicidade alheia e para a própria salvação eterna, isso é a autêntica grandeza.

Todos nós desejamos atingir certa medida de grandeza nesta vida. Muitos já realizaram grandes coisas; outros esforçam-se por alcançar a grandeza. Quero incentivá-los a conquistar e, ao mesmo tempo, lembrar quem vocês são. Não se deixem dominar pela ilusão da grandeza artificial e temporária do mundo. Muitas pessoas já perderam a alma por ceder a essas tentações. Seu bom nome não está à venda — por preço nenhum! A verdadeira grandeza reside em permanecer fiel — “Fiéis à fé cultivada por nossos pais; Fiéis à verdade pela qual mártires pereceram” (*Hymns*, 1985, n° 254, tradução livre).

Tenho certeza de que há, entre nós, muitos heróis grandes, despercebidos e esquecidos. Refiro-me àqueles, dentre nós, que silenciosa, constante e diligentemente fazem tudo o que lhes cabe fazer. Refiro-me aos que estão sempre presentes e sempre prontos. Refiro-me ao valor extraordinário da mãe que, hora após hora, dia após dia, cuida de um filho doente enquanto o marido está no trabalho ou na escola. Incluo os que sempre se oferecem para doar sangue ou para cuidar de pessoas idosas. Penso naqueles, entre nós, que cumprem fielmente suas responsabilidades do sacerdócio e da Igreja e nos estudantes longe de casa que escrevem frequentemente para agradecer aos pais por seu amor e apoio.

Refiro-me também àqueles que instilam em outras pessoas a fé e o desejo de viver o evangelho — pessoas que trabalham ativamente para edificar e moldar a vida de outros física, social e espiritualmente. Refiro-me àqueles honestos, bondosos e trabalhadores em suas tarefas diárias, mas que também são servos do Mestre e pastores de Suas ovelhas.

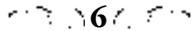
Não quero dizer que menosprezo os grandes feitos do mundo, que nos têm proporcionado tantas oportunidades, provendo beleza, cultura e ordem a nossa vida. Estou apenas sugerindo que nos concentremos mais claramente nas coisas mais valiosas da vida. Certamente vocês se lembram da declaração do Mestre: “O maior dentre vós será vosso servo” (Mateus 23:11).⁷



A verdadeira grandeza requer ações constantes, pequenas e, às vezes, simples por um longo período de tempo.

Todos nós conhecemos pessoas que ficaram ricas ou atingiram o sucesso quase instantaneamente — quase da noite para o dia. Mas acredito que, embora esse tipo de sucesso venha para algumas pessoas sem muito esforço, não existe grandeza instantânea. A conquista da verdadeira grandeza é um processo prolongado que envolve ocasionais reveses. O resultado final nem sempre é claramente visível, mas parece que sempre requer esforços frequentes, constantes, pequenos e, às vezes, simples por um longo período de tempo. Devemos nos lembrar de que foi o Senhor quem disse: “De pequenas coisas provém aquilo que é grande” (D&C 64:33).

A verdadeira grandeza não resulta de uma ocorrência fortuita ou de um único esforço ou uma única realização. A grandeza requer o desenvolvimento do caráter. Requer aquela multiplicidade de decisões corretas nas escolhas diárias entre o bem e o mal, mencionada pelo Élder Boyd K. Packer quando disse: “No decorrer dos anos, essas pequenas opções, somadas, mostram claramente o que valemos” (*A Liahona*, março de 1981, p. 27). Essas escolhas também mostrarão claramente o que somos.⁸

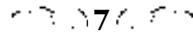


Tarefas comuns são as que sempre exercem a melhor influência nas pessoas.

Ao avaliar nossa vida, é importante que vejamos não só nossas realizações, mas também as condições em que foram conseguidas. Todos somos indivíduos únicos e diferentes, cada um com um ponto de partida diverso na vida; cada qual com uma mescla única de talentos e habilidades; cada um com seu próprio quinhão de

desafios e restrições para enfrentar. Assim, nosso julgamento acerca de nós mesmos e de nossas realizações não deve incluir meramente o tamanho ou a magnitude, ou o número de conquistas, mas deve também incluir as condições existentes na ocasião e os efeitos que o nosso empenho exerceu na vida de outras pessoas.

Esse último aspecto de nossa autoavaliação — os efeitos que nossa vida causou na vida de outras pessoas — é que vai nos ajudar a entender por que alguns dos atos comuns e simples da vida devem ser muito mais valorizados. As tarefas mais comuns por nós realizadas são as que causam o maior efeito positivo na vida das pessoas se as compararmos àquilo que o mundo frequentemente chama de grandeza.⁹



**Fazer as coisas consideradas importantes por Deus
acabará por conduzir-nos à verdadeira grandeza.**

Parece-me que o tipo de grandeza que nosso Pai Celestial deseja que busquemos está ao alcance de todos os que se encontram dentro da rede do evangelho. Contamos com um número infinito de oportunidades de fazer as muitas coisas simples e pequenas que acabarão por nos tornar grandes. Àqueles que dedicam a vida ao serviço e se sacrificam por sua família, por outras pessoas e pelo Senhor, o melhor conselho é simplesmente: continuem fazendo o que já fazem.

Àqueles que trabalham arduamente na Igreja, promovendo a obra do Senhor de muitas maneiras despercebidas, porém importantes; aos que são o sal da terra, a força do mundo e a espinha dorsal de cada nação, queremos simplesmente externar nossa admiração. Se perseverarem até o fim e forem valentes no testemunho de Jesus, alcançarão a verdadeira grandeza e viverão na presença de nosso Pai Celeste.

Como disse o Presidente Joseph F. Smith: “Não procurem substituir a vida verdadeira por uma vida artificial” (*Juvenile Instructor*, 15 de dezembro de 1905, p. 753). Lembremo-nos de que, ao fazer as coisas que nos foram ordenadas pelo Senhor — por Ele as ter considerado importantes, essenciais e necessárias, ainda que o mundo as veja como comuns e insignificantes —, isso sim acabará por conduzir-nos à verdadeira grandeza.

Que sempre nos lembremos das palavras do Apóstolo Paulo, principalmente ao nos sentirmos insatisfeitos com a vida e acharmos que não conseguimos alcançar nenhuma forma de grandeza. Ele escreveu:

“Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente;

Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (II Coríntios 4:17–18).

As coisas pequenas são importantes. Não nos lembramos da quantia oferecida pelo fariseu, mas, sim, da oferta da viúva; não do poder e da força do exército filisteu, mas, sim, da coragem e convicção de Davi.

Que nunca, nunca percamos o ânimo para fazer as tarefas cotidianas ordenadas por Deus como o quinhão da humanidade.¹⁰

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Por que às vezes ficamos confusos sobre o que é a verdadeira grandeza? (Ver seção 1.) Por que a definição mundana de grandeza leva algumas pessoas a se sentirem frustradas e infelizes?
- Como a definição do Presidente Hunter para a verdadeira grandeza é diferente da definição do mundo? (Ver seção 2.) De que maneira essa definição da verdadeira grandeza ajuda você em sua vida? Reflita sobre algumas “coisas pequenas” específicas às quais seria bom prestarmos mais atenção e dedicarmos mais tempo.
- O que o impressiona mais nos pequenos atos de serviço de Joseph Smith descritos na seção 3? Que pequenos atos de serviço já abençoaram você?
- Leia novamente os exemplos da seção 4 do que constitui a verdadeira grandeza. De que maneira você já viu alguém demonstrar esses exemplos de verdadeira grandeza?
- O que podemos aprender com os ensinamentos da seção 5 sobre como adquirir a verdadeira grandeza?

- Quais seriam alguns exemplos que você já viu de “tarefas comuns que sempre exercem a melhor influência nas pessoas”? (Ver seção 6.)
- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 7. De que maneira o serviço e o sacrifício levam à verdadeira grandeza? De que maneira o fato de sermos “valentes no testemunho de Jesus” ajuda-nos a alcançar a verdadeira grandeza?

Escrituras Relacionadas

I Samuel 16:7; I Timóteo 4:12; Mosias 2:17; Alma 17:24–25; 37:6; Morôni 10:32; D&C 12:8; 59:23; 76:5–6; 88:125

Auxílio Didático

“Ao preparar-se para ensinar, em espírito de oração, (...) você pode ser inspirado a ressaltar determinados princípios. Pode adquirir uma compreensão de como apresentar melhor certas ideias. Pode descobrir exemplos, atividades com objetos e histórias inspiradoras nas coisas simples do cotidiano. Pode ser inspirado a convidar determinada pessoa a auxiliar na aula e lembrar-se de uma experiência pessoal que possa contar” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 48).

Notas

1. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, *A Liahona*, fevereiro de 1988, p. 21.
2. James E. Faust, “Howard W. Hunter: Man of God” [Howard W. Hunter: Homem de Deus], *Ensign*, abril de 1995, p. 28.
3. “President Howard W. Hunter: The Lord’s ‘Good and Faithful Servant’” [Presidente Howard W. Hunter: O “Servo Bom e Fiel do Senhor”], *Ensign*, abril de 1995, pp. 9, 16.
4. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
5. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
6. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
7. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
8. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
9. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.
10. “Qual É a Verdadeira Grandeza?”, p. 21.



Voltem e Banqueteiem-se à Mesa do Senhor

“Estendam a mão aos menos ativos e descubram a alegria que vocês e aqueles a quem ajudaram vão sentir.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Um dia depois de tornar-se Presidente da Igreja, Howard W. Hunter fez o seguinte convite de amor aos membros da Igreja pouco ativos:

“Àqueles que transgrediram ou que foram ofendidos, dizemos: Voltem! Aos que estão magoados, que lutam com algum problema e sentem medo, dizemos: Deixem-nos ficar ao seu lado e consolá-los. Aos que estão confusos e são atacados pelo erro de todos os lados, dizemos: Venham ao Deus de toda a verdade e à Igreja de revelação contínua. Voltem. Fiquem conosco. Perseverem. Tenham fé. Tudo está bem, e tudo estará bem. Banqueteiem-se à mesa posta diante de vocês em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e esforcem-se por seguir o Bom Pastor, que a preparou. Tenham esperança, exercitem a fé, recebam — e doem — caridade, o puro amor de Cristo”.¹

Em seu primeiro discurso em uma conferência geral como Presidente da Igreja, alguns meses depois, o Presidente Hunter disse ter-se sentido inspirado a continuar enfatizando o assunto. “Voltem”, repetiu ele. “Aceitem literalmente o convite [do Salvador]: ‘Vem, e segue-me’. (...) Ele é o único caminho certo; Ele é a luz do mundo.”²

Por toda a vida, o Presidente Hunter ajudou muitos membros da Igreja a voltarem à atividade. Ele recorda uma dessas experiências quando era jovem adulto:

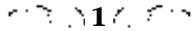
“O bispo da ala me designou como mestre familiar de um irmão que se orgulhava de ser o diácono mais velho da Igreja. Na época,



“Cada um de nós deve ler repetidamente a parábola da ovelha perdida. (...) Espero que a mensagem dessa parábola fique gravada em nosso coração.”

o trabalho dos mestres familiares era feito na capela. O problema era que ele gostava de jogar golfe aos domingos. Era desanimador fazer as visitas todos os meses a ele e sua esposa, sem nenhum progresso aparente. Mas, finalmente, a palavra certa provocou nele uma mudança perceptível. A palavra foi *convênio*. Nós lhe perguntamos: ‘O que significa para você o convênio do batismo?’ Seu semblante mudou e, pela primeira vez, ele conversou conosco com seriedade. Ele acabou voltando à atividade, desistiu do golfe e entrou no templo ao lado da esposa”.³

Ensinamentos de Howard W. Hunter



A parábola da ovelha perdida nos ensina a ir buscar aqueles que se perderam.

A Primeira Presidência [fez] aos membros da Igreja um convite em uma declaração especial (...):

“Àqueles que deixaram de ser ativos e àqueles que se tornaram inclinados a criticar, dizemos: ‘Voltem. Voltem, banqueteiem-se à mesa do Senhor e provem novamente os doces e os substanciosos frutos da integração com os santos’.

Temos certeza de que muitos anseiam retornar, mas sentem-se constrangidos. Asseguramos a vocês que serão recebidos de braços abertos e mãos dispostas a ajudar” (*A Liahona*, maio de 1992, p. 2).

Acho que todos nós ficamos impressionados com esse generoso apelo, similar ao do Profeta Alma, no Livro de Mórmon, mencionando um convite feito pelo Senhor. Ele disse:

“Eis que ele envia um convite a todos os homens, pois os braços de misericórdia lhes estão estendidos e ele diz: Arrependei-vos e receber-vos-ei.

Sim, diz ele, vinde a mim e participareis do fruto da árvore da vida; sim, comereis e bebereis livremente do pão e da água da vida;

Sim, vinde a mim e apresentai obras de retidão” (Alma 5:33–35).

Cada um de nós deve ler repetidamente a parábola da ovelha perdida, no capítulo 15 de Lucas, começando no versículo 4:

“Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e vai após a perdida até que venha a achá-la?

E achando-a, a põe sobre os seus ombros, jubiloso;

E, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida” (Lucas 15:4–6). (...)

O Profeta Joseph Smith fez uma mudança importante em um dos versículos: “Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove, *e vai ao deserto em busca da que se perdeu*, até que venha a achá-la?” (JST, Lucas 15:4; grifo do autor.)

Essa tradução sugere que o pastor deixa seu rebanho em segurança e vai para o deserto — isto é, sai pelo mundo em busca daquela que se perdeu. Se perdeu do quê? Do rebanho, onde existe proteção e segurança. Espero que a mensagem dessa parábola fique gravada em nosso coração.⁴

❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁

O Senhor espera que sejamos pastores de Seu rebanho e busquemos aqueles que lutam com algum problema ou que se perderam.

O que devemos fazer para ajudar aqueles que se perderam no deserto?

Levando em conta o que o Mestre disse a respeito de deixar as 99 e ir para o deserto buscar aquela que se perdeu, e levando em conta o convite de “voltar”, feito pela Primeira Presidência aos que deixaram de ser ativos ou se tornaram inclinados a criticar, convidamos vocês a envolver-se pessoalmente na salvação de almas. Estendam a mão aos menos ativos e descubram a alegria que vocês e aqueles a quem ajudaram vão sentir se tanto vocês como eles levarem a outros o convite de voltar e banquetear-se à mesa do Senhor.

O Senhor, nosso Bom Pastor, espera que sejamos pastores de Seu rebanho e busquemos aqueles que lutam com algum problema ou que se perderam. Não esperem que lhes digamos como fazer isso; à medida que se envolverem e buscarem inspiração, terão sucesso

em seu empenho, em sua área (...), suas estacas e alas. Algumas estacas responderam a convites anteriores e já tiveram muito sucesso.

A letra de um hino bem conhecido traz-nos o apelo do Salvador:

*“O Bom Pastor quer salvá-la
Ei-lo ansioso a clamar:
Minha ovelhinha perdida
Depressa, ide buscar”.*

Esse hino, que cantamos sempre, indica qual deve ser nossa resposta:

*“Sim, caro Mestre, iremos
Tua ovelhinha buscar
Para que em Teu regaço
Venha, enfim, descansar”*

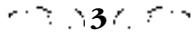
(*Hinos*, nº 140).

Se fizermos isso, receberemos bênçãos eternas.⁵

Ir buscar o que se perdeu, o inflexível e o que se desviou do caminho faz parte da obra do Senhor. (...) A súplica de Alma é um bom exemplo do teor sagrado de nossa tarefa:

“Ó Senhor, permite que tenhamos êxito em [trazer almas] novamente a ti, em Cristo.

Eis, ó Senhor, que sua alma é preciosa” (Alma 31:34–35).⁶



Nosso grande objetivo é ajudar as pessoas a voltarem à presença de Deus.

Com o passar dos anos, a Igreja fez esforços monumentais a fim de resgatar aqueles que se tornaram menos ativos. (...) E para quê? Para salvar a alma de nossos irmãos e nossas irmãs, e para ajudá-los a receber as ordenanças de exaltação.

Enquanto servi como presidente de estaca na Área Los Angeles, meus conselheiros e eu pedimos aos bispos que selecionassem cuidadosamente quatro ou cinco casais que estivessem dispostos a adiantar seu progresso na Igreja. Alguns eram menos ativos, outros, recém-conversos, mas todos estavam motivados para progredir espiritualmente. Nós os reunimos em um curso na estaca e ensinamos



“Ó Senhor, permite que tenhamos êxito em [trazer almas] novamente a ti, em Cristo. Eis, ó Senhor, que sua alma é preciosa” (Alma 31:34–35).

a eles o evangelho. Em vez de enfatizar o templo, centralizamos o foco na importância de um relacionamento melhor com nosso Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo. O processo da seleção cuidadosa garantiu o sucesso dessa iniciativa, e a maioria daqueles casais tornou-se ativa e selou-se no templo.

Gostaria de contar [mais uma] experiência. (...) Certo irmão, em uma das unidades, não comparecia a nenhuma reunião. Sua esposa não era membro da Igreja. Ela era um pouco hostil e, por isso, não podíamos mandar os mestres familiares a sua casa. O bispo conversou com esse irmão e a abordagem que usou foi de lembrá-lo de que o relacionamento entre ele e o Salvador precisava progredir e aumentar. O irmão explicou ao bispo o problema com a esposa não membro, e o bispo conversou com ela também, usando a mesma abordagem — que o relacionamento entre ela e o Senhor precisava ser expandido. Ela ainda demonstrava pouca receptividade, mas ficou feliz por saber que os santos dos últimos dias acreditavam em Cristo e, conseqüentemente, baixou um pouco mais a guarda.

O sucesso não chegou de imediato; mas os membros que visitaram aquele lar continuaram centralizando o foco no relacionamento do casal com o Senhor. Com o passar do tempo, ela se tornou amigável e acabou concordando em participar, com o marido, de

um curso na estaca ministrado pelos membros do sumo conselho. Enfatizamos a importância do convênio que fazemos ao nos batizar e de outros convênios. Finalmente, ela se tornou membro da Igreja e ele se tornou um líder produtivo do sacerdócio. (...)

Fico impressionado com a declaração na folha de rosto do Livro de Mórmon, que descreve um dos propósitos desse livro sagrado: “Para que [os remanescentes da casa de Israel] possam conhecer os *convênios do Senhor*” (grifo do autor). Essa foi a ênfase que nós, da presidência de estaca, sentimo-nos inspirados a usar com os membros menos ativos. Nosso apelo ao casal teve por base a importância dos convênios que eles tinham feito com o Senhor; depois, ensinamos a eles a importância do convênio do batismo e de outros convênios que eles poderiam fazer que os uniriam como família eterna.⁷

O principal objetivo de a Igreja funcionar sem dificuldade no âmbito local é qualificar as pessoas para voltarem à presença de Deus. Isso só poderá ser feito se eles receberem as ordenanças e fizerem os convênios no templo.⁸

Em tudo o que fazemos, o foco principal é tornar os convênios e as ordenanças do evangelho, que nos salvam, disponíveis para a humanidade: ao que não é membro da Igreja, por meio do trabalho missionário; aos menos ativos, por meio das iniciativas de ativação e integração; aos membros ativos, por meio da participação e do serviço na Igreja; e a todos os que já se encontram do outro lado do véu, por meio do trabalho de redenção dos mortos.⁹

Pretendemos atingir um objetivo para cada membro, individualmente, na Igreja. [Esse objetivo] é que todos recebam as ordenanças do evangelho e façam convênios com nosso Pai Celestial para poderem voltar a Sua presença. Esse é o nosso grande objetivo. As ordenanças e os convênios são os meios pelos quais adquirimos essa natureza divina que nos garantirá voltar a Sua presença novamente. (...)

Lembrem-se do propósito: convidar todos a virem a Cristo. (...)

Testifico-lhes, meus queridos irmãos e irmãs, da divindade e do poder que Ele tem de salvar aqueles que vierem a Ele com o coração quebrantado e o espírito contrito. Por meio das ordenanças e de Seu Santo Espírito, cada pessoa pode tornar-se pura.¹⁰

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- O Presidente Hunter incentiva cada membro da Igreja a ler repetidamente a parábola da ovelha perdida (ver seção 1; Lucas 15:4–7). Que mensagens você recebe dessa parábola e dos demais ensinamentos contidos na primeira seção? Reflita sobre como esses ensinamentos podem guiá-lo em seu serviço na Igreja.
- Qual é a nossa responsabilidade como pastores do rebanho do Senhor? (Ver seção 2.) De que maneira podemos ajudar as pessoas a voltarem à atividade na Igreja? Como você (ou alguém que você conhece) já foi abençoado por uma pessoa que o ajudou nos momentos em que “enfrentou algum problema ou esteve perdido”?
- O que podemos aprender com as experiências que o Presidente Hunter conta na seção 3? De que maneira o fato de enfatizar os convênios ajuda os membros da Igreja a voltarem à atividade?

Escrituras Relacionadas

Ezequiel 34:1–16; Lucas 15:11–32; João 10:1–16, 26–28; 13:35; I João 1:7; Mosias 18:8–10; Helamã 6:3; 3 Néfi 18:32; Morôni 6:4–6; D&C 38:24

Auxílio de Estudo

Um princípio é uma verdade que dirige decisões e ações. “Ao ler, pergunte a si mesmo: ‘Que princípio do evangelho esta passagem ensina? Como posso aplicar isso em minha vida?’” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 17.)

Notas

1. Jay M. Todd, “President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church” [Presidente Howard W. Hunter, Décimo Quarto Presidente da Igreja], *Ensign*, julho de 1994, p. 5.
2. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
3. “Make Us Thy True Undershepherds” [Torna-nos Pastores de Teu Rebanho], *Ensign*, setembro de 1986, p. 9.
4. “Torna-nos Pastores de Teu Rebanho”, p. 9.
5. “Torna-nos Pastores de Teu Rebanho”, p. 9.
6. “The Mission of the Church” [A Missão da Igreja], discurso proferido no seminário dos representantes regionais, 30 de março de 1990, p. 4.
7. “Torna-nos Pastores de Teu Rebanho”, p. 9.
8. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 218.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 245–246.
10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 218.



O Templo — O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja

“É o desejo mais profundo de meu coração que todo membro da Igreja seja digno de entrar no templo.”

Da Vida de Howard W. Hunter

A mãe de Howard W. Hunter foi membro fiel da Igreja a vida toda, mas o pai só veio a ser batizado depois que Howard completou 19 anos. Alguns anos depois, quando Howard era presidente de estaca na Califórnia, os membros da estaca fizeram uma caravana ao Templo de Mesa Arizona para realizar ordenanças. Antes do início da sessão, o presidente do templo convidou-o para falar aos membros que estavam reunidos na capela. O Presidente Hunter fazia 46 anos naquele dia. Ele mesmo descreve essa experiência:

“Enquanto eu falava aos presentes (...), meu pai e minha mãe entraram na capela vestidos de branco. Eu não fazia ideia de que meu pai estivesse preparado para receber as bênçãos do templo embora soubesse que minha mãe estava ansiosa por isso havia algum tempo. A emoção me dominou de tal maneira que não consegui continuar falando. O Presidente Pierce [o presidente do templo] veio até o meu lado e explicou o motivo da interrupção. Quando meu pai e minha mãe vieram ao templo naquela manhã, pediram ao presidente que não me contasse que eles estavam ali, pois queriam que isso fosse uma surpresa de aniversário. Jamais me esqueci desse aniversário, pois naquele dia eles receberam a própria investidura e eu tive o privilégio de testemunhar seu selamento, após o que fui selado a eles”.¹

Pouco mais de 40 anos depois, quando Howard W. Hunter fez sua primeira declaração pública como Presidente da Igreja, uma de



Templo de Mesa Arizona, onde o Presidente Howard W. Hunter foi selado a seus pais, em 1953

suas primeiras mensagens exortava os membros a buscar as bênçãos do templo com maior dedicação.² Ele continuou a enfatizar essa mensagem durante todo o tempo em que foi Presidente da Igreja. Ao falar no local do Templo de Nauvoo, em junho de 1994, disse:

“No início deste mês, comecei este ministério expressando meu intenso desejo de que cada vez mais membros da Igreja se tornassem dignos de frequentar o templo. Assim como naquele tempo [de Joseph Smith], é essencial que os membros sejam dignos e tenham recebido sua investidura para que o reino seja edificado no mundo inteiro. A dignidade para frequentar o templo garante que nossa vida esteja em harmonia com a vontade do Senhor e que estejamos em sintonia para receber Sua orientação para a vida”.³

Meses depois, em janeiro de 1995, a última atividade pública do Presidente Hunter foi a dedicação do Templo de Bountiful Utah. Na oração dedicatória, ele pediu que as bênçãos do templo enriquecessem a vida de todos os seus frequentadores:

“Oramos humildemente para que aceites este edifício e permitas que Tuas bênçãos estejam sobre ele. Que Teu Espírito acompanhe e guie a todos os que aqui oficiam, que a santidade predomine em todas as salas. Que todos os que entrarem tenham mãos limpas e coração puro. Que sejam edificados em sua fé e levem um espírito de paz, louvando o Teu santo nome. (...)”

Que esta casa proporcione um espírito de paz a todos os que observarem sua majestade, especialmente para aqueles que nela entrarem para realizar as próprias ordenanças sagradas e o trabalho por seus entes queridos que se encontram além do véu. Que possam sentir o Teu divino amor e Tua divina misericórdia. Que possam ter o privilégio de dizer, como o antigo salmista: ‘Consultávamos juntos suavemente, e andávamos em companhia na casa de Deus’.

Ao dedicarmos este edifício sagrado, rededicamos nossa própria vida a Ti e a Tua obra”.⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Somos incentivados a fazer do templo o grande símbolo de nossa condição de membros da Igreja.

Por ocasião de meu chamado a este ofício sagrado [Presidente da Igreja], foi feito um convite a todos os membros da Igreja para que instituíssem o templo do Senhor como o grande símbolo de sua condição de membros e o cenário celestial para seus convênios mais sagrados.

Quando reflito sobre o templo, lembro-me destas palavras:

“O templo é um local de instrução onde verdades profundas relativas ao reino de Deus são reveladas. É um lugar de paz, onde a mente podem voltar-se para coisas do espírito e as preocupações com as coisas do mundo são postas de lado. No templo fazemos convênios de obedecer às leis de Deus e recebemos promessas, sempre condicionadas a nossa fidelidade, que se estendem até a eternidade” (*The Priesthood and You* [O Sacerdócio e Você], Lições do Sacerdócio de Melquisedeque — 1966, Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1966, p. 293).

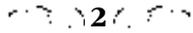
Foi o próprio Senhor que, em Suas revelações para nós, fez do templo o grande símbolo de nossa condição de membros da Igreja. Pensem nas atitudes e nos comportamentos dignos que o Senhor nos indicou no conselho dado aos santos em Kirtland, por meio do Profeta Joseph Smith, quando eles se preparavam para edificar um templo. Esse conselho ainda se aplica nos dias atuais:

“Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias e estabelecei uma casa, sim, uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de aprendizado, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus” (D&C 88:119). Seriam essas atitudes e esses comportamentos verdadeiros indicadores daquilo que cada um de nós deseja e procura ser? (...)

Entretanto, para que o templo seja para nós realmente um símbolo, precisamos desejar que ele o seja. Temos de viver dignamente para entrar no templo. Devemos guardar os mandamentos do Senhor. Se conseguirmos pautar nossa existência pela do Mestre e se tomarmos Seus ensinamentos e Seu exemplo como o padrão

supremo para nossa vida, não nos será difícil permanecer dignos para ir ao templo e ser coerentes e leais a cada passo da vida, pois estaremos comprometidos com um único e sagrado padrão de conduta e crença. Quer em casa ou no supermercado, quer sejamos estudantes ou profissionais, quer estejamos totalmente sozinhos, quer em meio a uma multidão, nossa conduta será clara e nossos padrões serão óbvios.

A capacidade de defender os próprios princípios, de viver com integridade e de acordo com a própria crença é o que realmente importa. Essa devoção aos princípios verdadeiros — na vida pessoal, no lar, na família e em todos os locais onde encontramos e influenciemos outras pessoas — é a devoção que Deus requer de nós em última instância. Essa devoção exige que nos comprometamos — comprometimento de corpo e alma, absoluto e eterno com relação aos princípios que sabemos ser verdadeiros e que estão inseridos nos mandamentos dados por Deus. Se formos verdadeiros e fiéis aos princípios do Senhor, seremos sempre dignos de entrar no templo, e o Senhor e Seus templos sagrados serão os grandes símbolos que indicam que somos Seus discípulos.⁵



Cada um de nós deve se esforçar ao máximo para receber uma recomendação para o templo.

É o desejo mais profundo de meu coração que todo membro da Igreja seja digno de entrar no templo. Agradaria ao Senhor que todo membro adulto fosse digno de ter uma recomendação para o templo atualizada e a carregasse consigo. As coisas que devemos e não devemos fazer para ser dignos de uma recomendação são exatamente as mesmas coisas que garantem nossa felicidade como indivíduos e famílias.⁶

Nosso Pai Celestial disse claramente que aqueles que entrarem no templo devem estar puros e livres dos pecados do mundo. Ele disse: “E se meu povo me construir uma casa em nome do Senhor e não permitir que nela entre qualquer coisa impura, de modo que não seja profanada, minha glória descansará sobre ela; (...) Mas se for profanada, não entrarei nela e minha glória lá não estará; porque não entrarei em templos impuros” (D&C 97:15, 17).



Os bispos e os presidentes de estaca (...) fazem aos membros várias perguntas sobre a dignidade a fim de emitirem para eles uma recomendação para o templo.

Sabiam que o próprio Presidente da Igreja assinava todas as recomendações do templo? Isso mostra como os primeiros presidentes se sentiam a respeito da dignidade para entrar no templo. Em 1891, a responsabilidade passou para os bispos e presidentes de estaca, que fazem aos membros várias perguntas sobre a dignidade a fim de emitirem para eles uma recomendação para o templo. Precisamos saber o que é requerido de nós para nos qualificarmos para uma recomendação.

Temos de acreditar em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo. Temos de acreditar que esta é a Sua obra sagrada e divina. Nós os incentivamos a empenhar-se diariamente no fortalecimento de seu testemunho sobre nosso Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo. O Espírito que sentem é o Espírito Santo testificando de Sua realidade. Depois, no templo, aprenderão mais sobre a Trindade por meio das instruções e ordenanças reveladas.

Temos de apoiar as autoridades gerais e as autoridades locais da Igreja. Toda vez que erguermos a mão em ângulo reto durante a apresentação do nome desses líderes para o apoio, esse gesto

significa que nós os apoiaremos em suas responsabilidades e no conselho que derem a nós.

Isso nada tem a ver com homenagens prestadas àqueles chamados por Deus para presidir. Ao contrário, é o reconhecimento do fato de que Deus chama profetas, videntes e reveladores e outros como autoridades gerais. É o compromisso de que seguiremos as instruções que vierem das autoridades presidentes da Igreja. Da mesma forma, devemos ser leais ao bispo e ao presidente da estaca e a outros líderes da Igreja. Deixar de apoiar tais líderes é incompatível com o serviço no templo.

Deveremos ser moralmente limpos para entrar no templo santo. A lei da castidade requer que só mantenhamos relações sexuais com quem formos legal e legitimamente casados. Nós os incentivamos especialmente a proteger-se contra Satanás e suas tentações, que visam a macular sua pureza moral.

Vocês devem assegurar-se de que não haja nada em seu relacionamento familiar que não esteja em harmonia com os ensinamentos da Igreja. Incentivamos em especial os jovens a obedecer aos pais em retidão. Os pais devem ficar alertas para garantir que seu relacionamento com a família esteja em harmonia com os ensinamentos do evangelho e jamais envolva abuso, maus-tratos ou negligência.

Para poder entrar no templo, temos de ser honestos em todos os nossos negócios com os outros. Nós, santos dos últimos dias, temos a obrigação sagrada de jamais enganar nem ser desonestos. Colocamos em risco nossa integridade básica quando violamos esse convênio.

Para nos qualificarmos para uma recomendação para o templo, devemos esforçar-nos ao máximo para cumprir nosso dever na Igreja, comparecendo às reuniões sacramentais, do sacerdócio e outras. Devemos também esforçar-nos por obedecer às regras, às leis e aos mandamentos do evangelho. Aprendam (...) a aceitar os chamados e outras responsabilidades que lhes sejam atribuídas. Sejam participantes ativos em sua ala e em seu ramo, e sejam pessoas em quem seus líderes possam confiar.

Para entrar no templo, devemos ser dizimistas integrais e viver a Palavra de Sabedoria. Esses dois mandamentos, simples na instrução,

mas tremendamente importantes para nosso crescimento espiritual, são essenciais para certificar nossa dignidade pessoal. A observação após muitos anos mostra que aqueles que pagam fielmente o dízimo e observam a Palavra de Sabedoria são geralmente fiéis em todos os outros assuntos relacionados à frequência ao templo santo.

Essas questões não devem ser tratadas levemente. Depois de termos sido considerados dignos de entrar no templo, ali realizamos ordenanças que são as mais sagradas administradas em qualquer lugar sobre a face da Terra. Essas ordenanças estão relacionadas com as coisas da eternidade.⁷

Fazer o trabalho no templo traz grandes bênçãos às pessoas e às famílias.

Como é glorioso termos o privilégio de ir ao templo para receber nossas próprias bênçãos! Depois de ir ao templo e receber nossas próprias bênçãos, que privilégio glorioso é fazermos o trabalho por aqueles que se foram antes de nós! Esse aspecto do trabalho é de altruísmo. No entanto, cada vez que realizamos ordenanças do templo para outras pessoas recebemos uma bênção. Assim, não nos surpreende que o Senhor deseje tanto que Seu povo seja motivado pelo templo. (...)

Não devemos fazê-lo apenas por nossos parentes falecidos, mas também pelas bênçãos pessoais advindas da adoração no templo, pela santidade e pela segurança que encontramos por trás daquelas paredes santas e consagradas. Ao irmos ao templo, aprendemos mais plena e profundamente o propósito da vida e o significado do Sacrifício Expiatório do Senhor Jesus Cristo. Fazemos do templo, com a adoração, os convênios e o casamento no templo, nossa maior meta terrena e nossa mais suprema experiência mortal.⁸

Várias coisas são realizadas por nossa frequência ao templo: obedecemos às instruções do Senhor de fazer nossas ordenanças próprias, abençoamos nossa família com as ordenanças seladoras e compartilhamos nossas bênçãos com outras pessoas ao fazer por elas o que elas não podem fazer por si mesmas. Além disso, elevamos nossos pensamentos, achegamo-nos mais ao Senhor, honramos o sacerdócio e espiritualizamos nossa vida.⁹

Ao frequentar o templo, recebemos bênçãos pessoais. Ao comentar sobre como nossa vida é abençoada quando frequentamos o templo, o Élder John A. Widtsoe disse:

“A obra no templo (...) nos proporciona a oportunidade maravilhosa de manter vivos o nosso conhecimento e o nosso vigor espiritual. (...) Nos templos sagrados, a poderosa perspectiva da eternidade se descortina diante de nós; neles vemos o tempo desde seu início infinito a seu interminável final; e o drama da vida eterna se desenrola diante de nós. Então vejo mais claramente meu lugar em meio às coisas do Universo, meu lugar entre os propósitos de Deus; consigo saber melhor a que lugar pertenço, saber como avaliar e considerar as coisas e separar e organizar os deveres triviais e comuns de minha vida, para que as pequenas coisas não me desanimem nem me afastem da visão das coisas maiores que Deus nos deu” (Conference Report, abril de 1922, pp. 97–98).¹⁰

Meditemos sobre os ensinamentos grandiosos da grande oração dedicatória do Templo de Kirtland, oração que Joseph Smith disse ter-lhe sido dada por revelação. É uma oração que continua a ser respondida na vida de cada um de nós, tanto individualmente quanto como famílias e como povo, devido ao poder do sacerdócio que o Senhor nos deu para usarmos em Seu templo sagrado.

“E agora, Pai Santo”, implorou o Profeta Joseph Smith, “pedimos-te que nos assistas, a nós, teu povo, com tua graça (...) de uma forma que sejamos considerados dignos, a teus olhos, de assegurar o cumprimento das promessas que fizeste a nós, teu povo, nas revelações que nos foram dadas;

Para que tua glória descanse sobre teu povo (...).

E rogamos-te, Pai Santo, que teus servos saiam desta casa armados de teu poder; e que teu nome esteja sobre eles e tua glória ao redor deles e que teus anjos os guardem” (D&C 109:10–12, 22).¹¹

A frequência ao templo gera espiritualidade. A frequência ao templo é um dos mais excelentes programas da Igreja para desenvolver a espiritualidade. A frequência ao templo faz voltar o coração dos filhos para os pais e dos pais para os filhos (ver Malaquias 4:6). A frequência ao templo promove solidariedade e união na família.¹²

Procuremos diligentemente ir à casa do Senhor.

Falemos aos nossos filhos sobre os sentimentos espirituais que temos quando estamos no templo. Ensinemos a eles, com mais diligência, o que pudermos mencionar a respeito dos propósitos da casa do Senhor. Tenhamos uma fotografia do templo em casa para que nossos filhos a vejam. Que os ensinemos sobre os propósitos da casa do Senhor. Ajudem seus filhos a fazer planos desde pequenos para entrarem no templo e permanecerem dignos dessa bênção. Prepararemos cada missionário para ir ao templo dignamente e fazer dessa experiência o ponto mais alto de sua vida, mais importante ainda do que o chamado para a missão. Planejemos, ensinemos e supliquemos a nossos filhos que se casem na casa do Senhor. Salientemos, com mais vigor que anteriormente, a importância do local onde nos casamos e da autoridade de quem nos declara marido e mulher.¹³

É agradável ao Senhor que os jovens frequentem o templo dignamente e realizem batismos vicários por aqueles que não tiveram a oportunidade de ser batizados nesta vida. É agradável ao Senhor que frequentemos o templo dignamente para fazer nossos convênios com Ele e ser selados como casais e como famílias. E também é agradável ao Senhor que realizemos no templo essas mesmas ordenanças salvadoras em favor dos mortos, muitos dos quais aguardam ansiosamente que elas sejam realizadas em seu benefício.¹⁴

Aos que ainda não receberam suas bênçãos do templo ou que não têm uma recomendação válida, incentivo-os com humildade e amor a direcionar todo seu esforço em preparação para entrar na casa do Senhor. Há nessa revelação uma promessa maravilhosa que muitas vezes passa despercebida: “Se meu povo der ouvidos a minha voz e à voz de meus servos que designei para guiar meu povo, eis que em verdade vos digo que não serão removidos de seu lugar” (D&C 124:45). (...) Prometo-lhes que em sua espiritualidade pessoal e em seu relacionamento com seu cônjuge e com a família vocês serão abençoados e fortalecidos se frequentarem assiduamente o templo.¹⁵

Sejamos um povo que frequenta e ama o templo. Procuremos diligentemente ir ao templo do Senhor com a maior assiduidade que nossos meios, nossas circunstâncias pessoais e nosso tempo

o permitirem. Que façamos isso não apenas em favor de nossos parentes falecidos, mas também pelas bênçãos pessoais advindas da adoração no templo, pela santidade e a segurança que encontramos por trás daquelas paredes santas e consagradas. O templo é um local de beleza, um local de revelação e um local de paz. O templo é a casa do Senhor. É sagrado para Ele. Deve ser sagrado para nós.¹⁶

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 1. De que maneira podemos “fazer do templo do Senhor o grande símbolo de [nossa] condição de membros da Igreja”?
- Leia novamente os requisitos para uma recomendação, como são descritos na seção 2. De que maneira o fato de viver esses requisitos já abençoou você e sua família? Por que é exigido que nos esforcemos para sermos “puros e livres dos pecados do mundo” para entrar no templo?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter ensinou sobre as bênçãos de fazermos o trabalho do templo (ver seção 3). De que maneira o fato de participar das ordenanças do templo já abençoou você e sua família? Como podemos nos beneficiar mais plenamente com as bênçãos do templo? Você poderia contar alguma situação em que recebeu força ou orientação espiritual dentro do templo? Se você ainda não esteve no templo, reflita sobre como pode se preparar para receber essa bênção.
- De que maneira podemos ajudar as crianças e os jovens a saber mais sobre os templos e desenvolver amor por eles? (Ver seção 4.) Como podemos ajudar as crianças e os jovens a desejar casar-se na casa do Senhor? Por que é importante que procuremos diligentemente ir ao templo do Senhor “com a maior assiduidade que nossos meios, nossas circunstâncias pessoais e nosso tempo o permitirem”?

Escrituras Relacionadas

Salmos 55:14; Isaías 2:2-3; D&C 97:12-17; 110:6-10; 124:39-41; 138:53-54; Bible Dictionary na Bíblia SUD em inglês, “Temple”

Auxílio Didático

“Muitas vezes, uma aula contém mais informações do que você conseguirá passar no tempo de que dispõe. Nesses casos, escolha o que será de maior utilidade para seus alunos” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 99).

Notas

1. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 135.
2. Jay M. Todd, “President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church” [Presidente Howard W. Hunter: Décimo Quarto Presidente da Igreja], *Ensign*, julho de 1994, pp. 4–5.
3. “The Temple of Nauvoo” [O Templo de Nauvoo], *Ensign*, setembro de 1994, pp. 62–63.
4. Parte da oração dedicatória do Templo de Bountiful Utah, “‘Magnificent Edifice’ Consecrated to [the] Lord” [“Edifício Magnífico” Consagrado ao Senhor], *Church News*, 14 de janeiro de 1995, p. 4.
5. “O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja”, *A Liahona*, novembro de 1994, p. 2.
6. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
7. “Your Temple Recommend” [Sua Recomendação para o Templo], *New Era*, abril de 1995, pp. 6–9.
8. “Um Povo Motivado pelo Templo”, *A Liahona*, março de 2004, p. 40.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 240.
10. “We Have a Work to Do” [Temos um Trabalho a Fazer], *Ensign*, março de 1995, p. 65.
11. “O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja”, p. 3.
12. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 239–240.
13. “Um Povo Motivado pelo Templo”, p. 40.
14. “O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja”, p. 3.
15. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 240–241.
16. “O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja”, p. 3.



Acelerar o Trabalho de História da Família e do Templo

“O Senhor certamente nos ajudará se nos esforçarmos ao máximo para obedecer ao mandamento de pesquisar a história da família e realizar o trabalho do templo.”

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Howard W. Hunter sempre teve um carinho enorme pela história da família. Desde a infância, costumava ouvir com grande interesse as histórias sobre seus antepassados. Com o passar do tempo, dedicou um tempo considerável para fazer pesquisa da história de sua família.¹ Em 1972, enquanto estava na Europa cumprindo uma designação da Igreja, ele e sua mulher, Claire, visitaram alguns locais na Dinamarca onde seus ancestrais viveram. Em um dos vilarejos, descobriram a igreja onde o bisavô Rasmussen, do Presidente Hunter, tinha sido batizado e onde a família participava das reuniões de adoração. Essa experiência aumentou o apreço que o Presidente Hunter tinha por seus antepassados maternos. Ele também visitou áreas da Noruega e da Escócia, onde outros antepassados viveram.²

O filho do Presidente Hunter, Richard, recorda o amor que seu pai nutria pela história da família:

“Papai foi um ávido pesquisador a vida toda. Frequentemente, nos intervalos do seu trabalho de advogado, ia até a biblioteca pública de Los Angeles fazer pesquisas na extensa seção de genealogia ali existente. Ele conservava em livros-razão as pesquisas, as folhas de grupo familiar, os gráficos de linhagem e as narrativas históricas que ele mesmo escrevia.



*Os pais de Howard W. Hunter, John William (Will)
Hunter e Nellie Marie Rasmussen Hunter*

Às vezes, eu o acompanhava nas diversas viagens que fazia para conferências. Ele colocava alguns livros-razão no porta-malas do carro e, assim que a conferência da estaca terminava, ele dizia: ‘Vamos até a casa desse primo fazer uma visitinha rápida. Preciso confirmar algumas datas’. Então, íamos à casa daquele primo. Ele pegava os livros do porta-malas e, logo, a mesa da sala de jantar ficava coberta de folhas de grupo familiar.

Se alguém da nossa família precisasse conferir as informações que tinha obtido na própria pesquisa, ligava ou escrevia para o papai, pois todos sabiam que os registros dele estavam sempre corretos. O trabalho dele era primoroso”.³

Certa vez, enquanto o Presidente Hunter servia no Quórum dos Doze, seus mestres familiares o visitaram, dizendo: “Gostaríamos de mostrar-lhe a nossa folha de grupo familiar que preparamos. (...) Não vai dar tempo de ver a sua hoje, mas gostaríamos de vê-la na próxima visita”.

“Aquilo me interessava muito”, disse o Presidente Hunter. “Trabalhei o mês inteiro em preparação para a visita seguinte dos mestres familiares.”⁴

O Presidente Howard W. Hunter presidiu a Sociedade Genealógica de Utah de 1964 a 1972 (ver página 19). Em 1994, em uma assembleia que homenageava o Presidente Hunter e celebrava o 100º aniversário da Sociedade Genealógica, ele disse:

“Na véspera do meu aniversário de 87 anos, olho para trás e fico maravilhado com a tapeçaria formada pelo Senhor no desenvolvimento do trabalho do templo e de história da família. Quando fui presidente da Sociedade Genealógica de Utah, tínhamos visões de como [esse trabalho] progrediria rapidamente. Hoje, vemos um empenho glorioso ocorrendo no mundo inteiro. O evangelho prossegue sendo pregado a todas as nações, tribos, línguas e povos. Há templos erguidos por toda a Terra, e o Espírito de Elias toca o coração de muitos membros, que estão fazendo a história da família e realizando ordenanças do templo a uma velocidade sem precedente”.⁵

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Construímos templos para a realização de ordenanças essenciais para a salvação e a exaltação dos filhos de Deus.

O templo é sagrado porque ali se dá a mais próxima comunhão do Senhor com aqueles que recebem as mais altas e sagradas ordenanças do santo sacerdócio. É no templo que as coisas da Terra se unem às coisas do céu. (...) A grande família de Deus será unida por meio das ordenanças salvadoras do evangelho. A obra vicária e as ordenanças para os vivos são os propósitos do templo.⁶

O evangelho proclamado ao mundo pelos santos dos últimos dias é o evangelho de Jesus Cristo, conforme restaurado na Terra nesta dispensação, e destina-se à redenção de toda a humanidade. O próprio Senhor revelou o que é essencial para a salvação e exaltação de Seus filhos. Um dos pontos essenciais é que se devem construir templos para a realização das ordenanças que não se podem realizar em nenhum outro lugar.

Quando se explicam essas coisas a pessoas de todo o mundo quem veem nossos templos, a pergunta que fazem com mais frequência é: Quais são as ordenanças realizadas nos templos?

Batismo pelos mortos

Ao responder, normalmente mencionamos em primeiro lugar a ordenança conhecida como batismo pelos mortos. Observamos que, para muitos cristãos, a posição do homem perante o Senhor determina-se para toda a eternidade na hora da morte, pois não disse Cristo a Nicodemos: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”? (João 3:5.) Sabemos, porém, que muitas pessoas morreram sem a ordenança do batismo e, portanto, de acordo com a declaração de Cristo a Nicodemos, elas seriam impedidas de entrar no reino de Deus. Isso levanta uma questão: Deus é justo?

A resposta é: Deus, naturalmente, é justo. É evidente que a declaração do Salvador pressupõe que se pode fazer batismos por aqueles que morreram sem ser batizados. Os profetas dos últimos dias nos ensinaram que o batismo é uma ordenança terrena que só pode

ser realizada pelos vivos. Como é possível, então, àqueles que já morreram ser batizados se só os vivos podem realizar a ordenança? Foi sobre isso que o Apóstolo Paulo escreveu aos coríntios, ao fazer a seguinte pergunta:

“Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?” (I Coríntios 15:29.)⁷

Seria justo que as pessoas que viveram na Terra e morreram sem a oportunidade de batizar-se ficassem privadas dessa ordenança por toda a eternidade? Haverá alguma coisa de irracional em se realizar o batismo pelos mortos? Talvez o próprio Mestre seja o maior exemplo da obra vicária pelos mortos. Deu Sua vida como Expição vicária, para que todos os que morrerem possam viver de novo e ter vida eterna. Ele fez por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos. E da mesma forma, nós podemos realizar ordenanças por aqueles que não tiveram a oportunidade de realizá-las em vida.⁸

A Investidura

A investidura é outra das ordenanças do templo. Consiste de duas partes: primeiramente, uma série de instruções e, em segundo lugar, promessas ou convênios feitos pela pessoa que recebe a ordenança — promessas de viver em retidão e obedecer às condições do evangelho de Jesus Cristo. A investidura é uma ordenança que abençoa enormemente os santos — tanto os vivos como os mortos. Portanto, é também uma ordenança realizada pelos vivos em favor dos mortos, sendo feita para aqueles por quem o batismo já foi realizado.

Casamento celestial

Outra ordenança do templo é o casamento celestial, em que a mulher é selada ao marido e o marido à mulher para toda a eternidade. Sabemos que o casamento civil termina com a morte, mas o casamento celestial realizado no templo pode existir para sempre. Os filhos nascidos de um casal após um casamento eterno estão automaticamente selados aos pais para a eternidade. Se os filhos nascerem antes de uma mulher ser selada ao marido, há a ordenança do selamento no templo que sela (ou une) esses filhos aos pais para a eternidade. É assim que os filhos podem selar-se vicariamente a pais já falecidos. (...)



“Verdadeiramente, não há obra igual à realizada no templo.”

Todas as ordenanças do templo são essenciais para a salvação e exaltação dos filhos de nosso Pai Celestial.⁹



O objetivo do trabalho de história da família é disponibilizar as bênçãos do templo a todas as pessoas.

Com certeza, nós, que estamos deste lado do véu, temos um grande trabalho a realizar. (...) A construção de templos tem um significado profundo, tanto para nós como para a humanidade, e nossas responsabilidades tornam-se claras. Devemos receber as ordenanças do templo necessárias para nossa exaltação; depois, temos de fazer o trabalho necessário para aqueles que não tiveram a oportunidade de aceitar o evangelho em vida. O trabalho realizado para os outros ocorre em duas etapas: primeiro, pela pesquisa de história da família para encontrar o nome dos nossos antepassados; e segundo, pela realização das ordenanças do templo para dar-lhes as mesmas oportunidades oferecidas aos vivos.

No entanto, há muitos membros da Igreja que têm acesso limitado aos templos. Eles fazem o melhor que podem. Pesquisam a história da família e cuidam para que o trabalho de ordenanças do templo

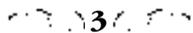
seja realizado por outras pessoas. Por outro lado, há alguns membros que se envolvem no trabalho do templo, mas não conseguem fazer a pesquisa de história da família nas linhagens da própria família. Embora realizem um serviço divino ao ajudar outros, eles perdem bênçãos por não buscar seus próprios parentes falecidos, como foram divinamente instruídos pelos profetas dos últimos dias.

Lembro-me de uma experiência há alguns anos que se assemelha a essa condição. Ao final de uma reunião de testemunhos, o bispo comentou: “Tivemos uma experiência espiritual hoje, ao ouvir os testemunhos prestados. Isso se deu porque estávamos em jejum, de acordo com a lei do Senhor. Mas não nos esqueçamos de que a lei consiste em duas partes: jejuar, pela abstinência de alimentos, e contribuir com o que economizamos no jejum para o armazém do bispo a fim de beneficiarmos os menos afortunados”. A seguir, acrescentou: “Espero que nenhum de nós saia daqui hoje com uma bênção pela metade”.

Aprendi que os que se dedicam à história da família e, a seguir, realizam as ordenanças do templo para aqueles cujos nomes pesquisaram conhecem a alegria adicional de receber a bênção por inteiro.

Além disso, os mortos esperam ansiosamente que os santos dos últimos dias pesquisem seus nomes e, a seguir, compareçam aos templos para officiar em seu lugar a fim de que sejam libertados da prisão no mundo espiritual. Todos nós devemos sentir alegria nesse magnífico trabalho de amor.¹⁰

O objetivo do trabalho de história da família é disponibilizar as bênçãos do templo a todas as pessoas, vivas ou mortas. Ao frequentarmos o templo e realizarmos o trabalho pelos mortos, adquirimos um profundo sentimento de estar associados a Deus e um melhor entendimento de Seu Plano de Salvação para a humanidade. Aprendemos a amar nosso próximo como a nós mesmos. Verdadeiramente, não há obra igual à realizada no templo.¹¹



Sejamos valentes em acelerar nosso trabalho de história da família e do templo.

Ao realizarmos no templo o trabalho para aqueles que já partiram para o outro lado do véu, somos lembrados do conselho inspirado

do Presidente Joseph F. Smith, que declarou: “Por meio de nosso empenho em favor deles, as correntes que os prendem cairão de suas mãos, e a escuridão que os cerca será dissipada para que a luz brilhe sobre eles; e eles ouvirão no mundo espiritual a respeito do trabalho que foi feito para eles por seus filhos aqui na Terra, e se regozijarão” (Conference Report, outubro de 1916, p. 6).¹²

Esse trabalho sagrado [história da família e ordenanças do templo] ocupa um lugar preeminente no coração e na lembrança da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze. Falo em nome desses irmãos quando agradeço aos que fazem uma valiosa contribuição realizando as ordenanças salvadoras por aqueles que estão do outro lado do véu. (...) Somos gratos ao exército de voluntários que leva adiante esse trabalho grandioso no mundo inteiro. Obrigado a todos vocês pelo que estão fazendo tão bem.

O Profeta Joseph Smith disse: “A maior responsabilidade do mundo que Deus colocou sobre nós é a de buscar nossos mortos” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 500). Ele também afirmou: “Os santos que a negligenciarem em prol de seus parentes falecidos, colocam em risco a sua própria salvação” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 497).

Por ter o mesmo entendimento dessa importante revelação, o Presidente Brigham Young disse: “Temos um trabalho tão importante a executar nesta esfera quanto o que o Salvador fez na sua. Nossos ancestrais não podem ser aperfeiçoados sem nós, nem nós sem eles. Eles fizeram sua parte dessa obra e agora dormem, e nós somos chamados agora a fazer a nossa, a qual é o maior trabalho que o homem pode realizar na Terra” (*Discursos de Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe, 1941, p. 407; ver também *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young*, 1997, p. 311).

Todos os profetas que lideraram esta Igreja desde os dias de Joseph Smith até o presente repetiram essa mesma verdade sublime. Guiada por essas verdades, a Igreja se engajou desde o princípio desta dispensação no trabalho de salvação e exaltação de todos os filhos e filhas de Deus, independentemente de quando viveram na Terra.

Nós, que vivemos atualmente, somos aqueles a quem Deus indicou antes de nascermos para sermos Seus representantes na Terra,

nesta dispensação. Somos da casa de Israel. Repousam em nossas mãos os poderes sagrados de sermos salvadores no Monte Sião nos últimos dias (ver Obadias 1:21).

Com respeito ao templo e à história da família, tenho uma mensagem de suprema importância: Esta obra requer urgência. A obra que está por fazer é incomensurável e está além do nosso entendimento. No ano passado [1993], realizamos investidas vicárias no templo por aproximadamente 5 milhões e meio de pessoas, mas, durante o mesmo ano, morreram cerca de 50 milhões de pessoas. Isso poderia sugerir que o trabalho que temos a fazer é inútil, mas não podemos pensar em inutilidade. O Senhor certamente nos ajudará se nos esforçarmos ao máximo para obedecer ao mandamento de pesquisar a história da família e realizar o trabalho do templo. Esse grande trabalho dos templos e tudo o que está relacionado a ele precisa expandir-se. É absolutamente imperativo! (...)

Amados irmãos e irmãs, sejamos valentes em promover nosso trabalho de história da família e nosso trabalho no templo. O Senhor disse: “Que a obra de meu templo e todas as obras que vos designei continuem sem cessar; e que vossa diligência e vossa perseverança e paciência e vossos trabalhos se redobrem; e de modo algum perdereis vossa recompensa, diz o Senhor dos Exércitos” (D&C 127:4).

Quero incentivá-los em seu empenho com estas palavras do Profeta Joseph Smith: “Irmãos, não prosseguiremos em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória! Regozije-se vosso coração e muito se alegre. Prorrompa a terra em canto. Entoem os mortos hinos de eterno louvor ao Rei Emanuel, que estabeleceu, antes da fundação do mundo, aquilo que nos permitiria redimi-los de sua prisão; pois os prisioneiros serão libertados” (D&C 128:22).

Adoro esse trabalho. Sei que o Senhor proverá tudo o que for necessário para realizá-lo se fizermos nossa parte com devoção. Que o Senhor abençoe cada um de nós ao contribuirmos com esse trabalho grandioso que devemos realizar nos nossos dias.¹³

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Pondere sobre a sentença inicial da seção 1. De que maneira a realização de ordenanças no templo já ajudou você a se aproximar mais de Deus? Quais informações nesta seção podem ajudá-lo a explicar os propósitos do templo para alguém que não os entende?
- Em que circunstâncias você já sentiu “as duas partes da bênção” da pesquisa de história da família e do trabalho no templo? (Ver seção 2.) Como podemos incluir os filhos e outros membros da família nessa obra tão importante?
- Leia novamente os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 3 e reflita sobre a importância que o Senhor atribui à história da família e ao trabalho no templo. De que maneira a história da família e o trabalho no templo estão-se acelerando hoje? Como podemos aumentar nossa participação nessa obra?

Escrituras Relacionadas

Isaías 42:6–7; Malaquias 4:5–6; I Pedro 3:18–20; 4:6; D&C 2; 110:12–15; 124:28–30; 128:15–18; 138:57–59

Auxílio de Estudo

Para aplicar as palavras de um profeta à sua vida, pense em como os ensinamentos dele se relacionam a você (ver *Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 170). Durante o estudo, comece perguntando a si mesmo como esses ensinamentos podem ajudá-lo a lidar com suas preocupações, seus questionamentos e desafios na vida.

Notas

1. Ver Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 186.
2. Ver Francis M. Gibbons, *Howard W. Hunter: Man of Thought and Independence, Prophet of God [Howard W. Hunter: Homem de Ideias e Independência, Profeta de Deus]*, 2011, pp. 16–18.
3. Manuscrito não publicado de Richard A. Hunter.
4. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 192.
5. “We Have a Work to Do” [Temos um Trabalho a Fazer], *Ensign*, março de 1995, p. 64.
6. “O Grande Símbolo de Nossa Condição de Membros da Igreja”, *A Liahona*, novembro de 1994, p. 3.
7. “Um Povo Motivado pelo Templo”, *A Liahona*, março de 2004, p. 40.
8. “Elias, o Profeta”, *A Liahona*, junho de 1972, p. 6.
9. “Um Povo Motivado pelo Templo”, p. 40.
10. “Um Povo Motivado pelo Templo”, p. 40.
11. “We Have a Work to Do”, p. 65.
12. Parte da oração dedicatória do Templo de Bountiful Utah, “Magnificent Edifice’ Consecrated to [the] Lord” [Edifício Magnífico Consagrado ao Senhor], *Church News*, 14 de janeiro de 1995, p. 4.
13. “We Have a Work to Do”, pp. 64–65.



O Sacramento da Ceia do Senhor

“Quando [Jesus] tomou do pão e o partiu, e tomou da taça e a abençoou, Ele estava apresentando a Si mesmo como o Cordeiro de Deus, que proveria nutrição espiritual e salvação eterna.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Howard W. Hunter foi criado pela mãe, santo dos últimos dias ativa, e pelo pai, um bom homem que não se havia filiado a nenhuma igreja. O pai não fazia objeção à participação da família na Igreja — chegou até a frequentar a reunião sacramental em algumas ocasiões —, mas não quis que os filhos fossem batizados quando fizeram 8 anos de idade. Achava que não deviam tomar tal decisão até ficarem mais velhos. Quando Howard fez 12 anos, não pôde receber o Sacerdócio Aarônico nem ser ordenado ao ofício de diácono, pois ainda não tinha sido batizado. Embora pudesse participar de outras atividades com os rapazes, Howard sentia-se profundamente frustrado por não poder distribuir o sacramento com eles.

“Durante a reunião sacramental, sentava-me com os outros rapazes”, relembra. “Quando chegava a hora de distribuir o sacramento, eu me afundava no banco. Sentia-me tão diminuído! Eu desejava distribuir o sacramento, mas não podia por não ter sido batizado.”¹

Quase cinco meses depois de fazer 12 anos, Howard conseguiu convencer o pai a permitir que fosse batizado. Pouco depois, foi ordenado diácono. “Lembro-me da primeira vez em que distribuí o sacramento”, disse. “Tive medo, mas fiquei muito entusiasmado com o privilégio. Após a reunião, o bispo elogiou a maneira como me comportei.”²



“Fazei isto em memória de mim” (Lucas 22:19).

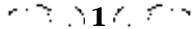
Quando Howard W. Hunter foi chamado apóstolo, participava assiduamente da ordenança do sacramento com outras autoridades gerais no Templo de Salt Lake. O Élder David B. Haight, que serviu com o Élder Hunter no Quórum dos Doze, descreveu a experiência de ouvi-lo abençoar o sacramento:

“Desejaria que os rapazes do Sacerdócio Aarônico de toda a Igreja pudessem ouvir o Élder Howard W. Hunter abençoar o sacramento no templo. Ele é uma testemunha especial de Jesus Cristo. Quando o ouvia rogar ao Pai Celeste que abençoasse o sacramento, sentia a profunda espiritualidade de sua alma. Cada palavra era clara e significativa. Ele não tinha pressa. Estava ali como porta-voz de todos os apóstolos, dirigindo-se ao Pai Celestial”.³

Esses relatos ilustram a reverência que o Presidente Hunter teve a vida inteira pelos emblemas sagrados do Sacrifício Expiatório de Cristo.

Como demonstram os ensinamentos deste capítulo, uma das maneiras que o Presidente Hunter usava para ajudar os membros da Igreja a entender a importância do sacramento era explicar-lhes a conexão [do sacramento] com a antiga celebração da Páscoa judaica e aprofundar o estudo da apresentação dessa ordenança feita pelo Salvador durante a ceia da Páscoa com Seus discípulos.

Ensinamentos de Howard W. Hunter



A Páscoa declara que a morte não tem poder permanente sobre nós.

A Páscoa [judaica] é a mais antiga festa judaica, celebrando um evento anterior ao recebimento da tradicional lei mosaica. Ela recorda a todas as gerações a volta dos filhos de Israel para a terra da promessa e o duro padecimento do Egito que a precedeu. Comemora a passagem de um povo do cativo para a liberdade. É o festival de primavera do Velho Testamento quando a natureza desperta para a vida, o crescimento e a fruição.

A Páscoa judaica está ligada à comemoração cristã da Páscoa. (...) A Páscoa, tanto a do Velho como a do Novo Testamento, testifica do grande dom concedido por Deus e do sacrifício que exigiu. As duas importantes comemorações religiosas demonstram que a

morte “passaria” e não teria poder permanente sobre nós, e que o túmulo não sairia vitorioso.

Ao livrar os filhos de Israel do Egito, o próprio Jeová falou, da sarça ardente, a Moisés no Sinai, dizendo:

“Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. (...)

Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó para que tires o meu povo (os filhos de Israel) do Egito” (Êxodo 3:7, 10).

Como o Faraó se mostrou inflexível, muitas pragas assolaram o Egito; ainda assim, “o coração de Faraó se endureceu, e não deixou ir os filhos de Israel” (Êxodo 9:35).

Em resposta à recusa do Faraó, o Senhor disse: “E todo o primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que haveria de assentar-se sobre o seu trono, até ao primogênito da serva que está detrás da mó, e todo o primogênito dos animais” (Êxodo 11:5).

Como proteção contra essa última e mais terrível punição imposta aos egípcios, o Senhor instruiu Moisés a fazer com que todo homem dentre os filhos de Israel tomasse um cordeiro sem mácula.

“E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem.

E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargas a comerão. (...)

Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do Senhor. (...)

E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este?

Então direis: Este é o sacrifício da páscoa ao Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito” (Êxodo 12:7–8, 11, 26–27).

Depois que os israelitas haviam escapado do domínio de Faraó e os primogênitos dos egípcios foram ceifados pela morte, os israelitas finalmente atravessaram o Jordão. Está escrito que “os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do

mês, à tarde, nas campinas de Jericó” (Josué 5:10). E assim fizeram as famílias judaicas ano após ano depois disso, inclusive a família de José, Maria e o menino Jesus.⁴



Durante uma ceia em comemoração da Páscoa, o Salvador instituiu a ordenança do sacramento.

O evangelho de João deixa claro que as comemorações da Páscoa foram marcos significativos no ministério mortal de Cristo. Por ocasião da primeira Páscoa durante Seu ministério, Jesus anunciou Sua missão ao purificar o templo, expulsando dele os cambistas e vendedores de animais. Na segunda Páscoa, Jesus manifestou Seu poder pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes. Foi então que Cristo apresentou os símbolos que posteriormente adquiririam um significado ainda maior no grande cenáculo. “Eu sou o pão da vida”, disse Ele. “Aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede” (João 6:35).

Obviamente foi a celebração de Sua última Páscoa que daria plena expressão a essa antiga festividade. Na última semana de Seu ministério, Jesus sabia claramente tudo que aquela Páscoa especial Lhe reservava. Os distúrbios já se faziam sentir. Mateus registra:

“Quando Jesus concluiu todos estes discursos, disse aos seus discípulos:

Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado” (Mateus 26:1–2).

Sabendo perfeitamente o que O aguardava, Jesus pediu a Pedro e João que providenciassem a refeição pascal. Mandou que perguntassem ao dono da casa: “Onde está o aposento em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos?” (Lucas 22:11.)

A solidão de Seu nascimento seria de certa forma repetida pela solidão de Sua morte. As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não teve onde reclinar a cabeça, tanto ao nascer como nas últimas horas de Sua vida mortal (ver Mateus 8:20).

Finalmente, terminaram os preparativos para a refeição pascal, de acordo com a tradição de quase 1.500 anos. Jesus sentou-Se à mesa com Seus discípulos e, depois de comerem o cordeiro pascal,



“Quando tomou o pão e o partiu, e tomou o cálice e o abençoou, Jesus estava apresentando a Si mesmo como o Cordeiro de Deus.”

o pão e o vinho dessa antiga ceia, Ele lhes ensinou um novo e mais sagrado significado da antiga bênção de Deus.

Tomando um dos finos e redondos pães ázimos, abençoou-o e o partiu em pedaços, que distribuiu aos apóstolos, dizendo: “Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim” (Lucas 22:19).

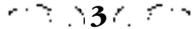
Ao ser cheio o cálice, Ele o tomou, deu graças e os convidou a beberem dele, dizendo: “Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós” (Lucas 22:20). A respeito disso, Paulo comenta: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha” (I Coríntios 11:26).

O pão e o vinho substituíram o cordeiro e as ervas amargas como emblemas do corpo e do sangue do grande Cordeiro, devendo ser tomados com reverência e em memória Dele para sempre.

Dessa maneira simples, porém marcante, o Salvador instituiu a ordenança agora conhecida como o sacramento da ceia do Senhor. Com o suplício do Getsêmani, o sacrifício do Calvário e a Ressurreição do sepulcro no horto, Jesus cumpriu a lei antiga e deu início a uma nova dispensação, com base na compreensão mais elevada e sagrada da lei do sacrifício. Não mais seria exigido do homem que oferecesse o cordeiro primogênito de seu rebanho, pois o Primogênito de Deus veio oferecer-Se a Si mesmo como “sacrifício infinito e eterno”.

Essa é a majestade da Expição e da Ressurreição, não mera vitória sobre a morte, mas o dom de vida eterna por um sacrifício infinito.⁵

É notavelmente adequado ter sido durante a observância daquele antigo convênio de proteção [a refeição pascal] que Jesus instituiu os emblemas do novo convênio de segurança: os emblemas de Seu próprio corpo e sangue. Quando [Jesus] tomou do pão e o partiu, e tomou da taça e a abençoou, Ele estava apresentando a Si mesmo como o Cordeiro de Deus, que proveria nutrição espiritual e salvação eterna.⁶



Nossa participação no sacramento é uma oportunidade de examinar nossa vida e renovar nossos convênios.

Há algum tempo (...), tive o privilégio de ir à reunião sacramental em nossa própria ala. (...) Enquanto os sacerdotes preparavam o sacramento, cantamos:

*Deus, escuta-nos orar,
Tua graça suplicar,
De tomarmos com amor
Os emblemas do Senhor*
(*Hinos*, nº 101).

Um sacerdote ajoelhou-se diante do pão partido e orou: “Para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho e testemunhem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu

Filho e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que Ele lhes deu” (D&C 20:77). Os diáconos dispersaram-se pela capela a fim de servirem o pão partido. Um deles veio até nossa fila e segurou a bandeja prateada enquanto eu me servia. Segurei então a bandeja, para que a irmã Hunter se servisse, e ela a segurou para a pessoa que estava a seu lado. Assim, a bandeja passou por toda a fila, cada um servindo e sendo servido.

Pensei a respeito dos acontecimentos daquela noite, há cerca de 2 mil anos, em que Jesus foi traído. (...) O sacramento da ceia do Senhor foi introduzido para substituir o sacrifício e ser um lembrete a todos quantos dele participarem de que Ele realmente Se sacrificou por eles e para ser uma recordação adicional dos convênios que fizeram de segui-Lo, guardar Seus mandamentos e ser fiéis até o fim.

Enquanto [eu] pensava sobre isso, veio-me à lembrança a admoestação de Paulo em sua carta aos coríntios. Disse ele: “Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.

Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor” (I Coríntios 11:27–29).

Fiquei perturbado. Fiz a mim mesmo a pergunta: “Será que ponho Deus acima de todas as outras coisas e cumpro todos os Seus mandamentos?” Nesse momento, refleti e tomei uma resolução. Fazer um convênio com o Senhor de sempre cumprir Seus mandamentos é uma obrigação séria, e renovar esse convênio participando do sacramento é igualmente sério. Os momentos solenes de meditação, enquanto o sacramento está sendo distribuído, têm grande significado. São momentos de introspecção, autodiscernimento, uma ocasião para se refletir e tomar resoluções.

Então, o outro sacerdote estava ajoelhado junto à mesa, orando para que todos os que bebessem “o façam em lembrança do sangue de teu Filho, que por eles foi derramado, (...) que sempre se lembrem dele, para que possam ter consigo o seu Espírito” (D&C 20:79).

Havia silenciosa meditação, em que o silêncio era quebrado apenas pela voz de um nenezinho, cuja mãe imediatamente o aconchegou. Qualquer coisa que quebre o silêncio durante essa ordenança sagrada é inadequada; mas, é claro, o som de um pequenino não desagrada ao Senhor. Ele mesmo também foi embalado por uma carinhosa mãe no início de sua vida mortal, que se iniciou em Belém e terminou na cruz do Calvário.

Os jovens terminaram a distribuição do sacramento. Seguiram-se, então, palavras de incentivo e instrução, um hino e uma oração de encerramento; e “as horas de preciosa paz em que meu coração se [desprende] do mundo” chegaram ao fim (ver “Secreta Oração”, *Hinos*, nº 81). A caminho de casa (...), veio-me este pensamento: Como seria maravilhoso se toda gente entendesse o propósito do batismo e tivesse o desejo de aceitá-lo, o desejo de manter os convênios feitos naquela ordenança, de servir ao Senhor e viver Seus mandamentos, e, adicionalmente, a vontade de participar do sacramento no Dia do Senhor a fim de renovar aqueles convênios de servi-Lo e de ser fiel até o fim. (...)

O comparecimento à reunião sacramental e a participação no sacramento tornaram o dia mais significativo, e senti que entendia melhor a razão pela qual o Senhor disse: “E para que mais plenamente te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás teus sacramentos no meu dia santificado;

Porque em verdade este é um dia designado para descansares de teus labores e prestares tua devoção ao Altíssimo” (D&C 59:9–10).⁷

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Leia novamente o que o Presidente Hunter ensinou sobre a Páscoa na Israel antiga (ver seção 1). O que aprendemos com a Páscoa judaica? De que maneira essa celebração judaica se assemelha à observância da Páscoa atual?
- Leia novamente o que o Presidente Hunter ensinou sobre o Salvador instituindo o sacramento (ver seção 2). O que faz esse acontecimento ser significativo para você? De que maneira o sacramento é um “convênio de segurança” para nós?

- Na seção 3, o que mais impressionou você no relato do Presidente Hunter sobre partilhar do sacramento? O que podemos aprender nesse relato para tornar o sacramento mais significativo? Como o fato de partilhar do sacramento é uma bênção para você?

Escrituras Relacionadas

I Coríntios 5:7–8; 11:23–29; 3 Néfi 18:3–14; 20:8–9; Morôni 6:5–6; D&C 20:75–79; 27:1–2

Auxílio Didático

“Ao ensinarmos o evangelho, devemos ter a humildade de reconhecer que o Espírito Santo é o verdadeiro professor. Nosso privilégio é simplesmente servir de instrumentos por meio dos quais o Espírito Santo possa ensinar, testificar, consolar e inspirar” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 41).

Notas

1. Gerry Avant, “Elder Hunter—Packed Away Musician’s Career for Marriage” [Elder Hunter — Deixa a Carreira Musical para Casar-se], *Church News*, 19 de maio de 1985, p. 4.
2. J M. Heslop, “He Found Pleasure in Work” [Ele Sentia Prazer em Trabalhar], *Church News*, 16 de novembro de 1974, p. 4.
3. David B. Haight, “O Sacramento”, *A Liahona*, julho de 1983, p. 21.
4. “Cristo, Nosso Cordeiro Pascal”, *A Liahona*, julho de 1985, p. 19.
5. “Cristo, Nosso Cordeiro Pascal”, p. 19.
6. “Suas Horas Finais”, *A Liahona*, dezembro de 1974, p. 28.
7. “Reflexões sobre o Sacramento”, *A Liahona*, outubro de 1977, p. 24.



O Casamento — Uma Parceria Eterna

“A mais importante parceria que fazemos na vida é o casamento — um relacionamento que tem significado duradouro e eterno.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Howard W. Hunter tinha 20 anos de idade quando conheceu Claire Jeffs em um baile da Igreja em Los Angeles, Califórnia, em que ela era a acompanhante de um dos amigos dele. Depois do baile, alguns jovens foram passear na beira da praia. Howard perdeu sua gravata, e Claire se ofereceu para acompanhá-lo ao longo da orla a fim de encontrá-la. Mais tarde ele recorda: “No nosso segundo encontro, Claire foi minha acompanhante, e meu amigo levou outra garota”.¹

No ano seguinte, eles começaram a namorar firme e, em uma tarde de primavera, quase três anos depois do primeiro encontro, Howard levou Claire a um mirante com linda vista para o mar. “Observamos juntos como as ondas se erguiam no Pacífico e se arremessavam contra as rochas, iluminadas pelo clarão de uma lua cheia”, escreveu ele. Naquela noite, Howard pediu Claire em casamento, e ela aceitou. “Fizemos planos”, continuou ele, “[e] tomamos muitas decisões naquela noite e algumas fortes resoluções quanto à nossa vida juntos”.²

Claire e Howard casaram-se no Templo de Salt Lake no dia 10 de junho de 1931. Nos 52 anos que se seguiram, o amor que partilhavam se intensificou enquanto criavam os filhos, serviam na Igreja e, com fé, superavam as dificuldades.

Sua felicidade como casal era evidente para a família. Robert Hunter, seu neto mais velho, disse: “Quando penso no vovô Hunter,



“No templo, recebemos a mais alta ordenança disponível para homens e mulheres: o selamento entre marido e mulher, para que vivam juntos eternamente.”

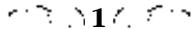
o que me vem à mente, mais que qualquer outra coisa, é o exemplo de marido amoroso. (...) Podíamos realmente sentir o elo de amor entre aqueles dois”.³

O amor que o Presidente Hunter teve pela esposa ficou ainda mais evidente na maneira como cuidou dela nos últimos dez anos em que ela lutou contra graves problemas de saúde. O falecimento de Claire, em 9 de outubro de 1983, foi um golpe devastador para o Presidente Hunter.⁴ Ele escreveu que, ao ir para casa, no dia do falecimento da esposa, “tudo parecia frio e, aonde quer que eu fosse, tudo me fazia lembrar dela”.⁵

Depois de viver quase sete anos sozinho, o Presidente Hunter casou-se com Inis Stanton, em abril de 1990. A cerimônia foi realizada pelo Presidente Gordon B. Hinckley no Templo de Salt Lake. Inis foi uma grande fonte de consolo e forças para o Presidente Hunter enquanto ele serviu como Presidente do Quórum dos Doze e como Presidente da Igreja. Ela o acompanhou em muitas de suas viagens para reunir-se com os santos do mundo todo.

O Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze, falou sobre a bênção que Inis representou para o Presidente Hunter: “Depois do falecimento [de Claire], passou-se um longo período de solidão antes de ele se casar com Inis. Juntos, compartilharam inúmeras memórias e experiências felizes”. E, dirigindo-se à irmã Hunter, disse: “Não temos palavras para expressar nossa gratidão a você, Inis, por seu companheirismo, pelo cuidado amoroso e por sua devoção a ele. Você trouxe brilho ao seu olhar e alegria a ele, neste que é o melhor período de sua vida e de seu ministério”.⁶

Ensinamentos de Howard W. Hunter



O casamento entre homem e mulher foi ordenado por Deus com a intenção de ser eterno.

O Senhor definiu o casamento para nós. Ele disse: “Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne” (Mateus 19:5).⁷

A mais importante parceria que fazemos na vida é o casamento — um relacionamento que tem significado duradouro e eterno.⁸

Tendo por base o Plano de Salvação, o portador do sacerdócio considera o casamento um privilégio sagrado e uma obrigação sagrada. Não é bom para o homem nem para a mulher ficar só. O homem não é completo sem a mulher. Tampouco pode cumprir a medida de sua criação sem ela (ver I Coríntios 11:11; Moisés 3:18). O casamento entre homem e mulher foi ordenado por Deus (ver D&C 49:15–17). Somente por intermédio do novo e eterno convênio do casamento é que eles podem entender a plenitude das bênçãos eternas (ver D&C 131:1–4; 132:15–19).⁹

Sempre nos referimos ao casamento como uma parceria com Deus. Isso não é apenas uma figura de linguagem. Se essa parceria se conservar forte e ativa, o homem e a mulher se amarão mutuamente como ambos amam a Deus, e seu lar será inundado com a doçura e a afeição que lhes trará sucesso eterno.¹⁰

O primeiro de todos os casamentos foi realizado pelo Senhor. Foi um casamento eterno, pois ainda não existia o conceito de tempo quando foi realizado. A cerimônia foi realizada para um casal que ainda não estava sujeito à morte e, dessa forma, sob a circunstância de que o relacionamento jamais acabaria. Depois da Queda, nossos primeiros pais foram expulsos do Jardim. Então, tornaram-se sujeitos à morte; mas foi-lhes prometida a ressurreição. Em nenhum momento, foi-lhes dito que seu casamento eterno devia terminar.¹¹

No templo, recebemos a mais alta ordenança disponível para homens e mulheres: o selamento entre marido e mulher para que vivam juntos eternamente. Esperamos que nossos jovens não se contentem com menos que um casamento no templo.¹²

Assim como o batismo é um mandamento do Senhor, o casamento no templo também o é. Da mesma forma que o batismo é essencial para a admissão na Igreja, o casamento no templo é essencial para nossa exaltação na presença de Deus. Faz parte de nosso destino. Não podemos cumprir nossos objetivos mais elevados sem ele. Não se contentem com nada menos do que isso.

Vocês não aceitariam uma forma mundana de batismo, aceitariam? Deus tem Sua maneira de batismo: por imersão por quem possua autoridade. Então, vocês aceitariam uma forma mundana de casamento? Ele também tem Sua maneira de casamento: o casamento no templo.¹³

Oro para que o Senhor nos abençoe com o entendimento da razão de nossa existência e do que precisamos fazer para encontrar nosso caminho para a exaltação e vida eterna. O casamento que consideramos sagrado faz parte do plano eterno. Se nos dispusermos a cumpri-las, as ordenanças tornam-se permanentes para sempre. Como é glorioso termos esse entendimento e essas verdades reveladas para nós!¹⁴



Antes de decidir com quem se casarão, sejam pacientes, tenham fé e permaneçam dignos de receber ajuda divina.

A decisão mais importante que tomarão na vida (...) é a que moldará sua vida para toda a eternidade: seu casamento. Sei que concordarão comigo; essa será a decisão que, de longe, terá mais importância em sua vida do que qualquer outra coisa, pois seu trabalho, sua profissão ou seja lá o que vão fazer não será tão importante como valor eterno. (...) [A decisão quanto ao casamento] afetará vocês por toda a eternidade; afetará vocês enquanto viverem aqui na Terra também.¹⁵

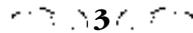
Vocês não devem, contudo, atirar-se a um relacionamento sem uma análise adequada e sem inspiração. Procurem fervorosamente a orientação do Senhor nesse assunto. Permaneçam dignos de receber ajuda divina.¹⁶

Muitos de vocês (...) se preocupam com o namoro, o casamento e ter uma família. Não é provável que vocês encontrem o nome de seu futuro cônjuge na visão de Néfi ou no Apocalipse nem é provável que isso lhes seja revelado por um anjo ou mesmo por seu bispo. Algumas coisas vocês terão de saber por si mesmos. Tenham fé e sejam obedientes; as bênçãos virão. Sejam pacientes. Não permitam que as coisas que não possuem os impeçam de ver as que vocês já têm. Se vocês se preocuparem demais com o casamento, isso acabará destruindo até a possibilidade dele. Vivam tão plena e fielmente quanto puderem enquanto solteiros, em vez de experimentarem uma ansiedade indevida quanto à vida a dois.¹⁷

Enquanto esperam bênçãos prometidas, não percam tempo, pois deixar de avançar é, de alguma forma, um retrocesso. Ocupem-se zelosamente de boas causas, inclusive seu próprio desenvolvimento.¹⁸



“Enquanto esperam bênçãos prometidas, (...) ocupem-se zelosamente de boas causas, inclusive seu próprio desenvolvimento.”



Nenhuma bênção será negada a pessoas dignas que não sejam casadas.

Esta é a Igreja de Jesus Cristo, não a igreja de casados ou solteiros, ou de qualquer outro grupo ou indivíduo. O evangelho que pregamos é o evangelho de Jesus Cristo, que abrange todas as ordenanças e todos os convênios de salvação necessários para salvar e exaltar todos os que estão dispostos a aceitar Cristo e cumprir os mandamentos que Ele e nosso Pai Celestial nos deram.¹⁹

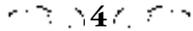
Nenhuma bênção, inclusive a do casamento eterno e da família eterna, será negada a uma pessoa digna. Embora possa levar algum tempo para alguns conquistarem essa bênção — talvez até seja após esta vida mortal —, ela não lhes será negada. (...)

Gostaria de oferecer a vocês algumas palavras de conselho e amor.

A vocês, *homens solteiros*: Não adiem o casamento por não terem uma carreira perfeita ou boa situação financeira. (...) Lembrem-se de que, como portadores do sacerdócio, vocês têm a obrigação de tomar a iniciativa na busca de uma companheira eterna.

A vocês, *mulheres solteiras*: As promessas dos profetas de Deus sempre mostraram que o Senhor Se preocupa com vocês; se forem fiéis, receberão *todas* as bênçãos. O fato de não serem casadas ou não terem uma família nesta vida é uma condição temporária, e a eternidade é um longo tempo. O Presidente Benson lembrou-nos de que “o tempo só conta para o homem. Deus tem em mente uma perspectiva eterna” (*A Liahona*, agosto de 1990, p. 41). Preencham sua vida com atividades dignas e significativas.

A vocês, que enfrentaram o *divórcio*: Não deixem que a decepção ou um sentimento de fracasso afete sua percepção do casamento ou da vida. Não percam a fé no casamento nem permitam que a amargura perverta sua alma e destrua vocês ou aqueles a quem vocês amam ou amaram.²⁰



O casamento bem-sucedido requer nosso maior empenho para viver os princípios do evangelho.

[O casamento] é algo que se aprende. Nosso esforço consciente, e não o instinto, é o que determina o sucesso. A força motivadora emana da bondade, da verdadeira afeição e da consideração para a felicidade e o bem-estar de um para com o outro.

Antes do casamento, víamos a vida sob nosso próprio ponto de vista; mas, depois de tomar esse passo, começamos a considerá-la também a partir do ponto de vista da outra pessoa. É preciso fazer sacrifícios e ajustes como manifestações de reafirmação e amor.

Diz-se com frequência que a felicidade e o sucesso no casamento em geral não são tanto uma questão de casar com a pessoa certa, mas de *ser a pessoa certa*. As estatísticas que mostram altos índices de divórcio talvez indiquem escolhas pouco sábias de companheiros. Se tivessem se casado com outras pessoas, o problema específico poderia ter sido eliminado, mas com certeza outro problema ocuparia seu lugar. A escolha sábia de um companheiro contribui bastante para um casamento bem-sucedido, mas o esforço consciente em fazer integralmente a própria parte é o elemento mais importante da fórmula do sucesso.²¹

Embora seja verdade que casais dignos alcançarão a exaltação no Reino Celestial, todo homem e toda mulher selados em um

relacionamento eterno devem, cada qual, ser individualmente dignos dessa bênção.

Um casamento eterno compõe-se de um homem digno e uma mulher digna, tendo ambos sido individualmente batizados com água e com o Espírito, tendo pessoalmente ido ao templo para receber a própria investidura, tendo pessoalmente assumido o compromisso de ser fiel a Deus e ao cônjuge no convênio do casamento e tendo pessoalmente cumprido os convênios, fazendo tudo o que Deus esperava deles.²²

Viver os princípios do evangelho torna o casamento feliz. (...) Quando duas pessoas conseguem viver os princípios do evangelho, o casamento se torna mais doce e feliz.²³



Marido e mulher devem trabalhar juntos para fortalecer os laços matrimoniais.

Caridade e paciência com as imperfeições

A maioria dos casais tem imperfeições. (...) Richard L. Evans disse certa vez: “Talvez alguns de nós possam se dar bem com pessoas perfeitas, mas nossa tarefa é dar-nos bem com pessoas imperfeitas” (*Richard Evans’ Quote Book*, 1971, p. 165). Entendemos que, no casamento, não lidamos com pessoas perfeitas; nós buscamos a perfeição e nossa jornada segue um curso no qual esperamos atingir a perfeição, mas é preciso que tenhamos entendimento, esforcemo-nos ao máximo e tornemos bela a vida. (...)

A Bíblia nos diz: “O amor é sofredor, é benigno” (ver I Coríntios 13:4). Esse tipo de amor, que não trata com leviandade, que não cessa no prazer nem é lançado fora como artigo descartável, mas que enfrenta todas as pequenas dificuldades da vida de mãos dadas e almas entrelaçadas, esse sim, é a expressão máxima da felicidade humana.²⁴

Unos de coração

É claro que os casamentos mais felizes são aqueles em que seu pesar é meu pesar; minha dor é sua dor; minha vitória, sua vitória; minha preocupação é sua preocupação. Sermos unos de coração, de alma ou de carne parece ser mais desafiador hoje do que nunca em um mundo em que a pergunta parece ser: “E o que eu ganho com



Quando o homem e a mulher se “[amam] mutuamente como ambos amam a Deus, (...) seu lar será inundado com a doçura e a afeição que lhes trará sucesso eterno”.

isso?” Com demasiada frequência vemos cônjuges que se tornam meros ornamentos em vez de uma parte do coração do outro.²⁵

Fidelidade em pensamentos, palavras e ações

O portador do sacerdócio mostra perfeita fidelidade moral a sua mulher e não lhe dá nenhuma razão para duvidar de sua lealdade. O marido deve amar a esposa de todo o coração e apegar-se a ela e a nenhuma outra (ver D&C 42:22–26). O Presidente Spencer W. Kimball explicou:

“As palavras *nenhuma outra* eliminam tudo e todos. O cônjuge então se torna preeminente na vida do marido ou da esposa, e nem a vida social, nem profissional ou política nem qualquer outro interesse, pessoa ou coisa jamais terá prioridade sobre aquele ou aquela que se escolheu como companheiro ou companheira” (*O Milagre do Perdão*, Salt Lake City: Bookcraft, 1974, p. 250).

O Senhor proíbe e Sua Igreja condena todo e qualquer relacionamento ilícito fora do casamento. A infidelidade por parte do homem magoa a esposa e faz com que o homem perca a confiança dela e dos filhos (ver Jacó 2:35).

Sejam fiéis aos convênios do casamento em pensamento, palavras e ações. Pornografia, flertes e fantasias perniciosas corroem o caráter e minam o alicerce de um casamento feliz. A unidade e a confiança dentro do casamento são destruídas. Aquele que não controla seus pensamentos e, assim, comete adultério em seu coração, se não se arrepender, não terá o Espírito, mas negará a fé e temerá (ver D&C 42:23; 63:16).²⁶

Ternura e respeito na intimidade

Evitem qualquer comportamento dominador ou indigno no terno e profundo relacionamento conjugal. Por ter Deus ordenado o casamento, o relacionamento íntimo entre marido e mulher é bom e honroso aos olhos de Deus. Ele ordenou que fossem uma só carne e que se multiplicassem e enchessem a Terra (ver Moisés 2:28; 3:24). Amem sua esposa como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela (ver Efésios 5:25–31).

A ternura e o respeito — nunca o egoísmo — devem ser os princípios orientadores no relacionamento íntimo entre marido e mulher. Cada um deve ser atencioso com o outro e perceber as necessidades e os desejos do outro. Qualquer comportamento dominador, indecente ou incontrolável no relacionamento conjugal é condenado pelo Senhor.

Qualquer homem que degrada ou maltrata a esposa física ou espiritualmente é culpado de um sério pecado e precisa de verdadeiro e sincero arrependimento. As diferenças devem ser solucionadas com amor e bondade e em espírito de reconciliação. O homem deve sempre falar com a mulher de maneira amorosa e gentil, tratando-a com o máximo respeito. O casamento é como uma flor delicada (...) e deve ser regado constantemente com amor e afeição.²⁷

Ouvir com atenção

Muitos problemas poderiam ser resolvidos rapidamente, e muitas situações difíceis solucionadas se entendêssemos que há momentos em que precisamos ouvir. Na escola, aprendemos a lição quando ouvimos, mas não aprendemos se não prestarmos atenção. No casamento, se não estivermos dispostos a ouvir atentamente, existe uma completa falta de entendimento. (...) É claro que precisamos falar, mas precisamos ouvir um ao outro a fim de aumentar o nosso

entendimento o suficiente para tomar uma decisão inteligente. Um ouvido atento frequentemente faz toda a diferença.²⁸

Altruísmo

Nenhuma amizade pode perdurar se estiver fundamentada no terreno arenoso do egoísmo. O casamento não perdura quando os parceiros têm por base a atração física e não firmam seu alicerce em um grande amor e na lealdade.²⁹

Esperamos que vocês, que já são casados, lembrem-se do amor que sentiram e que os levou ao altar na casa do Senhor. Nosso coração se entristece quando sabemos que muitos, cujo amor se esfriou ou em razão do egoísmo ou da transgressão, esquecem-se dos convênios que fizeram no templo ou os tratam levianamente. Rogamos a cada marido e cada esposa que tenham amor e respeito um pelo outro. Na verdade, é nossa mais preciosa esperança que cada família seja abençoada com mãe e pai que expressam amor um pelo outro, que têm respeito um pelo outro e que se esforçam juntos para fortalecer os laços do casamento.³⁰

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Na seção 1, o Presidente Hunter enfatiza que o casamento foi ordenado por Deus com a intenção de ser eterno. De que maneira esse conhecimento afeta seu relacionamento conjugal? Para você, qual é o significado de “uma parceria com Deus”? Como podemos ajudar as crianças e os jovens a se prepararem para casar-se no templo?
- Quais são suas ideias e impressões ao estudar o conselho do Presidente Hunter sobre a decisão de com quem se deve casar? (Ver seção 2.)
- De que maneira as promessas e o conselho do Presidente Hunter, na seção 3, ajudam as pessoas solteiras? Como podemos aplicar a mensagem do Presidente Hunter de que “esta é a Igreja de Jesus Cristo, e não a igreja dos casados ou dos solteiros”?
- O que você acha que o Presidente Hunter quis dizer com “o casamento é algo que se aprende”? (Ver seção 4.) Em que circunstâncias você já viu que viver os princípios do evangelho traz

felicidade a um casamento? Se você for casado, reflita sobre o que deve fazer para expressar seu amor mais plenamente a seu cônjuge.

- Reflita sobre o conselho do Presidente Hunter na seção 5. De que maneira o casal pode desenvolver mais paciência com as imperfeições um do outro? De que maneira o casal pode desenvolver maior “unidade de coração”? De que maneira o casal demonstra fidelidade no casamento por meio de pensamentos, palavras e ações?

Escrituras Relacionadas

Gênesis 2:18, 21–24; Jacó 2:27, 31–33; 4 Néfi 1:11; D&C 42:22; Moisés 3:19–24; ver também “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.

Auxílio de Estudo

“Seu estudo do evangelho será mais eficaz quando você for ensinado pelo Espírito Santo. Sempre comece seu estudo do evangelho orando para que o Espírito Santo o ajude a aprender” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 18).

Notas

1. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 72.
2. Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 79–80.
3. Don L. Searle, “Presidente Howard W. Hunter: Presidente em Exercício do Quórum dos Doze Apóstolos”, *A Liahona*, abril de 1987, p. 19.
4. Gordon B. Hinckley, “A Prophet Polished and Refined” [Um Profeta Educado e Refinado], *Ensign*, abril de 1995, p. 34.
5. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 270; ver também pp. 264, 267 e 269.
6. James E. Faust, “Howard W. Hunter: Man of God” [Howard W. Hunter: Homem de Deus], *Ensign*, abril de 1995, p. 28.
7. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 137.
8. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 130.
9. “Sede Pais e Maridos Justos”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 53.
10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 130.
11. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 132.
12. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 130.
13. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 131–132.
14. “Divine Creation of Women” [A Divina Criação da Mulher], discurso da Conferência da Área Austrália Adelaide, Austrália, 30 de novembro de 1979, p. 7, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
15. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 141–142.
16. “A Igreja É para Todos”, *A Liahona*, agosto de 1990, p. 40.
17. “Fear Not, Little Flock” [Não Temais, Pequeno Rebanho], discurso proferido na Universidade Brigham Young, 14 de março de 1989, p. 4; speeches.byu.edu.
18. “A Igreja É para Todos”, p. 40.
19. “A Igreja É para Todos”, p. 40.

20. “A Igreja É para Todos”, p. 40.
21. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 129–130.
22. “A Igreja É para Todos”, p. 40.
23. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 137.
24. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 135–136.
25. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 137.
26. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
27. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
28. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 129.
29. Conference Report, outubro de 1967, p. 12.
30. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 130–131.



A família “transcende todos os demais interesses da vida”.



Fortalecer e Proteger a Família

“O lar pode parecer um tanto comum, às vezes, por suas tarefas rotineiras, mas seu sucesso deve ser a maior de todas as nossas conquistas.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Howard W. Hunter cresceu em uma família amorosa e trabalhadora, na qual aprendeu com os pais que a edificação de um lar feliz sempre requer sacrifício. Pouco antes de se casar, ele fez um sacrifício que sentiu ser necessário para o bem-estar de sua futura família.

Howard nutria um profundo amor pela música quando era jovem. Primeiro, aprendeu a tocar piano e violino e, depois, aprendeu sozinho a tocar muitos outros instrumentos. Na adolescência, tinha seu próprio grupo, o Hunter's Croonaders, que tocava em bailes e outros eventos na região de Boise, Idaho. Quando fez 19 anos, ele e sua banda foram contratados para tocar em um cruzeiro de dois meses pela Ásia.¹

No ano seguinte ao seu retorno do cruzeiro, ele se mudou para o sul da Califórnia, onde continuou tocando em vários grupos. Foi na Califórnia que ele conheceu Claire Jeffs, a quem pediu em casamento no primeiro semestre de 1931. Quatro dias antes do casamento, Howard apresentou-se com sua banda e, em seguida, guardou os instrumentos e nunca mais tocou profissionalmente. Tocar em bailes e festas “até que era empolgante”, disse ele, “e ganhei bastante dinheiro”; mas ele concluiu que parte desse estilo de vida não era compatível com o que ele sonhava para sua família. “A decisão deixou um vazio, pois era algo que eu gostava de fazer, [mas] nunca me arrependi por tê-la tomado”, declarou anos depois.²

Howard e Claire foram abençoados com três filhos: Howard William (Billy), John e Richard. Para seu pesar, Billy faleceu quando era bebê. À medida que John e Richard cresciam, os Hunter se

tornaram uma família muito unida. Embora Howard tivesse a agenda lotada de compromissos com a prática do Direito e os chamados da Igreja, ele e Claire priorizavam a família. Muito antes de a Igreja instituir as noites de segunda-feira para a noite familiar, os Hunter já reservavam essa noite como um tempo para ensinar o evangelho, contar histórias, jogar com as crianças e passear juntos. Os meninos recebiam com frequência designações para ensinar nessas noites.

Howard e seus filhos desenvolveram interesses comuns, como trenzinhos de brinquedo. Os modelos que montavam eram comprados em partes separadas, e eles construíram uma estradinha de ferro cujos trilhos eram pregados em folhas de madeira compensada. Ele recorda: “Uma de nossas atividades favoritas era irmos juntos até o pátio de trilhos da estrada de ferro (...) próximo à estação de Alhambra, da Southern Pacific Railroad, para incrementar nossas alavancas de mudança dos trilhos e nossos equipamentos”.³

Por fim, a família do Presidente e da irmã Hunter cresceu até incluir 18 netos. Além das prolongadas visitas aos filhos e netos, muitas visitas que o Presidente Hunter fazia eram “um pulinho” intercalado nas viagens a serviço da Igreja que o levavam por toda a Califórnia. Por seu filho John sempre levar as crianças ao aeroporto para ver o avô, nesses rápidos encontros, elas às vezes se referiam a ele como “o vovô que mora no aeroporto”.⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter

A família é a unidade mais importante na sociedade, na Igreja e na eternidade.

A família é a unidade mais valiosa desta vida e da eternidade e, como tal, transcende todos os outros interesses.⁵

A Igreja tem a responsabilidade — e a autoridade — de preservar e proteger a família como o alicerce da sociedade. O padrão para a vida familiar, instituído desde antes da fundação do mundo, estabelece que os filhos nasçam e sejam criados pelos pais, marido e mulher, casados legalmente. A paternidade e a maternidade são uma obrigação e um privilégio sagrados, e os filhos devem ser bem recebidos, como uma “herança do Senhor” (Salmos 127:3).



O Presidente Hunter com os filhos, netos e respectivas famílias, em 2 de outubro de 1994, um dia depois de ser apoiado Presidente da Igreja

A sociedade, preocupada, começa a ver que a desintegração da família traz ao mundo as calamidades preditas pelos profetas. Os conselhos e as deliberações mundiais somente terão sucesso quando encararem a família como o Senhor revelou que ela deveria ser: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Salmos 127:1).⁶

Ao buscarmos o bem-estar individual e familiar, é importante nos lembrarmos de que a unidade básica da Igreja é a família. Ao trazermos o foco para a família, contudo, devemos nos lembrar de que, no mundo em que vivemos, as famílias não se restringem ao grupamento tradicional formado por pai, mãe e filhos. As famílias na Igreja, hoje em dia, também consistem de [marido e mulher] sem filhos, pais [pai ou mãe] que criam os filhos sozinhos e pessoas solteiras que moram sozinhas. (...) Cada uma dessas famílias precisa receber a atenção cuidadosa do sacerdócio. Com frequência, os que podem precisar de maior atenção são as famílias com estrutura não convencional. Cada lar necessita de mestres familiares cuidadosos e comprometidos. Nenhum deve ser negligenciado.⁷

Os pais são parceiros iguais na liderança do lar e estão sob a estrita obrigação de proteger e amar os filhos.

A responsabilidade da paternidade é de grande importância. Os resultados de nossos esforços terão consequências eternas para nós e para os filhos e as filhas que criamos. Todo aquele que se torna pai ou mãe tem a estrita obrigação de proteger, amar e ajudar os filhos a retornarem ao Pai Celestial. Todos os pais devem entender que o Senhor não considerará inocentes aqueles que negligenciarem essas responsabilidades.⁸

Pais e mães têm uma enorme responsabilidade quanto aos filhos sob seus cuidados. (...) No livro de Provérbios, encontramos a seguinte admoestação aos pais:

“Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

O treinamento mais eficaz a ser ministrado a uma criança é o que vem do exemplo dos pais. Os pais precisam dar o exemplo que desejam que os jovens sigam. Uma grande força se forma no lar onde se ensinam princípios de retidão, onde há amor e respeito de um pelo outro, onde a oração influencia a vida familiar e onde existe respeito pelas coisas pertinentes a Deus.⁹

A liderança familiar eficaz (...) requer o nosso tempo não somente em termos de quantidade, mas também de qualidade. O ensino e a direção da família não deve ficar a cargo somente (...) da sociedade, da escola ou da Igreja.¹⁰

O portador do sacerdócio respeita a família como Deus ordenou. Sua responsabilidade mais sagrada e mais importante é liderar sua família. (...)

O portador do sacerdócio lidera o envolvimento da família na Igreja para que aprendam o evangelho e estejam sob a proteção dos convênios e das ordenanças. Para que possam desfrutar as bênçãos do Senhor, é preciso que ponham sua própria casa em ordem. Ao lado de sua esposa, determinem a atmosfera espiritual do lar. Sua primeira obrigação é fazer com que a própria vida espiritual esteja em ordem por meio do estudo regular das escrituras e das orações

diárias. Protejam e honrem o sacerdócio e os convênios do templo e incentivem sua família a fazer o mesmo.¹¹

O portador do sacerdócio tem reverência pela maternidade. As mães têm o sagrado privilégio de “gerar as almas dos homens; pois nisso se perpetua a obra [do] Pai, para que ele seja glorificado” (D&C 132:63).

(...) Os portadores do sacerdócio não podem cumprir seu destino nem cumprir os propósitos de Deus sem o respectivo cônjuge. As mães realizam um trabalho que eles não podem fazer. Por causa desse dom da vida, os portadores do sacerdócio devem ter um amor irrestrito pela mãe de seus filhos.

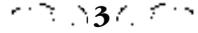
[Irmãos], honrem o papel único e divinamente designado de sua mulher como mãe em Israel e sua capacidade especial de gerar e criar filhos. Recebemos o mandamento divino de nos multiplicarmos e enchermos a Terra e de criarmos filhos e netos em luz e verdade (ver Moisés 2:28; D&C 93:40). Vocês, como companheiros amorosos, devem também cuidar dos filhos. Ajudem sua esposa a administrar e conservar o lar. Ajudem a ensinar, a treinar e a disciplinar seus filhos.

Demonstrem regularmente a seus filhos e a sua mulher o quanto a honram e a respeitam. Na verdade, uma das coisas mais importantes que um pai pode fazer por seus filhos é amar a mãe deles.¹²

O homem que possui o sacerdócio aceita a esposa como parceira na liderança do lar e da família, com pleno conhecimento e plena participação em todas as decisões domésticas. Deve haver necessariamente na Igreja e no lar um oficial presidente (ver D&C 107:21). Por designação divina, a responsabilidade de presidir a casa repousa sobre o portador do sacerdócio (ver Moisés 4:22). O Senhor pretendia que a esposa fosse uma coadjutora do homem (o prefixo *co* indica companhia, fazer em conjunto), isto é, uma companheira capaz e necessária em completa parceria. Presidir em retidão requer uma divisão de responsabilidades entre marido e mulher; juntos, agem com conhecimento e participação em todos os assuntos familiares. O homem que age independentemente, sem considerar os sentimentos e conselhos da esposa no governo da família, está exercendo injusto domínio.¹³

Nós os incentivamos, irmãos, a lembrar-se de que o sacerdócio é uma autoridade que só pode ser exercida com retidão. Ganhem

o respeito e a confiança de seus filhos, tendo um relacionamento amoroso com eles. O pai que é justo dedica tempo aos filhos e está presente em suas atividades e responsabilidades sociais, educacionais e espirituais. Ternas expressões de amor e afeição aos filhos são dever tanto do pai quanto da mãe. Digam a eles que os amam.¹⁴



É preciso haver amor, oração e ensino do evangelho em nosso lar.

É preciso simplesmente haver amor, integridade e princípios vigorosos em nosso lar. Precisamos de um compromisso inabalável com o casamento, os filhos e a moralidade. Precisamos ter sucesso onde ele for mais importante para a próxima geração.

Certamente, será mais forte e belo o lar em que as pessoas são sensíveis aos sentimentos alheios, procurando servir-se mutuamente, esforçando-se para viver em casa os princípios que demonstram em um ambiente mais público. Precisamos esforçar-nos mais para viver o evangelho no círculo familiar. Nosso lar merece nosso compromisso mais fiel. A criança tem o direito de sentir-se segura no lar, de que aquele é um lugar de proteção contra os perigos e males do mundo lá fora. A união e a integridade da família são necessárias para atender a essa necessidade. A criança precisa de pais felizes em seu relacionamento conjugal, que trabalhem juntos alegremente, buscando a vida familiar ideal, que amem os filhos com amor sincero e abnegado e que se comprometam com o sucesso da família.¹⁵

Quando a noite familiar foi instituída como programa oficial da Igreja, a Primeira Presidência disse: “Se os santos seguirem esse conselho [realizar as noites familiares], prometemos que disso resultarão grandes bênçãos. O amor no lar e a obediência aos pais aumentarão. A fé se desenvolverá no coração da juventude de Israel, e eles terão poder para combater as influências malignas e as tentações que os cercam”. Reafirmamos as bênçãos prometidas para os que realizarem fielmente as noites familiares.

A noite da segunda-feira deve ser reservada para a noite familiar. Os líderes locais devem cuidar para que os edifícios e as propriedades da Igreja sejam fechados, que nenhuma atividade de ala ou

estaca seja programada para a noite da segunda-feira e que outras interrupções sejam evitadas na noite da reunião familiar.

A ênfase principal da noite familiar deve ser a de que a família se reúna para estudar o evangelho. Lembramos a todos que o Senhor admoestou os pais a ensinarem aos filhos o evangelho, a oração e a obediência ao Dia do Senhor. As escrituras são o recurso mais importante para o ensino do evangelho.¹⁶

Orem em família tanto à noite como pela manhã. Grandes bênçãos serão derramadas na vida dos filhos que ouvem os pais rogando ao Senhor por seu bem-estar. Certamente, os filhos que recebem a influência de pais tão justos estarão mais bem protegidos contra as investidas do adversário.¹⁷

Para que pais e filhos possam se entender melhor, foi adotado um plano pela Igreja conhecido como “Conselho Familiar”. Esse conselho é convocado e conduzido pelos pais e dele participam todos os membros da família. Ele fortalece os laços familiares, reafirma nos filhos o sentimento de “fazer parte da família” e os convence de que os pais estão interessados na resolução de seus problemas. Essa reunião da família ensina respeito mútuo entre todos, elimina o egoísmo e enfatiza a Regra de Ouro (ver Mateus 7:12) no lar e a importância de viver uma vida pura. Também se ensina a adoração em família e a oração, além de lições sobre bondade e honestidade. O problema da família geralmente confronta um dos membros em um âmbito tão íntimo que suas reais dimensões e significância podem não ser facilmente mensuradas; mas, quando as famílias são fortes e unidas no empenho de servir a Deus e cumprir Seus mandamentos, muitos dos problemas atuais desaparecem.¹⁸

[Irmãos], encarem com seriedade a responsabilidade de ensinar o evangelho a sua família por meio da noite familiar, da oração familiar, de devocionais, do estudo assíduo das escrituras e de outras oportunidades de ensino. Deem especial ênfase à preparação para o serviço missionário e o casamento no templo. Como patriarcas do lar, exerçam seu sacerdócio, realizando as devidas ordenanças para sua família e ministrando bênçãos a sua esposa e seus filhos. Depois de sua própria salvação, não há nada tão importante para vocês, irmãos, quanto a salvação de sua esposa e de seus filhos.¹⁹

Cada um de nós é único. Cada criança é única. Assim como cada um de nós inicia o curso da vida em um ponto diferente e possui diferentes forças, fraquezas e talentos, toda criança é dotada de suas próprias características individuais. Não devemos supor que o Senhor julgará o êxito de cada um pela mesma medida de outro. Como pais, frequentemente presumimos que, se nosso filho não se sobressai em tudo, nós falhamos. Mas é preciso ter cautela ao julgar. (...)

O bom pai é aquele que ama seu filho, sacrifica-se por ele, cuida dele, ensina-o e supre suas necessidades. Se, apesar disso, o filho ainda desobedecer, causar problemas ou for mundano, é bem possível que, apesar dos pesares, o pai possa ser considerado um sucesso. Talvez existam filhos que desafiariam qualquer tipo de pais, independentemente das circunstâncias. Do mesmo modo, talvez haja outros que seriam uma bênção, uma alegria para praticamente qualquer pai ou mãe.

Minha preocupação, hoje, é que existem pais que se julgam com excessivo rigor, permitindo que tais sentimentos destruam sua vida quando, na verdade, fizeram o melhor que podiam e assim devem continuar fazendo com toda fé.²⁰

O pai ou a mãe [cujo filho se desviou do caminho] nunca está sozinho. Nossos primeiros pais sentiram a dor e o sofrimento de ver alguns de seus filhos rejeitarem os ensinamentos de vida eterna (ver Moisés 5:27). Séculos mais tarde, Jacó conheceu o ciúme e os sentimentos hostis de seus filhos mais velhos por seu amado José (ver Gênesis 37:1–8). O grande Profeta Alma, cujo filho também se chamava Alma, orou muito ao Senhor a respeito da rebeldia de seu filho e, sem dúvida, ficou muito preocupado com a discórdia e iniquidade que seu filho estava provocando entre os membros da Igreja (ver Mosias 27:14). Nosso Pai Celestial também perdeu muitos de seus filhos espirituais para o mundo; ele compreende o que vocês sentem no coração. (...)

Não percam as esperanças quanto ao rapaz ou à moça que se desviou. Muitos que pareciam completamente perdidos voltaram. Devemos orar sempre e (...) demonstrar aos filhos nosso amor e cuidado. (...)

Devemos saber que nosso Pai Celestial reconhece nosso amor e sacrifício, nossa preocupação e nosso cuidado ainda que não tenhamos êxito. Muitas vezes, os pais ficam angustiados. Mesmo assim, devem entender que, depois de lhe haverem ensinado os princípios corretos, a responsabilidade final cabe ao filho.

Seja qual for a tristeza, a preocupação, a dor e a angústia, procurem transformá-la em algo proveitoso — talvez ajudando outros a evitarem os mesmos problemas ou, quem sabe, desenvolvendo melhor empatia pelos que enfrentam uma luta semelhante. Por certo, adquirimos uma visão mais profunda do amor de nosso Pai Celestial quando, por meio da oração, descobrimos que Ele nos compreende e quer que tenhamos esperança no futuro. (...)

Jamais devemos deixar que Satanás nos iluda, fazendo-nos pensar que tudo está perdido. Devemos ter orgulho das coisas boas e corretas que fizemos; rejeitar e abandonar aquilo que é errado em nossa vida; devemos dirigir-nos ao Senhor para obter perdão, força e consolo; depois, podemos seguir adiante.²¹



Nosso lar deve ser um lugar sagrado, onde os princípios do evangelho sejam vividos e onde o Espírito do Senhor possa habitar.

Esperamos que vocês não se deixem dominar pelo desânimo nas tentativas que fizerem para criar sua família em retidão. Lembrem-se do que o Senhor diz: “Mas os meus discípulos permanecerão em lugares santos e não serão movidos” (D&C 45:32).

Embora haja quem interprete esse lugar como o templo, o que está corretíssimo, ele também representa o lar em que vivemos. Se vocês se empenharem diligentemente para liderar sua família em retidão, incentivando a oração familiar e participando dela, do estudo das escrituras em família diariamente, da noite familiar, amando-se e apoiando-se uns aos outros para viverem os ensinamentos do evangelho, receberão as bênçãos prometidas do Senhor, criando uma posteridade justa.

Neste mundo cada vez mais iníquo, é essencial que cada um de nós “permaneça em lugares santos” e se comprometa a ser firme e fiel aos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo.²²

Para ter uma família feliz, os pais devem amar e respeitar um ao outro. O portador do sacerdócio deve ter por sua esposa a mais alta consideração perante os filhos, e a esposa deve amar e apoiar o marido. Por outro lado, os filhos deverão amar os pais e também uns aos outros. Nosso lar deve ser um lugar sagrado, onde os princípios do evangelho sejam vividos e onde o Espírito do Senhor possa habitar. Ser um pai ou uma mãe de sucesso é muito mais importante do que galgar a liderança ou um alto cargo nos negócios, no governo ou nos assuntos mundanos. O lar pode parecer um tanto comum, às vezes, por suas tarefas rotineiras, mas seu sucesso deve ser a maior de todas as nossas conquistas.²³

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Ao ler novamente os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 1, reflita sobre a importância da família. Qual é a responsabilidade da Igreja pela família? Como podemos proteger e fortalecer nossa família?
- Reflita a respeito do que o Presidente Hunter ensinou sobre os pais serem parceiros na liderança do lar (ver seção 2). De que maneira esses ensinamentos ajudam tanto os pais como as mães? Como os pais podem ser unos na criação dos filhos? Reflita sobre como você poderia melhorar o “clima espiritual” do seu lar.
- Na seção 3, o Presidente Hunter dá-nos um conselho para termos uma família forte. De que maneira podemos aumentar a “unidade e a integridade familiar”? Como a noite familiar já abençoou a sua família? Como o estudo das escrituras em família e a oração familiar já abençoaram a sua família?
- De que maneira os ensinamentos do Presidente Hunter na seção 4 poderiam ajudar os pais de um filho que se desviou do caminho? De que maneira os pais que já passaram pela experiência da dor e do pesar podem tornar isso algo útil ou benéfico? O que os pais, avós, líderes dos jovens e outros podem fazer para ajudar os filhos que se desviam do caminho?
- Depois de ler a seção 5, reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter a respeito de tornar nosso lar um “lugar santo”. Quais são

alguns dos desafios que enfrentamos para fazer isso? Como podemos nos empenhar para tornar nosso lar um lugar santo?

Escrituras Relacionadas

Êxodo 20:12; Deuteronômio 6:4–7; Salmos 127:3–5; Efésios 6:1–4; Enos 1:1–3; Mosias 4:14–15; Alma 56:45–48; 3 Néfi 18:21; D&C 68:25–28; 93:40; 121:41–46

Auxílio Didático

Peça aos alunos que formem pares e planejem como poderão ensinar uma das seções do capítulo durante uma noite familiar. Como eles podem tornar os ensinamentos relevantes para as crianças e os jovens? Convide alguns pares de alunos a compartilhar seus planos com a classe.

Notas

1. Ver Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, pp. 46–48.
2. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 81.
3. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 109.
4. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 252; ver também p. 251.
5. “Sede Pais e Maridos Justos”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 53.
6. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
7. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 144.
8. “A Preocupação dos Pais com os Filhos”, *A Liahona*, janeiro de 1984, p. 105.
9. Conference Report, abril de 1960, p. 125.
10. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
11. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
12. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
13. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
14. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
15. “Testemunhas de Deus”, *A Liahona*, maio de 1990, p. 66.
16. Carta da Primeira Presidência, 30 de agosto de 1994 (Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley e Thomas S. Monson).
17. Mike Cannon, “‘Be More Fully Converted,’ Prophet Says” [‘Sede Convertidos Mais Plenamente’, Diz o Profeta], *Church News*, 24 de setembro de 1994, p. 4; ver também *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 37.
18. Conference Report, abril de 1960, pp. 125–126.
19. “Sede Pais e Maridos Justos”, p. 53.
20. “A Preocupação dos Pais com os Filhos”, p. 105.
21. “A Preocupação dos Pais com os Filhos”, p. 105.
22. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 155.
23. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 156.



Cremos em Ser Honestos

“Se quisermos ter a companhia do Mestre e do Espírito Santo, precisamos ser honestos com nós mesmos, com Deus e com nosso próximo.”

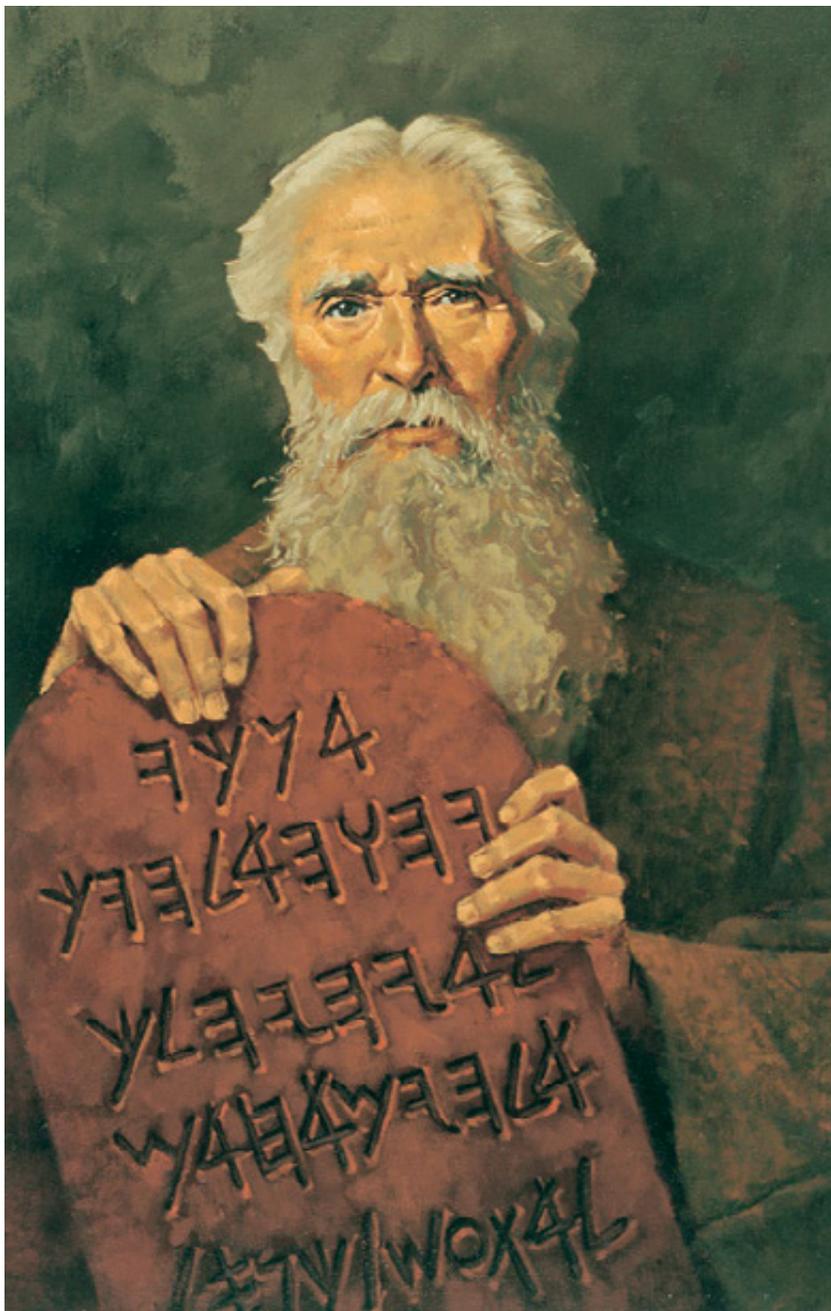
Da Vida de Howard W. Hunter

Enquanto aguardava para fazer um passeio no Hearst Castle, na Califórnia, o Presidente e a irmã Hunter e outro casal entraram em uma pequena loja. Enquanto os outros faziam um reconhecimento do lugar, “o Élder Hunter foi até o caixa, pegou algumas tiras de alçaçuz [e] pagou dez centavos ao atendente”. Os dois casais saíram e voltaram para o carro a fim de voltar ao castelo para o passeio. No trajeto, “o Élder Hunter passou aos outros os alçaçuzes uma vez, depois mais uma e, de repente, pareceu-lhe que tinha se enganado nas contas, pois havia 11 pedaços, em vez dos 10 pelos quais tinha pagado.

Teria sido fácil desconsiderar o erro. Afinal, fora só um centavo, e tínhamos um pouco de pressa agora para não perder o passeio. Quem se importaria ou notaria a diferença? Mas ele nem sequer pestanejou. Fez o retorno com o carro e voltou diretamente à rua onde ficava a loja. (...) Ele explicou o problema para outro atendente, desculpou-se pelo erro e pagou o centavo devido para o atônito rapaz”.¹

Para Howard W. Hunter, era primordial ser honesto tanto nas coisas pequenas como nas grandes.

Ele ensinou integridade aos filhos por meio do exemplo. “Tudo o que sei sobre honestidade e integridade eu devo em larga escala ao que as pessoas me falavam a respeito do meu pai”, disse Richard Hunter. Certa vez, Richard acompanhou o pai em uma viagem de negócios onde um complexo projeto estava em discussão. Fora da sala, durante um dos intervalos, Richard e um dos homens conversaram sobre a reunião. Richard comentou que certamente levaria



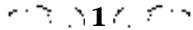
Os Dez Mandamentos incluem a seguinte admoestação: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16).

muito tempo para o projeto ter início, uma vez que seria necessário levantar uma enorme quantidade de documentos. O homem corrigiu Richard, dizendo-lhe que o projeto poderia ter início antes de os papéis ficarem prontos, pois todos sabiam que aquilo que Howard W. Hunter dissesse que iria fazer realmente faria.²

Em 1962, o Presidente Hunter falou aos jovens da Igreja e expressou sua firme convicção a respeito da importância de sermos honestos.

“Cada um de nós pode ter uma família feliz, bastando para isso sermos honestos — honestos com nosso pai e nossa mãe, com relação ao namoro, à lição de casa, os amigos com quem andamos, ou mesmo com relação à frequência à igreja; honestos com nosso bispo — ouvindo seu conselho, contando-lhe a verdade a nosso respeito, pagando nosso dízimo, vivendo uma vida limpa e pura; honestos na escola — nunca colar ou trapacear em nenhuma parte de nossas atividades, na classe ou no campus; honestos em pagar as contas, seja ao assistir a um jogo, seja ao ir ao cinema, ou em desempenhar nossa função na divisão das responsabilidades de uma festa; honestos com o namorado ou a namorada — jamais tirar vantagem do outro, jamais enganar o outro, jamais levar o outro à tentação; ser honestos com o próprio Senhor.”³

Ensinamentos de Howard W. Hunter



O Senhor nos admoesta a sermos honestos.

As escrituras estão repletas de admoestações quanto à honestidade, e são muitos os mandamentos dizendo que devemos ser honestos. Pensamos neles em letras maiúsculas: NÃO FARÁS [ESTAS COISAS] — não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás (ver Êxodo 20:15–17). (...)

Seguem-se alguns dos exemplos mais comuns de desonestidade.

1. *Furtar*. Raramente leio um jornal em que não haja vários relatos de roubos, assaltos, bolsas roubadas, furtos em lojas, roubos de carro e milhares de outras coisas. Até em nossas capelas há relatos de pequenos furtos.

2. *Enganar*. Os jornais divulgam relatos similares de transações fraudulentas em contratos de seguro, transações comerciais, trapaceia nos investimentos e outras coisas que chamam a atenção do público. Há pessoas que estão acostumadas a trapacear durante todo o período escolar, e outras que trapaceiam nas provas.

3. *Violação dos padrões da Palavra de Sabedoria*. Esses são padrões da Igreja. Não são violações dos padrões do mundo. Mas vocês receberam a palavra de Deus quanto a esse assunto.

4. *Violações do código do trânsito*. Não se pode ser totalmente honesto violando leis formuladas pela sociedade e pelo governo para o bem-estar de outras pessoas.⁴

“Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16). Essencialmente, esse mandamento faz referência ao falso testemunho nos procedimentos jurídicos, mas estende-se para cobrir todas as declarações que sejam falsas de fato. Qualquer inverdade que tenha a tendência de prejudicar alguém em seus bens, sua pessoa ou seu caráter é contra o espírito e a letra dessa lei. A supressão da verdade que resulta no mesmo prejuízo também configura violação desse mandamento.

“Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo” (Êxodo 20:17). Cobiçar significa desejar, esperar, ansiar por algo que pertence a outra pessoa. O desejo de adquirir coisas boas não constitui uma violação, mas ter o desejo de tirá-las de outra pessoa por meios ilícitos é errado. Quanto a isso, é bom que entendamos que o bem ou o mal começa não quando o ato acontece, mas, sim, quando a pessoa põe seu coração no objeto.⁵

O Senhor odeia os olhos ativos, a língua mentirosa, o coração que maquina pensamentos perversos, os pés que se apressam a correr para o mal, a testemunha falsa que profere mentiras [e] aquele que semeia contendas (ver Provérbios 6:16–19). Como santos dos últimos dias, será que podemos nos dar o luxo de fazer alguma coisa que o Senhor odeia? Ele falou contra a desonestidade com muita frequência!⁶



Cultivamos a honestidade nas coisas pequenas e comuns da vida.

Se quisermos ser sensíveis ao nosso relacionamento com o Salvador, devemos ser honestos tanto nas pequenas coisas como nas grandes.⁷

Em nossos esforços para a realização e o sucesso, consumimos tanto do nosso tempo em reflexões e estudos do complexo que raramente sobra tempo para o simples — as coisas simples, as coisas pequenas que são, na verdade, a base sobre a qual edificamos e sem a qual não podemos edificar um firme alicerce. Uma estrutura pode subir até arranhar o céu, e podemos vê-la com admiração devido a sua estrutura e suas dimensões; mesmo assim, ela não pode permanecer em pé a não ser que o alicerce esteja ancorado na rocha ou no aço e concreto.

Nosso caráter deve ter um alicerce assim. Chamo a atenção de vocês para o princípio da honestidade. Por que será que tantos acreditam nos princípios elevados e nobres da honestidade e, mesmo assim, tão poucos estão dispostos a ser estritamente honestos?

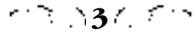
Há vários anos, havia cartazes nos corredores e saguões de nossas capelas em que se lia: “Sejam Honestos Consigo Mesmos”. A maioria deles referia-se às coisas pequenas e comuns da vida. É nessas coisas que o princípio da honestidade é cultivado.

Há pessoas que reconhecem que é moralmente errado ser desonesto nas grandes coisas, mas acreditam que é perdoável se as coisas tiverem pouca importância. (...)

Lembro-me de um rapaz que vivia em nossa estaca quando servi como presidente da estaca. Ele viajou com um grupo de pessoas que pensava ser algo inteligente fazer coisas erradas. Em algumas ocasiões, ele foi pego cometendo pequenas infrações. Certo dia, recebi uma ligação da polícia dizendo que ele tinha sido preso devido a uma violação das leis do trânsito. Fora pego dirigindo em alta velocidade, como já ocorrera em outras ocasiões antes dessa vez. Sabendo que as coisas que estivera fazendo poderiam impedi-lo de sair em missão, ele se corrigiu e, quando fez 19 anos, recebeu seu chamado.

Jamais vou-me esquecer da conversa que tivemos quando retornou. Disse-me que, durante a missão, sempre se lembrava dos

problemas que causara devido à crença errônea de que a violação das coisas pequenas não tinha importância. Mas uma grande mudança tinha acontecido em sua vida. Veio a entender que não existe felicidade ou prazer em violar a lei, seja uma lei de Deus, seja uma lei imposta pela sociedade sobre todos nós.⁸



**Servimos a Deus sendo honestos e justos em
nossas interações pessoais e comerciais.**

A religião pode fazer parte do nosso trabalho diário nos negócios, na compra e venda, na engenharia, no transporte, na manufatura, no comércio ou na profissão, ou de qualquer coisa que façamos. Podemos servir a Deus ao interagir com honestidade e justiça nas transações comerciais, da mesma forma que fazemos nossa adoração aos domingos. Os verdadeiros princípios do cristianismo não podem se separar e se distanciar de nossas transações comerciais e interações cotidianas.⁹

Se a religião significa alguma coisa para nós, ela deve ser algo que motiva nossa vida. Não acredito que a religião possa ser relegada ao sermão de um ministro por uma hora no domingo e que não signifique nada para nossa vida. Se ela não entrar em nossa vida pessoal — nossa vida familiar — nossa vida comercial — e em tudo o que fizermos, então a religião não tem importância para nós e torna-se meramente um ídolo a ser colocado em um local elevado e adorado só de vez em quando.¹⁰

Como o mundo seria diferente se pudéssemos confiar uns nos outros no que se refere à honestidade! Os homens confiariam perfeitamente uns nos outros tanto nas interações pessoais como nas comerciais. Não haveria (...) desconfiança entre a execução do trabalho e a gerência. Haveria integridade nos ofícios públicos e nos assuntos governamentais, e as nações coexistiriam em paz, em vez desse conflito generalizado que presenciamos no mundo. (...)

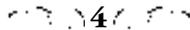
No mundo dos negócios, existem pessoas que aproveitarão qualquer vantagem desonesta que surja em seu caminho. Racionalizam e tentam justificar sua posição, dizendo que, nos negócios, qualquer oportunidade de vantagem deve ser aproveitada. Tais transações podem envolver altas quantias em dinheiro; mas, em princípio,



Jó declarou: “Até que eu expire, nunca apartarei de mim a minha integridade” (Jó 27:5).

elas não são diferentes da simples devolução de um centavo pago a mais para um caixa por alguém que percebe o erro. É uma das formas de trapaça.¹¹

Vou agora sugerir algumas definições de “emprego honroso”. O emprego honroso é o emprego honesto. O pagamento é justo e não existe fraude, trapaça nem engano. Os produtos ou serviços ofertados são de alta qualidade, e o empregador, o cliente, o freguês ou paciente recebe mais que o esperado. O emprego honroso é moral. Não inclui nada que possa prejudicar o bem público ou a moralidade pública. Por exemplo, não envolve comércio de bebidas, narcóticos ilícitos nem jogatina. O emprego honroso é útil. Oferece bens ou serviços que fazem do mundo um lugar melhor para viver.¹²



A integridade nos protege do mal, ajuda-nos a ter sucesso na vida e salvará nossa alma.

As tentações do mal estão à nossa volta e nos atacam por todos os lados. Sem a proteção da integridade, ficamos à mercê de todo tipo de pecados e erros.

Jó não teve dificuldade com esse problema. Ele estava protegido pela própria integridade. Era assim que ele se sentia:

“Enquanto em mim houver alento, e o sopro de Deus nas minhas narinas,

Não falarão os meus lábios iniquidade, nem a minha língua pronunciará engano. (...)

À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprovará o meu coração em toda a minha vida” (Jó 27:3–4, 6).

Isso é inspirador. Graças a sua força, ele não se preocupou com as tentações triviais diante das quais a maioria cai. Jó possuía tal força e satisfação entranhadas em seu ser que o próprio Satanás não pôde destruir. É interessante notar como Deus Se deleitava nele: “Ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal, e que ainda retém a sua sinceridade” (Jó 2:3).

Esse grandioso atributo da integridade está plenamente disponível para nós. Se usado efetivamente, resolverá todos os nossos problemas quanto ao governo, à religião, à indústria e a nossa vida pessoal. Varrerá da Terra o terrível flagelo do crime, do divórcio, da pobreza e da miséria. Conduzirá cada um de nós ao sucesso aqui e salvará nossa alma no futuro.

Uma das maiores realizações da vida é promover em nosso ser uma integridade honesta e sincera. Isso significa que nos teremos tornado espiritualmente fortes, intelectualmente sinceros, moralmente honestos e sempre pessoalmente responsáveis perante Deus. A integridade é a chave de ouro que destrancará a porta para praticamente todo tipo de sucesso.¹³



**A verdadeira alegria resulta de sermos honestos
com nós mesmos, com os outros e com Deus.**

Sempre nos lembramos da escritura que diz: “Os homens existem para que tenham alegria” (2 Néfi 2:25). A alegria existe para quem é honesto. Vou lhes explicar. Isso significa que vocês podem ter a companhia do Mestre e do Espírito Santo. As violações ao código de honestidade os privarão dessas duas grandes bênçãos. Será que

alguém que mentisse ou trapaceasse (...) poderia ter a companhia do Mestre ou do Espírito Santo?

(...) Devemos sempre nos lembrar de que nunca estamos sozinhos. Não há ato que não seja observado; não há palavra dita que não seja ouvida; não há pensamento concebido na mente do homem que não seja conhecido por Deus. Não há escuridão que possa ocultar as coisas que fazemos. Devemos pensar antes de agir.

Acham que estão sozinhos quando cometem um ato desonesto? Acham que não são observados quando colam em uma prova mesmo que sejam a única pessoa na sala de aula? Devemos ser honestos com nós mesmos. Se quisermos ter a companhia do Mestre e do Espírito Santo, precisamos ser honestos com nós mesmos, com Deus e com nosso próximo. Isso proporciona a verdadeira alegria.¹⁴

O Senhor conhece nossos pensamentos mais íntimos (ver D&C 6:16). Ele conhece cada ato nosso. Um dia, estaremos diante Dele e O veremos face a face. Teremos orgulho do registro de nossa vida?

Esse registro é feito diariamente. Cada ato, cada pensamento será registrado. Teremos orgulho dele? Sim, teremos, se tivermos nos empenhado ao máximo — se tivermos sido honestos com nós mesmos, com nossos entes queridos, com nossos amigos, com nossos semelhantes. (...)

Benditos são os honestos. (...)

Benditos são os obedientes ao Senhor.

Esses são livres — e são felizes — e podem andar de cabeça erguida. Eles têm respeito próprio. Têm o respeito daqueles que os conhecem bem.

E, acima de tudo, têm o respeito e a bênção de nosso Pai Celestial. Jesus Cristo quer que nós O sigamos. Seus caminhos são retos, limpos, justos e honestos. Que O sigamos rumo à vida abundante de felicidade. Esse é o único meio.¹⁵

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Leia novamente os exemplos de desonestidade identificados pelo Presidente Hunter na seção 1. Quais são algumas consequências

dessas práticas desonestas? O que essas consequências nos ensinam sobre a razão de o Senhor enfatizar tanto a honestidade?

- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter a respeito de sermos honestos nas pequenas coisas e sermos honestos com nós mesmos (ver seção 2). Por que precisamos ser honestos nas “pequenas coisas”? O que significa sermos honestos com nós mesmos? Como podemos vencer a tentação de achar uma desculpa mesmo para aparentes pequenos atos de desonestidade?
- O Presidente Hunter enfatiza a necessidade de tornar a religião presente em tudo o que fazemos no dia a dia (ver seção 3). De que maneira podemos viver mais plenamente os ensinamentos dessa seção? Como podemos ensinar mais eficazmente a honestidade em nosso lar?
- Na seção 4, o Presidente Hunter menciona várias bênçãos que nos advêm por vivermos com integridade. Como alguém desenvolve a integridade? De que modo vocês já foram abençoados por serem fiéis aos padrões do Senhor?
- De que maneira o fato de sermos honestos nos traz alegria? (Ver seção 5.) Por que é necessário que sejamos honestos para termos a companhia do Espírito Santo? De que maneira o fato de sermos honestos nos torna livres?

Escrituras Relacionadas

Jó 27:5; 31:5–6; Salmos 15; Provérbios 20:7; Alma 53:20–21; D&C 10:25–28; 42:20–21, 27; 51:9; 124:15; 136:20, 25–26; Regras de Fé 1:13

Auxílio de Estudo

Durante seu estudo, “sublinhe e marque palavras ou frases para diferenciar as ideias de um único versículo. (...) Nas margens, escreva referências de escrituras que esclareçam a passagem que você está estudando” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 23).

Notas

1. Doug Brinley, “President Hunter Taught Value of a Penny’s Worth of Integrity” [O Presidente Hunter Ensinou o Valor de um Centavo de Integridade], *Church News*, 3 de dezembro de 1994, p. 11; ver também “Loved by All Who Knew Him: Stories from Members” [Amado por Todos os Que O Conheceram: Histórias dos Membros], *Ensign*, abril de 1995, pp. 19–20.
2. Don L. Searle, “Presidente Howard W. Hunter: Presidente em Exercício do Quórum dos Doze Apóstolos”, *A Liahona*, abril de 1987, p. 19.
3. “Cremos em Ser Honestos” (transcrição de um discurso da Série Serões para

- os Jovens, 10 de abril de 1962), pp. 8–9, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City; pontuação revisada.
4. “Basic Concepts of Honesty” [Conceitos Básicos da Honestidade], *New Era*, fevereiro de 1978, pp. 4–5.
 5. Conference Report, abril de 1965, pp. 57–58; ver também “And God Spake All These Words” [E Deus Falou Todas Estas Palavras], *Improvement Era*, junho de 1965, pp. 511–512.
 6. “Cremos em Ser Honestos”, p. 8.
 7. “Basic Concepts of Honesty”, p. 5.
 8. “Basic Concepts of Honesty”, p. 4–5.
 9. Conference Report, outubro de 1961, p. 108.
 10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 261–262.
 11. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 90–91.
 12. “Prepare for Honorable Employment” [Prepare-se para um Emprego Honroso], *Ensign*, novembro de 1975, pp. 122–123.
 13. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 92.
 14. “Basic Concepts of Honesty”, p. 5.
 15. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 88.



Uma das formas pelas quais podemos demonstrar nosso “compromisso total” e nossa “devoção plena” é servindo aos necessitados.



Nosso Compromisso com Deus

“Uma vida bem-sucedida (...) exige que nos comprometamos: comprometimento de corpo e alma, absoluto e eterno com relação aos princípios que sabemos ser verdadeiros e que estão inseridos nos mandamentos dados por Deus.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Quando Howard W. Hunter foi chamado para ser membro do Quórum dos Doze, ele declarou: “Aceito, sem reservas, o chamado (...) que me foi feito, e estou pronto a devotar minha vida e tudo o que tenho a este serviço”.¹

O Élder Hunter cumpriu esse compromisso com integridade e amor. Depois de ser ordenado apóstolo, voltou à Califórnia para cumprir suas obrigações com a Igreja e os negócios, e para começar os preparativos para mudar-se para Salt Lake City. Para o Élder e a irmã Hunter, foi muito difícil deixar familiares e amigos na Califórnia — e, para ele, foi especialmente difícil abandonar a advocacia. Ao encerrar a carreira de advogado, ele escreveu:

“Hoje encerrei a maior parte do meu trabalho no escritório. Praticamente todas as questões pendentes estão concluídas. Estava sozinho no escritório hoje ao me dar conta de que minha prática de Direito chegara ao fim. Fiz umas anotações em vários arquivos e deixei-os sobre a mesa. (...) Senti um nó na garganta ao sair do escritório. Adorava trabalhar com advocacia, tinha sido minha vida naqueles últimos anos; mas, apesar disso, estou satisfeito e feliz por atender ao grande chamado que me foi feito na Igreja”.²

O Élder Hunter sabia, por experiência própria, que “submeter-se à vontade de nosso Pai nem sempre é fácil”.³ Não obstante, sabia também o quanto era importante estar completamente comprometido com Deus. Quanto a esse compromisso, ele escreveu: “A maioria

das pessoas não entende o motivo pelo qual os membros de nossa crença atendem aos chamados para servir ou o compromisso que fazemos de dar tudo de nós. Amava de fato a prática da advocacia, mas esse chamado que me foi feito será extraordinariamente mais importante do que a busca pelo ganho profissional ou financeiro”.⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Nosso Pai Celestial requer nosso total compromisso, não só uma contribuição.

Quando penso nas bênçãos que Deus nos concede e nas inúmeras belezas do evangelho de Jesus Cristo, entendo que, ao longo do caminho, são-nos solicitadas certas contribuições em retribuição: contribuições do nosso tempo, dinheiro ou outros recursos. São todas valiosas e necessárias, mas não constituem nossa oferta total a Deus. Essencialmente, o que nosso Pai Celestial requer de nós é mais que uma contribuição, é um compromisso total, devoção plena, tudo o que somos e tudo o que podemos ser.

Peço-lhes que entendam que não me refiro somente ao compromisso com a Igreja e suas atividades embora isso precise de contínua ênfase. Não; refiro-me mais especificamente ao compromisso demonstrado em nossa conduta pessoal, em nossa integridade pessoal, nossa lealdade ao lar, à família e à comunidade, bem como à Igreja. (...)

Gostaria de recordar apenas um dos magníficos exemplos das escrituras, em que três pessoas, relativamente jovens, foram fiéis a seus princípios e mantiveram sua integridade mesmo diante da probabilidade de que isso lhes custasse a vida.

Aproximadamente 586 anos antes de Cristo, Nabucodonosor, rei da Babilônia, marchou contra a cidade de Jerusalém e conquistou-a. Ficou tão impressionado com as qualidades e o saber dos filhos de Israel que levou vários deles para sua corte.

Esses israelitas se viram em apuros no dia em que Nabucodonosor fez um ídolo de ouro e ordenou que toda a província da Babilônia o adorasse, ordem essa calmamente recusada pelos três jovens israelitas: Sadraque, Mesaque e Abednego. Tomado de “ira e furor”, o

rei ordenou que fossem conduzidos à sua presença (Daniel 3:13). E informou-lhes que, se não se prostrassem diante da imagem de ouro no momento indicado, seriam “lançados, na mesma hora, dentro da fornalha de fogo ardente”. Depois indagou com empáfia: “E quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?” (Daniel 3:15.)

Os jovens responderam cortesmente, mas sem hesitação:

“Não necessitamos de te responder sobre este negócio” [a ameaça de morte], disseram eles. “Eis que nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e da tua mão, ó rei.

E, se não, fica sabendo ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Daniel 3:16–18).

Logicamente, Nabucodonosor ficou mais furioso ainda e ordenou que uma das fornalhas fosse aquecida sete vezes mais que o normal. Depois, mandou que os três valentes jovens fossem lançados ao fogo, totalmente vestidos. Na verdade, o rei insistiu tanto e o fogo estava tão quente que os soldados que levavam Sadraque, Mesaque e Abednego caíram mortos devido ao calor excessivo quando foram lançar os prisioneiros na fornalha.

Então aconteceu um dos grandes milagres a que os fiéis têm direito, segundo a vontade de Deus. Os três ficaram andando calmamente no meio da fornalha, sem se queimarem. Na verdade, quando o próprio rei, espantado, mandou que saíssem, suas roupas estavam imaculadas, a pele livre de qualquer queimadura e nenhum cabelo de sua cabeça fora chamuscado. Os três fiéis e corajosos jovens não tinham nem cheiro de fumaça.

“Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego”, exclamou o rei, “que (...) livrou os seus servos, que confiaram nele, (...) preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus.

(...) Então o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abednego, na província de Babilônia” (Daniel 3:28, 30).

A capacidade de defender os próprios princípios, de viver com integridade e fé, de acordo com a própria crença, é o que realmente importa, é o que faz a diferença entre contribuição e compromisso.

Essa devoção aos princípios verdadeiros — na vida pessoal, no lar, na família e em todos os locais onde encontramos e influenciemos outras pessoas — é a devoção que Deus requer de nós, em última instância. (...)

Uma vida bem-sucedida, uma boa vida, uma vida reta cristã, requer algo mais além da contribuição, ainda que toda contribuição seja valiosa. Em suma, exige que nos comprometamos: comprometimento de corpo e alma, absoluto e eterno com relação aos princípios que sabemos ser verdadeiros e que estão inseridos nos mandamentos dados por Deus. (...)

Se formos leiais e fiéis aos nossos princípios, comprometidos com uma vida de honestidade e integridade, nenhum rei, prova ou fornalha ardente será capaz de nos fazer baixar nossos padrões. Para o sucesso do reino de Deus na Terra, que sejamos testemunhas Dele “em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares [em que nos encontrarmos], mesmo até a morte” (Mosias 18:9).⁵



Comprometa-se a obedecer ao Senhor, não importa o que os outros decidam fazer.

Quando foi ordenado a Josué que destruísse a cidade de Jericó, suas muralhas se erguiam diante [das tribos de Israel] como barreira imponente e fisicamente inexpugnável ao sucesso de Israel — ou, ao menos, assim lhes parecia. Não sabendo como fazer, mas confiante no resultado, Josué cumpriu as instruções recebidas de um mensageiro do Senhor. Comprometera-se à total obediência. Sua preocupação era executar precisamente as instruções para que a promessa do Senhor se cumprisse. Embora as instruções parecessem estranhas, ele era impelido a prosseguir devido à sua fé. O resultado, é óbvio, foi mais um milagre da longa série testemunhada pelos israelitas durante os anos em que foram liderados por Moisés, Josué e numerosos outros profetas comprometidos em seguir os mandamentos e as ordens do Senhor.

Aproximando-se de Jericó, Josué e o povo seguiram precisamente as instruções do Senhor e, segundo está registrado nas escrituras, “o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade, cada um em frente de si, e tomaram a cidade” (Josué 6:20).

Contam as escrituras que, depois de Israel haver descansado das guerras com seus inimigos, Josué, já muito idoso, convocou uma reunião de toda a Israel. Em sua mensagem de despedida, recordou-lhes que haviam sido vitoriosos porque Deus lutara por eles; mas, se deixassem de servir ao Senhor e de cumprir Seus mandamentos, seriam destruídos. (...)

Esse grande líder espiritual e militar, então, desafiou o povo a um compromisso, assim como se comprometera em seu nome e de sua família: “Escolhei hoje a quem sirvais (...) porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Josué 24:15).

Essa foi a grandiosa declaração de compromisso pleno de um homem de Deus; de um profeta com os desejos do Senhor; de Josué, o homem, a seu Deus, que tantas vezes lhe recompensara por sua obediência. Ele dizia aos israelitas que, independentemente do que decidissem, ele faria o que sabia ser o certo. Dizia que sua decisão de servir ao Senhor independia da decisão deles; que seus atos não o afetariam; e que seu compromisso de fazer a vontade do Senhor não seria alterado por coisa alguma que eles ou outros fizessem. Josué tinha pleno domínio sobre seus atos e os olhos fitos nos mandamentos do Senhor. Seu compromisso era com a obediência.⁶



Decida agora escolher o caminho da estrita obediência.

Depois de chegar ao entendimento da lei do evangelho e da vontade do Senhor, ao ler e estudar as escrituras e as palavras dos profetas, chega o momento de aprofundar o entendimento das razões por que a obediência sempre é citada como a primeira lei dos céus e por que é necessária para a salvação. Isso nos leva ao teste supremo. Será que estamos dispostos a tornar-nos totalmente obedientes à lei de Deus? Chega um tempo em nossa vida em que precisamos tomar uma decisão definitiva.⁷

Certamente o Senhor ama, acima de tudo, uma determinação inabalável de obedecer a Seus conselhos. As experiências dos grandes profetas do Velho Testamento foram registradas, sem dúvida, para nos fazer entender a importância de escolher o caminho da estrita obediência. Como Abraão deve ter agradado ao Senhor quando



“Como Abraão deve ter agradado ao Senhor quando aceitou, sem perguntas ou vacilação, a ordem recebida.”

aceitou, sem perguntas ou vacilação, a ordem de sacrificar seu único filho, Isaque. As escrituras dizem que Deus falou a Abraão:

“Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi” (Gênesis 22:2).

O versículo seguinte declara simplesmente:

“Então se levantou Abraão pela manhã de madrugada (...) e tomou consigo (...) Isaque, seu filho (...) e foi ao lugar que Deus lhe dissera” (Gênesis 22:3).

Anos mais tarde, quando Rebeca foi solicitada a acompanhar o servo de Abraão para tornar-se esposa de Isaque, ela simplesmente respondeu: “Irei” (Gênesis 24:58).

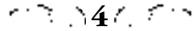
Uma geração depois, quando Jacó foi instruído a voltar para Canaã, o que significava abandonar tudo pelo que vinha trabalhando havia tantos anos, ele chamou Raquel e Lia ao campo onde estava

seu rebanho e explicou-lhes a recomendação do Senhor. A resposta de Raquel foi simples, direta e indicativa de sua obediência: “Faze tudo o que Deus te mandou” (Gênesis 31:16).

Assim vemos, nas escrituras, exemplos de como devemos considerar e avaliar os mandamentos do Senhor. Se decidirmos reagir como Josué, Abraão, Rebeca e Raquel, nossa resposta será simplesmente fazer o que o Senhor ordenou.

Há uma boa razão para decidirmos *agora* servir ao Senhor. Nesta manhã de domingo [de conferência geral], um pouco afastados das complicações e tentações da vida, tendo tempo e mais disposição para encarar as coisas pela perspectiva eterna, podemos avaliar nitidamente o que nos proporcionará maior felicidade na vida. Devemos decidir agora, nesta manhã luminosa, como reagiremos quando chegarem as trevas da noite e os vendavais da tentação.

É minha oração que tenhamos forças para decidir agora fazer o que devemos fazer. É minha oração que decidamos agora servir ao Senhor.⁸



**Não é suficiente acreditar simplesmente;
precisamos fazer a vontade do Pai Celestial.**

Ao falar às multidões, o Senhor nos adverte: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21).

Quando ouço essas palavras, parece-me que o Senhor está dizendo: “Só porque uma pessoa reconhece minha autoridade ou acredita em minha natureza divina, ou meramente expressa fé em meus ensinamentos ou no Sacrifício Expiatório que realizei, isso não significa que entrará no reino do céu ou que receberá um alto grau de exaltação”. Podemos deduzir que Ele diz: “Crer somente não é suficiente”. Depois, Ele acrescenta especificamente: “Mas aquele que faz a vontade de meu Pai”, isto é, aquele que trabalha com todo afinco e poda a vinha de modo que possa dar bons frutos. (...)

Toda a natureza, que é domínio de Deus, parece retratar esse mesmo princípio. A abelha que não “faz” logo terá de sair da colmeia. Quando vejo o afã das formigas na trilha e em torno do formigueiro,

fico impressionado pelo fato de que elas não só creem, mas fazem. A galinha não gera a ninhada só por cacarejar: ela precisa chocar. A água estagnada, verde pelas algas e a espuma malcheirosa pela inatividade, é o ambiente ideal para o desenvolvimento das doenças típicas do pântano; mas o riacho cristalino que vem da montanha e corre por entre as pedras, moldando seu curso pelos desfiladeiros, é um convite para beber dela.

As palavras do Mestre quanto à casa sem um firme alicerce me fazem lembrar de que o homem não pode ter a noção superficial e imprudente de que se basta a si mesmo e que pode edificar a vida sobre qualquer base que lhe pareça mais fácil e agradável (ver Mateus 7:26–27). Enquanto as condições forem favoráveis, sua tolice pode não transparecer; mas um dia certamente virá a inundação, as águas barrentas de uma paixão repentina, a corrente avassaladora de uma tentação imprevista. Se o seu caráter não estiver edificado sobre um alicerce seguro, em algo melhor do que o simples falar, sem fazer, toda a sua estrutura moral entrará em colapso.⁹

Tiago disse: “A religião pura e imaculada para com Deus e Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo” (Tiago 1:27).

Isso quer dizer que a religião é mais que o conhecimento de Deus ou a profissão de fé; e é mais que teologia. Religião é praticar a palavra de Deus. É ser o guardador do nosso irmão, entre outras coisas. (...)

Podemos ser religiosos ao adorar no Dia do Senhor; e podemos ser religiosos ao cumprir nossos deveres nos outros seis dias da semana. (...) É importantíssimo que nos lembremos de que todos os nossos pensamentos, todas as palavras que dizemos, nossos atos, nossa conduta, as interações com nosso próximo, as transações comerciais e todos os nossos assuntos cotidianos estejam em harmonia com nossa crença religiosa. Nas palavras de Paulo: “Qualquer coisa [que façais], fazei tudo para glória de Deus” (I Coríntios 10:31). Logo, podemos nós eliminar a religião das coisas do cotidiano e limitar sua prática somente para o Dia do Senhor? É claro que não se seguirmos a admoestação de Paulo.¹⁰

150

Os “membros vivos” são aqueles que se esforçam para ter um comprometimento total.

O Senhor revelou no prefácio de Doutrina e Convênios que esta é “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra”. E ainda acrescentou: “Com a qual eu, o Senhor, me deleito, falando à igreja coletiva e não individualmente” (D&C 1:30). Isso deveria despertar em nossa mente uma questão de importância eterna: Sabemos que, institucionalmente, esta é a única igreja verdadeira e viva; mas, individualmente, sou eu um membro verdadeiro e vivo?

(...) Ao perguntar: “Sou eu um membro verdadeiro e vivo?”, estou indagando: Eu me dedico plena e profundamente ao cumprimento dos convênios que fiz com o Senhor? Estou totalmente comprometido a viver o evangelho, a ser um cumpridor da palavra e não apenas ouvinte? Vivo minha religião? Permanecerei fiel a ela? Mantenho-me firme contra as tentações de Satanás? (...)

O ato de responder afirmativamente à pergunta: “Sou eu um membro vivo?” confirma nosso comprometimento. Significa que amaremos a Deus e ao próximo como a nós mesmos agora e sempre. Significa que nossos atos mostrarão quem somos e em que acreditamos. Significa que somos cristãos todos os dias, andando como Cristo quer que andemos.

Os “membros vivos” são aqueles que se esforçam por ter um comprometimento total. (...)

Os membros vivos reconhecem seu dever de ir em frente. São batizados como o primeiro passo de sua jornada viva. É um sinal para Deus, os anjos e os céus de que acatarão a vontade de Deus. (...)

Os membros vivos atentam para o Espírito, que vivifica a vida interior. Procuram incessantemente Sua orientação. Oram em busca de forças e para vencer dificuldades. Seu coração não se prende às coisas do mundo, mas do infinito. Não sacrificam a renovação espiritual pela gratificação física.

Os membros vivos colocam Cristo em primeiro lugar na vida, pois sabem de que fonte provém sua vida e seu progresso. O homem tem a tendência de se colocar no centro do Universo e esperar que os outros se adaptem a seus desejos, seus anseios e suas necessidades.

A natureza, entretanto, não honra tal suposição errônea. O papel central na vida pertence a Deus. Em vez de pedir-Lhe que atenda a nossos desejos, devemos procurar colocar-nos em harmonia com Sua vontade, continuando assim com nosso progresso como membro vivo. (...)

Uma vez convertidos, os membros vivos cumprem o mandamento de fortalecer seus irmãos e suas irmãs (ver Lucas 22:32). Mostram-se ansiosos por compartilhar sua alegria com outros, e jamais perdem esse desejo. (...)

Os membros vivos reconhecem a necessidade de pôr suas crenças em ação. Esses santos estão ansiosamente empenhados em realizar, de livre e espontânea vontade, muitas obras boas e nobres (ver D&C 58:27). (...)

Os membros vivos amam-se uns aos outros. Visitam os órfãos e as viúvas em suas tribulações e se guardam da corrupção do mundo (ver Tiago 1:27). (...)

Creemos firmemente que esta é a Igreja verdadeira e viva do Deus verdadeiro e vivo. A pergunta que nos resta responder é: Sou eu um membro verdadeiro e vivo, dedicado e compromissado?

Que nos mantenhamos firmes e sejamos membros verdadeiros e vivos da Igreja, e que recebamos a prometida recompensa de estar entre aqueles de quem Doutrina e Convênios diz: “São os que vieram ao Monte Sião e à cidade do Deus vivo, o lugar celestial, o mais santo de todos” (D&C 76:66).¹¹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Leia novamente os ensinamentos do Presidente Hunter sobre a diferença entre a “contribuição” e o “compromisso total” (seção 1). Que diferença faz em nossa vida quando somos totalmente comprometidos com Deus? Que aplicações podemos extrair do relato de Sadraque, Mesaque e Abednego?
- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter a respeito de Josué contidos na seção 2. O que podemos aprender com o relato sobre sermos totalmente comprometidos? De que maneira

podemos desenvolver o compromisso de obedecer a Deus independentemente do que os outros fazem? Como podemos ajudar as crianças e os jovens a desenvolver esse compromisso?

- Quais são suas impressões ao reler o relato das escrituras citadas na seção 3? Quais são outros exemplos de obediência nas escrituras que influenciaram você? Por que acha que “o Senhor ama (...) uma determinação inabalável de obedecer a Seus conselhos”?
- Reflita sobre os ensinamentos do Presidente Hunter contidos na seção 4. Por que não é suficiente “acreditar simplesmente”? De que maneira o fato de fazer a vontade do Pai Celestial nos prepara para tempos de dificuldade? Como podemos pôr em prática os ensinamentos do Presidente Hunter sobre viver nossa religião?
- Reflita sobre a descrição feita pelo Presidente Hunter de um “membro vivo” na seção 5. Como podemos desenvolver essas qualidades dos “membros vivos”? Reflita sobre como você poderia ser um melhor “membro verdadeiro e vivo” da Igreja.

Escrituras Relacionadas

I Samuel 15:22–23; Salmos 1:1–3; Tiago 2:14–26; 2 Néfi 32:9; Ômni 1:26; Mosias 2:41; Alma 37:35–37; 3 Néfi 18:15, 18–20; D&C 58:26–29; 97:8; Abraão 3:24–26

Auxílio Didático

Leiam juntos várias citações do capítulo. Depois de ler cada citação, peça aos alunos que compartilhem exemplos das escrituras e de experiências pessoais que se relacionem aos ensinamentos contidos na citação.

Notas

1. Conference Report, outubro de 1959, p. 121.
2. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 153.
3. “Portas Que Se Abrem — Portas Que Se Fecham”, *A Liahona*, janeiro de 1988, p. 57.
4. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 151.
5. “Testemunhas de Deus”, *A Liahona*, maio de 1990, p. 66.
6. “Compromisso com Deus”, *A Liahona*, janeiro de 1983, p. 98.
7. “Obedience” [Obediência], discurso proferido na Conferência da Área Havaí, 18 de junho de 1978, p. 5, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
8. “Compromisso com Deus”, p. 98.
9. Conference Report, outubro de 1967, pp. 11, 12–13.
10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 111–112.
11. “Sou Eu um Membro Vivo?”, *A Liahona*, julho de 1987, p. 15.



Jesus Cristo “ensinava lições de amor e, repetidas vezes, o vimos prestando serviço altruísta aos outros. Todos nós somos beneficiários de Seu amor”.



Percorrer o Caminho da Caridade Trilhado pelo Senhor

“A pedra de toque da compaixão é uma medida de nosso discipulado; é uma medida de nosso amor a Deus e a nossos semelhantes.”

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Howard W. Hunter ensinou-nos que o Salvador “nos deu Seu amor, Seu serviço e Sua vida. (...) Devemos nos esforçar por doar assim como Ele doou”.¹ Muito especificamente, o Presidente Hunter incentivou os membros da Igreja a seguir o exemplo do Salvador quanto à caridade em sua vida cotidiana.

Os atos de caridade definiram a carreira de Howard W. Hunter como advogado. Um de seus colegas explicou:

“Ele passava boa parte do tempo prestando serviço jurídico [gratuitamente] (...) por não ter coragem de cobrar. (...) As pessoas o consideravam amigo, guia, conselheiro, um profissional que se preocupava mais em fazer a pessoa receber a ajuda necessária do que em receber algum pagamento por isso”.²

A caridade também foi um marco no serviço do Presidente Hunter. Certa mulher, que disse ter ele sido seu mais influente professor, explicou algumas razões disso:

“Sempre notei que ele amava os outros ao colocá-los em alta prioridade, ao ouvi-los para entender e ao partilhar as próprias experiências com outros, que era uma de suas grandes alegrias. Ele me ensinou a entender a importância dessas virtudes e a sentir alegria ao colocá-las em prática”.³

Outra mulher da estaca do Presidente Hunter, na Califórnia, pres-
tou o seguinte tributo:

“O Presidente Howard W. Hunter era o presidente da nossa estaca havia alguns anos, quando nossa família morou na Estaca Pasadena. Meu pai tinha falecido, deixando minha mãe sozinha para criar minha irmã mais velha e eu. Embora não fôssemos uma família importante na estaca, que cobria uma enorme área geográfica, o Presidente Hunter conhecia-nos individualmente.

A lembrança mais significativa que tenho dele contribuiu para meu senso de valor pessoal. Depois de cada conferência de estaca, ele costumava apertar a mão de todos os membros, que faziam fila para cumprimentá-lo. Cumprimentava minha mãe e dizia: ‘Como vai, irmã Sessions, e como vão Betty e Carolyn?’ Era emocionante ouvi-lo dizer nosso nome. Eu sabia que ele nos conhecia e se importava com nosso bem-estar. Essa lembrança ainda acalenta minha alma”.⁴

O Presidente Hunter disse certa vez: “Sinto que temos a missão de servir e de salvar, de edificar e de exaltar”.⁵ Os comentários de seus irmãos nos Doze mostravam que ele cumpria bem essa missão. “Ele tem a habilidade de fazer as pessoas se sentirem bem”, disse um deles, “sem dominá-los. É um ótimo ouvinte”. Outro disse: “Ao viajarmos com ele, fica sempre atento para certificar-se de que tudo esteja em ordem, que ninguém seja incomodado ou fique isolado”. E, na opinião de outro: “Ele se preocupa com os outros e é sensível às circunstâncias deles. É caridoso, e seu coração está cheio de perdão. Ele é um estudioso do evangelho, da humanidade, da natureza humana”.⁶

Ensinamentos de Howard W. Hunter



Os dois grandes mandamentos são a pedra de toque do Senhor para nosso discipulado.

Nos tempos antigos, o teste para determinar a pureza do ouro era realizado com uma pedra macia, preta e siliciosa chamada pedra de toque. Quando friccionado sobre uma pedra de toque, o ouro produzia um risco ou uma marca na sua superfície. O ourives comparava essa marca a uma cor do seu gráfico de cores graduadas. A marca era mais avermelhada quanto maior fosse a quantidade de cobre ou liga de metais presente, e ia-se tornando mais amarela

à medida que aumentava a porcentagem de ouro. Esse processo mostrava, com bastante precisão, a pureza do ouro.

O método da pedra de toque, para testar a pureza do ouro, era rápido e satisfatório para a maioria dos propósitos práticos. Mas os ourives que ainda tinha dúvida quanto à pureza do material efetuava um teste ainda mais preciso, por um processo que envolvia o fogo.

Tenham em mente que o Senhor preparou uma pedra de toque para todos nós, uma medida exterior de nossa dedicação interior, que marca nossa fidelidade, podendo sobreviver ao fogo que aparecer no futuro.

Certa ocasião, enquanto Jesus estava ensinando o povo, um advogado aproximou-se dele e perguntou: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Jesus, o Mestre dos mestres, respondeu ao homem, que obviamente era bem versado na lei, com outra pergunta: “Que está escrito na lei? Como lê?”

O homem fez um resolutivo resumo dos dois grandes mandamentos: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Aprovando a resposta, Cristo retrucou: “Faze isso, e viverás” (Lucas 10:25–28).

A vida eterna, a vida de Deus, a vida que buscamos, está enraizada em dois mandamentos. As escrituras dizem que “destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:40). Amem a Deus e amem ao próximo. As duas coisas andam juntas: são inseparáveis. No mais elevado sentido, podem ser consideradas sinônimas. E são mandamentos que todos nós podemos seguir.

A resposta de Jesus ao advogado poderia ser considerada como a pedra de toque do Senhor. Ele disse em outra ocasião: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). Ele medirá nossa devoção pela forma como amamos e servimos a nossos semelhantes. Que tipo de marca estamos deixando na pedra de toque do Senhor? Somos verdadeiramente bons para nosso próximo? O teste revela que somos ouro de 24 quilates, ou pode-se detectar os vestígios de um ouro de pior qualidade?⁷

**O Salvador nos ensinou a amar a todos,
inclusive os difíceis de amar.**

Como que se desculpando por ter feito uma pergunta tão simples ao Mestre, o advogado procurou justificar-se, acrescentando: “E quem é o meu próximo?” (Lucas 10:29.)

Todos nós deveríamos ser eternamente gratos por essa pergunta, pois, na resposta do Salvador, encontramos uma das mais ricas e apreciadas parábolas, parábola essa que cada um de nós deveria ler e ouvir repetidas vezes:

“Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.

E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;

E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar” (Lucas 10:30–35).

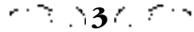
Então Jesus perguntou ao homem da lei: “Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lucas 10:36.) Aí o Mestre oferece a pedra de toque do cristianismo. Ele pede que coloquemos nela a nossa marca.

Tanto o sacerdote quanto o levita, na parábola de Cristo, deveriam ter-se lembrado dos requisitos da lei: “Se vires o jumento que é de teu irmão, ou o seu boi, caídos no caminho, não te desviarás deles; sem falta o ajudarás a levantá-los” (Deuteronômio 22:4). Se o homem deve ajudar um boi, quanto mais deve estar disposto a auxiliar um irmão necessitado. Mas, como escreveu o Élder James

E. Talmage: “Desculpas são fáceis de encontrar; elas brotam com tanta facilidade e abundância quanto as ervas daninhas à beira do caminho” (*Jesus, o Cristo*, 1971, p. 417).

O samaritano deu-nos um exemplo do puro amor cristão. Ele teve compaixão; dirigiu-se ao homem que havia sido ferido pelos salteadores e tratou de suas feridas. Levou-o para a hospedaria, cuidou dele, pagou suas despesas e ofereceu mais, se fosse necessário, para cuidar dele. Essa é uma história de amor de um ser humano por seu semelhante.

Há um velho ditado que diz: “Aquele que é todo amarrado em si mesmo forma um pacote pequeno”. O amor tem a habilidade de tornar grande um pacote pequeno. A chave é amar o próximo, inclusive as pessoas que são difíceis de amar. Precisamos lembrar-nos de que, embora façamos os nossos amigos, Deus faz os nossos semelhantes — em todo lugar. O amor não pode ter fronteiras; não devemos ter lealdades estreitas. Cristo disse: “Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?” (Mateus 5:46.)⁸



Devemos amar e servir aos outros em suas tribulações.

Joseph Smith escreveu uma carta aos santos, publicada no *Messenger and Advocate*, a respeito de amarmos uns aos outros a fim de que sejamos justificados perante Deus. Ele escreveu:

“Queridos irmãos: O dever de todo santo para com seus irmãos, e que deve ser cumprido generosamente, é o de amá-los constantemente e socorrê-los sempre. A fim de sermos justificados perante Deus, precisamos amar uns aos outros; precisamos vencer o mal; precisamos visitar os órfãos e as viúvas em sua aflição, e precisamos conservar-nos limpos das manchas do mundo, pois tais virtudes fluem da grande fonte da religião pura. Fortalecendo nossa fé com o acréscimo de todas as boas qualidades que adornam os filhos de Jesus abençoado, podemos orar nos momentos devidos, podemos amar o próximo como a nós mesmos e ser fiéis na tribulação, sabendo que a recompensa para isso é maior no reino dos céus. Que consolo! Que alegria! Que eu possa viver a vida dos justos e que minha recompensa seja esta!” (*History of the Church*, vol. 2, p. 229).



O Senhor “medirá nossa devoção pela forma como amamos e servimos a nossos semelhantes”.

Estas duas virtudes, amor e serviço, são requeridas de nós se desejarmos ser bons para o próximo e ter paz em nossa vida. Certamente elas existiram no coração do Élder Willard Richards. Enquanto esteve na Cadeia de Carthage, na tarde do martírio de Joseph e Hyrum, o carcereiro sugeriu que eles ficariam mais seguros em celas. Joseph voltou-se para o Élder Richards e perguntou: “Se formos para a cela, você irá conosco?”

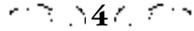
A resposta do Élder Richards foi uma resposta de amor: “Irmão Joseph, você não me pediu que atravessasse o rio com você — não me pediu que viesse para Carthage — não me pediu que viesse para a cadeia com você — e acha que eu o abandonaria agora? Pois vou dizer-lhe o que farei: se for condenado à força, por ‘traição’, serei enforcado em seu lugar, e você estará livre”.

Deve ter sido com muita emoção e sentimento que Joseph replicou: “Mas você não pode”.

Ao que o Élder Richards firmemente retrucou: “Eu o farei!” (ver B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church [História Abrangente da Igreja]*, vol. 2, p. 283).

O teste do Élder Richards talvez tenha sido maior que aquele que a maioria de nós terá de enfrentar: o teste do fogo, e não o da pedra de toque. Mas, caso nos fosse pedido, daríamos a vida por nossa família? Por nossos amigos? Por nossos semelhantes?

A pedra de toque da compaixão é uma medida de nosso discipulado; é uma medida de nosso amor a Deus e a nossos semelhantes. Deixaremos uma marca de ouro puro, ou, como o sacerdote e o levita, passaremos de largo?⁹



**Precisamos ser mais resolutos e caridosos
na senda que Jesus nos mostrou.**

Ao dar uma importante mensagem aos santos dos últimos dias em Nauvoo, apenas um ano antes de seu trágico martírio, o Profeta Joseph Smith disse:

“Se desejamos obter e cultivar o amor de nossos semelhantes, devemos amar a todos, sejam eles nossos inimigos ou nossos amigos. (...) Os cristãos devem cessar as disputas e contendas entre si e cultivar os princípios da união e da amizade” (*History of the Church*, vol. 5, pp. 498–499).

Esse conselho é tão grandioso hoje quanto foi [naquela época]. O mundo em que vivemos, onde quer que estejamos, necessita do evangelho de Jesus Cristo. Ele é o único caminho pelo qual o mundo pode ter paz. Precisamos ser mais bondosos uns com os outros, mais gentis; precisamos perdoar mais. Precisamos zangar-nos menos e ajudar mais. Precisamos estender a mão da amizade e conter a mão da vingança. Em resumo, precisamos amar uns aos outros com o puro amor de Cristo, com a verdadeira caridade e compaixão e, se necessário, ser solidários com o sofrimento alheio, pois assim é o amor de Deus.

Em nossas reuniões, costumamos cantar um belo hino cuja letra foi escrita por Susan Evans McCloud. Gostaria de citar alguns trechos.

*Salvador, eu quero amar-te,
Em tua senda quero andar.
Socorrer o irmão aflito,
Minha força em ti buscar. (...)*

*Não me entrego a julgamentos,
Imperfeito sou também
Nos recônditos da alma,
Dores há que não se veem. (...)*

*Cuidarei do irmão que sofre,
Sua dor consolarei
E ao fraco e ferido
Meu auxílio estenderei.*

*Cuidarei do irmão que sofre
Sim, eu Te seguirei*

(Hinos, nº 134).

Precisamos ser mais resolutos e caridosos na senda que Jesus nos mostrou. Precisamos “socorrer o irmão aflito” e, com certeza, encontraremos “nossa força [Nele]”. Se nos esforçarmos por cuidar “do irmão que sofre”, teremos inúmeras oportunidades de fazê-lo, como, por exemplo, “ao fraco e ferido [nosso] auxílio [estender]”. Sim, devemos seguir-Te, Senhor.¹⁰



A caridade é o puro amor de Cristo e nunca falhará.

“Um novo mandamento vos dou”, disse [Jesus]: “Que vos ameis uns aos outros. (...) Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34–35). Esse amor que devemos sentir por nossos irmãos da família humana e que Cristo sente por todos nós chama-se caridade, ou “o puro amor de Cristo” (Morôni 7:47). É o amor que levou Cristo a sofrer e a fazer a Expição por nós. É o apogeu do que a alma humana pode alcançar e a mais profunda expressão do coração.

(...) A caridade abrange todas as outras virtudes divinas. É parte essencial e distintiva do início e do fim do Plano de Salvação. Quando tudo o mais falhar, a caridade, que é o puro amor de Cristo, *não* falhará. Ela é o maior de todos os atributos divinos.

Com o coração transbordante, Jesus falou aos pobres, aos oprimidos, às viúvas, às criancinhas, aos lavradores, aos pescadores, aos que cuidavam de cabras e ovelhas, aos forasteiros e estrangeiros, aos ricos, aos politicamente poderosos e também aos inamistosos

fariseus e escribas. Ele ensinou aos pobres, aos famintos, aos necessitados, aos doentes. Abençoou os coxos, os cegos, os surdos e outros com deficiências físicas. Expulsou demônios e maus espíritos causadores de enfermidades mentais e emocionais. Purificou os que carregavam o fardo do pecado. Deu lições de amor e, repetidamente, ajudou de maneira altruísta. Todos eram beneficiados com Seu amor. Todos tinham “tanto privilégio quanto qualquer outro e nenhum [era] excluído” (2 Néfi 26:28). Esses são exemplos de Sua caridade irrestrita.

O mundo seria grandemente beneficiado se todos os homens e mulheres praticassem o puro amor de Cristo, que é bondoso, humilde e manso. Não é invejoso e não se ensoberbece. É abnegado porque não busca os seus interesses. Não tolera o pecado e a malevolência nem se regozija na iniquidade; não dá lugar à intolerância, ao ódio e à violência. Não aceita zombaria, vulgaridade, maus-tratos ou ostracismo. Incentiva povos diferentes a viverem juntos no amor cristão, a despeito de crenças religiosas, raça, nacionalidade, situação financeira, nível de educação e cultura.

O Salvador manda que nos amemos uns aos outros, como Ele nos amou, que vistamos “o vínculo da caridade” (D&C 88:125), como Ele mesmo fez. Somos aconselhados a purificar os sentimentos, transformar nosso coração, agir de acordo com o que proclamamos acreditar e sentir. Devemos ser verdadeiros discípulos de Cristo.¹¹



O amor ao próximo é “um caminho melhor”.

Quando jovem, o irmão Vern Crowley aprendeu algo a respeito da lição fundamental ensinada pelo Profeta Joseph Smith aos santos pioneiros em Nauvoo quando lhes disse que deveriam “amar [seus] semelhantes, independentemente de serem [seus] amigos ou inimigos”. Essa lição serve para todos nós.

Quando seu pai adoeceu, Vern Crowley, embora tivesse apenas 15 anos de idade, ficou responsável pelo ferro velho que a família tinha no quintal. Às vezes, alguns fregueses tiravam vantagem do rapaz, e peças desapareciam durante a noite. Vern ficou zangado e prometeu pegar alguém para fazer dele um exemplo. Queria vingar-se.

Pouco depois de seu pai ter começado a se restabelecer, certa noite, no final do expediente, Vern estava fazendo a ronda pelo quintal. Já estava quase escuro. Em um canto distante da propriedade, avistou alguém carregando uma peça grande em direção à cerca dos fundos. Correu como um atleta profissional e pegou o jovem ladrão. Seu primeiro pensamento foi descontar suas frustrações com os punhos e depois arrastar o jovem para o escritório e chamar a polícia. Seu coração estava cheio de raiva e vingança. Tinha apanhado seu ladrão e pretendia fazer justiça.

Não se sabe de onde o pai dele surgiu, mas, pondo a mão fraca e trêmula no ombro do filho, disse: “Você está meio nervoso, Vern. Deixe que eu cuido disso”. Ele então foi até o pseudoladrão, colocou o braço em seus ombros, fitou-o por um instante e disse: “Filho, diga-me uma coisa, por que é que você está fazendo isso? Por que estava tentando roubar aquela caixa de câmbio?” Então o Sr. Crowley foi para o escritório com o braço nos ombros do rapaz, fazendo perguntas a respeito dos problemas do carro dele. Chegando ao escritório, o pai disse: “Bem, acho que o problema todo está na embreagem”.

Enquanto isso, Vern estava enfurecido. “Quem se importa com a embreagem dele?” pensava. “Vamos chamar logo a polícia e acabar com isso.” O pai, porém, continuava a conversar. “Vern, arranje uma embreagem para ele. Arranje também um cilindro mestre. E dê-lhe um disco de fricção. Isso deve resolver o problema.” O pai entregou as peças ao rapaz que tentara roubá-lo e disse: “Pegue. E leve a caixa de câmbio também. Não precisa roubar, meu rapaz. Simplesmente peça. Para todo problema existe uma solução. Há muitas pessoas que estão prontas a ajudar”.

O irmão Vern Crowley conta que, naquele dia, aprendeu uma lição eterna a respeito do amor. O rapaz voltou com frequência. Espontaneamente, mês após mês, pagou todas as peças que Vic Crowley lhe dera, inclusive a caixa de câmbio. Nessas visitas, o rapaz perguntava a Vern por que seu pai era assim e por que agira daquela forma. Vern falou-lhe das crenças dos santos dos últimos dias e de como seu pai amava o Senhor e as pessoas. Por fim, aquele rapaz acabou sendo batizado. Vern disse mais tarde: “É difícil descrever meus sentimentos e o conflito interno durante essa experiência.

Eu era muito jovem. Tinha apanhado meu ladrão. Queria aplicar a punição máxima, mas meu pai me ensinou um caminho melhor”.

Um caminho diferente? Um caminho mais nobre? Um caminho mais elevado? Um caminho melhor? Oh! Quanto o mundo aprenderia com tão grandiosa lição! Como disse Morôni:

“Portanto todos os que creem em Deus podem, com segurança, esperar por um mundo melhor (...).

Pela dádiva de seu Filho, porém, Deus preparou um caminho mais excelente” (Éter 12:4, 11).¹²

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- O que o Presidente Hunter quer dizer ao se referir aos dois grandes mandamentos como “a pedra de toque do Senhor”? (Ver seção 1.) Reflita sobre como você responderia às perguntas que o Presidente Hunter faz no final da seção 1.
- Leia novamente o relato do Presidente Hunter sobre a parábola do Bom Samaritano (ver seção 2). O que podemos aprender com esses ensinamentos a respeito de amar o próximo? Como podemos aumentar nossa capacidade de amar aqueles que são “difíceis de amar”?
- Na seção 3, o Presidente Hunter nos ensina que devemos amar e servir aos outros em seus momentos de aflição. Você já foi abençoado por alguém que amou e serviu a você em um momento de necessidade?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter disse a respeito de seguirmos o exemplo de caridade deixado pelo Salvador (ver seção 4). De que maneira podemos desenvolver um amor maior pelos outros? De que maneira podemos demonstrar mais ativamente o nosso amor?
- Na seção 5, o Presidente Hunter cita algumas maneiras pelas quais Cristo demonstrou Seu amor. Em que circunstâncias você já sentiu o amor do Salvador em sua vida? Quais bênçãos você recebeu ao “exercer o puro amor de Cristo”?
- O que podemos aprender com o relato do Presidente Hunter sobre a história de Vern Crowley? (Ver seção 6.) De que maneira

podemos substituir os sentimentos de “raiva e vingança” por sentimentos de caridade? Que experiências já ajudaram você a aprender que a caridade é “um caminho melhor”?

Escrituras Relacionadas

Mateus 25:31–46; I Coríntios 13; Efésios 4:29–32; I João 4:20; Mosias 4:13–27; Alma 34:28–29; Éter 12:33–34; Morôni 7:45–48; D&C 121:45–46

Auxílio de Estudo

“Colocar em prática o que você aprendeu irá proporcionar-lhe uma compreensão maior e mais duradoura (ver João 7:17)” (*Pregar Meu Evangelho*, 2004, p. 19). Pergunte a si mesmo como poderia aplicar os ensinamentos do evangelho em casa, no trabalho e em suas responsabilidades na Igreja.

Notas

1. “The Gifts of Christmas” [Os Presentes de Natal], *Ensign*, dezembro de 2002, p. 18.
2. John S. Welch, in Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, p. 119.
3. Betty C. McEwan, “My Most Influential Teacher” [O Professor Que Mais Me Influenciou], *Church News*, 21 de junho de 1980, p. 2.
4. Carolyn Sessions Allen, “Loved by All Who Knew Him: Stories from Members” [Amado por Todos Que O Conheceram: Histórias dos Membros], *Ensign*, abril de 1995, p. 20.
5. Thomas S. Monson, “President Howard W. Hunter: A Man for All Seasons” [Presidente Howard W. Hunter: Homem para Todas as Estações], p. 33.
6. Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 185.
7. “A Pedra de Toque do Senhor”, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 34.
8. “A Pedra de Toque do Senhor”, p. 34.
9. “A Pedra de Toque do Senhor”, p. 34.
10. “Um Caminho Melhor”, *A Liahona*, julho de 1992, p. 65.
11. “Um Caminho Melhor”, p. 65.
12. “Um Caminho Melhor”, p. 65.



Fé e Testemunho

“A suprema realização da vida é encontrar a Deus e saber que Ele vive.”

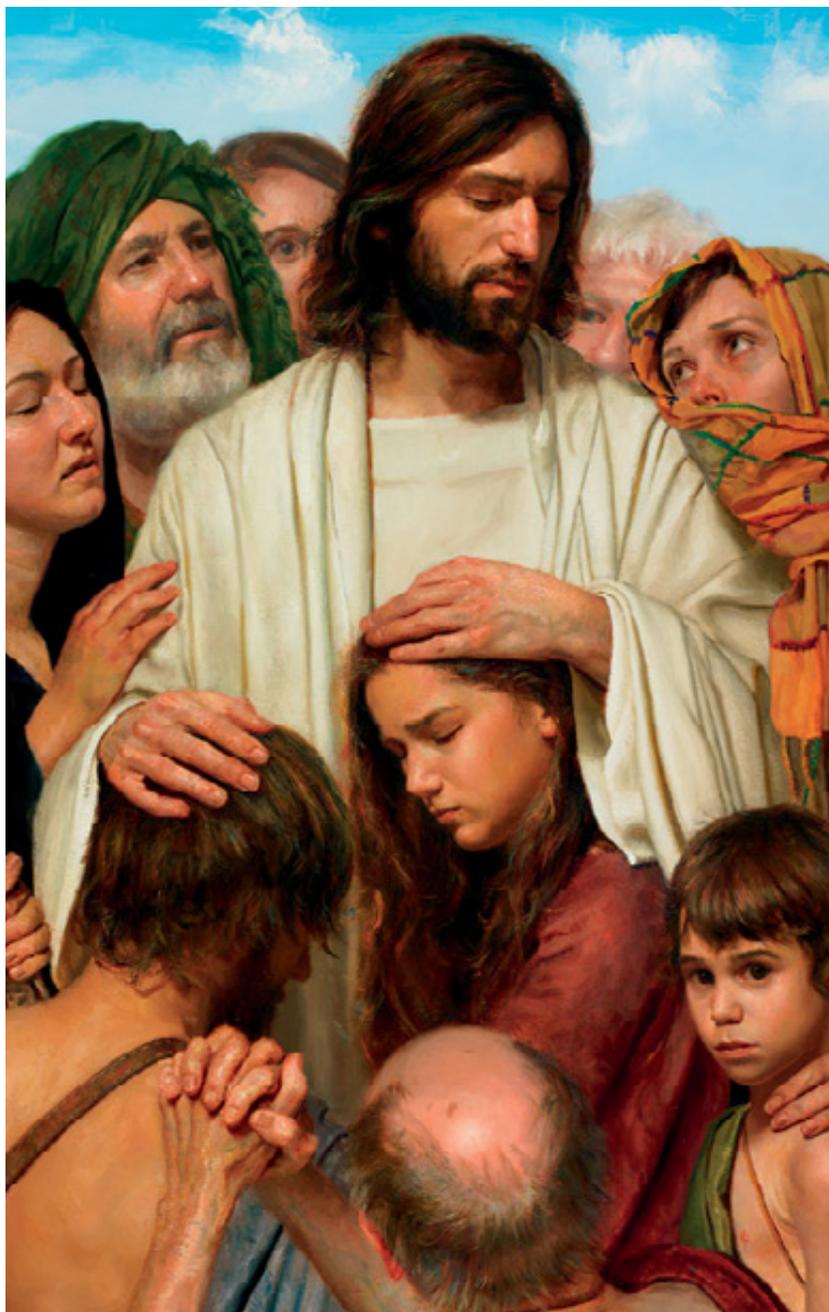
Da Vida de Howard W. Hunter

Howard W. Hunter começou a desenvolver seu testemunho ainda durante a tenra infância, em Boise, Idaho. Embora seu pai na época não fosse membro da Igreja, sua mãe o criou no evangelho. “Foi no colo dela que aprendemos a orar”, ele se recorda. “Obtive um testemunho ainda quando era criança, no colo de minha mãe.”¹

O testemunho de Howard cresceu com o passar do tempo. Quando fez 20 anos e morava em Los Angeles, Califórnia, passou a reconhecer a importância do estudo sério do evangelho. Ele escreveu: “Embora eu tivesse frequentado os cursos da Igreja a maior parte da vida, meu primeiro despertar para o evangelho ocorreu em uma aula da Escola Dominical, na Ala Adams, cujo professor era Peter A. Clayton. Ele possuía um amplo conhecimento e a habilidade para inspirar os jovens. Eu estudava as lições, lia as designações que ele nos dava e fazia comentários sobre os assuntos propostos. (...) Acho que esse período da minha vida foi o momento em que a verdade do evangelho começou a germinar em mim. Sempre tive um testemunho do evangelho, mas, de repente, comecei a entendê-lo.”²

Muitos anos depois, o Presidente Hunter explicou: “Chega um tempo na vida em que entendemos os princípios de nossa criação e quem somos. De repente, entendemos determinadas coisas, e isso mexe com nossa emoção. Chega um tempo em que o testemunho atinge o âmago de nosso ser, e sabemos sem sombra de dúvida que Deus é nosso Pai — que Ele vive, que Ele é real, que somos literalmente Seus filhos e Suas filhas”.³

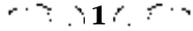
O Presidente Gordon B. Hinckley disse a respeito da fé e do testemunho do Presidente Hunter:



“A maior de todas as buscas é a que leva a Deus — a fim de determinar Sua realidade, Seus atributos pessoais e assegurar o conhecimento do evangelho de Seu Filho Jesus Cristo.”

“Para o Presidente Hunter, (...) havia o vigoroso poder da fé. Havia a certeza do conhecimento das coisas divinas e das coisas eternas. (...) [Ele] tinha um testemunho certo e seguro da realidade viva de Deus, nosso Pai Eterno. Declarava com grande convicção seu testemunho da divindade do Senhor Jesus Cristo, o Redentor da humanidade”.⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter



Por intermédio da fé, podemos encontrar a Deus e saber que Ele vive.

A suprema realização da vida é encontrar a Deus e saber que Ele vive. Como qualquer outra realização digna, essa só pode ser obtida por aqueles que acreditarem e tiverem fé no que pode não estar aparente à primeira vista.⁵

À medida que os pensamentos do homem se voltam para Deus e para as coisas pertinentes a Deus, o homem passa por uma transformação espiritual. Essa transformação retira o homem da mediocridade e dá-lhe um caráter nobre e divino. Exercemos fé em Deus porque usamos uma das grandes leis da vida. A força mais poderosa da natureza humana é o poder espiritual da fé.⁶

A maior de todas as buscas é a que fazemos para encontrar Deus — determinar a realidade de Sua existência, Seus atributos pessoais, garantir o conhecimento do evangelho de Seu Filho Jesus Cristo. Não é fácil se chegar ao perfeito entendimento de Deus. A busca requer esforços constantes, e há aqueles que nunca decidem fazer alguma coisa para adquirir esse conhecimento. (...)

Seja a nossa busca pelo conhecimento de verdades científicas, seja para descobrir Deus, é preciso ter fé. Esse é o ponto de partida. A fé já foi definida de várias maneiras, mas a definição mais clássica foi feita pelo autor da carta aos hebreus, com estas profundas palavras: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hebreus 11:1). Em outras palavras, a fé nos torna confiantes a respeito das coisas que esperamos e convencidos das coisas que não vemos. (...) Aqueles que procuram honestamente a Deus não O veem, mas sabem da realidade de

Sua existência pelo poder da fé. É mais do que esperança; a fé a transforma em convicção — uma evidência das coisas nunca vistas.

O autor da carta aos hebreus [o Apóstolo Paulo] continua: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hebreus 11:3). Vemos que a fé é descrita como crença ou convicção de que o mundo foi criado pela palavra de Deus. Não se podem convocar testemunhas para comprovar o fato, mas a fé nos dá o conhecimento de que tudo o que observamos nas maravilhas da Terra e da natureza é criação de Deus. (...)

Tenho firme convicção da realidade de Deus — de que Ele vive. Ele é nosso Pai Celestial, e nós somos Seus filhos espirituais. Ele criou o céu e a Terra e todas as coisas que existem sobre a Terra; Ele é o criador das leis eternas que governam o Universo. Essas leis são descobertas pouco a pouco, à medida que o homem prossegue em sua busca, mas existiram sempre e permanecerão eternamente imutáveis.⁷



Para se obter o conhecimento da realidade de Deus, é preciso esforço fervoroso, obediência à Sua vontade e orações para aumentar o entendimento.

A fim de encontrarmos Deus como uma realidade, precisamos seguir o curso que Ele indicou para a busca. O caminho que leva adiante é aquele que requer fé e esforço, e não é o mais fácil. Por essa razão, muitos homens não se devotarão à árdua tarefa de provar a realidade de Deus a si mesmos. Ao contrário, alguns tomam o caminho mais fácil e negam Sua existência, ou meramente seguem o curso da incerteza. (...)

Às vezes, ter fé significa crer que algo é verdadeiro quando a evidência não é suficiente para estabelecer a certeza. Devemos continuar a investigação: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á” (Mateus 7:7–8). (...)

É regra geral que não conseguiremos alguma coisa de valor a menos que estejamos dispostos a pagar seu preço. O erudito não se torna culto a menos que trabalhe e se esforce para ser bem-sucedido. Se não quiser fazer isso, poderá ele dizer que não existe

erudição? (...) Não seria tolice o homem dizer que Deus não existe simplesmente porque não teve a inclinação de procurá-Lo?

(...) A fim de se obter um conhecimento inabalável da realidade de Deus, precisamos viver os mandamentos e as doutrinas anunciadas pelo Salvador durante Seu ministério pessoal. (...) Aqueles que desejam investigar, que se empenhem, façam a vontade de Deus e terão o conhecimento da realidade de Deus.

Quando um homem encontra a Deus e consegue entender Seus caminhos, aprende que nada no Universo existe por acaso, mas todas as coisas resultaram de um plano divino preconcebido. Como sua vida se torna significativa! Seu entendimento ultrapassa o conhecimento obtido pelo mundo. As belezas do mundo tornam-se mais belas, a ordem do Universo torna-se mais significativa e todas as criações de Deus passam a ser mais inteligíveis à medida que ele testemunha os dias de Deus chegarem e irem embora e as estações do ano seguirem-se em sua ordem.⁸

Cristo, durante Seu ministério, explicou a maneira pela qual se poderia saber a verdade sobre Deus. Ele disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:17). O Mestre também explicou a vontade do Pai e o grande mandamento da seguinte maneira: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mateus 22:37). Aqueles que se esforçam por cumprir a vontade de Deus e por cumprir os mandamentos receberão revelação pessoal quanto à divindade do trabalho do Senhor em prestar testemunho do Pai.

Àqueles que desejam entendimento, as palavras de Tiago explicam como pode ser obtido: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5). Não parece que Tiago se estivesse referindo ao conhecimento concreto, no sentido científico, mas, sim, à revelação que vem do alto e que responde às perguntas dos homens, como resultado de terem seguido o conselho de orar. (...)

Temos, assim, a fórmula para procurar a Deus e os instrumentos para realizar a busca: fé, amor e oração. A ciência tem feito maravilhas para o homem, mas não pode conquistar as coisas que ele precisa

alcançar por si mesmo, a maior das quais é descobrir a realidade de Deus. A tarefa não é fácil, e o fardo não é leve; mas, como disse o Mestre, “Grande será sua recompensa e eterna sua glória” (D&C 76:6).⁹

3

Precisamos crer para ver.

Tomé queria ver antes de crer.

Ao final do dia da Ressurreição, Jesus apareceu e Se apresentou a Seus discípulos em uma sala fechada. Ele lhes mostrou as mãos marcadas pela perfuração dos cravos e o lado, que fora aberto pela lança. Tomé, um dos Doze Apóstolos, não estava presente quando isso aconteceu; os outros é que lhe disseram terem visto o Senhor e que Ele lhes falara. (...) Tomé estava cético, e disse aos discípulos:

“Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (João 20:25).

(...) De certa forma, Tomé representa o espírito de nossa época. Nada que ele não pudesse ver [ou tocar] o satisfaria, não obstante o fato de ter convivido com o Mestre e ter ouvido Seus ensinamentos a respeito da fé e da dúvida. (...) A fé não substitui a dúvida se a pessoa precisa sentir ou ver para acreditar.

Tomé não estava disposto a confiar na fé. Ele queria uma prova física dos fatos. Queria conhecimento, não fé. A fé está relacionada com o passado porque são nossas experiências anteriores que nos dão conhecimento, mas a fé também está relacionada com o futuro: o desconhecido, o que ainda não foi vivenciado.

Enxergamos Tomé como alguém que viajou e conversou com o Mestre e que foi escolhido por Ele. Interiormente, gostaríamos que Tomé pudesse ter-se voltado para o futuro com confiança nas coisas que não se veem, em vez de dizer que precisava “ver para crer”. (...)

A fé dá-nos confiança nas coisas que não são visíveis.

Uma semana depois, os discípulos estavam novamente reunidos na mesma casa, em Jerusalém. Dessa vez, Tomé estava entre eles. A porta estava fechada, mas Jesus apresentou-Se entre eles e disse: “Paz seja convosco.

Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente” (João 20:26–27). (...)

“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29).

Esse relato permanece como uma das maiores lições de todos os tempos. Tomé disse que era preciso “ver para crer”, mas Cristo respondeu que era preciso “crer para ver”. (...)

O exemplo clássico de fé é atribuído ao Apóstolo Paulo em sua carta aos hebreus: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hebreus 11:1).

Essa declaração não pressupõe um perfeito conhecimento, mas descreve a fé como algo que nos dá certeza ou confiança em coisas que ainda estão no futuro. Essas coisas podem existir, mas é pela fé que elas são percebidas. A fé produz um sentimento de confiança no que não se vê ou não é passível de prova ou evidência absoluta.

Parecia que Tomé tinha perdido a confiança no futuro. Ele olhava para o passado. Queria uma prova do que nunca tinha sido visto. Aqueles que perdem a fé ou não a têm vivem no passado — perdem a esperança no futuro. Uma grande mudança acontece na vida de quem encontra uma fé inabalável que lhe dá certeza e confiança.

*O homem cego de nascença não duvidou;
acreditou no Salvador.*

Se abirmos novamente o nono capítulo de João, leremos sobre outro incidente em Jerusalém, no qual um cego de nascença é curado. Era sábado [Dia do Senhor], e Jesus estava aparentemente nas proximidades do templo quando viu o cego, e os discípulos lhe perguntaram:

“Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.

Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

“Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (João 9:2–5).

Jesus, então, cuspiu no chão e fez lodo misturando a poeira com a saliva. Untou os olhos do homem com o lodo e disse-lhe que fosse lavar-se no tanque de Siloé. Se tivesse sido com Tomé, será que teria feito conforme lhe fora ordenado? Ou teria perguntado: “Que bem pode advir de lavar-me nas águas paradas de um tanque sujo?” ou “Que propriedades medicinais existem na saliva misturada com a poeira do chão?” Tais perguntas até seriam admissíveis, mas, se o homem cego duvidasse ou questionasse, teria continuado cego. Por ter fé, acreditou e fez conforme foi orientado. Foi e lavou-se no tanque e saiu de lá enxergando. É preciso crer para ver. (...)

“Bem-aventurados os que não viram e creram.”

O cego acreditou e foi-lhe permitido ver. Tomé recusou-se a crer antes de poder ver. O mundo está repleto de Tomés, mas existem muitos como o homem cego de Jerusalém. Os missionários da Igreja encontram tanto um como outro diariamente, ao levar sua mensagem ao mundo, a mensagem do evangelho restaurado de Jesus Cristo. (...) Alguns creem, têm fé e são batizados. Alguns não aceitam, pois não podem ver ou sentir.

Não existe uma prova segura, concreta, tangível de que Deus vive, mas, ainda assim, milhões têm o conhecimento de que, por intermédio da fé, Ele faz aquilo que constitui a prova das coisas que se não veem. Muitos dizem aos missionários: “Eu aceitaria o batismo se acreditasse que Joseph Smith foi visitado pelo Pai e o Filho”. Para esse fato não existe prova segura, concreta, tangível, mas, para aqueles que são tocados pelo Espírito, a fé substituirá essa prova de coisas que se não veem. Lembrem-se das palavras do Mestre crucificado ao encontrar Tomé:

“Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29).

Os que crerem por causa da fé verão.

Acrescento meu testemunho ao dos milhares de missionários, de que Deus vive; de que Jesus é o Salvador do mundo; de que aqueles que crerem por causa da fé verão.¹⁰



“O cego acreditou e foi-lhe permitido ver.”

~ ~ ~ 147 ~ ~ ~

A ação que tem por base a fé leva-nos ao testemunho pessoal.

Quando éramos crianças, aceitávamos como fato as coisas que nossos pais ou professores nos diziam por causa da confiança que tínhamos neles. Um garotinho saltará de um lugar elevado sem ter medo se seu pai lhe disser que vai segurá-lo. O menino tem fé em que seu pai não o deixará cair. À medida que crescem, os jovens começam a pensar por si mesmos, a questionar e duvidar de coisas que não sejam suscetíveis a uma prova tangível. Tenho simpatia pelos rapazes e pelas moças quando dúvidas honestas entram em sua mente e eles se envolvem em um grande conflito para resolver suas dúvidas. Essas dúvidas podem ser sanadas se tiverem o desejo

honesto de saber a verdade, fazendo um esforço moral, espiritual e mental. Eles sairão desse conflito com a fé mais bem firmada, mais fortalecida e maior, por causa de sua luta. Terão passado de uma fé simples e confiante, atravessando conflitos e dúvidas, a uma fé substancial que desabrocha em um testemunho.¹¹

Os alunos passam horas nos laboratórios científicos fazendo experiências para encontrar a verdade. Se fizerem o mesmo com fé, oração, perdão, humildade e amor, encontrarão um testemunho de Jesus Cristo, doador desses princípios.¹²

O evangelho de Jesus Cristo não é apenas um evangelho de crença; ele é um plano de ação. (...) Ele não disse: “Observem” meu evangelho; Ele disse: “Vivam-no!” Ele não disse: “Vejam como é linda a sua estrutura e o seu simbolismo”; Ele disse: “Vão, façam, vejam, sintam, doem, acreditem!” (...)

A ação é um dos principais alicerces do testemunho pessoal. O testemunho mais seguro é o que se desenvolve a partir da experiência pessoal. Quando os judeus desafiaram a doutrina que Jesus ensinava no templo, Ele lhes respondeu: “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou”. Depois, acrescentou a chave para o testemunho pessoal: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:16–17).

Ouvimos o modo imperativo nessa declaração do Salvador? “Se alguém quiser *fazer*, (...) *conhecerá!*” João capturou o significado desse modo imperativo e enfatizou seu significado em sua [epístola]. Ele disse: “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou” (I João 2:6).

O mero fato de dizer, aceitar e crer não é suficiente. Será incompleto até que isso possa ser traduzido em ação dinâmica na vida cotidiana. Essa será a mais excelente fonte de testemunho pessoal. A pessoa sabe porque vivenciou. Não mais precisa dizer: “O irmão Fulano disse que isso é verdade, e eu acredito nele”, mas, sim: “Vivi esse princípio em minha vida e sei, por experiência própria, que ele funciona. Senti sua influência, testei sua utilidade prática e sei que é bom. Testifico, a partir de meu próprio conhecimento, que é um princípio verdadeiro”.

Muitas pessoas têm esse testemunho na própria vida, mas não reconhecem seu valor. Recentemente, uma irmã jovem me disse: “Eu não tenho um testemunho do evangelho. Quisera ter! Aceitei os ensinamentos. Sei que atuam em minha vida. Vejo-os agindo na vida de outras pessoas. Se ao menos o Senhor respondesse às orações que faço e me desse um testemunho, eu seria uma das pessoas mais felizes do mundo!” O que essa jovem senhora desejava era uma intervenção miraculosa; ainda assim já havia presenciado o milagre do evangelho enriquecendo e elevando sua própria vida. O Senhor *respondera* às orações dela. Ela *recebera* um testemunho, mas não o reconheceu como tal.¹³

Como apóstolo ordenado e testemunha especial de Cristo, presto-lhes solene testemunho de que Jesus Cristo é, de fato, o filho de Deus. (...) É pelo poder do Espírito Santo que presto meu testemunho. Sei da realidade de Cristo como se O tivesse visto com meus próprios olhos e escutado Sua voz com meus próprios ouvidos. Sei também que o Espírito Santo confirmará a veracidade do meu testemunho no coração de todos aqueles que o ouvirem com fé.¹⁴

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- O Presidente Hunter nos ensina que “A suprema realização da vida é encontrar Deus e saber que Ele vive” (seção 1). Qual é o papel da fé na conquista dessa realização? Que experiências já ajudaram você a encontrar Deus e saber que Ele vive?
- O Presidente Hunter diz que “a tarefa não é fácil” e que “o fardo não é leve” no esforço de obter o conhecimento da realidade de Deus. Por que você acha que é preciso fazermos um esforço diligente para obter esse conhecimento? Por que a obediência aos mandamentos é importante nesse processo de conhecer a Deus?
- Na seção 3, o Presidente Hunter usa o contraste entre Tomé e o homem cego de nascença para nos ensinar que, se crermos, poderemos ver. De que maneira as ideias do Presidente Hunter sobre os dois relatos têm aplicação prática em sua vida? De que maneira o fato de exercer fé torna possível que vejamos?

- Leia novamente os ensinamentos do Presidente Hunter de que a ação com base na fé é a chave para a obtenção de um testemunho (ver seção 4). Quais são alguns modos pelos quais você pode agir com base na fé? De que maneira a fé pode vencer a dúvida? De que maneira a ação com base na fé ajudou seu testemunho a se fortalecer?

Escrituras Relacionadas

João 17:3; Hebreus 11:1–6; Alma 5:45–48; 30:40–41; 32:26–43; Éter 12:4, 6–22; Morôni 10:4–5; D&C 42:61

Auxílio Didático

“Faça perguntas que obriguem os alunos a encontrar respostas nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas modernos” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 62).

Notas

1. J M. Heslop, “He Found Pleasure in Work” [Ele Sentia Prazer em Trabalhar], *Church News*, 16 de novembro de 1974, pp. 4, 12.
2. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, 1994, pp. 70–71.
3. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 48.
4. Gordon B. Hinckley, “A Prophet Polished and Refined” [Um Profeta Educado e Refinado], *Ensign*, abril de 1995, p. 35.
5. “Faith as the Foundation of Accomplishment” [Fé Como Alicerce da Realização], *Instructor*, fevereiro de 1960, p. 43.
6. Conference Report, abril de 1960, pp. 124–125.
7. “Conhecer a Deus”, *A Liahona*, abril de 1975, p. 45.
8. Conference Report, abril de 1970, pp. 7–10.
9. “Conhecer a Deus”, p. 45.
10. Conference Report, outubro de 1962, pp. 22–24.
11. “Secretly a Disciple?” [Secretamente um Discípulo?], *Improvement Era*, dezembro de 1960, p. 948.
12. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 48.
13. Conference Report, abril de 1967, pp. 115–116.
14. “O Testemunho de um Apóstolo”, *A Liahona*, agosto de 1984, p. 22.



Ensinar o Evangelho

“O propósito de ensinar (...) [é] que sejamos instrumentos nas mãos do Senhor na mudança de coração das pessoas.”

Da Vida de Howard W. Hunter

Na conferência geral de abril de 1972, o Élder Howard W. Hunter, então membro do Quórum dos Doze Apóstolos, era um dos últimos oradores de uma das sessões. Seu discurso estava preparado, mas não houve tempo suficiente na sessão para que ele o proferisse. “Ao perceber que não teria tempo”, disse o Élder Hunter, “dobrei as anotações que trouxera e as guardei no bolso interno do paletó. Mas permita-me tomar um instante para mencionar um pequeno incidente que me impressionou muito quando eu era garoto. Isso me ocorreu quando disseram que aqui entre nós há um grande grupo de pessoas dedicadas que ensinam nossos jovens.

Era de manhã bem cedo, em um dia de verão. Eu estava parado perto da janela. As cortinas impediam que duas pequenas criaturas no gramado me vissem. Uma delas era uma ave adulta, e a outra, uma pequenina, obviamente recém-saída do ninho. Vi o pássaro maior saltar no gramado, ciscar o local com os pés e inclinar a cabeça. Retirou do gramado uma enorme minhoca e voltou saltando. O pequenino abriu bem o biquinho, mas o grande engoliu a minhoca.

Depois, a ave maior voou até uma árvore. Bicou a casca da árvore algumas vezes e voltou com um inseto de bom tamanho na boca. O pequenino abriu novamente o biquinho, mas o grande engoliu o inseto. Seguiram-se grasnidos de protesto.

O pássaro maior voou para longe, e não o vi mais; voltei a atenção para o pequeno. Depois de alguns instantes, a avezinha saltou no gramado, ciscou o local com os pés, inclinou a cabeça e retirou uma minhoca suculenta do gramado.



O ensino dos filhos na Igreja deve apoiar o ensino dos pais no lar.

Que Deus abençoe as pessoas bondosas que ensinam nossas crianças e nossos jovens!”

A breve mensagem do Élder Hunter foi mais tarde publicada sob o título “A Teacher” [Um Professor].¹

Howard W. Hunter sempre enfatizava a importância do bom ensino na Igreja. Ele apresentava os princípios — como a importância de ensinar pelo exemplo, ilustrada pela história das duas aves — que pudessem ajudar os professores a se tornarem mais eficazes ao abençoar a vida das pessoas a quem ensinavam. Falava sempre aos professores de crianças e de jovens, ajudando-os a entender sua responsabilidade sagrada pela nova geração. Em uma dessas ocasiões, ele disse:

“Vejo aqui, diante de mim, alguns dos espíritos preciosos desta Terra. (...) Tento visualizar cada um [de vocês, professores] em seu trabalho nas devidas designações. Pergunto-me que tipo de frutos seu empenho produzirá. Será que alguns desses frutos serão perdidos porque vocês falharam na preparação ou no cultivo do terreno que lhes foi confiado? Ou todo o terreno terá sido cultivado para dar o máximo de bons frutos?

Em suas respectivas alas e estacas, (...) habitam muitos dos filhos de nosso Pai. Como vocês, eles são preciosos aos Seus olhos, mas, diferente de vocês, muitos são inexperientes e muito novos no evangelho. Sua responsabilidade para com eles é verdadeiramente grande. A vida deles é influenciável, pode ser facilmente convencida, moldada, conduzida se vocês merecerem sua confiança e seu coração. Vocês são os ‘pastores’ deles. Devem levá-los para ‘verdes pastagens’. (...)

Esse é um desafio enorme, uma tarefa muito recompensadora, uma responsabilidade sagrada que têm nas mãos! (...) É imprescindível que vocês sejam engajados, cheios de bondade, ternura, pureza de coração, que sejam possuidores do amor altruísta semelhante ao do Senhor, que sejam humildes, fervorosos ao reassumir seu trabalho de apascentar as ovelhas assim como o Senhor lhes ordena que façam!”²

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Ajudar outros a ter confiança nas escrituras.

Recomendo enfaticamente que usem as escrituras em seu ensino e façam todo o possível para ajudar os alunos a usarem-nas e a se familiarizarem com elas. Gostaria que nossos jovens tivessem confiança nas escrituras e gostaria que vocês interpretassem essa frase de duas maneiras.

Primeiro, queremos que os alunos tenham confiança na força e nas verdades das escrituras, confiança em que seu Pai Celestial está realmente falando com eles por meio das escrituras e confiança em que podem consultar as escrituras e encontrar respostas para seus problemas e suas orações. Esse é o tipo de confiança que espero que vocês deem a seus alunos, e vocês podem dar-lhes isso se lhes mostrarem todos os dias, todas as horas, que vocês próprios confiam nas escrituras dessa forma. Mostrem-lhes que vocês próprios têm confiança em que as escrituras contêm as respostas para muitos, na verdade, para a maioria dos problemas da vida. Portanto, quando ensinarem, ensinem usando as escrituras.

[O segundo] significado implícito na expressão “confiança nas escrituras” é ensinar aos alunos as obras-padrão de modo tão minucioso que eles possam encontrar nelas confiança, aprendendo as escrituras essenciais, os sermões e textos nelas contidos. Esperamos que nenhum de seus alunos saia da sala de aula temeroso, envergonhado ou constrangido por não encontrar a ajuda de que precisa, por não conhecer as escrituras o suficiente para localizar as passagens certas. Proporcionem a esses jovens experiência suficiente no uso da Bíblia, do Livro de Mórmon, de Doutrina e Convênios e da Pérola de Grande Valor, para que eles tenham os dois tipos de confiança que mencionei.

Frequentemente penso que os jovens da Igreja serão muito semelhantes aos outros jovens fora da Igreja se não adquirirem algum domínio e aptidão no uso das obras-padrão. Todos vocês devem lembrar-se dos versículos que o Profeta Joseph escreveu quando estava preso na Cadeia de Liberty. Entre outras coisas, ele escreveu: “Pois ainda existe muita gente na Terra, em todas as seitas, partidos

e denominações, que é cegada pela astúcia sutil dos homens que ficam à espreita para enganar, e *que só está afastada da verdade por não saber onde encontrá-la*” (D&C 123:12; grifo do autor).

Temos uma grande responsabilidade, como educadores religiosos na Igreja, de cuidar para que nossos próprios membros, nossos próprios jovens, não se enquadrem nessa infeliz categoria de pessoas que foram cegadas, sendo rapazes e moças bons e dignos que estão impedidos de conhecer as verdades das escrituras por não saberem onde encontrar essas verdades e por não terem confiança em sua capacidade de usar as obras-padrão.³

Ensinar pelo Espírito.

Prepare-se e viva de modo a ter o Espírito do Senhor no seu ensino. Há tantas coisas no mundo que destroem o Espírito e tantas outras que nos impedem de ter o Espírito conosco! Precisamos fazer todo o possível por esses jovens que estão sendo atacados e cercados pelas coisas mundanas. Precisamos fazer todo o possível para que eles sintam a companhia agradável e tranquilizadora do Espírito do Senhor. (...)

Em uma das principais revelações desta dispensação, o Senhor disse: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14).

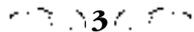
Considero que esse versículo significa não apenas que *não devemos* ensinar sem o Espírito, mas também que *não conseguiremos* ensinar sem Ele. O aprendizado das coisas espirituais simplesmente não pode acontecer sem a presença instrutora e confirmadora do Espírito do Senhor. Joseph Smith parece concordar com isso: “Todos devem pregar o evangelho pelo poder e influência do Espírito Santo; e ninguém pode pregar o evangelho sem o Espírito Santo” (*Ensinos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 349).

(...) Fico preocupado quando parece que as emoções fortes ou as lágrimas copiosas equivalem à presença do Espírito. Sem dúvida, o Espírito do Senhor pode produzir fortes sentimentos emocionais, inclusive lágrimas, mas a manifestação externa não deve ser confundida com a presença do Espírito propriamente dita.

Observei muitos de meus irmãos ao longo dos anos e compartilhamos algumas raras e indescritíveis experiências espirituais juntos. Todas essas experiências foram diferentes umas das outras, cada uma foi especial à sua própria maneira; e esses momentos sagrados podem ou não ser acompanhados de lágrimas. Muito frequentemente são, mas às vezes são acompanhados de total silêncio. Em outras ocasiões, são acompanhados de alegria. Sempre são acompanhados por uma grande manifestação da verdade, por uma revelação ao coração.

Deem a seus alunos a verdade do evangelho ensinada com vigor; essa é a maneira de proporcionar-lhes uma experiência espiritual. Deixem que isso aconteça naturalmente e como vier: talvez com lágrimas, talvez sem. Se o que vocês disserem for verdade, profetizado com pureza e sincera convicção, os alunos sentirão o espírito da verdade sendo ensinado a eles e reconhecerão que o coração deles recebeu inspiração e revelação. É assim que edificamos a fé. É assim que fortalecemos o testemunho: com o poder da palavra de Deus ensinada com pureza e convicção.

Deem ouvidos à verdade, sigam a doutrina e deixem que a manifestação do Espírito ocorra da maneira que for, em todas as suas muitas e variadas formas. Permaneçam firmemente alicerçados nos princípios; ensinem com um coração puro. Então, o Espírito penetrará sua mente e seu coração, e a mente e o coração de todos os seus alunos.⁴



Convidar os alunos a buscar Deus, o Pai, e Jesus Cristo diretamente.

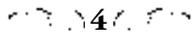
Tenho certeza de que reconhecem o perigo em potencial de exercerem tamanha influência e serem tão persuasivos a ponto de seus alunos desenvolverem uma lealdade a vocês, em vez de ao evangelho. (...) É por isso que vocês precisam incentivar seus alunos a lerem as escrituras propriamente ditas, e não só dar-lhes a sua interpretação e apresentação delas. É por isso que vocês precisam convidar seus alunos a sentir o Espírito do Senhor, e não só dar-lhes a sua impressão pessoal a respeito delas. É por isso, principalmente, que vocês precisam convidar seus alunos a chegar-se diretamente



“Procurem fazer o melhor que puderem para pensar [nos alunos] individualmente, para deixá-los sentir algo pessoal e especial em sua preocupação como professor deles.”

a Cristo, e não só ensinar-lhes Suas doutrinas, apesar da grande habilidade que possuem. Nem sempre vocês estarão presentes quando seus alunos precisarem. (...)

Nossa grande tarefa é dar um alicerce para esses alunos, de modo que *possam* prosseguir pela vida; indicar-lhes o caminho para Ele, que os ama e pode guiá-los onde nenhum de nós estará. Certifiquem-se de que a lealdade desses alunos seja para com as escrituras, o Senhor e as doutrinas da Igreja restaurada. Indiquem-lhes o caminho para Deus, o Pai, e Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, e para a liderança da Igreja verdadeira. (...) Deem-lhes dádivas que eles levarão consigo quando tiverem de ficar sozinhos. Se fizerem isso, toda a Igreja será abençoada pelas novas gerações.⁵



Esforcem-se para ajudar os alunos individualmente.

Sempre fico impressionado com o fato de que o Senhor lida conosco de maneira pessoal e individualizada. Fazemos muitas

coisas em grupo na Igreja e precisamos de organizações razoavelmente grandes para permitir que administremos bem a Igreja, mas muitas coisas importantes, as *mais* importantes, são realizadas individualmente. Abençoamos bebês um por vez, mesmo que sejam gêmeos ou trigêmeos. Batizamos e confirmamos as crianças, uma por vez. Tomamos o sacramento, somos ordenados ao sacerdócio, ou passamos pelas ordenanças do templo como indivíduos: como uma pessoa que desenvolve um relacionamento com o Pai Celestial. Pode haver outros perto de nós quando passamos por essas experiências, assim como existem outros em suas salas de aula, mas a ênfase dos céus está em cada indivíduo, em cada pessoa.

Quando Cristo apareceu aos nefitas, Ele disse:

“Levantai-vos e aproximai-vos de mim, para que possais meter as mãos no meu lado e também apalpar as marcas dos cravos em minhas mãos e em meus pés (...).

E aconteceu que a multidão se adiantou e meteu as mãos no seu lado e apalpou as marcas dos cravos em suas mãos e seus pés; e isto fizeram, adiantando-se *um por um*, até que todos *viram com os próprios olhos, apalparam com as mãos* e souberam com toda a certeza, testemunhando” (3 Néfi 11:14–15; grifo do autor).

Essa experiência levou algum tempo, mas foi importante que cada indivíduo tivesse a experiência, que cada par de olhos e cada par de mãos tivesse esse confirmador testemunho *pessoal*. Mais tarde, Cristo tratou as crianças nefitas exatamente da mesma forma. “E pegou as criancinhas, *uma a uma*, e abençoou-as e orou por elas ao Pai” (3 Néfi 17:21; grifo do autor).

Para vocês, será difícil dar toda a atenção pessoal que alguns de seus alunos desejam e precisam, mas procurem fazer o melhor que puderem para pensar neles individualmente, para deixá-los sentir algo pessoal e especial em sua preocupação como professor deles. Orem para saber quais alunos precisam de ajuda e que tipo de ajuda; e estejam atentos a esses sussurros quando vierem. (...) Lembrem-se de que o melhor ensino é feito individualmente e frequentemente acontece fora da sala de aula. (...)

Em seu empenho de ensinar cada aluno individualmente, vocês sem dúvida descobrirão que alguns não estão se saindo tão bem

quanto outros e que alguns nem sequer estão frequentando as aulas. Interesse-se pessoalmente por esses alunos; caminhe a segunda milha para convidar e ajudar a ovelha perdida a voltar ao redil. “Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus” (D&C 18:10). O Salvador pagou um preço incalculável por todos e cada um de nós, e temos o dever de fazer todo o possível para auxiliá-Lo nesse trabalho. Temos o dever de certificar-nos de que a dádiva da Expição seja levada a todo rapaz e toda moça pelos quais somos responsáveis. Em sua situação, isso significa mantê-los em plena atividade em suas classes.

Deem especial atenção aos que estão tendo dificuldades e saiam sempre que necessário à procura da ovelha perdida. Um cartão postal [uma mensagem], um telefonema ou, se possível, uma visita pessoal à casa deles em muitos casos têm um resultado maravilhoso. A atenção pessoal a um jovem que começou a se desviar pode economizar horas e horas, na verdade anos e anos, de esforço posterior em nosso empenho de resgatar aquela pessoa de volta à atividade. Façam tudo o que puderem para fortalecer os fortes e reconduzir os errantes dessa faixa etária.⁶



Ensinar pelo exemplo.

É extremamente necessário que nós [professores] sejamos um exemplo adequado, diligentes e vigilantes em nossa própria vida ao santificar sempre o Dia do Senhor, ao respeitar a liderança da ala, da estaca e da Igreja. Nada que seja inadequado brote de nossos lábios que dê a qualquer criança ou jovem o direito ou o privilégio de cometer erros. Certamente, se dissermos ou fizermos algo errado, estaremos permitindo que as crianças façam o mesmo.

O exemplo fala mais que mil palavras; sua influência é mais poderosa que o preceito. Quem quiser persuadir o outro a fazer o certo deve ele mesmo fazer o certo. É verdade que aquele que pratica bons preceitos porque são bons e não se deixa influenciar pela conduta iníqua de outros será mais abundantemente recompensado do que aquele que só fala, mas não faz. (...) É muito provável que as crianças e os jovens imitem as pessoas em quem eles confiam. Quanto maior for sua confiança, mais prontamente serão



O ensino eficaz do evangelho leva à “transformação da alma humana”.

influenciados para o bem ou para o mal. Todo bom membro da Igreja respeita a genuína bondade onde quer que a veja e tentará imitar todos os bons exemplos.⁷

A fórmula para um grande professor é não só viver os mandamentos do Senhor e advogar os mandamentos do Senhor, mas também obter o espírito de ensinar pela oração. Quando conseguimos obter esse espírito e observamos os mandamentos do Senhor, caminhando em obediência diante Dele, a vida daqueles a quem tocamos será modificada e eles se sentirão motivados a viver a vida em retidão.⁸

Cada professor deve ter um testemunho pessoal de que Deus vive, da missão divina de Jesus Cristo e da veracidade da aparição do Pai e do Filho a Joseph Smith. Não só ele precisa ter esse conhecimento e testemunho, mas deve também sentir-se ansioso por expressar convictamente suas crenças àqueles que vêm aprender.⁹



Seja um instrumento nas mãos do Senhor, ajudando um aluno a sentir uma miraculosa mudança de coração.

Quando um professor atua como o Senhor espera que o faça, um grande milagre ocorre. O milagre da Igreja, hoje, não envolve curar

toda espécie de enfermidades, fazer andar os coxos, dar vista aos cegos, fazer ouvir os surdos ou curar os enfermos. O grande milagre da Igreja e do reino de Deus em nossos dias é a transformação da alma humana. Em nossas visitas às estacas e missões da Igreja, isso é o que vemos: a transformação da alma humana porque alguém ensinou os princípios da verdade.

É como Alma proclamou em seus dias, ao ensinar o povo, quando disse: “E agora, eis que vos pergunto, meus irmãos [e irmãs] da Igreja: Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vosso semblante? Haveis experimentado esta poderosa mudança em vosso coração?” (Alma 5:14.) Esse é o propósito de ensinar. Essa é a razão pela qual trabalhamos tão arduamente, buscamos o Espírito e preparamos nossa mente com boas coisas, como o Senhor ordenou: para que sejamos instrumentos nas mãos do Senhor na mudança de coração das pessoas. Nosso alvo é plantar no coração dos filhos o desejo de ser bons, o desejo de ser justos, o desejo de guardar os mandamentos do Senhor, o desejo de andar em humildade diante Dele. Se pudermos ser instrumentos nas mãos do Senhor e levarmos a efeito essa poderosa mudança no coração das crianças e dos jovens, teremos realizado o grande milagre de um professor. E, de fato, é um milagre. Não podemos entender como o Senhor modifica o coração dos homens, mas Ele o faz. (...)

Presto-lhes meu testemunho do poder regenerador do Espírito na vida dos membros da Igreja. Rogo a vocês (...) que trabalhem incessantemente em retidão e santidade diante do Senhor na realização da tarefa que lhes foi designada.¹⁰

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

Observação: Você pode colocar em debate algumas das perguntas a seguir do ponto de vista de pais que ensinam os filhos.

- O Presidente Hunter incentiva os professores a ajudarem os alunos a ter “confiança nas escrituras” (seção 1). Em que circunstâncias as escrituras já ajudaram você em sua própria vida? Em que circunstâncias você já encontrou nas escrituras respostas para suas perguntas? De que maneira podemos ajudar outras pessoas,

inclusive as com quem você convive no lar, a aprender a amar as escrituras e beneficiar-se de seu poder?

- O que podemos aprender na seção 2 sobre ensinar pelo Espírito? Que experiências você já teve com ensinar e aprender pelo Espírito? Quais são algumas coisas que podem ajudar você a ensinar pelo Espírito?
- Como um professor pode ajudar os alunos a ser leais às escrituras e ao evangelho, em vez de a ele mesmo? (Ver seção 3.) Como um professor pode ajudar a direcionar os alunos para o Pai Celestial e Jesus Cristo? Como um professor pode ajudar os alunos a se firmarem no evangelho de modo a permanecerem fortes “quando tiverem de ficar sozinhos”?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter ensinou a respeito da importância de cada indivíduo (ver seção 4). De que maneira você pode ajudar seus alunos a terem um testemunho de que Deus conhece e ama cada um individualmente? Pense no que você, como professor, pode fazer para tocar seus alunos individualmente.
- O Presidente Hunter enfatiza a importância de ensinar pelo exemplo (ver seção 5). Por que nosso exemplo é mais poderoso do que nossas palavras? Como você foi influenciado por um professor que foi um bom exemplo? De que maneira o exemplo dos pais ensina os filhos?
- Em que circunstâncias você já sentiu o “grande milagre” descrito pelo Presidente Hunter na seção 6, seja como professor, seja como aluno? Pense em alguns professores que exerceram uma boa influência em sua vida. O que fez deles exemplos tão influentes? De que maneira podemos ensinar o evangelho com mais vigor em casa, na classe ou em outros ambientes?

Escrituras Relacionadas

João 21:15–17; I Coríntios 12:28; II Timóteo 3:14–17; 2 Néfi 33:1; Alma 17:2–3; 31:5; D&C 11:21–22; 50:17–22; 88:77–80

Auxílio Didático

Escreva, em pedaços separados de papel, as perguntas que se encontram no final do capítulo ou outras perguntas que se relacionem com o capítulo. Convide os alunos para escolher uma pergunta e localizar o capítulo que contém os ensinamentos que os ajudarão a respondê-la. Peça-lhes que compartilhem o que encontrarem.

Notas

1. “A Teacher” [Um Professor], *Ensign*, julho de 1972, p. 85.
2. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 210–211.
3. “Investimentos Eternos”, discurso proferido aos professores de religião do SEI em 10 de fevereiro de 1989, p. 2; si.LDS.org.
4. “Investimentos Eternos”, p. 2.
5. “Investimentos Eternos”, p. 2.
6. “Investimentos Eternos”, p. 2.
7. “Formula for a Great Teacher” [Fórmula para um Grande Professor], discurso proferido na conferência da Primária de abril de 1965, pp. 3–4, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
8. “Formula for a Great Teacher”, p. 1.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 188.
10. “Formula for a Great Teacher”, pp. 4–6.



O serviço que modifica vidas é prestado por muitos “que não estão no centro das atenções, que não recebem o reconhecimento do mundo”.



“Não Prestavam Menos Serviços”

“A maioria de nós será relativamente desconhecida, (...) fazendo seu trabalho sem grande alarde. Para aqueles, dentre vocês, que acham isso (...) pouco interessante ou monótono, digo que vocês ‘não prestam menos serviço’, [isto é, são tão prestativos quanto] o mais espetacular de seus colegas.”

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Howard W. Hunter era conhecido não só por ser um líder dedicado e profeta amado, mas também pela maneira silenciosa de servir. Ele sabia que o serviço por si só era importante mesmo que não recebesse reconhecimento algum por tê-lo feito. O Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze, disse, certa vez, sobre ele: “O Presidente Howard W. Hunter é um homem manso. (...) É o mesmo homem humilde que, quando acordei após um dia cansativo e poeirento em uma designação no Egito, junto com ele, estava silenciosamente engraxando meus sapatos, tarefa que ele pretendia terminar sem ser visto”.¹

O Presidente Thomas S. Monson conheceu a maneira humilde de servir do Presidente Hunter quando o Templo de Los Angeles Califórnia foi dedicado, em 1956, vários anos antes de qualquer um dos dois ter sido chamado apóstolo. Ele recordou:

“Meu (...) primeiro contato com o Presidente Hunter foi no período em que ele serviu como presidente da Estaca Pasadena Califórnia e era responsável pela coordenação dos preparativos locais da dedicação do Templo de Los Angeles (Califórnia). Tive o privilégio de imprimir os convites. Mas a tarefa dele era enorme. Vi somente a parte referente aos convites, que eram codificados por cores, rotulados de maneira complexa e numerados da forma mais ordenada que tinha visto. Ele

generosamente deu crédito a outras pessoas e assegurou-se de que seu nome não tivesse excessivo destaque muito embora tivesse sido a força motriz por trás daquele empreendimento monumental.²

O Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze, também observou: “Ele não tinha carência de elogios. Com toda a sua sabedoria, sentava-se entre seus irmãos e falava bem pouco. Era um homem em completa paz consigo mesmo”.³

O Presidente Hunter entendia que cada ato de serviço é importante aos olhos de Deus, não importando que seja sem alarde ou reconhecimento. Várias semanas antes do falecimento do Presidente Hunter, um amigo perguntou-lhe: “Caro Presidente, qual é o cargo ou chamado mais exaltado — o de um amigo sincero ou de um profeta de Deus?” Depois de ouvir a pergunta, “o Presidente ponderou silenciosamente pelo que pareceram alguns minutos; depois, apertando vagarosamente a mão do amigo e virando o rosto diretamente para ele, com uma lágrima cintilando sobre a pele fragilizada do rosto, respondeu: ‘são *ambos* chamados sagrados de confiança’”.⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Aqueles que servem em silêncio e imperceptivelmente “não são menos prestativos” do que os que recebem a aclamação geral.

Foi dito, a respeito do jovem e valoroso capitão-chefe Morôni: “Se todos os homens tivessem sido e fossem e pudessem sempre ser como Morôni, eis que os próprios poderes do inferno teriam sido abalados para sempre; sim, o diabo nunca teria poder sobre o coração dos filhos dos homens” (Alma 48:17).

Que elogio a esse homem famoso e poderoso! Não consigo imaginar tributo maior de um homem para outro. Dois versículos depois, há uma declaração sobre Helamã e seus irmãos, que desempenharam um papel menos evidente que Morôni: “Ora, eis que Helamã e seus irmãos não prestavam menos serviços ao povo do que Morôni” (Alma 48:19).

Em outras palavras, embora Helamã não estivesse em posição tão evidente nem de tanto destaque quanto Morôni, não prestou menos serviços ao povo, ou seja, ele foi tão útil quanto Morôni.

Obviamente, podemos nos beneficiar muito ao estudar a vida do capitão Morôni. Ele é um exemplo de fé, serviço, dedicação, compromisso e muitos outros atributos divinos. Porém, em vez de manter o foco nesse homem magnífico, decidi centrar minha atenção naqueles que não são vistos sob os holofotes, que não recebem a atenção do mundo, mas que “não prestam menos serviço”, como diz a citação da escritura.

Nem todos serão como Morôni, recebendo a aclamação de seus colegas o dia todo, todos os dias. A maioria de nós será relativamente desconhecida, prosseguirá fazendo seu trabalho sem grande alarde. Para aqueles, dentre vocês, que acham isso solitário, assustador, pouco interessante ou monótono, digo que vocês “não prestam menos serviços”, [isto é, são tão prestativos quanto] o mais espetacular de seus colegas. Vocês, também, fazem parte do exército de Deus.

Reflitam, por exemplo, sobre o serviço profundo que a mãe ou o pai santo dos últimos dias presta no silencioso anonimato de um lar digno. Pensem nos professores de Doutrinas do Evangelho, nas regentes e líderes de atividades da Primária e nas professoras visitantes da Sociedade de Socorro, que servem e abençoam milhões, cujos nomes, contudo, jamais serão publicamente aplaudidos ou apresentados nos meios de comunicação nacional.

Dezenas de milhares de pessoas invisíveis trabalham diariamente para tornar possíveis nossas oportunidades e nossa felicidade. Como atestam as escrituras, tais pessoas “não prestam menos serviços” do que outros cuja vida está na primeira página dos jornais.

É extremamente comum que a história destaque e a atenção pública se concentre em *indivíduos isolados* em vez de nos feitos realizados por *muitos*. Os indivíduos frequentemente recebem a atenção de seus pares e são percebidos como heróis. Reconheço que esse tipo de atenção é uma forma de identificar aquilo que o povo admira ou a que atribui algum valor. Às vezes, porém, esse reconhecimento não é merecido, ou pode ainda enaltecer valores errados.

Devemos escolher sabiamente nossos heróis e exemplos e, ao mesmo tempo, dar graças por essa legião de amigos e cidadãos que não são tão famosos, mas que “não prestam menos serviços” do que os Morônis de nossa vida.⁵

Nas escrituras há muitos que serviram à sombra de outros e que fizeram importantes contribuições.

Talvez vocês possam refletir comigo sobre algumas pessoas interessantes das escrituras que não estiveram sob os holofotes, mas que, ao longo da história, provaram ser verdadeiros heróis.

Muitos que leem o relato do grande Profeta Néfi deixam passar quase completamente despercebido outro valoroso filho de Leí, cujo nome era Sam. Néfi é um dos mais famosos personagens de todo o Livro de Mórmon. Mas, e Sam? O nome de Sam é mencionado apenas dez vezes. Quando Leí aconselhou e abençoou sua posteridade, disse a Sam:

“Bendito és tu e tua posteridade, pois herdarás a terra como teu irmão Néfi. E tua semente será contada com a semente dele; e tu serás como teu irmão e teus descendentes como os descendentes dele; e serás abençoado durante todos os teus dias” (2 Néfi 4:11).

O papel de Sam era basicamente o de apoiar e ajudar seu mais famoso irmão mais jovem, e ele, por fim, recebeu as mesmas bênçãos prometidas a Néfi e sua posteridade. Nada do que foi prometido a Néfi foi negado ao fiel Sam, embora saibamos bem poucos detalhes sobre o serviço e a contribuição de Sam. Em vida, foi uma pessoa quase desconhecida, mas obviamente foi um líder triunfante e vitorioso nos anais da eternidade.

Muitos fazem suas contribuições silenciosamente. Ismael viajou com a família de Néfi fazendo um grande sacrifício pessoal, sofrendo “muitas aflições, fome, sede e cansaço” (1 Néfi 16:35). E em meio a todas essas dificuldades, veio a perecer no deserto. Poucos de nós conseguem entender o sacrifício feito por um homem como esse em um tempo e em condições tão primitivas. Talvez, se fôssemos mais perceptivos e tivéssemos mais entendimento, também choraríamos como suas filhas no deserto, por tudo o que esse homem fez — e do que abriu mão! — para que pudéssemos ter hoje o Livro de Mórmon.

Os nomes e as lembranças de homens e mulheres que “não prestaram menos serviços” são inúmeros no Livro de Mórmon. Seja a matriarca Saria, seja Abis, serva da rainha lamanita, cada uma fez contribuições que não receberam reconhecimento aos olhos dos homens, mas não passaram despercebidas aos olhos de Deus.



Assim que Abis (à esquerda) toca a mão da rainha lamanita, a rainha levanta-se do chão (ver Alma 19:15–29).

Há somente 12 versículos nas escrituras sobre a vida de Mosias, rei da terra de Zaraenla e pai do famoso rei Benjamim. Apesar disso, seu serviço ao povo foi imprescindível. Ele guiou o povo “por muitas prédicas e profecias” e “[os admoestou continuamente] pela palavra de Deus” (Ômni 1:13). Lími, Amuleque e Paorã — o último dos quais teve a nobreza de alma de não revidar quando foi acusado injustamente — são outros exemplos de pessoas que serviram altruistamente enquanto outros eram aclamados.

O líder militar Teâncum, que sacrificou a própria vida, ou Laco-neu, chefe supremo que ensinou o povo a se arrepender durante o desafio dos ladrões de Gadiânton, ou os praticamente não mencionados missionários Ômner e Hímni, todos eles “não prestaram

menos serviços” do que seus companheiros embora não tenham recebido muita atenção no relato escriturístico.

Não sabemos muito a respeito de Siblon, o filho fiel de Alma, cuja história se comprime entre a de Helamã, o futuro líder, e a de Coriânton, o transgressor; o importante, porém, é que [Siblon] é descrito como um “homem justo [que] andava retamente perante Deus” (Alma 63:2). O grande Profeta Néfi, mencionado no livro de Helamã, teve um irmão chamado Leí que é mencionado só de passagem, mas dele se sabe que “não ficava nem um pouco atrás [de Néfi] nas coisas pertinentes à retidão” (Helamã 11:19; ver também o versículo 18).⁶



**Embora não sejamos muito conhecidos pelo público,
podemos prestar grandes serviços no reino.**

Naturalmente, há exemplos de pessoas assim prestativas em nossa dispensação também. Oliver Granger é um exemplo de pessoa mansa e confiável nos últimos dias, de quem o Senhor Se lembrou na seção 117 de Doutrina e Convênios. Talvez o nome de Oliver não seja familiar para muitos; por isso, tomo a liberdade de fazer uma breve apresentação desse valoroso santo.

Oliver Granger era 11 anos mais velho que Joseph Smith e, assim como o Profeta, era do Estado de Nova York. Devido à exposição ao frio intenso, aos 33 anos de idade, Oliver tinha perdido grande parte da visão. Apesar da visão limitada, serviu três vezes como missionário de tempo integral. Também trabalhou no Templo de Kirtland e serviu no sumo conselho de Kirtland.

Quando grande parte dos santos foi expulsa de Kirtland, Ohio, a Igreja deixou para trás algumas dívidas. Oliver foi indicado para, representando Joseph Smith e a Primeira Presidência, voltar a Kirtland e resolver as pendências da Igreja. Quanto a essa tarefa, Doutrina e Convênios registra: “Portanto, que [ele] pleiteie sinceramente a redenção da Primeira Presidência da minha Igreja, diz o Senhor” (D&C 117:13).

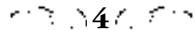
Ele cumpriu sua tarefa com tanta satisfação para os credores envolvidos, que um deles escreveu: “A administração de Oliver Granger quanto às dívidas das pessoas que se mudaram para Far West, no cumprimento de seus compromissos e na preservação da integridade deles, nesse processo, foi verdadeiramente notável

e tornou-o merecedor de minha mais elevada estima e gratíssima consideração” (Horace Kingsbury, como citado em Joseph Smith, *History of the Church*, vol. 3, p. 174).

Durante a permanência de Oliver em Kirtland, algumas pessoas, inclusive rancorosos ex-membros da Igreja, estavam empenhados em desacreditar a Primeira Presidência e questionar sua integridade, espalhando acusações falsas. Oliver Granger “redimi a Primeira Presidência” em cada pormenor, graças a seu serviço fiel. (...) O Senhor disse a respeito de Oliver Granger: “Seu nome será conservado em lembrança sagrada de geração em geração, para todo o sempre” (D&C 117:12). “Elevarei meu servo Oliver, e gerarei para ele um grande nome sobre a Terra e entre meu povo, devido à integridade de sua alma” (*History of the Church*, vol. 3, p. 350).

Quando morreu, em 1841, embora houvesse na área de Kirtland somente uns poucos santos remanescentes e também alguns menos amigos dos santos, um grande número de pessoas das cidades vizinhas compareceu ao funeral de Oliver Granger.

Embora o nome de Oliver Granger não seja hoje tão conhecido pelo público em geral quanto o de outros líderes do início da Igreja, ele foi, não obstante, um homem grandioso e importante no serviço que prestou ao reino. E ainda que ninguém, exceto o Senhor, se lembrasse de seu nome, isso teria sido uma bênção suficiente para ele — assim como para qualquer um de nós.⁷



Néfi é um exemplo por lembrar-se de Deus como a fonte de suas forças e bênçãos.

Creio que devemos estar cientes de que pode haver um dano espiritual para os que não entendem a singularidade de estar sempre em evidência. Eles podem visar somente à notoriedade e esquecer-se do significado do serviço prestado.

Não podemos nos deixar seduzir pela luz efêmera dos holofotes da popularidade, nem substituir, por esse brilho atraente, a substância do verdadeiro — embora sempre anônimo — trabalho que atrai a atenção de Deus mesmo sem a cobertura do jornal das oitavas. Na verdade, o aplauso e a atenção podem se tornar o calcanhar de Aquiles mesmo para o mais dotado entre nós.

Se por acaso, em algum momento da sua vida, você estiver sob os holofotes da popularidade, seria muito aconselhável seguir o exemplo daqueles nas escrituras que ficaram famosos. Néfi é um dos grandes exemplos. Depois de tudo o que realizou viajando pelo deserto com sua família, sua atitude ainda estava fixa nas coisas mais importantes. Ele disse:

“E quando desejo alegrar-me, meu coração geme por causa de meus pecados; não obstante, sei em quem confiei.

Meu Deus tem sido meu apoio; guiou-me através de minhas aflições no deserto e salvou-me das águas do grande abismo.

Encheu-me com seu amor até consumir-me a carne.

Confundi meus inimigos, fazendo-os tremer diante de mim” (2 Néfi 4:19–22).

A popularidade nunca cegou Néfi quanto à fonte de suas forças e bênçãos.⁸



Quando entendermos por que servimos, não nos preocuparemos com o local onde iremos servir.

Nos momentos de atenção e visibilidade, seria proveitoso que respondêssemos à pergunta: Por que servimos? Quando entendermos por que, não nos preocuparemos com o local onde iremos servir.

O Presidente J. Reuben Clark Jr. ensinou-nos esse princípio vital na própria vida. Na conferência geral de abril de 1951, o Presidente David O. McKay foi apoiado como Presidente da Igreja após o falecimento do Presidente George Albert Smith. Até então, o Presidente Clark tinha servido como Primeiro Conselheiro do Presidente Heber J. Grant e, depois, do Presidente George Albert Smith. O Presidente McKay tinha sido Segundo Conselheiro dos dois homens.

Durante a sessão final da conferência, quando os assuntos da Igreja eram tratados, o irmão Stephen L. Richards foi chamado para a Primeira Presidência e apoiado Primeiro Conselheiro. O Presidente J. Reuben Clark Jr. foi, então, apoiado Segundo Conselheiro. Depois do apoio aos líderes gerais da Igreja, o Presidente McKay explicou por que havia escolhido seus conselheiros nessa ordem. Ele disse:

“Senti que um princípio condutor nessa escolha seria seguir a ordem de antiguidade no Conselho [dos Doze]. Esses dois homens ocupavam cada um o seu lugar no corpo presidente da Igreja, e senti a inspiração de que seria aconselhável manter a mesma ordem de antiguidade no recém-formado quórum da Primeira Presidência” (Conference Report, 9 de abril de 1951, p. 151).

O Presidente Clark foi convidado a falar depois do Presidente McKay. Seu discurso nessa ocasião foi breve, mas ensinou uma lição memorável: “Na obra do Senhor não importa onde servimos, mas, sim, como servimos. Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias, as pessoas assumem a posição para a qual foram devidamente chamadas, algo que não se busca nem se recusa. Comprometo-me com o Presidente McKay e com o Presidente Richards de prestar um serviço dedicado e plenamente leal quanto às tarefas que me forem designadas, na completa medida de minhas forças e habilidades, e até onde elas me permitam realizá-las, por mais inapto que me sinta” (Ibid., p. 154).

A lição que o Presidente Clark ensinou encontra-se expressa de outra forma neste poema de Meade McGuire, que já foi declamado muitas vezes:

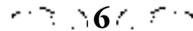
*“Pai, onde trabalharei hoje?”
 E o meu amor fluiu cálido e abundante.
 Ele, então, apontou para um lugar pequenino
 E disse: “Toma conta disso para mim”.
 Depressa respondi: “Oh, não. Isso não!
 Ora, ninguém vai ver,
 Não importa quão bem eu realize meu trabalho.
 Não me dê um lugar tão pequeno assim”.
 Disse-me ele, então, sem reprovação,
 Mas com toda ternura:
 “Ah, meu pequeno; perscruta o teu coração;
 Estás trabalhando para eles ou para mim?
 Nazaré era um lugar pequenino,
 E Galileia o era também”*

(ver *Best-Loved Poems of the LDS People* [Poemas Favoritos dos Santos dos Últimos Dias], comp. Jack M. Lyon e outros, 1996, p. 152).



Temos “mais alegria e sucesso na vida” quando nossos “interesses se combinam com a ajuda que prestamos aos outros e os conduzimos de volta ao caminho”.

O rei Benjamim declarou: “Eis que vos digo, ao afirmar-vos haver empregado meus dias a vosso serviço, que não é meu desejo vangloriar-me, porque só estive a serviço de Deus. E eis que vos digo estas coisas para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus” (Mosias 2:16–17).⁹



Devemos servir fiel e silenciosamente, mantendo a guarda alta contra os elogios que recebemos.

Temos “mais alegria e sucesso na vida” quando nossos “interesses se combinam com a ajuda que prestamos aos outros, conduzindo-os de volta ao caminho”.

A placa no cruzamento da estrada com os trilhos do trem, que nos diz para parar, olhar e escutar, pode ser um guia para nós. Parar com

a correria da vida. Olhar para todas as coisas amigáveis, atenciosas e corteses que podemos fazer e todas as pequenas necessidades humanas a que podemos atender. Ouvir as pessoas e descobrir quais são suas esperanças e seus problemas a fim de contribuir de alguma maneira para seu sucesso e sua felicidade.¹⁰

O Presidente Ezra Taft Benson disse: “O serviço cristão exalta. (...) O Senhor prometeu que aqueles que perdessem a vida no serviço ao próximo a achariam. O Profeta Joseph Smith nos disse que deveríamos ‘esgotar nossa vida’ para levar a efeito os propósitos do Senhor (D&C 123:13)” (*A Liahona*, janeiro de 1990, p. 3).

Se você acha que boa parte do que você faz não o está fazendo muito famoso, anime-se. A maioria das melhores pessoas que já viveram também não foi famosa. Sirva e cresça, fiel e silenciosamente. Mantenha alta a guarda contra o louvor do mundo. No Sermão da Montanha, Jesus disse:

“Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita;

Para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará publicamente” (Mateus 6:1–4).

Que nosso Pai Celestial assim os recompense sempre.¹¹

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- O que o Presidente Hunter está-nos ajudando a entender ao enfatizar que Helamã e seus irmãos “não prestavam menos serviços” do que o capitão Morôni? (Ver seção 1.) Como esse entendimento pode ajudar você?

- O que os exemplos encontrados na seção 2 podem ensinar-nos? Como esses exemplos influenciam nossos sentimentos quando servimos? De que maneira você já foi abençoado por pessoas que serviram de maneira mansa e invisível?
- O que podemos aprender com a história que o Presidente Hunter conta sobre Oliver Granger? (Ver seção 3.) Por que não devemos nos preocupar se vamos ou não receber reconhecimento pelo serviço que prestamos?
- De que maneira “os holofotes da popularidade” ou da fama são perigosos? (Ver seção 4.) O que o exemplo de Néfi nos ensina sobre precisarmos permanecer “fixos nas coisas mais importantes”?
- Leia novamente o relato do Presidente J. Reuben Clark Jr. na seção 5. O que mais o impressionou sobre a atitude e as palavras do Presidente Clark? Pense em uma resposta para a pergunta: “Por que eu sirvo?” Como podemos desenvolver a atitude de dar o máximo de nós onde quer que sirvamos?
- Na seção 6, o Presidente Hunter se refere à seguinte promessa do Senhor: “Quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á” (ver Mateus 10:39; 16:25). O que isso significa? De que maneira você já constatou a veracidade disso? De que maneira o serviço lhe trouxe felicidade?

Escrituras Relacionadas

Mateus 6:2–7, 24; 20:25–28; Tiago 1:27; D&C 76:5–7; 121:34–37

Auxílio de Estudo

“Repasse para as pessoas o que aprender. Ao fazer isso, você organizará melhor seus pensamentos e seu poder de memorização e retenção aumentará” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 2009, p. 17).

Notas

1. Neal A. Maxwell, “Meek and Lowly” [Manso e Humilde], devocional na Universidade Brigham Young, 21 de outubro de 1986, p. 8; speeches.byu.edu.
2. Thomas S. Monson, “President Howard W. Hunter: A Man for All Seasons” [Presidente Howard W. Hunter: Um Homem para Todas as Estações], *Ensign*, abril de 1995, p. 31.
3. James E. Faust, “Howard W. Hunter: Man of God” [Howard W. Hunter: Homem de Deus], *Ensign*, abril de 1995, p. 27.
4. Jon M. Huntsman Sr., “A Remarkable and Selfless Life” [Uma Vida Notável e Altruísta], *Ensign*, abril de 1995, p. 24.
5. “No Less Serviceable” [Não Prestavam Menos Serviços], *Ensign*, abril de 1992, pp. 64–65.
6. “No Less Serviceable”, pp. 64–65.
7. “No Less Serviceable”, pp. 64–65.
8. “No Less Serviceable”, pp. 64–65.
9. “No Less Serviceable”, pp. 64–65.
10. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, p. 267.
11. “No Less Serviceable”, pp. 64–65.



“Se quisermos seguir o exemplo de Cristo e seguir Seus passos, precisamos fazer as mesmas coisas segundo o padrão que Ele estabeleceu.”



Seguir o Exemplo de Jesus Cristo

*“Perguntemo-nos em cada oportunidade:
‘O que Jesus faria?’ e tenhamos mais coragem
para agir de acordo com a resposta.”*

Da Vida de Howard W. Hunter

O Presidente Thomas S. Monson, que era o Segundo Conselheiro do Presidente Hunter, disse que ele “vivia o que ensinava, segundo o padrão do Salvador, a quem servia”.¹

Um amigo dele muito próximo observou que “as características exemplificadas por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, foram lindamente demonstradas pela vida admirável e altruísta do Presidente Hunter. Tinha amor por toda a humanidade”.²

Outro colega que trabalhou muito perto do Presidente Hunter por mais de 30 anos disse: “[Ele] sabia instintivamente o curso que devia seguir. Esse curso era seguir o caráter de seu Salvador, Jesus Cristo”.³

Por todo o seu ministério, o Presidente Hunter incentivou amorosamente os membros da Igreja a imitarem o exemplo do Salvador. Em seu primeiro discurso como Presidente da Igreja, ele disse:

“Gostaria de convidar todos os membros da Igreja a seguirem com mais atenção o exemplo da vida de Jesus Cristo, especialmente no que tange ao amor, à esperança e à compaixão que Ele demonstrou.

Oro para que nos tratemos uns aos outros com mais bondade, paciência, cortesia e perdão. Temos grandes expectativas com relação uns aos outros e todos podemos melhorar. Nosso mundo pede que vivamos mais disciplinadamente os mandamentos de Deus. Mas a maneira de fazer isso, como o Senhor disse ao Profeta Joseph nas frias profundezas da Cadeia de Liberty, é ‘com persuasão, com

longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido (...) sem hipocrisia e sem dolo' (D&C 121:41-42)".⁴

Ensinamentos de Howard W. Hunter

Jesus Cristo é o exemplo perfeito para nós.

Ser uma luz é ser exemplar — alguém que dá o exemplo e é o modelo que outros devem seguir. (...) [Fizemos o convênio] de seguir a Cristo, o grande exemplo. Temos a responsabilidade de aprender com Ele as coisas que Ele ensinou e as coisas que Ele fez durante Seu ministério terreno. Depois de aprender essas lições, estamos sob o mandamento de seguir Seu exemplo, e estes são alguns dos exemplos que Ele deixou para nós:

1. Cristo foi obediente e valoroso na vida pré-mortal, ganhando, assim, o privilégio de vir à mortalidade e receber um corpo de carne e ossos.

2. Foi batizado a fim de que os portões do Reino Celestial pudessem se abrir.

3. Portou o sacerdócio e recebeu todas as ordenanças de salvação e exaltação proporcionadas pelo evangelho.

4. Jesus serviu por aproximadamente três anos, em um ministério de ensino do evangelho, prestando testemunho da verdade e ensinando aos homens o que deveriam fazer para ter alegria e felicidade nesta vida e glória eterna no mundo vindouro.

5. Realizou ordenanças que incluíram bênção de crianças, batismos, ministração aos enfermos e ordenações ao sacerdócio.

6. Realizou milagres. A seu comando, a visão voltou ao cego; a audição, ao surdo; a capacidade de andar e saltar, ao coxo; e a vida, a quem estava morto.

7. Em conformidade com a mente e a vontade do Pai, Jesus viveu uma vida perfeita, sem pecado algum e possuía todos os atributos divinos.

8. Venceu o mundo, isto é, refreou todas as paixões e manteve-Se acima do plano carnal e sensual, de maneira que viveu e andou sob a orientação do Espírito.

9. Levou a efeito a Expição, resgatando dessa forma os homens da morte [física e espiritual] causada pela Queda de Adão.

10. Hoje, ressuscitado e glorificado, recebeu todo o poder nos céus e na Terra, e recebeu a plenitude do Pai, sendo um com Ele.

Se quisermos seguir o exemplo de Cristo e seguir Seus passos, precisamos fazer as mesmas coisas segundo o padrão que Ele estabeleceu.⁵

É importante lembrar que Jesus era capaz de pecar, que ele poderia ter sucumbido, que o plano de vida e salvação poderia ter sido frustrado, mas Ele permaneceu fiel. Se não tivesse havido nenhuma possibilidade de Jesus ceder às tentações de Satanás, não teria havido um teste verdadeiro, não teria havido uma vitória genuína no final. Se Ele tivesse sido despojado da faculdade de pecar, teria sido despojado do Seu próprio arbítrio. Era Ele quem tinha vindo para salvaguardar e assegurar o arbítrio do homem. Era Ele quem tinha de reter a capacidade e habilidade de pecar se quisesse.⁶

Até o derradeiro instante de Sua vida mortal, Jesus demonstrou a grandeza de Seu espírito e a magnitude de Sua força. Não Se deixou, mesmo nessa hora tardia, envolver egoisticamente pela própria tristeza ou pela contemplação da dor iminente. Cuidou com ansiedade das necessidades presentes e futuras de Seus amados seguidores. Ele sabia que a segurança deles, tanto individual quanto da Igreja como um todo, repousava somente em sua capacidade incondicional de se amarem uns aos outros. Sua inteira energia parece ter sido devotada às necessidades deles, mostrando, assim, pelo exemplo, o que ensinava por preceito. Deu-lhes palavras de consolo, mandamento e advertência.⁷

Durante Seu ministério mortal ao rebanho da Terra Santa e, após a morte, em Seu ministério no Hemisfério Ocidental às ovelhas dispersas, o Senhor demonstrou amor e preocupação com o indivíduo.

Certa vez, no meio de uma grande multidão, Ele percebeu o toque único de uma mulher que procurava alívio para uma enfermidade que a atormentava havia 12 anos (ver Lucas 8:43–48). Em outra ocasião, Ele enxergou além do preconceito de uma multidão acusadora e do pecado daquela que era acusada. Talvez percebendo o desejo dela de arrepender-se, Cristo preferiu ver o valor do

indivíduo e mandou-a embora, dizendo-lhe que não mais pecasse (ver João 8:1–11). Outra vez, “pegou as criancinhas, *uma a uma*, e abençoou-as e orou por elas ao Pai” (3 Néfi 17:21; grifo do autor).

Com a rápida aproximação dos sofrimentos do Getsêmani e do Calvário, com muitas coisas pesando-Lhe na mente, o Salvador ainda teve tempo para notar uma viúva dando sua oferta (ver Marcos 12:41–44). Da mesma forma, Seu olhar deteve-se em Zaqueu, homem de baixa estatura que, impossibilitado de ver, devido ao tamanho daqueles que cercavam o Salvador, subiu em uma árvore para poder enxergar o Filho de Deus (ver Lucas 19:1–5). E, enquanto agonizava na cruz, o Salvador esqueceu-Se dos próprios ferimentos e voltou-Se cheio de cuidado e carinho para a mulher que lhe dera a vida e que chorava (ver João 19:25–27).

Que exemplo maravilhoso para nós! Mesmo em meio a enorme sofrimento e dor pessoal, nosso grande Exemplo voltava-Se para os outros a fim de abençoá-los. (...) Sua vida não se centralizou nas coisas que não possuía; foi uma vida de serviço e preocupação com as pessoas.⁸



Que sigamos o Filho de Deus de todas as formas e em todos os caminhos da vida.

Uma das perguntas mais importantes já elaboradas para os homens mortais foi feita pelo próprio Filho de Deus, o Salvador do mundo. A um grupo de discípulos no Novo Mundo, que ansiava ser ensinado por Ele e que estava mais ansioso porque Ele partiria em breve, Jesus perguntou: “Que tipo de homens deveréis ser?” E no mesmo fôlego, Ele deu a resposta: “Como eu sou” (3 Néfi 27:27).

O mundo está cheio de pessoas dispostas a dizer-nos: “Faça o que eu digo”. Certamente não faltam pessoas que gostam de dar conselhos a respeito de todo tipo de assunto. Mas há bem poucos preparados para dizer: “Faça o que eu faço”. E, naturalmente, apenas Um na história da humanidade pode legítima e adequadamente fazer essa declaração. A história nos dá muitos exemplos de bons homens e boas mulheres, porém mesmo o melhor dos mortais é imperfeito de alguma forma. Nenhum deles é um modelo perfeito ou um padrão infalível a ser seguido apesar da boa intenção que possa ter.

Somente Cristo pode ser nosso ideal, nossa “resplandecente estrela da manhã” (Apocalipse 22:16). Somente Ele pode dizer sem *qualquer* restrição: “Segui-me, aprendei de mim, fazei as coisas que me vistes fazer. Bebei da minha água e comei do meu pão. Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Eis que eu sou a lei e a luz. Olhai para mim e vivei. Amai-vos uns aos outros como eu vos amo” (ver Mateus 11:29; 16:24; João 4:13–14; 6:35, 51; 7:37; 13:34; 14:6; 3 Néfi 15:9; 27:21).

Oh, que chamado claro e ressoante! Que segurança e que exemplo, em uma época de insegurança e falta de exemplos. (...)

Ó quanto deveríamos ser gratos por Deus ter enviado o Filho Unigênito à Terra (...) para estabelecer o exemplo perfeito de um viver correto, de bondade, misericórdia e compaixão, para que toda a humanidade pudesse saber como viver, saber como melhorar e como tornar-se mais semelhante a Deus.

Que sigamos o Filho de Deus de todas as formas e em todos os caminhos da vida. Façamos Dele nosso padrão e nosso guia. Perguntemo-nos em cada oportunidade: “O que Jesus faria?” e tenhamos mais coragem para agir de acordo com a resposta. Devemos seguir a Cristo, no melhor sentido da palavra. Devemos cuidar da Sua obra da mesma forma que Ele cuidou dos negócios do Pai. Devemos ser iguais a Jesus, como cantam as crianças da Primária em “Jesus Criança Já Foi Também” (*Músicas para Crianças*, p. 34). Até onde nossos poderes mortais permitirem, devemos esforçar-nos por nos tornar como Cristo — o único exemplo perfeito e sem pecado que este mundo já viu.⁹

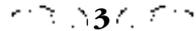
Por diversas vezes, durante o ministério mortal de nosso Senhor, Ele fez um chamado que era ao mesmo tempo um convite e um desafio. A Pedro e seu irmão, André, Cristo disse: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:19). Ao jovem rico que perguntou o que deveria fazer para ter vida eterna, Jesus respondeu: “Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres (...) e vem, e segue-me” (Mateus 19:21). E, a cada um de nós, diz: “Se alguém me serve, siga-me” (João 12:26).¹⁰

Que estudemos todos os ensinamentos do Salvador e sigamos mais plenamente o Seu exemplo. Ele nos deu “tudo o que diz

respeito à vida e piedade”. Ele nos “chamou pela sua glória e virtude” e “nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas [fiquemos] participantes da natureza divina” (II Pedro 1:3–4).¹¹

Aqueles que seguem a Cristo procuram seguir Seu exemplo. O sofrimento Dele por nossos pecados, defeitos, nossas tristezas e doenças deve motivar-nos similarmente a estender nossa caridade e compaixão àqueles que nos rodeiam. (...)

Continuem a procurar oportunidades de servir. Não se preocupem demasiadamente com a própria condição social. Lembrem-se do conselho do Salvador quanto às pessoas que buscam “os primeiros lugares nas ceias” ou as “primeiras cadeiras nas sinagogas”? “O maior dentre vós será vosso servo” (Mateus 23:6, 11). É importante sermos apreciados, mas devemos concentrar-nos na retidão, não no reconhecimento; no serviço, não na posição social. A professora visitante fiel, que faz silenciosamente seu trabalho mês após mês, é tão importante para a obra do Senhor quanto aqueles que ocupam o que alguns veem como posições mais proeminentes na Igreja. A popularidade não se compara ao valor real.¹²



Nossa salvação depende do nosso compromisso de seguir o Salvador.

O convite do Senhor para segui-Lo é individual e pessoal, e é premente. Não podemos permanecer eternamente entre duas opiniões. Cada um de nós deve enfrentar a pergunta decisiva: “Quem dizeis que eu sou?” (Mateus 16:15.) Nossa salvação pessoal depende de nossa resposta a essa pergunta e de nosso compromisso com a resposta. A resposta revelada a Pedro foi: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Inúmeras outras testemunhas podem dar uma resposta idêntica com o mesmo poder, e junto-me a elas em humilde gratidão. Mas cada um de nós deve responder a essa pergunta por si mesmo — se não agora, então mais tarde; porque, no último dia, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Cristo. Nosso desafio é responder corretamente e viver de acordo com a resposta antes que seja definitivamente tarde demais. Uma vez que Jesus é realmente o Cristo, o que devemos fazer?



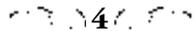
Uma das maneiras pelas quais podemos padronizar nossa vida pelo exemplo do Salvador é seguir Seu mandamento a Pedro: “Apascenta os meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas ovelhas” (João 21:15–17).

Seu supremo sacrifício só pode encontrar total frutificação em nossa vida se aceitarmos o convite de segui-Lo (ver D&C 100:2). Esse chamado não é irrelevante, irreal nem impossível. Seguir um indivíduo significa observá-lo ou escutar atentamente o que ele diz, aceitar sua autoridade, considerá-lo um líder e obedecer a ele, apoiá-lo, defender suas ideias e tomá-lo como modelo. Cada um de nós pode aceitar esse desafio. Pedro disse: “Também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas” (I Pedro 2:21). Assim como são falsos os ensinamentos que não estão de acordo com a doutrina de Cristo, a vida que não se harmoniza com Seu exemplo é mal orientada e pode não atingir o elevado potencial de seu destino. (...)

A retidão deve começar em nossa própria vida, individualmente. Deve ser incorporada à vida familiar. Os pais têm a responsabilidade de seguir os princípios do evangelho de Jesus Cristo e ensiná-los aos filhos (ver D&C 68:25–28). A religião deve fazer parte de nossa vida. O evangelho de Jesus Cristo deve tornar-se a influência motivadora

de tudo o que fazemos. Deve haver mais esforço interior para seguir o grande exemplo estabelecido pelo Salvador se quisermos tornarmos-nos mais semelhantes a Ele. Isso se torna o nosso grande desafio.¹³

Se pautarmos nossa vida pela do Mestre e adotarmos Seus ensinamentos e Seu exemplo como nosso padrão supremo, não encontraremos dificuldade para ser consistentes em todas as ocupações, pois estaremos comprometidos com um único e sagrado padrão de conduta e de crença. Quer em casa ou no supermercado, quer sejamos estudantes ou profissionais, quer estejamos totalmente sozinhos, quer em meio a uma multidão, nossa conduta será clara e nossos padrões serão óbvios. Teremos decidido, como diz o Profeta Alma: “Servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares [em que nos encontrarmos], mesmo até a morte” (Mosias 18:9).¹⁴



Devemos ter um lugar para Cristo.

Naquela noite, em Belém, não havia lugar para Ele na estalagem, mas essa não foi a única ocasião, nos 33 anos de Sua jornada na mortalidade, em que não houve lugar para Ele. Herodes enviou soldados a Belém para matar os bebês. Não havia lugar para Jesus nos domínios de Herodes e, assim, seus pais O levaram para o Egito. Em Seu ministério, muitos não tinham lugar em si para Seus ensinamentos, para o evangelho que Ele ensinava. Não havia lugar para Seus milagres, Suas bênçãos; não havia lugar para as verdades divinas que pregava, para Seu amor e Sua fé. Ele lhes disse: “As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8:20).

Até em nossa época, embora 2 mil anos tenham-se passado, muitos dizem a mesma coisa que se ouviu naquela noite em Belém. “Não há lugar, não há lugar” (ver Lucas 2:7). Abrimos espaço para os presentes, mas às vezes não abrimos espaço para quem nos presenteia. Temos espaço para o comércio do Natal e até para atividades prazerosas no Dia do Senhor, mas há ocasiões em que não há espaço para a adoração. Nosso pensamento se enche de outras coisas — e não há mais lugar.¹⁵

Embora as luzes de Natal sejam um bonito espetáculo de se ver (...), é mais importante ver as vidas humanas iluminadas pela aceitação Daquele que é a luz do mundo (ver Alma 38:9; D&C 10:70). Em verdade, devíamos tê-Lo como nosso guia e exemplo.

Na noite em que Ele nasceu, os anjos cantaram: “Paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lucas 2:14). Se os homens seguissem Seu exemplo, haveria amor no mundo e paz entre todos os homens.¹⁶

Qual é a nossa responsabilidade atualmente como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias? É fazer com que nossa vida individual reflita em palavras e atos o evangelho como foi ensinado por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Tudo o que dissermos e fizermos deve seguir o exemplo da única pessoa sem pecado que já andou sobre a Terra, sim, o Senhor Jesus Cristo.¹⁷

Sugestões para Estudo e Ensino

Perguntas

- Leia novamente as várias maneiras como o Salvador deu Seu exemplo para nós, descritas na seção 1. Como o exemplo do Salvador influenciou você? O que podemos aprender com Seu exemplo durante a última parte de Sua vida mortal?
- O Presidente Hunter nos aconselha a “perguntar a nós mesmos: ‘O que Jesus faria?’ e depois ter mais coragem de agir de acordo com a resposta” (seção 2). Pense em como você pode ser mais corajoso para seguir o exemplo do Salvador. Como podemos ensinar esse princípio em nossa família?
- O que os ensinamentos da seção 3 nos ajudam a entender a respeito de seguir Jesus Cristo? De que maneira sua vida seria diferente se você não tivesse recebido a influência dos ensinamentos e do exemplo do Salvador? Como podemos tornar nossa religião mais presente em nossa vida?
- Reflita sobre o que o Presidente Hunter diz a respeito de não haver “lugar” para o Salvador (seção 4). Como podemos abrir mais espaço para o Salvador em nossa vida? De que maneira você já foi abençoado por abrir mais espaço para Ele em sua vida?

Escrituras Relacionadas

Mateus 16:24–27; João 10:27–28; 14:12–15; I Pedro 2:21–25; 2 Néfi 31:12–13; 3 Néfi 12:48; 18:16; 27:20–22; D&C 19:23–24

Auxílio Didático

Providencie hinários para todos os alunos. Convide-os a encontrar e compartilhar um hino que se relacione a passagens específicas que eles leram no capítulo.

Notas

1. Thomas S. Monson, “President Howard W. Hunter: A Man for All Seasons” [Presidente Howard W. Hunter: Um Homem para Todas as Estações], *Ensign*, abril de 1995, p. 33.
2. Jon M. Huntsman Sr., “A Remarkable and Selfless Life” [Uma Vida Notável e Altruísta], *Ensign*, abril de 1995, p. 24.
3. Francis M. Gibbons, *Howard W. Hunter: Man of Thought and Independence, Prophet of God* [Howard W. Hunter: Homem de Ideias e Independência, Profeta de Deus], 2011, p. 152.
4. Jay M. Todd, “President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church” [Presidente Howard W. Hunter: Décimo Quarto Presidente da Igreja], *Ensign*, julho de 1994, pp. 4–5.
5. *The Teachings of Howard W. Hunter*, comp. Clyde J. Williams, 1997, pp. 40–41.
6. “As Tentações de Cristo”, *A Liahona*, fevereiro de 1977, p. 15.
7. “Suas Horas Finais”, *A Liahona*, dezembro de 1974, p. 28.
8. “A Igreja É para Todos”, *A Liahona*, agosto de 1990, p. 40.
9. “Que Classe de Homens Devereis Ser?”, *A Liahona*, julho de 1994, p. 71; ver também “Ele Nos Convida a Segui-Lo”, *A Liahona*, outubro de 1994, p. 3; “Segui o Filho de Deus”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 97.
10. “O Testemunho de um Apóstolo”, *A Liahona*, agosto de 1984, p. 22.
11. “Grandíssimas e Preciosas Promessas”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 8.
12. “Às Mulheres da Igreja”, *A Liahona*, janeiro de 1993, p. 102.
13. “Ele Nos Convida a Segui-Lo”, p. 3; ver também “O Testemunho de um Apóstolo”, p. 22; Conference Report, outubro de 1961, p. 109.
14. “Testemunhas de Deus”, *A Liahona*, julho de 1990, p. 66.
15. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 41–42.
16. *The Teachings of Howard W. Hunter*, pp. 44–45.
17. *The Teachings of Howard W. Hunter*, p. 45.



Lista de Auxílios Visuais

- Página 21: Fotografia do Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young, em Jerusalém © Deseret News.
- Página 38: *A Ovelha Perdida*, de Del Parson
- Página 41: Detalhe de *Jesus Prega às Pessoas Junto ao Mar*, de James Tissot
- Página 44: *Do Temor à Fé*, de Howard Lyon
- Página 50: *Contra o Vento*, de Liz Lemon Swindle
- Página 55: *Porque Muito Amou*, de Jeff Hein
- Página 62: *Cristo Cura um Homem Enfermo em Betesda*, de Carl Heinrich Bloch, cortesia do Museu de Arte da Universidade Brigham Young
- Página 66: *Joseph Smith na Cadeia de Liberty*, de Greg K. Olsen
- Página 76: Detalhe de *Uma Dádiva Digna de Maior Cuidado*, de Walter Rane
- Página 88: *Joseph Smith Jr.*, de Alvin Gittins
- Página 94: *Revelação Dada a Joseph Smith na Organização da Igreja*, de Judith A. Mehr
- Página 106: *Não Me Detenhas*, de Minerva K. Teichert
- Página 160: *Joseph Smith Dá Sua Bengala a Joseph Knight Sênior*, de Paul Mann
- Página 168: Detalhe de *Resgate da Ovelha Perdida*, de Minerva K. Teichert
- Página 198: Detalhe de *Em Memória de Mim*, de Walter Rane, © IRI
- Página 202: *Recordá-Lo Sempre*, de Robert T. Barrett
- Página 223: Fotografia Busath
- Página 234: *Moisés, o Legislador*, de Ted Henninger
- Página 239: *Jó*, de Gary L. Kapp
- Página 250: *Abraão Leva Isaque para Ser Sacrificado*, de Del Parson, © IRI
- Página 256: *Mulher Toca a Orla da Roupa do Salvador*, de Judith A. Mehr
- Página 270: *Cristo Cura os Enfermos*, de Jeff Hein
- Página 277: *A Cura do Homem Cego*, de Carl Heinrich Bloch, cortesia do Museu Histórico Nacional do Castelo de Frederiksborg em Hillerød, Dinamarca. Reprodução proibida.
- Página 299: *Oh, Abençoado Jesus*, de Walter Rane
- Página 308: *Palavras Que Não Podem Ser Escritas*, de Gary L. Kapp
- Página 315: *Apascenta as Minhas Ovelhas*, de Kamille Corry



Índice

A

Adversidade

- A Expição nos ajuda diante da, 44–47, 51–59, 66–68, 104
- é uma parte necessária da mortalidade, 44–45, 56
- faz parte do plano de Deus para nosso progresso, 63–66
- para nosso crescimento e nossa experiência, 65–66
- perseverar durante a, traz verdadeira grandeza, 162–163
- pode refinar-nos e tornar-nos humildes, 29, 66–64, 65, 81–82
- ser otimista durante a, 67
- vivienciada por Howard W. Hunter, 29, 34–35, 101
- vivienciada por Joseph Smith, 65–66
- voltar-se para o Salvador durante a, 29, 44–47, 54–59, 67–68

Amor

- é a pedra de toque do discípulo, 258–259, 262–263
- é um caminho melhor, 265–267
- na família, 224–232
- no casamento, 210, 213–217
- pelos que enfrentam momentos de aflição, 261–263
- pelos que são difíceis de amar, 260–261
- por todas as pessoas, 52–54, 124–125, 256–268
- Ver também* Caridade

B

Batismo

- a forma correta do, 210
- convênio do, 129, 169, 172–173
- de Howard W. Hunter, 4–5, 197
- de Jesus, 310
- do pai de Howard W. Hunter, 6–7, 175

Batismo pelos mortos, 184, 190–191

BYU Jerusalém. *Ver* Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young, em Jerusalém

C

Caridade

- abrange todas as outras virtudes divinas, 264–265
- andar no caminho da, mais resolutamente, 263–264
- de Howard W. Hunter, 257–258
- no casamento, 214–215
- nunca falha, 264–265
- o mundo se beneficiaria grandemente com a, 265
- traz-nos paz, 53–54
- Ver também* Amor

Casamento

- altruísmo no, 217
- caridade no, 214–215
- conselho aos que querem se casar, 210, 211
- de Howard W. Hunter com Claire Jeffs, 8–9, 25–27, 155, 156, 207, 209, 221, 222
- de Howard W. Hunter com Inis Stanton, 28–29, 209

é algo que se aprende, 213–214
 é ordenado por Deus e deve ser eterno, 209–211
 é uma parceria com Deus, 210
 felicidade no, 213–214, 214–217
 fidelidade no, 215–216
 fortalecer os laços do, 214–217
 intimidade no, 216
 nenhuma bênção é negada às pessoas dignas que não são casadas, 211–214
 no templo, 184, 191–192, 210
 o amor no, 210, 213–217
 requer os melhores esforços para viver o evangelho, 213–214
 união no, 214–215
 Castidade, 181
 Centro Cultural Polinésio, 20
 Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young, em Jerusalém, 22–24, 49, 124
 Compromisso [Comprometimento] de Abraão, 249–251
 de Josué, 248–249
 demonstrar, não importa o que os outros façam, 248–249
 de Sadraque, Mesaque e Abednego, 246–247
 é mais que uma simples contribuição, 248–249
 os membros vivos esforçam-se para ter total, 253–254
 Cristo. *Ver* Jesus Cristo

D

Deus, o Pai. *Ver* Pai Celestial
 Dízimo
 a definição do, pelo Senhor, 135
 a lei do, é simples, 135
 a lei do, existe desde o início, 135–137

bênçãos por pagar o, 139–140
 Howard W. Hunter torna-se dizimista integral, 133
 o, é tanto uma doação como uma obrigação, 137–138
 o pagamento do, é um privilégio, não um fardo, 137–138
 o uso do, 137–138

E

Ensino
 a importância do bom, na Igreja, 281–293
 com o Espírito, 285–286
 pelo exemplo, 281, 283, 289–290
 Ensino familiar, 6–7, 167–169, 189, 223
 Escrituras
 ajudar outros a desenvolver confiança nas, 284–285
 ensinar com base nas, 286–287
 exemplo de estudo em profundidade, 149–151
 o entendimento das, exige estudo contínuo e fervoroso, 147–149
 o estudo das, ajuda-nos a aprender a vontade de Deus e obedecer a ela, 145–146
 o estudo das, ajuda-nos a ser ensinados do alto, 77–80
 o estudo das, aproxima-nos de Cristo, 151–152
 o estudo das, em família, 144–145, 146, 147, 148
 o estudo das, é o mais proveitoso de todos os estudos, 144–145
 Espírito Santo
 acelera a visão espiritual dos videntes, 94–95
 dá-nos conhecimento espiritual, 80–81, 84, 147
 ensinar com o, 285–286

- é preciso ter honestidade para merecer a companhia do, 240–241
- Evangelho**
 ensinar o, 226–227, 281–293
 é o plano divino para o crescimento espiritual, 84
 é o único caminho pelo qual o mundo terá paz, 52–56, 127, 263
 é uma mensagem do amor divino por todas as pessoas, 125
 é um plano de ação, 278
 falar do, para o mundo todo, 122–132
 o mundo precisa do, 53–54, 127, 263
 restaurado em sua plenitude, 90, 92, 117, 190
 vencer os obstáculos para compartilhar o, 129–131
 viver o, torna o casamento feliz, 213–214
- Exemplo**
 dos pais, 224
 ensinar pelo, 281, 283, 289–290
- Expição.** *Ver* Jesus Cristo, Expição de
- F**
-
- Família**
 conselho de, 227
 é abençoada pelo trabalho no templo, 182–185
 é a mais importante unidade na Igreja e na sociedade, 222–223
 estudo das escrituras em, 144–145, 146, 147, 148
 oração em, 227
 os pais devem proteger e amar os filhos, 224–226
 os pais são parceiros ao liderar a, 224–226
- transcende qualquer outro interesse na vida, 222
- Fé**
 agir pela, conduz ao testemunho, 277–279
 dá-nos confiança nas coisas que não vemos, 274–276
 no Salvador é a maior necessidade no mundo, 43–44
 no Salvador em tempos de adversidade, 44–47, 54–59, 67–68
 permite que encontremos a Deus e saibamos que Ele vive, 271–274
 que o homem cego de nascença demonstrou, 275–276
- Felicidade**
 comparações inadequadas podem destruir a, 156–158
 em tempos de dificuldade, 67
 no casamento, 213–214, 214–215
 resulta da honestidade, 235, 241
 resulta de guardar os mandamentos, 69
 resulta de servir aos outros, 304–305
 resulta do esforço para conhecer e seguir Jesus Cristo, 39
- Filhos**
 ensinar o evangelho aos, 283
 ensinar os, pelo exemplo, 281, 283, 289–290
 ensinar os, sobre o templo, 184–185
 que se desviam, 228–230
 responsabilidades dos pais pelos, 222–232
- G**
-
- Grandeza**
 a definição de, determinada pelo mundo é frequentemente equivocada, 156–158

- demonstrada pelo Profeta Joseph Smith, 159–160
 resulta de dedicar esforço contínuo nas pequenas coisas, 159
 resulta de fazer as coisas que Deus determinou que fossem importantes, 164–165
 resulta de pequenos passos num longo período de tempo, 163
 resulta de perseverar, 162–163
 resulta de servir de modo quase sempre despercebido, 162–163
- H**
-
- Honestidade
 as admoestações do Senhor sobre a, 235–236
 com as outras pessoas, 240–241
 com Deus, 240–241
 consigo mesmo, 237–238, 240–241
 de Howard W. Hunter, 12–13, 233–235
 é cultivada nas coisas pequenas e simples, 237–238
 no âmbito pessoal e no mundo dos negócios, 238–239
 no lar, 226
 para entrar no templo, 182
 proporciona verdadeira felicidade, 240–241
Ver também Integridade
- Humildade
 a adversidade pode ajudar-nos a desenvolver a, 29, 63, 65, 81
 de Howard W. Hunter, 155, 156, 295, 296
- Hunter, Clara “Claire” May Jeffs (primeira esposa), 8–10, 12, 13, 25–27, 49, 133, 155–156, 207, 209, 221, 222
- Hunter, Dorothy (irmã), 3–6, 16
- Hunter, Howard W.
 a caridade de, 5–6, 257–258
 a diligência de, 5, 10, 15
 a habilidade musical de, 6, 7, 9, 221
 aprende a orar com a mãe, 4, 75
 a reação de, diante de uma ameaça de bomba, 29–30, 49, 51
 batismo de, 4–5, 197
 carreira de, como advogado, 10, 12–13, 18–19, 34–35, 245–246, 257
 casamento de, com Claire Jeffs, 8–9, 25–27, 155, 156, 207, 209, 221, 222
 Centro de Estudos para o Oriente Médio da Universidade Brigham Young, em Jerusalém, 22–24, 49, 124
 como marido, 26–27, 49, 155, 156, 207, 209
 como pai e avô, 12, 221, 222
 distribui e abençoa o sacramento, 4–5, 197, 199
 falecimento de, 34–35
 honestidade de, 12–13, 233–235
 humildade de, 155, 156, 295, 296
 infância de, 4–6
 nascimento de, 3
 o amor de, pela história da família, 187, 189
 o amor de, pelas escrituras, 143–144
 o amor de, pela Terra Santa, 22–24, 39–40
 o amor de, pelo estudo do evangelho, 8, 143, 269
 o casamento de, com Inis Stanton, 28–29, 209
 ordenação ao Sacerdócio Aarônico de, 5, 197
 organiza estacas na Cidade do México, 24–25, 33

- o selamento de, aos pais, 15–16, 175
- o serviço de, como bispo, 10–12
- o serviço de, como Historiador da Igreja, 21–22
- o serviço de, como membro do Quórum dos Doze, 17–19, 245–246
- o serviço de, como presidente de estaca, 13–16
- o serviço de, como presidente do Centro Cultural Polinésio, 20
- o serviço de, como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, 27–30
- o serviço de, na Sociedade Genealógica de Utah, 19–20, 32, 189
- os pais de, 3–7, 15–16, 175, 188
- o testemunho de, 4, 29, 31, 35, 39, 63, 89, 90, 101, 102, 269, 271
- paz interior de, 29–30, 49, 51, 296
- problemas de saúde de, 23, 25, 27, 34–35
- recebe o Prémio Eagle Scout, 5
- torna-se dizimista integral, 133
- torna-se Presidente da Igreja, 30–34, 113, 114
- Hunter, Howard William Jr. (Billy) (filho), 9–10, 101
- Hunter, Inis Bernice Egan Stanton (segunda esposa), 28–29, 209
- Hunter, John William (Will) (pai), 3–4, 6–7, 15–16, 175, 188
- Hunter, Nellie Marie Rasmussen (mãe), 3–5, 15–16, 175, 188

I

- Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, A
 - é guiada por revelação, 115–116, 117–119

- foi restaurada por intermédio do Profeta Joseph Smith, 91–92
- Jesus Cristo é o Cabeça da, 113, 114–115
- tem por missão ensinar o evangelho a todas as nações, 126–128
- Integridade
 - de Howard W. Hunter, 12–13, 233–235
 - de Jó, 239–240
 - de Sadraque, Mesaque e Abednego, 246–247
 - para entrar no templo, 181–182
 - protege-nos contra o mal e ajuda-nos a ter sucesso, 239–240

J

- Jesus Cristo
 - a Expição de, 43–44, 101, 102–104, 128–129, 203
 - ajuda-nos na adversidade, 44–47, 51–59, 67–68, 104
 - centralizar nossa vida em, 1, 45–47
 - Crucificação de, 104
 - é nossa fonte de paz, 42, 51–59
 - é nossa única fonte de esperança e de alegria, 41–43
 - é o Cabeça da Igreja, 113
 - é o único caminho seguro, 39, 167
 - fé em, 43–47, 54–59, 67–68
 - instituiu o sacramento, 102, 201–203
 - missão divina de, 39
 - o amor de, 102–103, 257, 264–265, 311–312
 - o estudo das escrituras nos aproxima de, 151–152
 - os professores convidam os alunos a buscar, 286–287
 - precisamos conhecer, 40–41
 - Ressurreição de, 43–44, 101, 102–103, 105–110, 203

restaurou Sua Igreja por meio do Profeta Joseph Smith, 91–92
 revelou-Se na Primeira Visão, 79, 90–91
 seguir o exemplo e os ensinamentos de, 1, 32, 43–44, 156, 241, 263–264, 308–318
 ter lugar para, 316–317
 tomou sobre Si nossos pecados, nossas enfermidades, nosso pesar e nossa dor, 103–104
 Joseph Smith. *Ver* Smith, Joseph

L

Lar

deve ser um local de amor, oração e ensino, 226–227
 deve ser um local santo, 230–231
 integridade no, 226
 o sacerdócio no, 224–226
 os pais determinam o ambiente espiritual do, 224
 os pais estabelecem o exemplo no, 224
 os pais são parceiros na liderança do, 224–226
 o sucesso do, deve ser a maior de todas as buscas, 231

Livro de Mórmon, 144, 151

M

Mães

responsabilidades das, 146, 148, 224–226
Ver também Família; Pai e Mãe

Membros menos ativos

buscar a ovelha perdida, 169–174
 convidados a voltar à atividade na Igreja, 31, 167–174

N

Noite familiar, 13–14, 226–227

Nowell, Nancy (tataravó), 89

O

Obediência

de Abraão, 249–251
 de Josué, 248–249
 deve acompanhar a crença, 251–252
 e o estudo das escrituras, 145–146
 escolher o caminho da estrada, 249–251
 não importa o que os outros façam, 248–249
Ver também Compromisso

Obra missionária

a mão do Senhor na, 123
 a missão da Igreja de fazer a, 126–127
 e a Expição, 128–129
 é para todas as nações, 124–128
 é uma obrigação pessoal, 128–129
 vencer os obstáculos para a, 129–131

Oração

em todos os momentos, 81–83
 e o estudo das escrituras, 147, 151–152
 Joseph Smith e seu exemplo de, 77–80
 no lar, 224, 226–227
 para conhecer a Deus, 272–274
 receber conhecimento e orientação por meio da, 80–81, 83–84

P

Pai Celestial

compromisso com o, 244–255
 encontrar o, é a suprema realização da vida, 271–272
 o amor do, 102–103, 124–125
 obter o conhecimento do, exige esforço, obediência e orações, 272–274

- orar ao, 81–83
 os professores convidam os alunos a buscar o, 286–287
 promete ajudar-nos e guiar-nos, 77
 revelou-Se na Primeira Visão, 90–91
- Pai e Mãe
 a parceria de, 224–226
 de filhos que se desviam, 228–230
 devem ensinar o evangelho aos filhos, 224–227, 315–316
 devem proteger e amar os filhos, 224–226
- Pais
 responsabilidades dos, 146, 148, 224–226, 227
Ver também Família; Pai e Mãe
- Páscoa, 103, 199–203
- Paz
 cultivar a, vivendo o evangelho, 52–56
 em tempos de crise, 56–59
 Jesus é nossa fonte de, 42, 51–59
 o evangelho é o único caminho pelo qual o mundo conhecerá a, 52–56, 127, 263
 O templo é um lugar de, 3, 178, 184–185
 resulta de render-se incondicionalmente ao Salvador, 53–54
- Primeira Visão, 77–80, 90–91
- Professores
 ajudam os alunos a desenvolver confiança nas escrituras, 284–285
 ajudam os alunos a vivenciar uma mudança de coração, 290–291
 convidam os alunos a buscar Deus, o Pai, e Jesus Cristo, 286–287
 ensinam pelo Espírito, 285–286
 esforçam-se por tocar as pessoas individualmente, 287–289
 lideram pelo exemplo, 281, 283, 289–290
 não devem criar dependência nos alunos por eles mesmos, 286–287
- Profetas
 apoiar os, 180–181
 como porta-vozes de Deus em cada dispensação, 93, 114–115
 como videntes, 92–95
 dão-nos orientação atualmente, 115–116
 dar ouvidos aos, mantém-nos no caminho correto, 116–119
 dar ouvidos aos, traz abundância espiritual, 117
 foram escolhidos antes de nascerem, 115
 revelação contínua por meio dos, 113–120
 são professores da verdade, 93
- Programa do Seminário, 14
 projetos do Bem-Estar, 15
 Provações. *Ver* Adversidade
- R**
-
- Ressurreição, 43–44, 46, 101, 102–103, 105–110, 203
- S**
-
- Sacerdócio
 no casamento, 214–215, 229
 no lar, 224–226, 227
 no templo, 190–192
- Sacramento
 Howard W. Hunter distribui e abençoa o, 4–5, 197, 199
 instituído pelo Salvador, 103–104, 201–203

- renovar convênios ao partilhar do, 128–129, 203–205
- Serviço
- aos outros em suas aflições, 261–263
 - buscar oportunidades de, 314
 - é uma medida de nossa devoção a Deus, 259
 - não se preocupar com o local do, mas, sim, com o porquê, 302–304, 314
 - nas coisas pequenas e simples, 296–301
 - precaver-se contra o louvor das pessoas devido ao, 304–305
 - proporciona a verdadeira grandeza, 155, 156, 159, 162–163
 - proporciona felicidade, 304–305
 - sem alarde ou reconhecimento, 295, 296–301, 304–305
 - traz-nos paz, 54
- Smith, Joseph
- adversidade vivenciada por, 65–66
 - a Igreja é restaurada por intermédio de, 91–92
 - cuidou de outras pessoas e serviu a elas, 159–161
 - exemplo de, na busca de escrituras, 77–80
 - exemplo de, na oração, 77–80
 - foi um profeta, vidente e revelador, 92–95
 - Primeira Visão de, 77–80, 90–91
 - vida e obras de, 95–98
- Sociedade Genealógica de Utah, 19–20, 32, 189
- T**
-
- Templo
- as ordenanças do, são essenciais para a salvação, 190–191
 - batismos pelos mortos no, 190–191
 - bênçãos do trabalho no templo, 182–185
 - casamento no, 183, 191–192, 210
 - é um lugar de paz, 3, 178–179, 184–185
 - o trabalho no, deve ser acelerado, 31–32, 193–195
 - ser digno de uma recomendação para o, 1, 179–182
 - ser um povo que frequenta o templo, 1, 3, 184–185, 193–195
 - símbolo de nossa condição de membros da Igreja, 1, 31–32, 175–177
- Terra Santa, 22–24, 39–40
- Testemunho
- a ação com fé resulta no, 277–279
 - como obter um, 271–279
 - reconhecer um, 278–279
- Trabalho de história da família
- é preciso acelerar o, 32, 193–195
 - o amor que Howard W. Hunter nutria pelo, 187, 189
 - objetivo do, 192–193
 - ser valoroso fazendo o, 193–195
- Ú**
-
- Últimos dias
- é um período de grande esperança e empolgação, 71–73
 - os santos fiéis não precisam temer as tribulações dos, 69–73

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

PORTUGUESE

